Muriel Romana

MARCO POLO

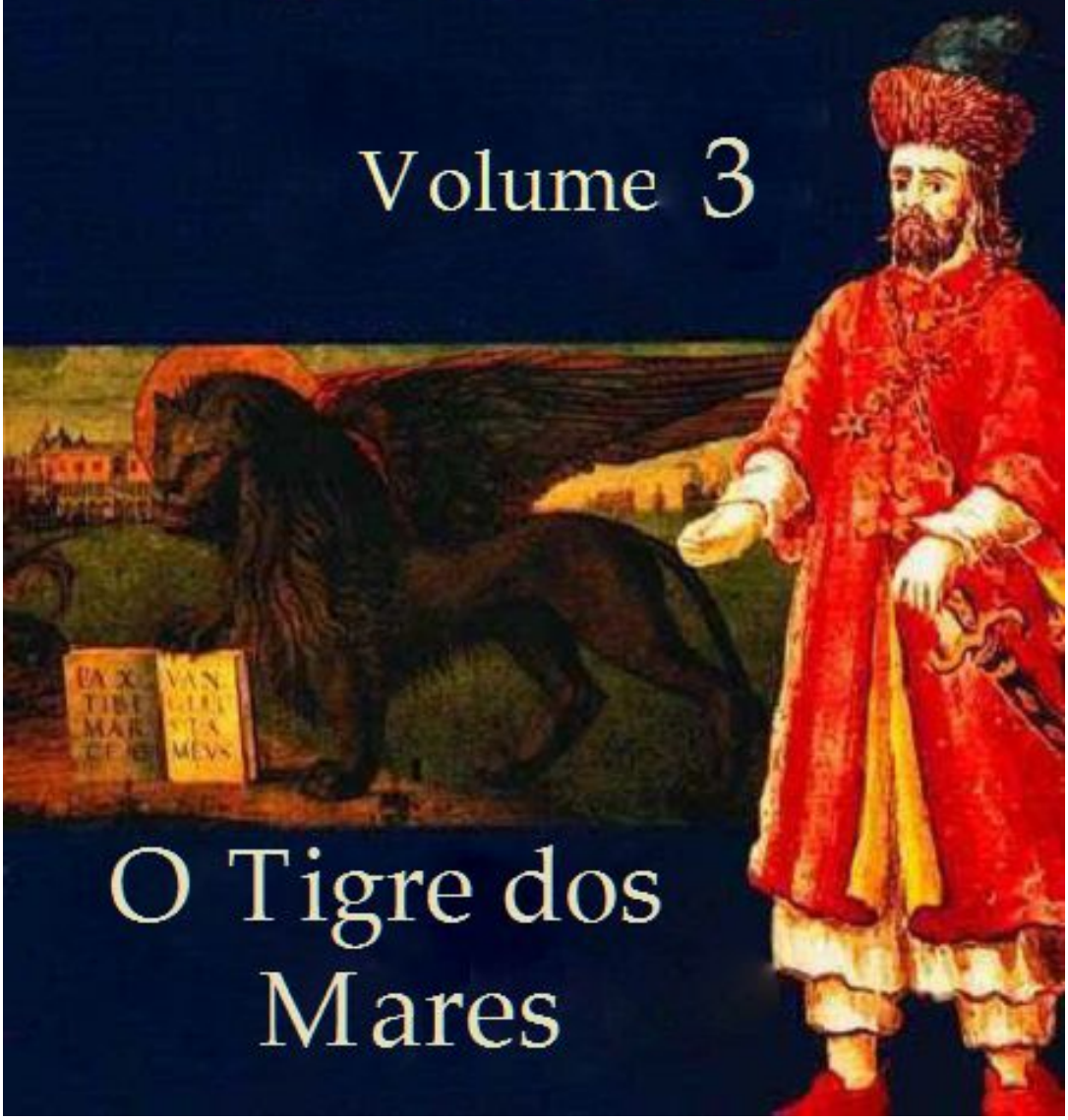
Volume 3

O Tigre dos Mares

Muriel Romana

MARCO POLO

Volume 3



O Tigre dos Mares

Muriel Romana

MARCO POLO

O Tigre dos Mares

Título original francês

Le Tigre des Mers

2003

Tradução

ISABEL ST. AUBYN

ASA, 2004

Ao meu tigre que me deu a conhecer a maternidade.

O que contei não representa nem metade do que vi e vivi.

MARCO POLO

O *Livro das Maravilhas*

A milhares de* lis *de Khanbalik'... (1)

O vento sopra na estepe. A poeira quente é presságio de tempestade. Perdido no meio da imensidao, o cavaleiro aguarda junto de uma estela, único testemunho da passagem dos homens. Erodida, meio enterrada na poeira, o sítio que ocupa foi há muito esquecido. O vento é glacial. Ai Xue desdobra a gola do manto até lhe tapar o nariz. Precisa de recorrer a toda a sua sabedoria sobre a circulação do *qi* pelos canais mais subtis para conseguir aquecer. Avista finalmente uma nuvem de pó no horizonte. Num primeiro instante, pergunta-se se não será a tempestade que provoca estes rolos que o engolirão sem que possa defender-se. O ribombar dos trovões aproxima-se acabando por se transformar claramente num tropel. Aos poucos, esboça-se um grupo de cavaleiros. Formam uma dezena, solidamente armados, vestidos de peles de animais, à maneira mongol. Os cavalos vêm arreados de couro, com um corno erguido na cabeça, como um licorne, à imagem dos antigos Citas. Chegam a tal velocidade que Ai Xue receia ver-se esmagado pelos cascos. Apercebendo-se da ansiedade do dono, a montada enerva-se. Para acalmar o animal, Ai Xue aperta as rédeas nas mãos enluvadas. Por fim, os cavaleiros abrandam o andamento. Sem uma palavra, começam a rodopiar em volta de Ai Xue, a fim de o apreciar, de avaliar a sua capacidade de defesa. Um hábito dos guerreiros.

Nota 1: Pequim.

Ai Xue permanece imóvel, dominando o medo. Os cavaleiros conhecem mal os Chineses,sobretudo se forem médicos, embora a reputação do Lotus Branco tenha ultrapassado as fronteiras do império. E atribuem-lhes decerto tantos poderes mágicos quanto aos xamãs. Formam um círculo em seu redor. O chefe posta-se em frente de Ai Xue. É um homem de cerca de

quarenta anos, aparentando uma certa nobreza, a despeito do rústico aspecto do equipamento. Altivo, traz no punho uma águia real.

- Sou Nayan, príncipe do mesmo sangue do Cão - anuncia ele numa voz brusca. - Viemos em resposta ao teu pedido.

Ai Xue teve de se concentrar para compreender. Nayan não fala o mongol imperial, mas o das estepes, de sotaque e vocabulário não inflectido pelo chinês. Na verdade, apesar do edicto imperial que proíbe os Mongóis de aprender chinês, e o inverso, as duas línguas influenciaram-se como sedas de cores diferentes que se tenham tingido uma à outra.

Nos últimos meses, a sociedade secreta do Lotus Branco intensificou as tentativas de destabilização do poder mongol. O regresso ao trono de um imperador chinês é a prioridade da sociedade. O Lotus Branco prossegue há muito um combate oculto no interior do império. Decidiu empenhar-se num jogo bem mais perigoso, ou seja, aliar-se a Caidu, primo e inimigo do Grão Cão Cublai. Caidu nega a Cublai a legitimidade do trono e aspira a ocupar o seu lugar. Simplesmente, recusa qualquer aproximação. Ignorou todas as mensagens do Lotus Branco... até ser mencionado o nome de Marco Polo.

- Então, que queres? - pergunta o príncipe Nayan. Embora a tenha repetido numerosas vezes no seu espírito, Ai Xue tarda a dar a resposta. O cavaleiro mongol pousa nele o mesmo olhar que a ave de rapina. O chinês sabe que das suas palavras vão depender o seu destino e o do seu país...

I

OS PRAZERES DO GRÃO CÃO

O ventre descai-lhe lamentavelmente sobre as coxas. À luz das lanternas vermelhas de papel, reluzem pregas de banha. Nem sequer vê a jovem que se ocupa da sua haste de jade. Sabe perfeitamente que esta noite, mais uma vez, não estará à altura da sua reputação de ogre. Mas nem por isso menospreza os seus cuidados. Incapaz do mínimo prazer, tornou-se exagerado em tudo. Aguarda este efémero lampejo numa espécie de loucura, justamente porque sabe não o encontrar. Sempre que as raparigas entram no quarto, decorado como um bordel de Hangchou, experimenta um sentimento de poder. Elas avançam de cabeça baixa, em filas cerradas, passos curtos, trémulas. Este espectáculo é já de si um banho de juventude.

Uma gota de suor obriga-o a pestanejar. Picam-lhe os olhos. Deixa cair a cabeça para trás, fecha os olhos. Aspira o odor da sua própria transpiração, sente vontade de se envolver nela. Há momentos em que, pelo contrário, lhe repugna. Doem-lhe as articulações mas, antes de terminar a noite, esquecê-las-á por algum tempo. Até à próxima noite. Passa a língua pela gengiva desguarnecida. Na véspera, arrancaram-lhe mais um dente e o sabor a sangue ainda lhe enche a boca. O *sabor a sangue*... Há muito que não vê as mãos cobertas desse véu escarlate. Todavia, essa estranha embriaguez que o relega para a categoria dos animais não o abandonou. Pergunta-se se não virá daí a sua atracção por jovens virgens.

Se gosta do seu odor, prefere sobretudo o perfume que depois as torna verdadeiramente mulheres, domadas, preparadas para serem possuídas e maltratadas. Olha para as mãos, quase apetitosas, enormes, brancas, de longos dedos. Com o tempo - só com o tempo, pois desde que subiu ao trono nunca mais pegaram no couro das rédeas - tornaram-se tão calejadas que perdeu a sensação do tacto. Precisa de massajar demoradamente os corpos das mulheres para tentar reencontrar a memória de carícias outrora prodigalizadas apaixonadamente.

A jovem que se ocupa dele cumpre escrupulosamente o seu dever. Podia mandar arrancar-lhe os dentes da frente para tornar o acto ainda mais suave. Como boa operária, a rapariga esforça-se. No entanto, ele já sabe qual será a favorita que encerrará a noite. Referenciou-a quando se apresentaram, de joelhos à frente dele. É uma jovem chinesa cuja estatura não deve ultrapassar metade da dele. Os pés enfaixados conferem-lhe uma graça extraordinária. Embora reprove esta prática bárbara nas suas esposas, deixou-se seduzir mais de uma vez por mulheres de «lótus de ouro». Esta tem os pés tão minúsculos que parecem pouco mais grossos do que rebentos de bambu. Cabem perfeitamente numa mão. Basta este pensamento para lhe transmitir um vigor que a jovem operária ajoelhada à sua frente atribui com certeza aos seus méritos.

Dói-lhe a cabeça desde que começou o dia. Esperava que a suavidade da noite apaziguasse o mal-estar. Mas tal não aconteceu. Cada movimento que faz com a cabeça representa uma tortura. Só exigiu que se apresentassem quatro virgens. As outras duas que tenham paciência. Não sente coragem para lhes oferecer o que elas receiam receber.

Com um gesto, despede a jovem agachada à sua frente. Esta afasta-se, entre profundas reverências, agradecendo a honra que lhe foi concedida.

Sem mais uma palavra, dirige um aceno à presa eleita para a noite. A rapariga avança, reverente, curvada. As outras, bem formadas por antigas concubinas, sabem o que têm a fazer. Mantêm-se a uma distância respeitável, disponíveis para responder a qualquer ordem do amo e senhor.

O Grão Cão aponta para o vasto leito cujos lençóis de seda vermelha se desdobram como uma chaga. A jovem, dócil, ajoelha-se perto do travesseiro. É com enorme dificuldade que o Grão Cão se ergue da larga poltrona. Fraquejam-lhe os joelhos, cansados do peso a suportar. As coxas, grossas como as colunas de um templo, roçam uma na outra. Os rins causam-lhe um sofrimento atroz. Leva a mão ao peito, arquejante. Cospe para um recipiente de cobre previsto para o efeito. Aproxima-se por sua vez do leito, pega numa haste de verdadeiro jade que substitui a sua. A virgem estremece da cabeça aos pés. Ele bate-lhe nas mãos. Ela desliza, ansiosa, deitando-se na cama. Respira a um ritmo alucinante. A transparência do vestido deixa adivinhar as formas juvenis. O Grão Cão ajoelha-se em cima da jovem, que solta um gemido. Começa a acariciá-la demoradamente. Apoia as mãos húmidas nas coxas frescas. Aperta-lhe os pés nos punhos

fechados. A rapariga permanece totalmente imóvel, mas o corpo crispa-se-lhe como uma árvore seca, prestes a quebrar-se. O pulso imperial sobe-lhe ao longo das ancas, palpa-lhe os seios, demasiado pequenos para a mão enorme. Das pálpebras cerradas da jovem escorrem lágrimas. Quanto esforço para as conter! Ele experimenta um sentimento próximo da piedade. Procura manter o rosto na penumbra, mas nem sempre basta. Lentamente, começa a rasgar o vestuário da rapariga. O roçagar da seda acaricia-lhe os ouvidos. A virgem sente-se percorrida por espasmos incontroláveis. O Grão Cão deixa-se cair em cima dela, preparado para lhe abrir as coxas, que ela aferrolhou uma contra a outra. Subitamente, com uma rapidez tão grande que o surpreendeu, a rapariga repele-o. Vendo que não consegue levantar-se da cama, começa a bater com as mãos, dando livre curso à revolta. Como se a cena não lhe dissesse respeito, ele nem lhe presta atenção. Vê-se deitado em cima daquela infeliz e sente uma imensa compaixão. Gostaria de partilhar com ela o seu imperial prazer. Mas, para aquela jovem, ele não passa de um velho tonto, enorme e malcheiroso. Todavia, se ela soubesse como o seu coração se sente jovem. O seu invólucro carnal alberga a fogosidade de um poldro das estepes. Os budistas preconizam o desprendimento do corpo. Assim, chegará o dia em que não mais se levantará. Abandonará aquele corpo demasiado pesado e alcançará os terrenos de caça dos seus antepassados. Será enterrado como o seu glorioso avô, Gengiscão, junto aos montes Altai, num recanto secreto, para que ninguém saiba onde se encontra o túmulo. E quem volver os olhos para o cortejo fúnebre será punido com a morte. Que restará dele, então? O Grão Cão Cublai?

Antes de poder agarrá-la pelos pulsos, a rapariga conseguiu arranhá-lo no rosto. Ferve-lhe o sangue nas veias. Dominado por uma raiva imperial, pega num chicote e fustiga-a até se deixar abater pelo peso, esgotado de tanto esforço. De olhos fechados, sente aproximar-se o sono. Pela primeira vez nos últimos meses, viveu a fúria e a emoção. Terá de pensar em não deixar escapar a ingénua autora deste feito.

1282 - Khanbalik, Cidade Imperial

Ao ar livre, a frescura da noite arrepia-o, depois do calor das salas do palácio. As silhuetas dos pinheiros crescem na noite, como sombras de velhos sages chineses. Grandes nuvens negras ocultam cuidadosamente a Lua e as estrelas. A lanterna de papel que o criado leva no braço estendido mal chega para iluminar o caminho. Apesar de idoso, Shayabami impõe um ritmo acelerado ao amo. Desde que partiram do palácio, não se voltou uma única vez. Marco Polo, de olhos fixos no chão, esforça-se por perscrutar a escuridão. Esta parte do parque está mal cuidada. O imperador nunca ali vai, mas é impossível saber se o efeito decorre da causa, ou inversamente. O veneziano pode a todo o momento tropeçar numa raiz saída da ferra, esbarrar contra um pedregulho abandonado ou cair num buraco escavado por um animal que se considere ao abrigo dos homens. Após um jantar copioso, sente-se pesado. Conhece a razão do mau humor de Shayabami. Antes de se dirigir ao palácio imperial, Marco repreendeu seriamente o escravo sírio por o ver ocupar-se de Dao Zhiyou, chamado o pequeno senhor, quando lhe ordenara que lhe preparasse o traje para a audiência imperial. Em termos de correctivo, Marco usou de mão pesada. Já se arrependeu, mas o mal está feito. E sabe que o velho escravo não lhe dirigirá a palavra para além do estritamente necessário durante pelo menos uma semana. Desde que o pai, Niccolo, lhe deu Shayabami de presente, Marco nunca se sentiu realmente seu proprietário.

O velho criado não se cansa de recordar que o «Senhor Niccolo» não faria isto, ou não pensaria aquilo. Com a idade, permite-se mesmo adiar o cumprimento das ordens de Marco, pretendendo não dispor de tempo. O veneziano começa a pensar na aquisição de um novo escravo.

Foi assim que Marco, devido ao humor do escravo, chegou atrasado à audiência imperial. Este incumprimento das regras de etiqueta será com certeza interpretado como uma marca suprema de arrogância.

Marco Polo deu entrada no salão com segurança. O seu aparecimento foi acompanhado de murmúrios desaprovadores. Prestes a completar trinta anos, o veneziano encontra-se na força da idade, o corpo esculpido pelas provações das viagens, a tez acobreada pelo sol das estradas da Pérsia e da China. Os olhos azuis brilham-lhe como safiras por detrás das longas pestanas negras.

Umas tantas saudações permitem-lhe confundir-se com a multidão. Um escravo serve-lhe uma taça de chá de jasmim. O perfume fresco traz à ideia

de Marco um sem-número de recordações. O óleo do Santo Sepulcro vertido para uma galheta desta mesma essência e que adquiriu o seu aroma. Os campos que tanto calcorreou até encontrar o filho Dao Zhiyou. E, acima de tudo, o delicioso odor da bela Xiu Lan, que se contorce, leve, ao sabor dos seus enlaces apaixonados.

As conversas dos cortesãos chegam-lhe aos ouvidos como um zumbido irritante. Apesar dos seus belos adornos, parece-lhe que nunca atingirá a elegância destes novos mandarins, mongóis, uigures ou persas que se passeiam pelo palácio da Cidade Imperial.

Na ausência do imperador, as audiências realizam-se sob os auspícios do filho de Cublai e herdeiro do trono, Zhenjin. Na falta de todos os poderes, o príncipe concede-se todos os direitos. Marco não caiu nas suas graças e dispõe-se, mais uma vez, a sofrer um revés.

Depois da morte da esposa favorita, no ano que passou, Cublai desinteressa-se dos assuntos do império. Esgota-se em caçadas extenuantes antes de se fechar no Pavilhão da Tranquilidade com mulheres, vinho e carne de caça. Passa dias inteiros sem sair da cama, onde tudo lhe é servido. As más-línguas da corte pretendem que já não toca nas cortesãs e que só as manda chamar para manter a reputação. Estes retiros orgíacos chegam a prolongar-se por semanas. O apetite do imperador reclama uma intendência cada vez mais exigente. A cozinha nunca arrefece. Mesmo em pleno Verão, no palácio do norte, impõe ao serviço de Khanbalik um orçamento imperial, prevendo a necessidade de regressar à capital depois de cessar todas as funções. Embora nunca tenha vivido rodeado de tanta prosperidade, receia constantemente que lhe falte alguma coisa. Quando a corte voltou a Khanbalik, no Outono, Cublai confiou a Marco Polo que era a sua última viagem e que pensava só se levantar do trono quando o levassem para o túmulo. Marco não o desmentiu, sentindo que uma emoção súbita lhe provocara um nó na garganta. Em poucos meses, o veneziano viu-o envelhecer dez anos. Mas cada dia que passa é um dia ganho à vida.

- Senhor Polo!

Marco sobressalta-se. Zhenjin encontra-se a escassas polegadas de distância, crispado numa atitude altiva e pretensiosa. Esforça-se por dissimular o cabelo grisalho num complicado penteado. A despeito da idade - já ultrapassou os quarenta - conserva uma silhueta tão esbelta quanto a do pai é volumosa. É tão pouco parecido com Cublai que, se a mãe não tivesse

vivido sempre enclausurada no gineceu imperial, poder-se-ia duvidar de que fosse filho do imperador.

Marco curva-se numa profunda reverência diante do herdeiro do trono.

- Que notícias me traz do nosso amo? - pergunta Zhenjin, num tom insidioso do qual transparece uma profunda inveja.

- Encontro-me nas mesmas condições que o resto da corte, Alteza, não vejo o nosso amo e senhor há três dias. Está fechado no pavilhão.

Zhenjin meneia a cabeça em sinal de aprovação.

- No entanto, Senhor Polo, é sabido por todos que o considera como se fosse seu filho.

- O meu único desgosto é que o senhor nunca me trate como irmão.

- Talvez não seja do seu interesse... Sem notícias do imperador, comparece, apesar disso, às audiências imperiais. Regresse a casa, Senhor Polo.

Afasta-se sem mais uma palavra. Tratar-se-á de um banimento? Se estiver presente na próxima audiência, o príncipe poderá mandá-lo prender por desobediência. Zhenjin já conseguiu que Sanga, monge budista ambicioso e amigo de Marco, fosse afastado das audiências para se ocupar da intendência imperial. Mas Zhenjin não previra que esta função aproximaria Sanga do imperador. Agora, lamenta a decisão tomada e não perde uma oportunidade de fazer Sanga pagar por isso. A amizade que une Marco ao monge proporciona ao príncipe um excelente ascendente para satisfazer os seus desejos de poder. Se Zhenjin o quer afastar da corte é porque Marco, pelo contrário, tem interesse em ali continuar. Absorto nestas reflexões, mal vê o escravo sírio aproximar-se, claudicando como se ainda sofresse o martírio das chicotadas recebidas. *Shayahami exagera na esperança de inspirar a minha piedade.*

- Meu Senhor - diz ele em dialecto veneziano -, um homem deseja vê-lo.

Shayabami trata-o sempre por «meu Senhor» quando pretende exprimir o seu descontentamento. Restabelece, assim, a distância entre amo e escravo, o que desagrada profundamente a Marco.

- Todo este caminho para me dizeres isso? A avaliar pelo teu estado, farias melhor em ficar na cama e tomar um remédio.

- Era o que eu estava a fazer, meu Senhor, mas o homem apresentou-se em sua casa. Portanto, acompanhei-o até aqui.

- Espero que não me tenhas trazido nenhum maçador.

- A contrapartida era daquelas que não se rejeitam - disse Shayabami, sem fornecer mais pormenores.

Perplexo, sem saber se o escravo fora ameaçado ou comprado, Marco pergunta:

- Então, onde está esse misterioso visitante?

- Nos jardins do palácio, meu Senhor.

Marco Polo segue o criado, marcando bem a saída com numerosas saudações e reverências aos dignitários do império.

Há longos minutos que o criado deambula pelo parque imperial, através das alamedas de orquídeas e de lótus. Nas proximidades de uma ponte, Shayabami abranda o passo. Aponta para uma silhueta corpulenta que se dissimula cuidadosamente na penumbra de um maciço de pinheiros.

- Espera-me aqui - ordena Marco.

Maquinalmente, o veneziano leva a mão à cinta. Mas, como habitualmente, deve ter deixado a arma à entrada do palácio. Estuga o passo. Detém-se à distância do arremesso de um punhado de favas, de botas bem fincadas no chão.

- Senhor Polo, finalmente!

O veneziano não precisa de lhe ver o rosto para reconhecer Samud, a alma danada de Cublai. Shayabami divertiu-se à sua custa, mantendo-o na expectativa. Trata-se de um mongol praticamente criado por Cublai para se tornar uma sombra da sua pessoa. Decidiu mesmo fazer dele um eunuco, a fim de o conservar mais perto do trono. O criado tem a estatura de um guerreiro das estepes, o olhar perscrutante dissimulado por detrás de uma cabeleira de iaque e a corpulência própria do seu estado.

Acende uma lanterna que traz na mão.

Pelos corredores cada vez mais escuros, os dois homens abrem passagem, iluminados unicamente por uma lanterna de papel de arroz. Samud levanta cortinas que revelam espaços desertos na escuridão total. Avança sem hesitar. Faz uma breve paragem, à espera de Marco. O veneziano lança um olhar aos desenhos e ideogramas antigos esculpidos na rocha. Por fim, penetram num grande salão. A atmosfera é sufocante. No entanto, perpassam correntes de ar que sugerem uma preocupação de arejamento. Prateleiras de madeira preciosa cobrem as paredes. Um número impressionante de rolos ergue-se até ao tecto, cuidadosamente empilhados

uns em cima dos outros. Na parede oposta, livros impecavelmente arrumados em estantes de madeira esculpida. Ao alcance da mão, uma obra aberta, como um convite à leitura. Marco debruça-se e adivinha imediatamente que não se trata de um manuscrito, mas de um livro impresso. A tinta brilha menos e vêem-se traços nas páginas, como se tivessem passado por uma prensa. O veneziano nunca viu tantos textos impressos.

Um pouco afastado, o imperador, sentado numa poltrona austera, debruça-se sobre um rolo.

- Grão Senhor, chegou o Senhor Polo - anuncia Samud.

Lentamente, Cublai volta-se, de nuca hirta em consequência da gota. A doença ataca-lhe as articulações umas a seguir às outras. Inexoravelmente, o imperador vai-se transformando numa estátua de pedra. Na penumbra da sala, poderia passar por um monstro das grutas, meio homem, meio animal, dos que povoam as narrativas fantásticas que Marco lê muitas vezes ao filho. As pregas de gordura dissimulam-lhe os olhos. As faces balofas pendem-lhe sobre o pescoço. Só a longa barba lhe confere um certo ar de elegância. Fina e negra, descai até ao enorme ventre onde parece enrolar-se como uma cobra. A despeito dos seus sessenta e sete anos, Cublai conserva a barba e o cabelo negros. A sua voz rouca repercute-se em eco pela sala imensa. Despede o criado com um simples gesto. Samud curva-se profundamente diante do amo antes de desaparecer.

- Aproxima-te, Marco Polo - ordena ele.

O veneziano avança e ajoelha-se, acabando por se estender ao comprido diante do imperador, como exige a saudação ritual.

- Não se trata de uma audiência oficial, Marco. Nem eu quero que o seja.

O tom da voz não admite discussões. Marco ergue-se, esfregando o joelho, cuja dor, herdada de um ferimento antigo, por vezes se reaviva.

- A minha biblioteca secreta - diz Cublai, orgulhoso. - Ao abrigo dos olhares e da corte. Só alguns homens de confiança conhecem a sua existência. Será selada quando eu morrer e os que conhecem o seu acesso já cá não estarão para o ensinar.

Marco não consegue dissimular um arrepio. O movimento não escapa ao imperador.

- Depois da minha morte, não terás lugar na corte.

Em quase cinco anos, o veneziano teve tempo de se instalar no império. Ganhou honras, riqueza e poder. Em nenhum momento lhe ocorreu partir.

Sem dar ensejo a Marco de reflectir sobre esta eventualidade, o imperador acena-lhe para que se aproxime mais.

- Vê o que tenho nas mãos.

Marco pega no rolo que Cublai lhe estende. Reconhece sem dificuldade a caligrafia. Tenta ler algumas palavras mas não compreende o sentido. Cala-se, habituado como está aos costumes da corte, onde só se fala quando o Grão Cão assim o ordena.

- Que me dizes? - pergunta Cublai.

- É mongol - responde o veneziano, devolvendo o rolo.

O imperador esboça um leve sorriso.

- Há quinze como este. Contam a epopeia de Gengiscão. É a nossa história - remata ele, orgulhoso. - Até ao ano passado, o meu futuro tinha a cor das minhas conquistas, o brilho das novas civilizações que integrava no meu império... E depois Chabi regressou às estepes dos nossos antepassados, conhecia-a há tanto tempo...

Marco reparou que ele disse «nossos antepassados», como se a incluísse na sua descendência.

- Chabi era mais do que uma esposa, era um pedaço de mim mesmo - prossegue Cublai. - Há recordações que só nós os dois partilhávamos.

Tivemos um filho que perdemos, já não me lembro do seu nome. Doravante, quem poderei interrogar? Com ela, perdi uma parte da minha memória, metade da minha vida... Já sabes? Abaga, meu primo e ilcão da Pérsia, morreu. No entanto, era muito mais novo do que eu.

A angústia do velho comove Marco, que esboça um gesto de compaixão.

Cublai ergue-se, como se tivesse recobrado as forças. Bate no rolo com a mão aberta.

- Agora, é este o meu futuro.

Ergue os olhos para Marco. Na fenda dos seus olhos cintila um novo brilho.

- E tu, Marco Polo, serás o seu instrumento...

Dao Zhiyou segue com os olhos os traços que o dedo da princesa lhe mostra. Não compreende nada mas gosta de olhar para aqueles símbolos que parecem desenhos e que, para ela, formam sentido.

Escondidas entre toesas de tecidos, na rouparia do palácio, as duas crianças encontraram-se como habitualmente, tacteando. Ambos com nove anos de idade, a princesa Hayak-Kokedjin parece mais velha do que Dao. Proibida de sair a fim de manter a tez clara, deixa que as tranças negras lhe enquadrem o rosto, a fim de realçar a carnação. Submetida à austera educação imposta pela etiqueta imperial, já tem o aspecto altivo de uma futura soberana. Sente-se orgulhosa das suas origens, mas debate-se contra a existência severa e dourada que vive no palácio. E não é a companhia do príncipe Temur Oldjaitu, filho de Zhenjin, herdeiro do trono, que consegue alegrá-la. O jovem príncipe, dois anos mais velho do que ela, dispõe de pouco tempo livre, ocupado a aprender chinês e as artes marciais. Para brilhar, cumula-a de considerações que a entediam de morte. Quando Dao a abordou pela primeira vez, sentiu-se chocada e ao mesmo tempo seduzida pela sua audácia. Um rapaz de vil condição e, pior ainda, de sangue mestiço, devia, pelo contrário, afastar-se do caminho das personagens imperiais. De resto, Dao só vivia na Cidade Imperial graças ao pai, Marco Polo, cujas relações de amizade com o Grão Cão eram a melhor das protecções. Aos poucos, a proximidade deste pequeno estrangeiro, robusto e de modos bárbaros, encantou-a o suficiente para ser ela própria a provocar aqueles encontros de sabor proibido.

Os encontros clandestinos com o filho de Marco Polo representam as suas únicas lufadas de liberdade. Entre os dois, cresceu naturalmente uma amizade alicerçada nas diferenças. A princesa leva Dao a visitar as maravilhas do palácio imperial, enquanto ele a arrasta para escapadelas proibidas que lhe satisfazem a curiosidade.

O tecido vermelho filtra a luz do dia, iluminando o rolo de tons de amaranto. A árvore genealógica da princesa Hayak-Kokedjin assemelha-se a uma enorme teia de aranha.

- Estás a ver Gengiscão, ali? O verdadeiro, o grande! Gostaria tanto de o ter conhecido! - declarou ela, desvanecida.

- O imperador nunca te fala dele?

Hayak volta para Dao Zhiyou um semblante de raiva.

- O imperador nunca *me* fala! De qualquer modo, para ele sou apenas mais uma rapariga. Além disso, tenho a certeza de que já se esqueceu da minha existência. Tenho o direito de o saudar no dia do seu aniversário, durante os festejos. É tudo. Sabes, ele raramente vai ao pavilhão das

concubinas. Manda chamar as mais novas, para lhes fazer filhos, só isso. Eu, se algum dia tiver um filho, chamar-lhe-ei Gengis!

- Sabes, Gengiscão também nunca teria olhado para ti.

- Teria encontrado maneira de me salientar - replica ela, altiva.

- Mas, Hayak, acreditas realmente que um guerreiro possa prestar atenção a uma mulher? Tem mais que fazer. Elaborar os planos de ataque, recrutar soldados, certificar-se da fidelidade dos seus oficiais. Portanto, uma mulher... As únicas com quem contacta são as que violenta quando conquista uma cidade.

- Pois sim, mas eu sou do sangue do Cão! - insiste ela, encolerizada.

Dao Zhiyou cerra os dentes para conter um gracejo que lhe acode espontaneamente ao espírito.

Como é evidente, as condições de que desfruta na corte são um luxo que nunca teria sido capaz de imaginar. A existência anteriormente vivida na rua, como um selvagem, parece-lhe tão longínqua como se tivesse morrido para renascer em roupagens de seda. O homem que trata dele como um pai, Marco Polo, dispensa-lhe tudo aquilo de que necessita. Mas não é generoso quanto a recordações. Estrangeiro, raramente invoca a sua terra natal, como se a tivesse esquecido. Pai, recusa-se a falar-lhe da mãe, sob o pretexto de que Dao é muito novo. Aos nove anos, Dao é mais bem constituído do que muitos dos pequenos príncipes com quem convive todos os dias no pátio do palácio. Cresce-lhe na boca um sabor amargo. Aclara a garganta e cospe no chão sem se preocupar com a roupa espalhada.

Hayak apercebeu-se da desorientação do amigo. Sem ousar pousar-lhe a mão no ombro, dirige-lhe um simples sorriso para o reconfortar. Dao desvia o olhar.

- Talvez o teu pai tenha um rolo como aquele.

- Nunca mo mostrará!

- Se julgas que perguntei ao meu... Para ele, só passarei a existir no dia do meu casamento e, a partir daí, terei de venerar os antepassados do meu marido.

- Nesse caso, é preferível que eu conheça os meus.

As duas crianças trocaram um sorriso cúmplice.

Mal transpôs a porta do seu palácio, Marco sentiu que o esperavam. Paira no ar um intenso odor a incenso. Haviam espalhado pétalas de flores pelo chão, numa fita colorida até ao quarto.

A iluminação é velada. Um drapeado vermelho, cor de cereja, envolve as lanternas de papel de *arroz*. Desapareceu a habitual agitação daquela casa. Ecoa apenas o som de um carrilhão, como uma chuva cristalina, quando uma corrente de ar fecha a porta. Enquanto Shayabami lhe descalça as botas, Marco deixa-se dominar suavemente por uma sensação de embriaguez. Sem pressa, desfaz-se do manto e das bragas e enfia uma simples túnica tecida na mais bela seda. A sua frescura escorre-lhe pela pele como uma fonte de água pura. Num gesto cúmplice, dispensa Shayabami.

Enquanto calca com os pés descalços as pétalas de orquídea, descontrai o corpo, depois da entrevista com o imperador. Os músculos distendem-se. Percorrem-no arrepios, enquanto inspirações profundas lhe enchem os pulmões. Reflecte sobre a proposta do Grão Cão. Escrever a história secreta da dinastia que o imperador fundou, orgulhosamente chamada dos Yuan, que significa em chinês «Começo». Quanto caminho percorrido desde Gengiscão! Sentado no prestigiado trono ambicionado pelo seu antepassado, Cublai pretende deixar marcas não comparáveis às de qualquer outro nómada antes dele. Como os faraós do antigo Egipto, estará disposto a mandar construir um túmulo à medida desta ambição de eternidade, quando, pelo contrário, as crenças xamânicas pretendem que a situação do túmulo permaneça ignorado dos homens?

Instintivamente, Marco formulou múltiplas objecções diante do imperador. Não é escriba. Não conhece a língua mongol suficientemente bem e, acima de tudo, ignora a arte da caligrafia. Mas o imperador replicou que lhe bastaria encontrar um letrado hábil para desempenhar essa nobre tarefa. Neste caso, por que haveria de ser ele, Marco Polo, um estrangeiro, a ditar ao escriba? Justamente, respondera Cublai, porque ele, Marco Polo, conhecia o império melhor do que ninguém, e até mesmo o mundo além fronteiras. Poderia transcrever em toda a sua verdade a grandeza do império dos Yuan e favorecer a sua divulgação por todas as cortes da Europa. Marco reservou a resposta, crivado de dúvidas. Estaria à altura do pedido imperial?

À medida que se aproxima do quarto, chegam-lhe às narinas aromas de chá verde e de lótus. Esta variedade subtil de essências raras é a marca do perfume de Xiu Lan, a cortesã. A pedido de Dao, que não consegue suportar o odor, acedeu a abandonar o perfume de jasmim que contribuíra para o seu sucesso. Marco não ficou a perder. Uma velha feiticeira chinesa preparou-lhe uma sábia mistura afrodisíaca. Marco exige que a nova

fragrância só seja usada em sua intenção. Desde que a instalou no palácio de Khanbalik, Xiu Lan encontra-se exclusivamente ao seu serviço, exercendo-o com esmero. Governa a casa com mão de ferro, economizando para além do exigido por Marco. Mandou alterar a orientação dos móveis, obedecendo aos conselhos de um mestre do Vento e da Água. Por vezes, Shayabami queixa-se, por meias palavras, do seu autoritarismo. Marco, que só a conhece dócil e submissa, gosta de imaginar esta sua face oculta. Por vezes, procura suscitar em Xiu Lan uma certa revolta, ou uma simples raiva. Mas o seu autodomínio é perfeito.

Marco penetra no amplo quarto e adivinha o leito, por detrás das múltiplas colunas que suportam o tecto. O palácio é constituído por um quadrado sustentado por colunas de laca decoradas com dragões e fénix. Painéis de bambu deslizam em guisa de paredes. Marco dissimula-se por detrás de uma tapeçaria de linho, a fim de poder observá-la. Xiu Lan está deitada na cama, divertida a enrolar-se, seminua, nos lençóis de seda.

- Seja bem-vindo, Marco Polo - saúda-o ela, na sua voz suave.

Descoberto, Marco avança. Estendida ao comprido, com o rosto apoiado na palma das mãos, Xiu Lan observa-o languidamente.

- É inútil esconder-se, Senhor Polo, fede a dez passos de distância. Esteve com o imperador, não é verdade?

- Sabes que podia mandar-te fustigar pela insolência? - replica ele, divertido.

- Preferia que o fizesse pessoalmente.

- Não me tentes.

Marco passa delicadamente a mão pelas nádegas bem torneadas.

Xiu Lan volta-se bruscamente e ergue-se, num movimento felino. Dirige-se para trás de um biombo, deslizando sobre os pés bem enfaixados.

- Preparei-lhe um banho de flores de romãzeira e leite de soja.

E tenho aqui algumas essências de lótus e outros aromas.

Marco esboça um meio sorriso.

- Depois de tudo isso, não tolerarás a minha presença na tua cama...

Sem responder, Xiu Lan afasta o biombo bordado a contas de nácar, talhadas em amêndoa. Uma grande tina de água como seda convida o veneziano à imersão. Subitamente, lembra-se de que o amigo Sanga vem visitá-lo e deve estar a chegar a todo o momento. Pouco importa, esperará...

Em consequência de um gesto delicado da cortesã, a túnica do dono da casa escorrega até ao chão. Marco mergulha na água escaldante. O calor é tão intenso que se sente percorrido por um espasmo. Xiu Lan afasta-se para o meio do quarto, onde ardem brasas na suave penumbra. Com a ajuda de uma tenaz, pega numas tantas pedras que pousa num tabuleiro de cobre. Em seguida, lança-as para a água do banho. Marco mal tem tempo de afastar as pernas. As pedras desaparecem no meio de um silvo fumegante.

- Estas pedras vão proporcionar-vos os maiores benefícios.

Marco deixa-se escorregar para trás, contra o encosto de porcelana.

- Vem para junto de mim.

Sem despir o roupão de seda, Xiu Lan penetra lentamente no banho. Não tira os olhos de Marco, com um leve sorriso a pairar-lhe nos lábios. Num repente, mergulha na água para avivar o ardor de Marco. A cabeleira negra da cortesã espalha-se à superfície da água, como a de uma sereia. Marco acaricia-lhe o cabelo, vendo-o esvair-se entre os dedos de extremidades já engelhadas pela água. Xiu Lan reaparece à tona da água, para recobrar o fôlego. A água escorre-lhe das pestanas perladas. Voluptuosamente, senta-se em cima de Marco.

- Aqui esfá uma coisa que nunca poderei fazer com o imperador.

- Não recomeces, Xiu Lan! - diz Marco, num tom de reprovação.

- Se pudesse ser a intendente dos prazeres imperiais, ficar-lhe-ia eternamente grata...

- Já és a intendente dos meus. É quanto basta.

Xiu Lan espreguiça-se, lânguida, apanhando o cabelo no alto da cabeça.

- Não o serei, se passar o tempo a cuidar da minha beleza e à sua espera.

- Ora aí está uma ocupação saudável. A ti, tão requintada, não posso imaginar-te nos braços daquele bruto.

- Com as mulheres, talvez se comporte de forma delicada.

- Duvido, Cublai é mongol antes de ser imperador. Lembra-te do que dizia Gengiscão: para ele, não havia maior prazer do que o de violentar uma mulher até a ouvir gritar sob o seu peso. Ouvi muitas vezes Cublai reclamar-se, com orgulho, desta herança.

- Pouco importa, sou uma excelente comediante. Saberei resistir e gritar à vontade.

Xiu Lan começa a agitar-se e a gemer com convicção. Marco não consegue evitar um sorriso.

- Queixas-te, não é verdade, do mau cheiro que arrasto atrás de mim sempre que regresso do palácio. Sentir-te-ias doente, só de te prosternares à frente dele.

- Conheço certas drogas soberanas na luta contra as náuseas.

- Afinal, de que precisas mais? Tens o mais belo palácio da Cidade Imperial, o mais belo amante. Dou-te liberdade total em casa. Ofereço-te as mais belas jóias.

- Este palácio é bonito, Senhor Polo, mas não é o mais bonito.

- As concubinas do imperador estão enclausuradas no gineceu. E ele não vê algumas delas há vários anos. É a esse destino que aspiras?

Xiu Lan bate suavemente na superfície da água, imprimindo um ritmo ao movimento das ondas.

- Senhor Polo, julgame incapaz de lhe proporcionar o prazer do meu corpo em cada dia de vida que os deuses lhe concedam?

Marco abandona-se às carícias da cortesã.

- Não duvido. Mas, comigo, és livre de sair quando desejas.

- Acompanhada...

- Para tua segurança.

- Ou para sua tranquilidade!

- E depois? É um costume da tua terra que eu adoptei.

- Então as damas de Veneza podem circular sozinhas? - pergunta ela inocentemente.

- Não - admite ele.

- E as cortesãs?

- É diferente. Pode acontecer que tenham protectores.

- Um dia partirá, Senhor Polo, e então que farei eu? Tenho de assegurar a minha velhice. Preciso de uma protecção vinda de cima.

Marco passa a mão pelo rosto bonito e macio da rapariga.

- Sinto dificuldade em te imaginar velha. Ouve, Xiu Lan, esta eterna querela começa a fatigar-me - diz o veneziano, bem-humorado. - Nem sequer devia perder o meu tempo a dar-te ouvidos.

Estreita-a brutalmente.

- Pertences-me e não quero partilhar-te com mais ninguém.

Xiu Lan agarra-se aos ombros largos de Marco, preparada para ouvir a ligeira ondulação entoar uma melodia voluptuosa, antes de reencontrar a calma do oceano, de madrugada.

Subitamente, são sobressaltados por um estalido.

- Shayabami, és tu?

Ninguém responde.

Marco salta para fora da água, pronto para pegar na arma, como por reflexo. Mas o sabre ficou nas mãos do escravo. Apodera-se do pente de dentes grossos que pertence a Xiu Lan e avança, cauteloso, em direcção ao que lhe parece ser um leve esgravatar. Em sombra chinesa, adivinha uma silhueta que revolve o conteúdo de um baú.

Num gesto brusco, desloca a divisória de bambu.

Dao Zhiyou estremece, erguendo para Marco um olhar horrorizado, sem que este saiba se é de surpresa ou de ver o pai na sua brutal nudez.

- Dao, que fazes aí?

Ruborescido pela vergonha, o garoto desvia os olhos. Xiu Lan surge por detrás deles, depois de vestir à pressa o roupão de seda. Envolve Marco num pano de linho.

- Responde! - ordena Marco, furioso por ter sido interrompido.

Dao lança um olhar furtivo a Xiu Lan. Esta eclipsa-se discretamente, deixando pai e filho frente a frente.

- *Vem cá, Dao!* - ordena Marco em veneziano. Com a raiva, o tom de voz sobe, glacial e ameaçador.

- *Anda, anda, despacha-te, não me faças esperar!* Dao aproxima-se, de olhar esquivo.

- *Já não andas na rua, acabou-se a vida de selvagem, estás na corte do imperador. Tens de respeitar as suas regras. A primeira é a obediência ao teu pai.*

Dao não sabe como comportar-se perante este pai cuja existência ainda há um ano ignorava, tão estranho que sente dificuldade em se imaginar do mesmo sangue que ele. Continua calado, cabisbaixo, embora saiba que está a atiçar a raiva de Marco Polo.

- *Estou à espera!* - ralha Marco Polo, batendo o pé.

Dao Zhiyou suspira. O veneziano afasta-se e pega no pequeno chicote que reserva à criadagem.

- *Queres experimentar?*

O sangue de Dao ferve. Tudo menos sofrer de novo o castigo que tantas vezes teve de suportar durante a sua «vida de selvagem», como lhe chama Marco. Dá rapidamente meia volta e larga a correr.

- *Per bacco!* - exclama Marco, no auge da fúria. Precipita-se atrás do filho, sem se preocupar com o pano de linho que lhe escorrega do corpo em plena corrida. Alcança o garoto em poucas passadas. Detém-no com uma mão firme. O garoto esboça um esgar de dor.

- Senhor Polo... - intervém Shayabami nas costas de Marco.

- *Deixa-nos.*

Marco arrasta Dao para o compartimento principal e atira-o ao chão. Colérico, abate o chicote sobre as costas do garoto que se torce de dor, rolando para escapar aos golpes.

- O *que querias tu roubar? Estou farto das tuas fugas e dos teus roubos! Envergonhas-me. Que hei-de fazer de ti? É preferível pôr-te na rua!*

Marco grita tão alto que não ouve o choro de Dao.

Subitamente, uma mão bloqueia-lhe o gesto. Marco vislumbra uma imagem furtiva, a do pai, Niccolo, erguendo a mão para ele. Horrorizado, o veneziano afasta de si tal pensamento.

- Pára, Marco - implora uma voz doce em uigure.

O veneziano volta-se e vê Sanga, que o fixa com um olhar severo.

- Sanga! Ninguém te anunciou! Onde está Shayabami?

Marco pega apressadamente no pano de linho e tapa-se. Sanga, cujo crânio rapado e cujas vestes vermelhas testemunham a sua pertença à comunidade dos monges budistas, volta-se para deixar o veneziano vestir-se.

- Não lhe batas, não é nenhum escravo. Pensa no sangue que lhe corre nas veias - prossegue ele, num tom de voz suave.

- Sanga, respeito os laços que nos unem e o traje que usas, mas não te compete ditar-me a maneira como educo o meu filho - desabafa Marco, procurando acalmar-se.

- Não o trates como trataste a mãe, minha irmã - recorda Sanga.

O garoto aproximou-se, curioso, friccionando as coxas e os braços. Limpa as lágrimas às costas da mão. A presença do tio confere-lhe a confiança que lhe faltava instantes atrás.

- Quero saber onde estavam os meus antepassados no tempo de Gengiscão - exige Dao num mongol aproximado.

- A quem te referes? Os teus antepassados? Estavam em Veneza.

- E a minha mãe? Não era como o senhor, branca como a cal!

Marco esboça um movimento de recuo.

- Fale-me dela, por que nunca me fala?

- Porque não há nada a dizer - replica o veneziano, seco. Dao Zhiyou enfrenta o olhar de Marco. Os lábios do rapaz estremecem.

- Era uma escrava, a escrava daquele que se afirma teu pai - esclarece Sanga, dirigindo-se ao garoto.

Estas palavras atingem Dao ainda mais cruelmente do que as correias de couro do chicote. O garoto cerra os punhos, como se preparasse uma agressão a Marco Polo. Mas, em vez disso, dá meia volta e foge.

Marco agarra Sanga pelo braço.

- Como te atreveste?

- Ele tem o direito de saber. Vai todos os dias visitar-me ao mosteiro, mas só posso falar-lhe como irmão. Quando vi a minha irmã pela última vez, ela era ainda uma criança. Conheceste-a bem melhor do que eu.

Marco sabe que Dao se encontra frequentemente com Sanga. Pela primeira vez, avalia a cumplicidade que une o tio ao sobrinho. Nunca conseguiu abolir a distância que o separa do filho. Em que é que Sanga é menos diferente de Dao do que ele próprio?

- Cabia-me a mim escolher o melhor momento.

- Não, Marco, ele é que tinha de decidir. A verdade abre os olhos e alivia os corações. Um homem sem memória avança como um cego e cada obstáculo que encontra fere-o ainda mais.

O monge retira-se, depois de se despedir friamente.

Marco deixa-se cair na cama, hipnotizado pela decoração floral do tecto. Plantas entrelaçadas numa intimidade amorosa. Pela primeira vez, Marco pensa que parecem asfixiar-se. Sonhador, repete para si, por diversas vezes, a última frase de Sanga. É frequente o monge fornecer-lhe temas de meditação que arrastam Marco para muito longe, na vigília das noites. Desta vez, a sentença repercute-se estranhamente como um eco da conversa com o Grão Cão. Manda vir uma criada para terminar o trabalho iniciado por Xiu Lan. Depois, sem dar por nada, adormece.

Limitada pelos pés enfaixados, Xiu Lan corre tão depressa quanto pode pelas alamedas do parque. À frente dela, a uma grande distância, caminha Dao, cabisbaixo.

- Dao!

O rapaz volta-se.

As faces ruborizadas pelas lágrimas e pela raiva iluminam-se num sorriso. Ofegante, Xiu Lan aproxima-se e aperta-o nos braços sem uma palavra. Aos nove anos, Dao é quase do mesmo tamanho que ela. Por cima do ombro, vê que um monge os observa, ao longe. Sabendo-se descoberto, o budista acerca-se deles a passos largos. Reconhecendo Sanga, Dao Zhiyou desprende-se de Xiu Lan.

- Xiu Lan, o que é isto? - pergunta o monge, apontando para uma mensage garatujada à pressa.

Envergando uma simples túnica castanha bordada a preto, a cortesã volta-se e encara Sanga. O frio queima-lhe as faces. Dao também reconheceu o papel que Xiu Lan, analfabeta, lhe pediu que escrevesse. Entre Sanga e Xiu Lan, o rapaz entrevê a profundidade de um segredo cuja origem ignora.

- Dao! - grita uma voz.

O garoto avista a princesa Hayak, que lhe acena, do meio dos seus companheiros.

- Podes ir - permite Xiu Lan, sorrindo.

É uma maneira de o afastar. Apesar da curiosidade que o espevita, Dao corre ao encontro da princesa.

- Caminhemos - convida Sanga numa voz calma.

Xiu Lan sabe que o monge não quer ser visto sozinho na sua companhia. Se passear com ela pelas alamedas de pinheiros, a uma distância respeitável, parecerá menos suspeito.

- Marco Polo é um ser sensível, mas é um estrangeiro. Julga ter-me por concubina, quando... não é possível.

- Tens de realizar boas acções nesta vida para não renasceres no invólucro carnal de uma mulher - declara Sanga com compaixão.

Xiu Lan, irritada a despeito das suas crenças, desvia o olhar.

- Sinto dificuldade em compreender os seus ciúmes.

- Tu própria o disseste, trata-se de um estrangeiro. Tens de lhe perdoar.

Xiu Lan lança-lhe um olhar de desafio:

- Quem me deseja deve ter a liberdade de me possuir. Marco Polo contou-me que, em certos países que atravessou, as sacerdotisas se oferecem aos fiéis para honrar os deuses.

- Ouvi falar dessas histórias. Mas não devemos acreditar em tudo o que diz. Que pretendes, Xiu Lan?

- Tal como Marco Polo, o senhor goza dos favores do imperador...

Sanga meneia a cabeça, compreendendo finalmente onde ela quer chegar.

- O Grão Cão é um homem velho e tudo o que desejo é contribuir para a felicidade do seu crepúsculo.

O monge foi recrutado ainda criança pelo ministro do culto búdico P'ag-pa. O velho lama procurava formar discípulos antes de morrer. Sanga conhece todos os meandros da corte. Mesmo depois da morte do seu protector, conseguiu manter um lugar de destaque junto dos conselheiros de Cublai.

- Tinha a certeza de que um dia me farias essa proposta, Xiu Lan. Sabes que, nas últimas semanas, tenho sido eu o encarregado de recrutar as mulheres que terão a honra de ser oferecidas ao Filho do Céu? Este é um domínio no qual Zhenjin não poderá interferir - acrescenta ele para si mesmo.

Xiu Lan sustém a respiração. Sanga está, portanto, ainda mais bem colocado do que ela supunha. A clausura que Marco Polo lhe impõe impede-a de se informar como gostaria. Espera não ter obtido esta informação demasiado tarde.

- De facto - prossegue ele, sorridente -, estou convencido de que poderias ser tu o fogo-de-artifício capaz de lhe alegrar as noites. Pois bem, fica ciente de que há muito louvo os teus méritos junto do imperador.

Soltando um suspiro, Xiu Lan enche-se de orgulho.

- É verdade, Senhor Sanga?

Sanga aproxima-se dela. Baixa o tom, conspirativo.

- Ouve, Xiu Lan, se te apoiasse, ficarias a dever-me um imenso favor. Até ao fim dos teus dias.

- Senhor Sanga, estou disposta a saldar tamanha dívida - replica Xiu Lan num tom de voz firme.

- Muito bem. Eu encarrego-me de te apresentar ao Grão Cão. E tu, depois de seres favorita, pois não duvido dos teus talentos, trabalharás para que eu seja admitido no seu conselho restrito.

Xiu Lan emite um leve suspiro de admiração.

- A sua confiança honra-me, Senhor Sanga. Espero ser digna de a merecer. No entanto, esse plano encerra um obstáculo. Marco Polo nunca aceitará. Recusa-o desde que o conheço.

- Eu trato do assunto - declara Sanga, seguro de si.

Xiu Lan sente-se percorrida por um arrepio. O monge proferiu a última frase com tanta segurança como se ditasse uma ameaça.

Ao acordar, Marco ergue-se bruscamente, com o sentimento de ter apenas passado pelas brasas. O sol poente entra pela janela, estendendo os raios desmedidamente. Marco chama, bate duas vezes com as mãos até ver surgir uma criada.

- Onde está Xiu Lan?

- Vestiu-se e saiu com o pequeno senhor,

- E Shayabami?

- Ignoro, Senhor Polo.

Marco suspira. Lamenta ter-se deixado irritar com Dao, sobretudo diante de testemunhas. Ainda sente um nó no estômago ao pensar que agiu como o seu próprio pai.

A revelação de Sanga deixou o garoto obviamente chocado. Marco devia ter-lhe revelado as suas origens há já muito tempo. *Um homem sem memória avança como um cego... Até onde pode soçobrar um império ignorante da sua História?*

- Veste-me - ordena ele, levantando-se.

Antes de sair, toma uma aguardente de medronho, apropriada ao despertar do espírito, e masca uns quantos cravos-da-Índia para anular o gosto da aguardente. Não por recear incomodar a pessoa que vai visitar, mas por ter adquirido este hábito, como exigem as estritas regras da etiqueta imperial.

Na rua, Marco é atingido pelo ar frio do fim da tarde. Os raios de sol, rectilíneos e altivos, dardejam a linha do horizonte, rasgando as nuvens com setas de fogo. Uma luz quente e ambarina ilumina o jardim. Os parques começam a carregar-se de odores nocturnos. De passagem, Marco acaricia com a palma da mão os tufos de jasmim. Àquela hora, terminadas as audiências, o imperador prepara-se para dar início à longa noite de embriaguez. O veneziano estuga o passo.

Faz-se anunciar aos guardas imperiais, entrega-lhes a arma e penetra nos corredores que conduzem aos grandes salões do palácio. Saúda os cortesãos retardatários que por ali deambulam e conversam. À entrada da sala de audiências, esbarra contra o criado obeso, confidente de Cublai.

- Samud, anuncia-me ao imperador.

O eunuco inclina-se, visivelmente agastado. Marco deve tê-lo interrompido quando se retirava para o repouso da noite. Cublai exige que o criado esteja disponível dia e noite, e o seu sono é regularmente interrompido pelos caprichos do imperador. Estas horas de vigília forçada transparecem sempre do brilho dos olhos de Samud.

Impaciente, Marco ciranda de um lado para o outro. Do parque, chegam-lhe os gritos do render da guarda. Quando Samud regressa já o sol se pôs há muito, mas ainda ninguém se lembrou de acender os lampiões para iluminar o último dos cortesãos.

- Senhor Polo? - chama o criado, na escuridão. Marco avança, batendo com as botas no chão.

- O imperador, nosso amo e senhor, vai recebê-lo.

Marco corre atrás do criado. Este avança num passo mecânico, obrigando o veneziano a abrandar o passo. Penetram na sala de audiência. Marco prepara-se para se prosternar. Para sua grande surpresa, a sala encontra-se completamente deserta. Receia imediatamente o pior. Aperta-se-lhe o coração ante a ideia de um Cublai acamado, agonizante, recebendo mais um cortesão.

A sala afigura-se imensa sem a multidão que a enche durante o dia. Suspensas das paredes, as peles de tigre e de leão adquirem um aspecto ameaçador. Na escuridão, os caninos acerados como punhais brilham nas goelas abertas dos animais. O buraco negro das suas órbitas fixa os visitantes.

Na galeria deserta, o eco dos seus passos ressoa até ao infinito. Por contraste, o ruído das actividades sobe até eles. Algures, há quem corra, grite. Samud dirige-se sem hesitar para uma parede coberta por uma tapeçaria. Ergue-a e deixa a descoberto uma estreita passagem. Precede Marco antes de recompor cuidadosamente a entrada. Percorrem um corredor, descem vários lances de escada. Marco sente nas narinas os pruridos provocados pelo odor a humidade. Através de um verdadeiro labirinto subterrâneo, curvam à direita, voltando atrás. Por fim, Samud detém-se bruscamente. Encolhe-se para permitir que o veneziano avance em direcção a uma parede que se abate num baque surdo.

Marco tem a impressão de penetrar no antro de um ogre. O compartimento é de dimensões modestas. Peças de seda vermelha suspensas do tecto e das paredes reproduzem o interior de uma tenda. Uma

infinidade de velas descreve desenhos xamânicos no chão e em pequenas alcovas. Por detrás de um biombo de laca preta, Marco vê instrumentos de formas inquietantes cuja função ignora.

- Entra, Marco Polo, não direi que és bem-vindo, pois os únicos homens autorizados a penetrar neste compartimento já não pertencem a este mundo. Não te preocupes, tu és diferente, és um estrangeiro.

Refastelado em almofadas confortáveis, o imperador prepara-se para receber aquelas que vêm honrá-lo. Trocou os adornos imperiais por um simples manto de seda. Na cabeça, um pequeno barrete redondo delicadamente bordado.

Um intenso odor a incenso procura em vão dissipar os diversos miasmas que Cublai liberta.

- Fala, que pretendes? Suponho que seja importante, para me teres obrigado a expulsar as minhas pombinhas.

Estão sós. Um vago perfume testemunha uma fugaz presença feminina. Marco pergunta-se se Cublai já teria realmente dado início às sessões antes de aceitar recebê-lo. Lamenta não ter visto as jovens. Cublai envia emissários com a exclusiva missão de lhe trazerem as mais belas jovens do império.

- Canso-me da sua beleza. Gostava de outras diferentes - declara o imperador, sem esperar que Marco lhe fale.

Depois, o seu olhar de lobo fulmina o veneziano:

- Então, sou todo ouvidos.

- Grão Senhor, reflecti longamente sobre a oferta com que teve a bondade de me lisonjear. Aquele que não tem memória avança como um cego. Sentir-me-ei honrado por contribuir para a construção da memória do império.

Cublai meneia a cabeça repetidamente. Emite um débil sorriso que parece resultar de um esforço.

- Não esperava outra coisa de ti, Marco Polo. Agora, terás de encontrar um letrado. Um homem especial que saiba mongol e chinês.

- Um intérprete?

- Não, o seu nome é Tatatonga. Foi escriba no tempo de Gengiscão. Pretende-se que o seu nascimento remonta à aurora dos tempos. Foi exilado pelo meu irmão mais velho, o imperador Mongka. Assim, sinto-me tranquilo, não conhece o meu filho Zhenjin, nem Sanga que anda sempre à

minha volta, nem toda a horda de cortesãos. Estou certo de que não se imiscuirá nas intrigas da corte. É um sábio. Conhece as estrelas, os números e os símbolos dos rolos.

- Grão Senhor, já lhe foi enviada alguma intimação?

Cofiando a longa barba, Cublai ri-se serenamente.

- Levá-la-ás tu, por mão própria.

- Onde vive ele?

- Numa ilha perto das Índias, no reino de Ceilão. Esta missão será realizada em segredo. Portanto, confio-te esta viagem a coberto de uma embaixada.

- Quando pretende que parta? - pergunta Marco, ansioso por calcorrear de novo os caminhos do império.

- Preciso de consultar os meus astrólogos e xamãs. Serás informado a tempo e horas. Prepara-te.

Marco curva-se e prepara-se para sair, quando o imperador o detém.

- Falando de mulheres, Sanga diz-me muitas vezes que manténs sob a tua protecção uma verdadeira pérola... Que farás dela durante a tua ausência?

Marco reprime um violento sentimento de raiva e surpresa. Com que direito Sanga se permite falar de Xiu Lan ao imperador? Procura obter favores oferecendo em troca os desfrutados por outros.

- Deixo a concha fechada - replica Marco, algo seco.

- Veremos... - limita-se a dizer Cublai, despedindo Marco com um gesto.

II

A PÉROLA E A CONCHA

Agachada atrás de um grande pinheiro, tiritando de frio, a princesa Hayak-Kokedjin espreita os passos das damas de honor. Estas inquietam-se. Chamam por ela. Hayak encolhe-se um pouco mais. A princesa entrega-se ao seu divertimento favorito: assustar o seu séquito. No que é exímia. Começa por sair do palácio muito devagar, propositadamente para iludir a vigilância da sua corte. Depois, dirige-se à zona chinesa do jardim, onde os carreiros são tão estreitos que só se pode caminhar de lado. Conhece todos os seus meandros e recantos. A dama de companhia que tem o privilégio de empunhar a sombrinha de seda incrustada de pedrarias tem dificuldade em a seguir. Ágil como um cabrito, Hayak escala os rochedos, indo parar ao outro lado do jardim. Ouve a governanta repreendê-la e ameaçá-la com dez chicotadas. Hayak ri-se, pois bem sabe que a velha tem a mão leve. Então, levanta a saia e começa a correr a toda a velocidade até à gruta da qual jorra uma cascata melodiosa.

Com grande habilidade, Hayak dispõe montículos de pedras no cume dos rochedos. Em poucos instantes, o fluxo é desviado. O véu de pérolas de água abre-se lentamente diante da princesa, que desliza para o interior da gruta.

- Ninguém te seguiu?

Aproxima-se uma silhueta escura, avançando como um caranguejo.

- Não, Dao, não te preocupes.

Excitada, Hayak observa com inveja o refúgio do amigo. Ajoelha-se e começa a desfazer o laço que lhe aperta a cintura. Deste esconderijo, retira uma garrafa de chá e provisões, pão e carne seca. Depois, estende-se com toda a familiaridade no manto que serve de leito. Dao precipita-se sobre os alimentos e começa a devorá-los.

- O chá ainda está quente - diz ela.

- Não quero voltar a ver o meu pai! - resmunga Dao, de boca cheia. - Odeio-o.

- Repetes sempre o mesmo estribilho - suspira Hayak. - Entre os Chineses, não te ensinaram a respeitar os antepassados?

- Respeitá-lo-ei quando ele morrer!

Hayak ri-se.

- O meu xamã decerto poderá fazer alguma coisa por ti. Tenho a certeza de que conhece receitas próprias para te agradar. Pois bem - diz ela, apoiando-se num cotovelo -, há meses que te escondes, não podes continuar aqui toda a vida?

- Por que não? Vivi anos na rua, em Hangchou.

A princesa diverte-se a soprar bolas de vapor.

- Porque vou fartar-me deste jogo. Um dia, a bruxa velha descobre-me. E, se for descoberta... O imperador é capaz de me casar com um príncipe qualquer de uma ilha perdida do reino de Anão.

Aproxima-se dele e encara-o, obstinada:

- Bem sabes que me é indiferente casar ou não com um príncipe.

- Desde que possas viver num palácio! Gostava de poder falar com Xiu Lan... Talvez me ajudasse.

- Essa criatura! - exclama a princesa com desprezo. - É totalmente dedicada a Marco Polo. Não conseguirás nada dela.

- Talvez nunca a tenha conhecido como todos os homens que a procuram, mas sei melhor do que ninguém que o seu coração não é uma concha vazia.

- Evidentemente, é ele que lhe permite acumular dinheiro. Pensa bem, Dao, é Marco Polo que a sustenta. Por que haveria ela de o trair? Pelos teus lindos olhos?

* * *

Xiu Lan apressa-se a chegar ao palácio de Marco, de olhos postos no chão. Esforça-se por seguir as marcas na neve, que tornam o caminho mais acessível. A tempestade da noite cobriu tudo de branco, como uma maquilhagem imaculada. Depois da última visita ao Grão Cão, o veneziano reforçou ainda mais a vigilância e restringiu as suas saídas. No entanto, conseguiu iludir a vigilância que o velho Shayabami exerce sobre ela, com a ajuda de vinho de arroz. Escondida por detrás de uma máscara,

apresentou-se em casa de Sanga, mas o monge não estava presente. Impossível esperar por ele sem correr o risco de levantar suspeitas por parte de Marco. Regressa, despeitada, à sua gaiola dourada. Tem os olhos fixos nos pés quando, subitamente, surge no jardim chinês uma silhueta feminina, agasalhada em peles. Xiu Lan reconhece-a imediatamente, quase escorrega e esbarra contra a desconhecida. Agarra-a pelo braço, deixando cair a máscara que lhe encobre o rosto.

- Princesa Kokedjin! - exclama ela. - Que faz aqui, sozinha? Deve ter-se perdido. Deixe-me levá-la ao palácio.

- Não, minha senhora. Sei para onde vou.

Tenta libertar-se mas o punho de Xiu Lan retém-na com firmeza.

- De onde vem? - pergunta a cortesã, numa voz autoritária. Surpreendida, a princesa começa a tremer.

- Não tem o direito! - exclama ela.

- E a princesa? Tem o direito de sair sozinha dos seus aposentos?

Hayak fica sem voz, ante a audácia da cortesã. Também ela foi enclausurada pelo seu amo. Ambas são prisioneiras mas não as prendem as mesmas correntes. É evidente que, se Xiu Lan a denunciar, Marco também será avisado da desobediência da sua protegida. O caso resolver-se-á com umas tantas chicotadas mas, se o Grão Cão tomar conhecimento das escapadelas da princesa...

Xiu Lan adivinha a hesitação na expressão da princesa. Insiste:

- Quer que fale com o governador do palácio? Será castigada e ele degolado. É uma falta grave aos seus deveres.

A princesa não contém os soluços.

- Minha senhora, prometa-me que não dirá nada, por favor.

Xiu Lan puxa a princesa para um banco e diz-lhe, numa voz untuosa:

- Anda, conta...

Algumas semanas depois das festividades do Ano Novo, ainda se vêem marcas no palácio. Um leão de laca, meio destruído por um convidado demasiado embriagado, continua por reparar. Os cortesãos afadigam-se pelos salões, tiritando e criticando Cublai por se preocupar tão pouco com os convidados. Só uma lareira acesa. Quando Marco entra, a audiência já começou. Cublai convocou-o certamente para lhe comunicar a data da partida. Os cortesãos deambulam pela sala do trono e pelas antecâmaras numa luta contra o frio. Marco Polo é anunciado, Samud acena-lhe para que

se aproxime. Prosterna-se ao comprido diante do imperador. Ao seu lado encontra-se Zhenjin, ostentando claramente a situação de herdeiro, de busto impante como um galo nos trajes de tecido dourado.

- Marco Polo, chegas mesmo a tempo - diz Cublai. - Estamos a falar de mulheres, um tema que conheces bem, não é verdade?

- Digamos que me interesso modestamente - replica Marco, surpreendido pela abordagem do assunto.

Sanga, que Marco ainda não vira, intervém:

- É verdade que ninguém iguala os talentos do nosso imperador, que conta com mais de três mil concubinas no seu gineceu.

- Infelizmente, já não tenho assim tantas. A natureza é dura para com as mulheres e pergunto-me quantas me sobreviverão.

- É por isso que um imperador deve renová-las - observa Zhenjin.

- Ora aí está - aprova Cublai. - Sanga elogia regularmente à minha frente a beldade a quem dás abrigo.

Marco fulmina o monge com um olhar furioso, obrigando-o a voltar a cabeça.

- Grão Senhor, julgo saber que prefere raparigas em flor. Ora, falando da pessoa que me dá a honra de evocar, é verdade que as suas pétalas ainda não murcharam, mas já não têm a frescura do orvalho matinal.

- Mas parece dar-te bastante satisfação. Como se chama ela?

- Xiu Lan, Grão Senhor - responde Marco, que começa a inquietar-se.

- Sim, é isso, Xiu Lan. Sabes o que esse nome significa?

- É sabido que ignoro a língua chinesa, Grão Senhor.

Marco pergunta-se se aquela será uma maneira de o pôr à prova.

- Com certeza. Então, quando ma apresentas?

Marco ri-se.

- Mas... não era minha intenção fazê-lo, Grão Senhor.

- E porque não?

- Toda a gente sabe que quando o imperador escolhe uma mulher, mais nenhum homem lhe poderá tocar, Grão Senhor.

Cublai sorri por detrás da barba. Por vezes, a honestidade de Marco Polo rasa a audácia. Por muito menos já houve quem tivesse sido empalado. Mas, o facto de poder contar com aquela qualidade torna o veneziano um precioso cortesão.

- Ousarias fazer ao imperador a afronta de não lhe reservar o melhor dos prazeres que jamais conheceste? Pensei muito naturalmente que estavas a experimentá-la antes de ma ofereceres.

Marco fica sem voz.

- E depois, pobre rapariga, vai ser preciso ocupá-la durante a tua ausência. Que faria ela, sozinha no teu palácio?

- Alguém terá de satisfazer as suas necessidades - permite-se acrescentar Zhenjin, que nem sequer conhece Xiu Lan.

- Bem sabe, Senhor Polo, que, depois de lhe tomarem o gosto, essas mulheres não conseguem dispensá-lo - reforça Sanga.

Que poderá ele saber, se usa o traje dos budistas?

Sem surpresa, Zhenjin e Sanga, inimigos de sempre na disputa dos favores do imperador, entendem-se às mil maravilhas, agora que se trata de prejudicar os interesses do veneziano. Zhenjin nutre um ódio declarado a Marco, que lhe recorda desagradavelmente ser também ele um bárbaro aos olhos dos Chineses, apesar das tentativas que faz para se apresentar como um futuro soberano digno de ser um Filho do Céu. Quanto a Sanga, depois da altercação sobre Dao Zhiyou, Marco não voltou a falar-lhe. E ele aproveita para ostentar uma faceta que o veneziano não lhe conhecia.

- Grão Senhor, os xamãs já fixaram a data da minha partida? O imperador parece ignorar a pergunta.

- Envia-ma esta noite. Tenho dito - conclui Cublai, num tom que não admite réplica.

Mal regressa ao palácio, Marco ordena a Xiu Lan que se apresente imediatamente. A rapariga manda dizer que não está apresentável. Marco, a quem a entrevista com o Grão Cão deixou furioso, precipita-se para o quarto de Xiu Lan. Abre brutalmente a porta corrediça. Vê-a à sua frente, de cabelo caído, rosto ao natural, envergando uma simples túnica de linho. Sem maquilhagem, parece mais nova. Penteia cuidadosamente a longa cabeleira. Na lareira, arde um lume que lhe avermelha a pele. Surpreendida, interrompe o gesto.

- Quando digo imediatamente, quero ser obedecido! - exclama Marco.

- Ignorava que estivesse disposto a receber-me nestes trajes.

Marco aproxima-se dela a passos largos e prende-a pelos pulsos. Xiu Lan deixa escorregar o pente de marfim. O veneziano beija-lhe violentamente a boca. Ela cai-lhe nos braços. Ele deita-a no chão e possui-a

com raiva, apressado. Xiu Lan grita e acaba por se abandonar, sem uma palavra.

Uma vez saciado, Marco desprende-se dela, suspirando.

- Senhor Polo - diz ela numa voz doce -, sei uma coisa acerca de Dao.

Marco apoia-se num cotovelo.

- *Per bacco!* Esse atrevido merece um bom correctivo. Depois, regressará tranquilamente a casa.

- Ele tem medo, Senhor Polo. Só o conhece há duas estações. É preciso dar-lhe tempo.

Marco afasta-se, soltando um profundo suspiro. Atravessou metade do mundo, escalou as mais altas montanhas, enfrentou os piores desertos, bateu-se contra os bandidos mais cruéis, negociou com impiedosos chefes de guerra, e é incapaz de conversar com o próprio filho...

O que mais lhe dói é pensar que, neste aspecto, se assemelha ao pai, Niccolo.

- Dê-lhe tempo para aprender a dominar-se...

- As feras domam-se com um chicote - decide Marco, seguro dos seus direitos.

Xiu Lan levanta-se, descontraída, e alisa a túnica, que ajusta graciosamente à volta da cintura.

- Como foi a audiência imperial? - pergunta ela, sem dar mostras de interesse.

- Estavas a falar de Dao - repete Marco, ignorando a observação de Xiu Lan.

A rapariga começa a andar pelo quarto em passo de dança.

- Senhor Polo, bem sabe que o meu maior sonho é conhecer o imperador. Suponhamos que, depois de dizer o que sei sobre Dao, sente vontade de me apresentar ao Grão Cão...

Xiu Lan volta-se, pestanejando, com um sorriso nos lábios.

- Devo compreender que queres negociar a tua informação sobre o meu filho? - exclama Marco, soltando uma gargalhada.

A rapariga não responde.

Marco levanta-se por sua vez e aproxima-se dela.

- Ponhamos a questão de outra maneira: vou dar-te a honra de te explicar por que é que a audiência imperial me deixou neste estado. O Grão Cão ordenou-me que fosse entregar-te.

Xiu Lan abriu-se num sorriso.

- É verdade?

- Mas eu posso perfeitamente dizer-lhe que, em consequência da exaltação em que a notícia te deixou, caíste sobre a minha espada e morreste. Não passas de uma mulher que se compra, por isso, o assunto resolver-se-ia com uma multa - conclui ele, desenvolto.

Xiu Lan perdeu a compostura. Nunca viu Marco agir com tanto desprendimento, tanto mais assustador quanto parece perfeitamente senhor de si. Para disfarçar o nervosismo, alisa o cabelo com a mão.

- Dao escondeu-se nos jardins do palácio, de conluio com a princesa Hayak-Kokedjin. Não quer voltar a vê-lo.

Desde o dia funesto em que Dao Zhiyou fugiu, Marco Polo não viu passar o tempo. No entanto, decorreu um ano inteiro. Nesta manhã de Inverno de 1283, Marco palmilha com nervosismo a antecâmara do Pavilhão do Junco Silvestre. Aguarda há uma hora que lhe seja concedida uma audiência. Perdendo a paciência, indaga o criado de serviço.

- O pedido será transmitido, Senhor Polo - responde-lhe invariavelmente o cérbero. - Se preferir, receberá a resposta em casa.

- Não! Espero aqui - insiste Marco, procurando manter a calma.

Por fim, quando já se preparava para forçar a porta, surge à sua frente uma dama de companhia com um véu.

- Sua Alteza a princesa Hayak-Kokedjin consente em recebê-lo. Siga-me, Senhor Polo.

A dama velada conduz o veneziano até uma pequena sala decorada com gosto, à maneira chinesa. Aponta para um tapete no chão, no qual o veneziano se senta, apoiado nos calcanhares. A acompanhante instala-se à sua frente, de pé. Decorrido um longo momento, abre-se a porta do lado oposto, dando passagem a uma pequeníssima silhueta. Apesar de ser de sangue real, a jovem não precisa de cobrir o rosto, em virtude dos seus dez anos. Uma graça infantil ilumina-lhe o rosto. Sob a capa arrogante da juventude, a mulher começa a despontar. Dirige um sorriso de circunstância a Marco. O veneziano levanta-se para saudar a princesa, segundo o seu estatuto. Ela senta-se num banquinho, a fim de parecer mais alta do que o visitante. Fervendo de impaciência, Marco espera autorização para falar. Por enquanto, a princesa continua a observá-lo com a mesma curiosidade que persegue Marco desde que chegou ao império. Procura traços de

semelhança com Dao. Mas nada nos olhos claros do veneziano, na cabeleira anelada e apanhada na nuca, no rosto curtido pelo sol o aproxima dos olhos negros e amendoados de Dao Zhiyou, do seu cabelo escuro ou das maçãs-do-rosto salientes.

- Senhor Polo, a sua visita honra-me e deleita-me. Na existência de uma princesa não há lugar para muitas distracções - desabafa ela, suspirando.

- Ainda assim, parece ter sabido rodear-se de uma companhia suficientemente insólita para a divertir, Alteza - replica Marco, mordaz.

A princesa não perde o sorriso altivo

- É verdade, Senhor Polo - replica ela, insolente.

Marco lança um olhar à governanta, que não se mexe, como presa a um pedestal.

- *Ele ensinou-lhe a língua uigure?* - pergunta Marco neste mesmo idioma.

- *Alguns rudimentos* - responde a princesa sem mudar de tom. A acompanhante balança-se ao de leve, como um pincel hesitante no traçado de uma caligrafia.

- *Alteza, sei que de alguma forma o alberga. A notícia, tranquilizou-me, pois não duvido de que o trata como a um irmão. Todavia, o Grão Cão nomeou-me para uma missão. Dao deverá acompanhar-me. É o seu dever. Transmita-lhe esta mensagem. Aguardarei até à próxima lua.*

A princesa não responde. Pestaneja, traindo a dúvida que a assalta.

Sem aguardar que o despeçam, Marco levanta-se, saúda a princesa e abandona o Pavilhão do Junco Silvestre.

* * *

O imperador estreita-a contra o peito, como se a quisesse sufocar. Xiu Lan deixa-o proceder, ocultando um sorriso de satisfação por detrás da cabeleira.

Sem se separar dela, o imperador segreda-lhe:

- Como pude esperar tanto tempo até te conhecer! A partir de agora, quero-te sempre junto de mim. Quero-te sempre disponível.

Mal penetrou no gabinete privado, Xiu Lan imaginou a sua estratégia. Até agora, tudo se tem desenvolvido como previra.

Na sombra, aguardou pacientemente que o imperador exprimisse o seu desejo.

- Aproxima-te - ordenou finalmente o imperador.

O coração de Xiu Lan parecia querer saltar-lhe do peito. Marco Polo cumpriu a promessa feita, embora tenha regressado da visita à princesa ainda mais despeitado.

- Habitualmente, só me sirvo de raparigas muito jovens e de corpo ainda virgem de quaisquer carícias. Ora, no teu caso, a tua pele conheceu a rudeza de muitos homens. Julgas-te capaz de me satisfazer?

- Grão Senhor, o perfume da flor é mais estonteante quando desabrocha, uma vez que, em botão, só pode oferecer as promessas do seu sabor.

Cublai examina os minúsculos pés de Xiu Lan com apetite. A rapariga possui uma silhueta esbelta que ele já se desabituou de tocar. É bem evidente que tem as esposas e as concubinas, mas já tem tantos filhos que não se sente obrigado a convocá-las. E as que têm a idade de Xiu Lan já não apresentam a mesma frescura. Os filhos deformaram-lhes o corpo, o mesmo tendo feito o conforto do palácio. O seu olhar acompanha a perfeição das curvas de Xiu Lan. Os seios altos, a cintura fina e flexível como um caniço, as ancas estreitas desenham uma elegância moldada para o amor. Tão maleável quanto seria de desejar, o seu andar ondulante causa vertigens. Subitamente, Cublai experimenta uma furiosa vontade de a possuir de imediato, embora saiba que a haste de jade não lhe obedecerá.

- Despe-te - ordena o Grão Cão, com uma ponta de raiva na voz.

Xiu Lan ousa erguer os olhos para Cublai e não se cansa de o fixar. Acaricia os seios até alcançar o botão da túnica que despe com provocação. Desata os laços que lhe apertam a cintura. Depois, pegando na túnica com a mão, começa a rodopiar sobre si mesma, despindo-se como um fruto maduro. Cublai fica sem fôlego. Pela primeira vez há muito tempo, o imperador desvanece-se, substituindo o eterno espectador de uma cena mil vezes repetida. Deixa-se inebriar pelo quadro que agora descobre, pronto para o saborear até à embriaguez.

Por baixo da túnica, Xiu Lan usa longas fiadas de pérolas que, em vez de a vestirem, realçam a firmeza dos seios redondos, se enrolam nas nádegas em forma de meia-lua, estreitam a cintura até ao umbigo, salientando a curvatura do triângulo, liso e nu. Por artes de magia feminina, as pérolas enrolam-se nas pernas, das coxas até aos pés enfaixados,

verdadeiros «lótus de ouro». Cada movimento suscita um leve tinido, como uma fonte de mil gotículas.

Agora, Xiu Lan sente-se prestes a colher o fruto dos seus esforços. Suavemente, dispensa-lhe massagens apaziguadoras. Estas carícias encontram a dura e espessa camada de gordura do imperador.

O cheiro a suor de Cublai pica-lhe as narinas. O imperador transpira tanto que ela tem as mãos molhadas.

- Que me fizeste? - surpreende-se incansavelmente o Grão Cão? - Abriste horizontes de cuja existência nem sequer suspeitava. Precisei de atingir os sessenta e oito anos de idade para conhecer uma mulher como tu!

Xiu Lan gostaria de continuar a deixar-se embalar por esta doce litania, mas sabe que, pelo contrário, deve passar para a etapa seguinte do plano.

- Grão Senhor, hoje o meu coração delicia-se com tantos elogios. Mas, amanhã, sentir-me-ei desfeita, quando os souber dirigidos a outra mulher.

Cublai emite um grunhido.

- Julgas-te uma orquídea capitosa? Não me parecias uma mulher desse tipo.

- Não, Grão Senhor. Sei enfrentar o sol que se põe e rezo todas as noites para que renasça de novo.

O velho mongol observa-a atentamente.

- Receias cair em desgraça? Já? Espera um pouco, ainda não murchaste.

- Não quero esperar por esse momento! - exclama Xiu Lan, revelando uma grande energia.

- Talvez esse momento nunca chegue. Depende de ti - replica Cublai, cruel.

- Infelizmente, Grão Senhor, num combate como este poderei sair vitoriosa contra um soldado que só disponha das próprias pernas para percorrer *lis* e mais *lis* de campos de batalha. Mas contra um guerreiro de grandes voos montado num garanhão das estepes...

Cublai pousa o olhar de lobo naquela beldade. Ela pestaneja de novo.

- Estás a pensar em Marco Polo?

- Ele queria que eu ficasse...

- Eu sei.

- Uma vez habituado ao perfume da minha flor, quererá descobrir novos odores.

- Que mais me poderás oferecer para que não me canse? Chegou o momento de mostrar o jogo...

- Não voltar a ver-me...

Os músculos imperiais crispam-se debaixo das suas mãos. De coração palpitante, Xiu Lan retoma as carícias com mais sensualidade.

- Como um mestre jardineiro - diz ela, arrastando as palavras -, sei podar os rebentos novos para se tornarem botões inebriantes, prestes a eclodir e a desenvolver-se com toda a perfeição e beleza.

Como um velho camelo, Cublai desloca lateralmente o enorme corpo. As banhas descaem, indo colar-se, húmidas, às coxas de Xiu Lan.

- Saberias onde encontrar as sementes dessas belas plantas? - pergunta o imperador, de olhos brilhantes de excitação.

Seis meses após a instalação de Xiu Lan no palácio imperial, Marco é convocado a uma hora deveras matinal por um criado do Grão Cão. O mongol insistiu para que Marco se dirigisse de imediato à audiência do imperador. Esperou mesmo por ele. Marco levantou-se da cama, espantado por se encontrar sozinho, quando sonhava com as carícias de Xiu Lan. Desde que ela partiu, ainda lhe acontece procurá-la com a mão adormecida entre as pregas frias dos lençóis.

Veste-se à pressa, sem ter tempo para ingerir o guisado de carneiro que Shayabami lhe mandou aquecer. O velho escravo sírio obstina-se em alimentar o amo como no tempo em que cavalgava da aurora até ao crepúsculo. O veneziano tem o ventre cada vez mais proeminente e, de vez em quando, precisa de mandar alargar o vestuário.

Enfia as botas enquanto Shayabami manda selar o cavalo e depois parte a galope para o palácio do imperador, seguindo o rasto do mensageiro. Na Cidade Imperial, o espectáculo é grandioso. A aurora acaricia os tectos dos pagodes. Os raios de sol incidem nos edifícios iluminando-os de tons rosados, como se abrissem o estojo de uma jóia preciosa. Sucedem-se os pátios numa enfiada de abóbadas, desertas de cortesãos. Só alguns guardas deambulam de um lado para o outro, antes de serem rendidos. O veneziano aprecia acima de tudo aquela hora em que o mundo parece construir-se à sua frente. O futuro é imenso, a vida eterna e os caminhos infinitos. O silêncio da noite ainda encobre as primeiras horas do dia. Fala-se numa voz sussurrada, num suspiro, como se não fosse preciso despertar os outros. Marco tem a impressão de que o mundo lhe pertence.

Salta do cavalo e entrega as rédeas ao guarda de sentinela, que lhe dirige uma breve saudação. Marco sobe a quatro e quatro os poucos degraus que conduzem à entrada do palácio.

- O Grão Cão espera-o - anuncia-lhe Samud. A sua presença a tão grande distância da sala de audiência testemunha a impaciência do Grão Cão. O veneziano segue o fiel servidor através de corredores obscuros. As velas consumidas na véspera ainda não foram substituídas. Manchas de cera secam no chão. Apenas alguns lampiões difundem uma fraca claridade. A luz do sol nascente não basta para dissipar a penumbra.

Por fim, o criado afasta-se para permitir a entrada de Marco na sala do trono. Para sua grande surpresa, a sala já está preparada para as grandes audiências. Os que são próximos da corte encontram-se reunidos, como Sanga e Zhenjin. O monge budista arvora a cor amarela dos altos funcionários imperiais. O camareiro-mor encontra-se à direita do Grão Cão. O próprio imperador enverga trajes festivos que sobrecarregam ainda mais a sua silhueta, numa miscelânea de sedas e peles. Cobre-lhe a cabeça um chapéu alto ornado de guizos que tinem a cada movimento, como os dos antigos imperadores. A convocação é, pois, importante. Na multidão dos cortesãos, Marco reconhece subitamente Xiu Lan. Veste com uma elegância que ele nunca lhe conheceu, tal como as concubinas imperiais, um magnífico vestido de brocado azul cuja cor intensa realça o negro do cabelo. Usa um penteado elaborado, apanhado na nuca e ornado de pérolas do oceano. Parece mais velha. Marco poderia julgá-la uma digna e respeitável dama da corte. Xiu Lan fixa os grandes olhos pretos em Marco, com um orgulho muito sensual.

Mas o mais surpreendente é a expressão do Grão Cão. A sua tez cerosa transformou-se numa expressão desenvolta e satisfeita. Parece ter rejuvenescido. As rugas quase desapareceram. Liberta-se dele uma tal expressão de felicidade que parece capaz de a transmitir ao mais infeliz dos súbditos.

Marco prosterna-se a todo o comprimento três vezes seguidas. Após a habitual troca de cortesias, Cublai toma a palavra com uma alegria não dissimulada.

- Senhor Polo, seja bem-vindo. Para lhe agradecer os serviços prestados ao império, decidimos nomeá-lo embaixador extraordinário junto do marajá

de Ceilão. Graças à sua pessoa, os prazeres imperiais estão a cargo da senhora Lan.

Xiu Lan e Marco trocam um olhar intenso.

- O pequeno reino de Ceilão está na posse do major rubi do mundo - prossegue o imperador. - Precisamos dele para o oferecer à senhora Lan. É este o objecto da sua missão. Em troca da nossa protecção, o marajá de Ceilão entregar-lhe-á o famoso rubi. Vá e regresse em paz. Tenho dito.

Marco faz uma reverência profunda. Sente dificuldade em dominar os sentimentos confusos que lhe agitam o coração. Como é evidente, a missão não passa de um pretexto que lhe permitirá assegurar a outra, bem mais importante, que lhe confiou o Grão Cão no segredo do gabinete: encontrar Tatatonga, o escriba imperial. No entanto, não pode deixar de sentir o coração roído de ciúmes ao ouvir o imperador louvar os méritos da sua própria amante! Se não fosse imperador... Por vezes, embora tenha abandonado a terra natal há mais de treze anos, Marco surpreende-se por ainda experimentar reflexos de mercador veneziano. Aqui, não se pratica o duelo, recorre-se ao juiz ou trata-se do caso negociando-o. De resto, Marco não se espantaria se Cublai lhe oferecesse uma renda como pagamento da cortesã.

É obrigado a permanecer no palácio metade do dia e a participar nas festividades organizadas em honra da sua embaixada. Ainda tem de ouvir os presságios dos astrólogos que lhe indicarão o dia preciso da partida.

Quando o porteiro anuncia o embaixador da Pérsia, Marco está longe de imaginar que a mensagem do diplomata irá mudar a sua vida.

É um mongol com influência persa. Usa uma barba muito curta. Traz na cabeça um chapéu em forma de cone e cobre-lhe os ombros um manto de seda de fios grossos. Oficial da corte do ilcão da Pérsia, percorre o mundo sem nele fixar o olhar, de ar altivo, como no tempo do califa.

Com um gesto, Cublai ordena-lhe que fale.

- Grão Senhor - começa a discursar o embaixador -, sou portador de uma grande notícia. Acaba de subir ao trono da Pérsia um novo ilcão: trata-se de Argun, filho de Abaga.

- Argun, o príncipe por mim investido, quando Ahmad confiscou o trono em seu proveito?

- O ilcão sentir-se-á lisonjeado por o imperador testemunhar uma tão boa memória a seu respeito.

- Os meus informadores haviam-me, porém, trazido a notícia de que o seu exército fora desbaratado em Qazvin pelo de Ahmad e que ele próprio se entregara e fora feito prisioneiro.

- É verdade, Grão Senhor, mas Ahmado meteu vários erros, entre os quais o de se submeter à lei de Maomé. Os generais mongóis permaneceram-nos fiéis e preferiram derrubá-lo a fim de colocar no trono Argun, vosso sobrinho-neto. O meu amo e senhor confiou-me vários presentes como garantia de fidelidade. E pede que a sua investidura seja confirmada, como exige o yasaq. (1)

Nota 1: Lei mongol instaurada por Gengiscão.

- Terás tudo o que pedes.

A conversa mergulhou Marco num abismo de recordações. Lembra-se de, quinze anos antes, ter medido forças com Argun no manejo do tiro com arco. O jovem príncipe mongol não tivera então qualquer dificuldade em afirmar a sua superioridade. Naquele tempo, Marco considerara-o um cavalo louco, esplêndido e ao mesmo tempo perigoso, mas também um temível guerreiro, digno herdeiro de Gengiscão.

Aproveitando um movimento da multidão, Marco consegue aproximar-se de Xiu Lan, rodeada por um enxame de cortesãs que esperam distinguir-se junto da nova favorita. Ao longe, no parque, o sol deixou de iluminar o palácio das três esposas e três mil concubinas do Grão Cão.

- Os meus cumprimentos, tudo leva a crer que te mostraste mais experiente junto do imperador do que de mim.

Delicadamente, a jovem pousa o leque para o manter à distância. Agora que foi distinguida pelo imperador, só tem o direito de tocar num homem, o Filho do Céu.

- Deixe de se mostrar ciumento, Senhor Polo. É mais fácil fazer desabrochar um figo seco do que um ácer na força da idade.

- Então, nem sequer irás a minha casa para uma visita de cortesia... - replica Marco, insensível ao elogio.

- Transmiti ao imperador o gosto por novos frutos. Parto para Hangchou a fim de colher alguns ainda verdes que depois servirei maduros ao Grão Cão.

Marco cerra os dentes, esforçando-se por dissimular o aperto que lhe atenaza o coração.

- Desejo-te boa viagem, minha linda Xiu Lan.

Marco saúda-a respeitosamente, com certeza pela primeira vez. Ao afastar-se, pergunta-se se a princesa Hayak-Kokedjin terá convencido Dao a acompanhá-lo. Atravessando a passos largos o parque imperial, começa a arquitectar os pormenores do seu testamento para ter a certeza de que não pensará em outra coisa. Cada uma das suas viagens é um desafio lançado à vida. Até onde a atravessará incólume?

Algures nos limites do império...

Através dos interstícios da iurta, Ai Xue avista a crista da Grande Muralha rastejar pela linha do horizonte. O vento sopra sem descanso. O seu assobio envolve a tenda em inflexões ameaçadoras. Como uma torrente furiosa, parece querer arrebatar tudo à sua passagem. Mas, aqui, toda a gente parece perfeitamente habituada, só o médico chinês sente uma forte dor de cabeça. Desta vez, teve direito a honras do próprio Caidu. O primo de Cublai, e seu reconhecido inimigo, acabou por aceder ao pedido do Lotus Branco. O príncipe Nayan descobriu prodígios capazes de convencer o tio. Ai Xue, porém, adivinha pela má cara do príncipe que este desconfia das boas intenções do encontro. Nayan sabe que, se a visita se revelar infrutífera, ou mesmo perigosa, será ele o único responsável. E a lei das estepes é impiedosa. O destino de ambos está agora nas mãos de Ai Xue. A entrevista deve, a todo o custo, ser coroada de sucesso. Os dois homens encontram-se unidos por uma singular cumplicidade.

Ai Xue é recebido na tenda do chefe, mas do lado esquerdo, no lugar das mulheres, o que constitui, para Caidu, uma forma clara de manifestar o desprezo que nutre por ele. Todos os adjuntos do príncipe mongol se mantêm à sua direita, em traje de gala. Caidu, no entanto, cumpriu todos os ritos da hospitalidade e serviu uma taça cheia de *kumis* ao visitante. A despeito do cheiro azedo que o recipiente emana, Ai Xue esforçou-se por beber tudo. Acedeu mesmo a prosternar-se diante de Caidu, como teria feito diante do Filho do Céu.

- Nunca lançaremos uma ofensiva ditada por uma sociedade secreta chinesa - repete Caidu.

- Evidentemente, Senhor - aprecia Ai Xue. - A nossa sociedade actua no interior do império e o Senhor no exterior. Unindo as nossas forças,

poderemos abalar o gigante. Talvez receie que, uma vez alcançada a vitória, disputemos os grãos de arroz.

Caidu emite um resmungo que Ai Xue interpreta como uma aprovação. Prossegue:

- Estamos prontos para negociar desde já uma reparação justa. Com um gesto largo das costas da mão, o príncipe elimina a proposta de Ai Xue.

- Comece por atacar Cublai e então interviremos para aniquilar o seu exército.

- Nunca deixámos de trabalhar contra o Grão Cão.

Caidu debruça-se para a frente. O seu hálito fétido obriga Ai Xue a franzir o nariz.

- Compreende-me bem, estrangeiro: as tuas picadas de mosquito são insignificantes, ele é de casca grossa. O que eu pretendo é uma condenação à morte...

III

O *DRAGÃO NEGRO*

Antes de partir, Marco teve de se zangar com Shayabami, que queria a todo o custo acompanhá-lo. Mas o veneziano recusou, tanto para preservar o velho criado de uma viagem que adivinha penosa, como por querer ter a certeza de levar consigo um servidor capaz de o auxiliar eficazmente. Shayabami compreendeu-o bem e sentiu-se mortificado. Assim, pesaroso, perguntou a Marco quando contava despedi-lo. O veneziano teve de envidar um arsenal de esforços para tranquilizar o sírio. Depois de o convencer, surgiu uma nova discussão para decidir que criado Marco iria levar consigo, entre os enviados por Niccolo. Releu mais uma vez a carta do pai, obviamente ditada a Matteo. Reconhece sem dificuldade a caligrafia aplicada do tio. Embora o pai não lhe diga nada, Marco receia vir a encontrá-lo cego, ou quase.

Se tardei tanto em responder, é por falta de disposição para pegar na. pena. Não pergunta por mim, mas ainda assim, vou dar-lhe algumas notícias. O nosso negócio de sal tem prosperado e permitiu-me adquirir mais três concubinas, a despeito da minha idade avançada. Cheguei mesmo a propor a Matteo oferecer-lhe uma, mas ele vive como um monge, embora sem hábito, preocupado com a salvação eterna, e muito receoso de que os pecados do irmão o manchem. Em cumprimento do seu pedido, envio-lhe alguns escravos escolhidos por mim.

Marco encarregou Shayabami de lhe escolher o criado pessoal e, ao observar o jovem designado para o seu serviço, não pode deixar de reconhecer que o sírio lhe merece confiança. O pobre escravo é tão discreto que Marco nem se apercebe de que está a ser servido. Todas as tarefas aparecem realizadas como por encanto. De manhã, encontra as botas cuidadosamente limpas, o cavalo arreado, o lume aceso, a refeição aquecida. O rapaz nunca se queixa, mesmo quando é obrigado a efectuar uma parte da viagem a pé por a mula ter partido uma pata numa liana demasiado nodosa, enquanto não lhes *é* possível adquirir outra.

No pátio do caravançará, fustigado pelo ar fresco da noite, Marco entrega-se aos seus exercícios. Treina a mão esquerda, menos ágil no manuseamento da espada. Corta o ar, esquiva-se, solta gritos de guerra. Passado um momento, arquejante, pousa o pau com que se treina.

- Como te chamas? - pergunta Marco, que lhe dirige a palavra pela primeira vez desde que saíram de Khanbalik.

O jovem escravo precipita-se, saudando Marco humildemente. Tem a pele escura *e* os olhos amendoados dos Mongóis, que alia à estatura franzina dos Chineses.

- Senhor Marco, não conheço o meu nome. Mas Shayabami chama-me Pietro.

Marco ri-se.

- Pietro! Mas, é um nome da minha terra!

O rapaz encolhe os ombros sem responder. Sorri por sua vez, contagiado pelo bom humor do amo.

- No entanto, dado o teu aspecto, és um verdadeiro tártaro! - prossegue Marco. - Pois bem, eu te baptizo Pietro Tártaro, que soa melhor.

O jovem escravo faz uma vénia.

- Como queira, Senhor Marco.

- E que idade tens?

Pietro volta a encolher os ombros.

- Deves ter a idade do meu filho - avalia Marco.

Afasta-se, mal-humorado. Pela décima vez, retira da manga a carta que Dao lhe deixou. Escrita em mongol numa caligrafia desajeitada, não chega a conter uma dúzia de palavras. Mas todas elas se cravam no peito do veneziano como punhais:

Senhor Polo, estou de partida sob a protecção de Xiu Lan.

* * *

Xiu Lan abandona Khanbalik a bordo de um grande barco de fundo chato que chegará a Hangchou pelo Grande Canal ao cabo de algumas semanas, proeza só possível graças às profundas obras encomendadas pelo imperador. A comitiva da cortesã é excepcional. Xiu Lan aproveitou todas as vantagens oferecidas pelo Grão Cão e renovou o guarda-roupa, o

mobiliário, os perfumes, os produtos de maquilhagem, os animais, as jóias. Dao Zhiyou diverte-se particularmente com todos os gatos que ela adoptou. Xiu Lan manda tingir alguns, a fim de condizerem com o seu vestuário. O garoto esforça-se por os ensinar a fazer habilidades. A preferência imperial conferiu a Xiu Lan uma segurança que ela nunca antes conhecera. Dá provas de uma autoridade que inspira respeito e temor aos criados, cujo número triplicou. Confortavelmente instalada numa ampla poltrona entrançada, dá ordens numa voz seca. Sublinha-as batendo levemente com o leque nacarado. Tem o cuidado de não modificar a expressão do rosto, a fim de não alterar a lisura das feições. As suas fúrias adquirem, assim, um carácter impressionante. É capaz de elevar o tom de voz, quase sem abrir a boca nem franzir as sobrancelhas. A tal ponto que os espíritos fracos lhe atribuem poderes mágicos.

A descida por barco constitui uma ocasião, tanto para Xiu Lan como para Dao, de descobrirem o império. O fausto da equipagem dá-lhes o direito de serem tratados com as maiores honras. Os notáveis dos portos aos quais acostam batem-se para serem recebidos a bordo e oferecer-lhes provisões e presentes. Xiu Lan dita a Dao uma missiva dirigida à antiga amiga das casas de chá, Fan-fi, que espera voltar a ver em Hangchou.

Os campos desfilam lentamente. É a estação da replantação do arroz. Milhares de camponeses, descalços na água, curvam-se sobre minúsculos pés de arroz, de cabeça coberta por um amplo chapéu de palha. Acenam ao barco, à sua passagem.

Por fim, chegam a Hangchou. A cidade voltou a sofrer obras desde que dali partiram. A embarcação desliza sob um arco que delimita a entrada da cidade. Xiu Lan não precisa de apresentar salvo-conduto. As armas imperiais que ornamentam o navio bastam para lhe dar passagem. Xiu Lan permanece alguns dias a bordo, delegando a procura do mais belo palácio da cidade no seu intendente, um eunuco escolhido por Cublai. O intendente vem anunciar a Xiu Lan a descoberta de uma esplêndida moradia, mas que se encontra habitada. A favorita não se deixa desanimar e ordena que os inquilinos sejam imediatamente expulsos. Pouco depois, o intendente confessa que a missão fracassou. Furiosa, tanto mais que a espera se revela longa, Xiu Lan decide deslocar-se pessoalmente, a despeito dos protestos do eunuco. Exige ser acompanhada por um criado que a proteja com uma sombrinha, privilégio reservado aos indivíduos de condição imperial.

Impressionados, os habitantes do palácio abrem-lhe as portas que haviam mantido fechadas aos apelos do intendente. O porte altivo da cabeça, os adornos dignos de uma princesa são suficientes para os persuadir de que se encontram na presença de uma personagem importante. Prosternam-se diante de Xiu Lan com todos os sinais de respeito, saudando a memória dos seus antepassados. Com a raiva fria que lhe é habitual, dá a volta a uma ampulheta, marcando o tempo de que dispõem para desaparecer, com a família e os bens que possuem, sob pena de serem fustigados no pátio do palácio perante a criadagem. Aos infelizes não lhes resta senão obedecer. Uma vez fechadas as portas, Xiu Lan sente-se em casa naquele palácio outrora habitado pelos imperadores chineses Song. A despeito da estrita disciplina a que se submete, Xiu Lan permite-se esboçar um sorriso pela primeira vez há muito tempo.

O barco balança no mar turquesa. Seis meses antes, Marco partiu do porto de Zayton, (1) no sul do império. Mudando de navio, consoante o destino que leva, instala-se finalmente naquele que o conduzirá ao fim da viagem.

Nota 1: Quangchou.

Primeiro, pensou viajar por terra. Mas a travessia das montanhas do Oeste era perigosa. A situação no Império Birmanês era insegura, tanto mais que Marco guardava uma terrível recordação do clima e da vegetação luxuriante, capaz de devorar um homem. Os perigos marítimos das tempestades e dos piratas pareciam-lhe menores. Pietro Tártaro não lhe presta nenhum auxílio, doente durante a maior parte da viagem, encolhido no fundo do camarote, a despeito das recomendações do amo. O veneziano é praticamente o único a admirar a paisagem das costas chinesas que desfilam à sua frente. A floresta é densa, os tons de verde intensos e versáteis sob o efeito da bruma. Marco preferia ter evitado a estação das chuvas, mas os atrasos da navegação decidiram de outro modo. Aproveita o tempo para pôr a correspondência em dia, embora não esteja certo de que todas as missivas venham a atingir o destinatário, tão incerto é o correio por barco.

Por fim, o grito do marinheiro de vigia desperta a atenção dos passageiros. Pousando o pincel, Marco precipita-se para a proa do navio. No horizonte, desenha-se uma linha ao nível do mar: a ilha de Ceilão. À medida que o navio se aproxima, o veneziano distingue a silhueta dos coqueiros, dominando as margens.

Mal a embarcação atraca, Marco manda desembarcar as bagagens. Ocupa-se pessoalmente da escolha de um albergue no centro da cidade. É o único estrangeiro. O hospedeiro recebe-o com surpresa. Depois, o visitante deambula pelas ruas, descobrindo as maravilhas do reino. Os habitantes estão habituados a receber mercadores estrangeiros. Abordam Marco em persa e árabe, louvando a beleza dos seus produtos, safiras ou tapetes. O veneziano compra um pão redondo, recheado de geleia de óleo de sésamo e mel. Enquanto saboreia o pão, demora-se a observar os magníficos marfins esculpidos. Apesar dos riscos da viagem, ladrões e piratas em particular, decide adquirir um par de defesas de tamanho impressionante. Representam um palácio de colunas trabalhadas onde se entrelaçam dançarinas de formas generosas que se oferecem ao prazer dos homens. Os rostos e os corpos são todos diferentes. As silhuetas estão ornamentadas de jóias e pérolas. O vendedor oferece-lhe dois banquinhos de madeira de sândalo e um colar de pedras-da-lua. De regresso ao albergue, Marco atravessa um vasto parque de caneleiras, cuja casca *é* uma especiaria que contribui para a riqueza do reino. Muito diferente dos jardins bem cuidados de Khanbalik, este é um labirinto de alamedas tortuosas. Divertido, Marco perde-se no dédalo de pequenos lagos e sebes, antes de retomar o caminho do albergue. É um edifício caiado. A sua arquitectura é de inspiração chinesa, com telhado de pagode. As madeiras à vista são decoradas com desenhos vermelhos sobre fundo amarelo. Ergue-se no meio de um jardim de odores inebriantes.

Ao transpor o limiar, espera-o a surpresa de ver as bagagens à porta, quando Pietro as depositara no quarto. Chama o estalajadeiro. O homem, sem lhe responder, acena a alguém. Um jovem magro e bem constituído, usando uma simples tanga em volta das ancas e um grande bigode, saúda o estrangeiro, juntando as mãos na testa. Um enorme turbante cobre-lhe o cimo da cabeça.

- Peço desculpa, mas o senhor não pode hospedar-se aqui - declara ele, numa voz serena.

- E por que não? - pergunta Marco, irritado.

- Poderia responder que todos os quartos se encontram ocupados mas é sempre mais simples dizer a verdade: o senhor é um estrangeiro. E nós temos de observar as regras da nossa casta, que não são compatíveis com a sua presença.

Marco suspira.

- Saberia adaptar-me, pois não pretendo interferir na vossa disciplina.

O homem parece embaraçado. Aproxima-se, mantendo uma distância respeitável, e murmura:

- A cozinha é aqui ao lado e não poderíamos comer nenhum alimento em que os seus olhos tivessem pousado.

Incrédulo, Marco encara o homem. Parece culto. A sua franqueza é uma qualidade preciosa.

- Como te chamas?

- Chamo-me Satya - respondeu ele, esboçando uma vénia.

- Satya, aceitarias ser o meu guia? - pergunta o veneziano, vivaço. - Pago bem.

Surpreendido, o outro reflecte.

- Arranjaríamos maneira de não contrariar as regras da tua casta - propõe Marco. - De que necessitas?

- Preciso do meu próprio criado, bem como de provisões.

- Muito bem.

E para dormir? - pergunta o veneziano, apontando para o albergue.

- Vou conduzi-lo a um local reservado a estrangeiros.

* * *

Durante muito tempo, Dao Zhiyou erra por prazer pelas ruas de Hangchou. Os canais serpenteiam por baixo de pequenas pontes. Reconhece o bairro dos curtidores. Aproxima-se do hospício onde passou alguns meses. Nesse tempo, não sabia se ainda estaria vivo no dia seguinte. Não confiava em ninguém. Teria sido capaz de matar por uma taça de arroz. Só tem onze anos, mas parece-lhe que foi numa outra existência.

Ouve os garotos que brincam no pátio. Uma confusão de risos e gritos. A emoção estrangula a garganta do rapaz.

Subitamente, ao afastar-se, é interpelado por uma voz:

- Dao! És tu?

Dao Zhiyou volta-se e depara, surpreendido, com um garoto magro que mal reconhece. Tem tiques, está constantemente a virar a cabeça de um lado para o outro.

- Xighang?

Que fazes aqui?

- E tu, nem posso crer, pareces um príncipe! Julgava-te morto e regressas vestido como um mandarim!

Dao cora de vergonha. Naquele tempo, viviam a mesma existência. Dao protegia-o do mal, graças à sua elevada estatura. Xighang partilhava o espólio dos miseráveis roubos. Ambos angariavam clientes para as raparigas albergadas por detrás das lanternas vermelhas.

- Estive em Khanbalik. Mas agora regressei - disse Dao, como para se justificar.

Cala-se, incapaz de falar da sua nova condição.

- Por mim, continuo a trabalhar para as raparigas do bairro das flores. Sinto a tua falta, sabes?

- Eu também.

Instala-se entre os dois um longo silêncio. Dao olha para os pés, embaraçado.

- Vem, anunciaram um grande macaréu, um verdadeiro maremoto! Vai ser muito divertido! - exclama Xighang.

Arrasta o amigo para a foz do rio. Já ali se encontra amontoada uma enorme multidão. Cobre as margens do rio dos dois lados, aguardando a passagem do monstro.

Vêem-se pessoas de todas as idades, crianças, velhos, homens, mulheres. Vêem-se mesmo estrangeiros. Uns de pé, outros confortavelmente sentados, excitados ante a ideia de assistir à subida das vagas. A baía de Hangchou está coberta de gente.

De passagem, Xighang dirige-se às pessoas que se encontram mais perto das margens.

- Saiam daí, vão molhar-se.

Dao e Xighang sobem à torre do pagode das Seis Harmonias. Foi construído na colina Yuelan, dominando o rio Qiantang. O edifício conta apenas trezentos anos. Já ali se encontram outros garotos que chegaram

primeiro mas lhes cedem de boa vontade um pouco de espaço, como se a fúria do dragão que se anuncia obrigasse ao respeito por todos.

Um letrado instala-se perto deles e explica-lhes que o macaréu de Hangchou é espectacular por o estuário ser em forma de funil. Mas Dao Zhiyou presta-lhe pouca atenção. Avista um rosto que lhe desperta a atenção. Redondo e liso, a boca levemente desenhada, sobrancelhas cinzentas, um rosto de boneca inacabada. Não tira os olhos daquela personagem, interrogando-se por instantes sobre a natureza do seu sexo. É quando a silhueta se volta e Dao lhe vê a longa trança rodear-lhe a cintura que adquire a certeza de que se encontra na presença de uma fada.

- Dizem que as pessoas vêm ver o macaréu de Hangchou desde a dinastia Tang - prossegue o letrado, orgulhoso dos seus conhecimentos. - O próprio imperador deslocava-se até aqui no décimo oitavo dia da oitava lunação, dia do aniversário do Espírito das vagas.

No meio da multidão, curiosos bem trajados aguardam, com uma taça de chá na mão, servido por escravos atentos. Xighang aponta-os a Dao e ambos gracejam com o espectáculo que, involuntariamente, lhes vão oferecer. De repente, Dao avista, não muito longe dos notáveis, a jovem de rosto surpreendente.

- Xighang, parece-te que aqueles ali adiante se irão molhar?

- Pior ainda: vão afogar-se! O dragão negro não perdoa! Devemos levá-lo a sério e rodear-nos de mil precauções para escapar à sua fúria.

Dao desce do poleiro a toda a pressa, ignorando as perguntas do amigo. Acotovelando toda a gente, abre passagem até à margem. Quando se aproxima da rapariga, vê-a levantar o braço.

- Ali vem ela! - exclama a jovem, numa excitação.

Dao Zhiyou olha na direcção que ela apontou. Surge a vaga. De longe, assemelha-se a um arco-íris que se ergue do oceano. Lentamente, começa a engrossar, num tumulto ensurdecedor, como se dez mil cavalos se lançassem a galope ao mesmo tempo. A espuma borbulha à superfície.

Nas margens, houve quem esporeasse as montadas para tentar perseguir a vaga. Soltam gritos de alegria, ao mesmo tempo que chicoteiam os cavalos.

A grande vaga galga o rio a toda a brida. As ondas sucessivas propagam-se com uma rapidez crescente, as últimas juntam-se às primeiras, como para ganhar uma hipotética corrida. É um espectáculo majestoso. A

vaga embate fortemente contra uma rocha a meio do rio, provocando um enorme jacto de água que se ergue a várias alturas de um homem, molhando tudo à sua volta entre exclamações de alegria.

O rio torna-se um imenso campo de vagas. As maiores, distando entre si uma dezena de metros e tão altas como as maiores casas de Hangchou, propagam-se por uma centena de *lis,* antes de desaparecerem com o enfraquecimento da maré, em fortes remoinhos.

Subitamente, a vaga incha, torna-se enorme, tão alta como o templo das Seis Harmonias. Penetra pelos campos, força a passagem, inunda tudo o que a rodeia. É uma vaga imensa, um mar que ondula como uma serpente até encontrar lugar na cidade. Um pequeno barco de pesca é tragado pelo primeiro rolo das águas, como se fosse preciso apaziguar o humor belicoso do monstro. Os navios atracados no cais rompem as amarras sob a violência da vaga e vêm embater contra o cais. Só as barcaças paradas no meio do rio conseguem deixar-se içar até ao cimo da barra para cair do outro lado da barreira de água, molhadas mas intactas. O dragão negro desloca-se a uma velocidade vertiginosa, num silvo inquietante. É enorme, incha nas margens. As vagas sobem tão alto no céu que os curiosos até se esquecem de olhar para a sua progressão. Fogem soltando gritos de terror. Há pessoas que caem, esmagadas pelo atropelo das outras. Agora, são os gritos que dominam as exclamações da multidão. As vagas apresentam-se cada vez em maior número e cada vez mais altas, como se quisessem devorar os miseráveis pequenos seres humanos. Uma água lamacenta abate-se violentamente sobre os presentes.

Como simples figurinhas de porcelana, muitas pessoas são arrastadas pela força da ondulação. Dao Zhiyou mal tem tempo de ver desaparecer a rapariga numa massa de espuma acastanhada. Precipita-se, mergulha a mão ao acaso, agarra um braço e puxa com toda a força.

Do pagode das Seis Harmonias, Xighang não perde pitada do espectáculo. Vê o amigo correr em auxílio da jovem, arriscando a própria vida. Dao pega-lhe pelos ombros, esforçando-se por lhe manter a cabeça fora da água. A rapariga solta gritos estridentes, de olhos fechados.

Dao é por sua vez arrebatado. Envolvido num turbilhão, acaba por dar consigo abraçado a ela, deitado em terra firme. Estão encharcados, cobertos de lama. Sem mais demoras, Dao ergue-se e arrasta-a atrás de si. A rapariga põe-se de pé. Correm para o pagode, em busca de abrigo. Por fim, à sombra

de um ácer de folhagem avermelhada, recobram o fôlego. Trocam um olhar. São da mesma altura, mas ela é muito mais esbelta do que ele. Molhados, cobertos de lama, apresentam um aspecto lamentável. Começam a limpar o lodo que os cobre. De repente, soltam uma gargalhada libertadora da tensão acumulada.

Xighang junta-se a eles.

- Dao, enlouqueceste! Poderias ter-te afogado! A propósito, onde aprendeste a nadar tão bem?

- Com o meu pai - responde o rapaz, rindo.

- Que sujos! - exclama Xighang, incapaz, por sua vez, de conter o riso.

Acompanham Xighang através das ruelas estreitas de Hangchou. Dao surpreende-se por a rapariga não regressar para junto dos companheiros que deixou na baía. Pergunta-se se ela não estaria sozinha. Seria muito insólito, mas o mistério que a rodeia é suficiente para nada o espantar. Atravessam pontes por cima dos canais.

Alcançam uma pequena praça isolada. Aí, Xighang estende-se junto do canal para molhar a nuca. Apodera-se de uma selha cheia de roupa que despeja no chão. Passa-a a Dao, que a entrega à rapariga. Esta agacha-se e enche-a de água. Depois, entorna-a sobre a cabeça. A lama escorre-lhe ao longo do corpo. A trança desfeita descai-lhe pelas costas, revelando uma interminável cabeleira negra. Esfrega a lama metodicamente para se limpar. Os seios em formação despontam através da roupa que a cobre. Ruborescido, Dao desvia o olhar. Ela bate-lhe no ombro para lhe devolver a selha. Dao procura pegar na selha sem olhar para a companheira, mas deixa-a cair desajeitadamente. Ouve de novo uma gargalhada.

- Chamo-me Li Wa - apresenta-se ela.

- E eu Xighang! - intervém Xighang.

Dao afasta-se de dentes cerrados, estupefacto. Estabelece-se uma conversa entre Li Wa e Xighang. A surpresa suscitou o ciúme no coração de Dao. Fervilhante de raiva, lança a selha para a água e mergulha no canal, salpicando os outros dois. Xighang solta um grito. Dao permanece um longo momento debaixo de uma água turva e lamacenta. De faces inchadas, sente-se prestes a asfixiar. De repente engole água. Sufocado, remonta rapidamente à superfície. Com os olhos cheios de lodo, procura a margem.

- Por aqui, Dao, por aqui! - exclama Li Wa.

Ouvir o seu nome é o suficiente para que Dao Zhiyou sinta o peito inchar de esperança. Aproxima-se da margem. Apoiando-se nas mãos, guinda-se para o rebordo e cospe a água que lhe enche o peito no rosto de Xighang. Li Wa solta uma gargalhada.

Depois estende-lhe a mão, sorrindo.

- Sabes o meu nome? - pergunta ele, trepando para terra firme.

- Xighang dissemo. De onde vens?

- De Khanbalik - responde ele, antes de se aperceber da alusão ao seu sangue mestiço.

Dao finge não compreender.

- Tens fome? - pergunta ele, decidido a não se mostrar mais explícito.

A rapariga acena com a cabeça, de olhos brilhantes. Ignorando Xighang, Dao condu-la à Ponte dos Hortelãos.

- Xighang, meu caro, volta para junto das tuas flores de lua. Está a escurecer. Elas precisam de ti.

Xighang dá meia volta, entre resmungos.

Dao pega discretamente em várias notas, preparando-se para comprar uma bela melancia que o vendedor lhe corta em forma de leque. Em seguida, instalam-se à beira do canal, na pequena praça banhada pelo sol de Outono. Oferece um pedaço de fruta a Li Wa. Esta devora-a com apetite. Dao fixa a boca da rapariga, evitando olhar-lhe para o corpo.

Dao trinca a fruta sumarenta. O suco adocicado funde-se-lhe na boca, saboroso e refrescante à saciedade. Depois do sabor amargo da lama, o da melancia, doce, é um divino prazer. Dao cospe as sementes para o canal. Comem em silêncio. O sumo escorre pelo queixo de Li Wa, deixa-lhe um traço cor-de-rosa no pescoço, abre caminho pelo meio dos ombros magros, desaparece no mistério da roupa. Deixam-se estar assim, em silêncio, até que o sol se recolhe por detrás dos telhados altos das casas. Só então Li Wa se levanta, limpando as mãos às coxas. Espera que Dao se disponha a levantar-se também. Em seguida, despede-se, juntando as mãos à sua frente.

- Obrigada, Dao Zhiyou. Sem ti, teria morrido. O que seria uma grande desgraça para o império...

Ele saúda-a, mudo. Depois, vê-a afastar-se. A rapariga volta-se repetidas vezes, acenando-lhe com a mão. Dao ignora como retê-la, embora saiba que disso depende a sua vida. Vendo-a desaparecer, larga a correr, em vão.

A equipagem de Marco abandonou a costa há vários dias. Embrenha-se na floresta densa. Para maior comodidade, Marco adquiriu elefantes. O grupo transpõe um pântano coberto de canas. O veneziano vê-se obrigado a baixar a cabeça sobre o pescoço do elefante, tão abundante é a vegetação. Aplica-se numa dança permanente de contorções, a fim de não esbarrar contra os ramos emaranhados das árvores ou de não se deixar ferir pelas lianas suspensas. O único meio de lutar contra o calor consiste em cobrir os ombros com um pano húmido, que tem de ser constantemente molhado.

Enquanto retira o pano da nuca, Marco avista ao longe, numa clareira da verdura, um fumo cinzento que se eleva no ar. Se for um incêndio, terão de escolher outro caminho. Marco prepara-se para discutir o assunto com o guia, mas este não se mostra preocupado.

Subitamente ouve-se um grito, dominando os sons habituais da floresta:

- *Dio! Lascate mi!*

Marco fica tão surpreendido por ouvir falar genovês que demora algum tempo a aperceber-se de que compreende aquela língua. Volta-se, interrogativo, para o guia hindu. Este faz-lhe sinal de que se mantenha quieto. Os gritos ressoam ao longe. Marco espicaça os flancos da montada. O elefante lança-se a trote.

Os homens de Marco seguem-no, sem compreender a razão da brusca aceleração do amo.

A floresta adensa-se subitamente. Os raios de sol têm dificuldade em se infiltrar. Dir-se-ia que a noite caiu de repente. Marco apeia-se do elefante, que confia à guarda de Pietro Tártaro. Armado com um sabre, desbrava a passagem através da folhagem.

Calmamente, afasta folhas enormes até chegar a uma clareira onde se encontra uma centena de pessoas. Uma mulher nua banha-se num pequeno charco escuro. Encontra-se rodeada de dançarinas e de cantoras. Não muito longe delas, como no calor de um forno, arde o pedaço de um tronco, deixando escapar o fumo que Marco avistara.

Solidamente preso por uma dezena de homens, um cristão debate-se como um diabo, de rosto vermelho pelo esforço desenvolvido.

O veneziano avança num passo tranquilo, de sabre bem à vista.

Vendo Marco, o prisioneiro crispa-se numa expressão que é uma mistura de estupefacção e alívio. Interroga-se sobre a identidade daquele homem de traços latinos mas vestido de mandarim, de rosto cinzelado pelos

anos passados a percorrer estradas, e cujos olhos claros lhe iluminam o rosto como uma lua cheia em plena noite.

- *Quem é o senhor? Ajude-me!* - exclama ele em latim, num tom de terrível desespero.

Marco embainha o sabre. Examina por sua vez o estrangeiro. De cabeleira negra e farta encimada por um chapéu de feltro, manto de brocado demasiado quente para aquela região, o homem podia ser veneziano. Marco avança para o grupo de homens e saúda-os.

- Quero falar com o chefe - diz ele em persa. Aproxima-se um velho.

Marco curva-se respeitosamente, fazendo os gestos que aprendeu quando chegou à ilha de Ceilão. O velho responde da mesma maneira. Marco exibe as tabuinhas de ouro do Grão Cão.

- Sou embaixador imperial, em missão junto do vosso soberano, a fim de trocar uma mensagem de paz.

- A tua presença é uma honra - diz o ancião.

- Que fez este homem? - pergunta Marco, apontando para o estrangeiro.

- Tentou subtrair uma viúva à honra de se juntar ao marido. Tem de ser castigado.

Desde que chegou a Ceilão, Marco conhece o destino reservado às esposas dos defuntos: queimadas ao mesmo tempo que os restos mortais do marido.

- Que sorte lhe reservam?

- A mesma que a da mulher. Assim, terá a possibilidade de se reencarnar numa forma mais digna.

Marco engole em seco.

- Ele ignorava estas leis - defende o veneziano.

- Mas devia conhecê-las.

- A minha condição confere-me poderes de justiça. Entreguem-me o homem e prometo que será punido de acordo com os nossos costumes.

O velho reflecte demoradamente. Volta-se para os companheiros e troca algumas palavras com eles.

O estrangeiro lança um olhar angustiado a Marco. Se pudesse, ajoelhar-se-ia para rezar a última oração.

- Não podemos contrariar a vontade de um grande soberano. Mas exigimos que o castigo seja aplicado aqui. De contrário, não lhe será

permitido partir em paz - acrescenta ele, apontando para uma mulher que se aproxima.

Marco reconhece a silhueta que avistara no charco. Agora, enverga um simples sari de linho que lhe cobre a cabeça. O seu rosto respira serenidade. Marco curva-se num cumprimento. Depois, avança em direcção ao cristão. Este não pode deixar de se impressionar pela frieza do seu olhar azul.

- *Como te chamas?* - pergunta Marco em latim.

Atarantado, o estrangeiro tarda a responder.

- *Quem é o senhor?* - pergunta por sua vez, incrédulo.

- *Responde!* - ordena Marco, insistente.

- *Giovanni Doria. Sou mercador, originário de...*

- Giovanni Doria - declama Marco, num tom solene, retomando a língua persa -, por teres infringido as leis da ilha de Ceilão, condeno-te a receber...

Troca um olhar com o velho, que não o larga, impassível.

- ...cinquenta chicotadas! *Cinquenta chicotadas* - traduz Marco para latim, *mezza vocce.*

Desde que considerem suficiente...

- *Está louco!* - exclama Doria.

Ignorando-o, Marco dirige-se ao velho.

- Uma vez que o homem é da minha raça, não vos infligirei a vergonha de se conspurcarem. Eu próprio o castigarei. Soltem-no.

Hesitando entre o pavor e a incompreensão, Doria deixa-se arrastar até uma árvore de tronco grosso.

- *Senhor Doria, possui outras peças de vestuário além dessas?* - interroga Marco.

- *Com certeza* - responde Doria sem compreender.

Por meio de um gesto, o veneziano ordena que o prendam firmemente ao tronco. Doria segue os movimentos de Marco por cima do ombro. O velho deposita nas mãos do veneziano um comprido chicote destinado aos animais. Marco declina a oferta. Prefere o que traz à cinta, mais curto e mais grosso.

- *Não se preocupe, sou perito na matéria* - declara Marco, numa voz apaziguadora.

Num gesto largo, Marco ergue o chicote no ar e deixa-o cair nas costas do infeliz que solta um suspiro, cerrando os dentes. Com regularidade, contando numa voz forte, Marco inflige o suplício à vítima. No silêncio da

floresta, ouve-se estalar o chicote. À medida que aumenta o número de chicotadas, o mercador vai soltando gemidos cada vez mais difíceis de conter. A correia lacera o manto do estrangeiro. Marco sabe que, para satisfação dos ofendidos, terá de escorrer um pouco de sangue. Consegue adiar este momento até à décima quarta chicotada. Nas últimas, mais fortes, o homem torce-se de dor, enterrando as unhas na casca da árvore.

- *Cinquenta, acabou-se* - anuncia Marco em latim.

Doria deixa-se escorregar, apoiado no tronco.

O velho agradece calorosamente a Marco, enquanto este enrola o chicote e o prende à cinta. O velho convida-o a assistir à incineração. O veneziano, que não pode declinar o convite, aceita, honrado. Em mongol, chama Pietro Tártaro a quem ordena que solte Doria e o afaste dali antes de lhe aplicar um curativo.

Trazem o corpo do defunto, envolto numa mortalha de pano grosseiro. A miséria na região é tanta que não está em causa queimar peças de vestuário de luxo, ignorando-se a propagação da epidemia se a pessoa tiver morrido de doença. Oficiantes derramam óleo de sésamo sobre as brasas a fim de atear o lume.

Por fim, o cadáver é lançado nu à fogueira. O corpo fica então exposto à luz ardente. Os membros elevam-se sob a carícia incisiva das chamas. Derradeiras contorções deformam o corpo como se este se debatesse. O morto ergue-se. O crânio explode num estalido seco que provoca um sobressalto em Marco. Este não consegue desviar o olhar do espectáculo fascinante e ao mesmo tempo revulsivo. Instintivamente, benze-se, murmurando uma breve oração entre dentes.

Subitamente, ouvem-se os músicos que começam a tocar timbales. Para a viúva, chegou o momento de seguir o destino do marido. A mulher leva as mãos à cabeça numa saudação ao fogo e lança-se imediatamente às chamas. Os homens começam logo a cobrir o corpo com feixes de lenha suficientemente pesados para a impedir de fugir, reflexo último de sobrevivência. Eleva-se ao céu uma chama mais alta do que as outras. Gritos terríveis ressoam por toda a floresta. Marco vê o corpo agitar-se numa louca energia. Cambaleante, dá meia volta. Enfrenta então Doria que também assistiu ao sinistro espectáculo. Branco como cal, o seu rosto reflecte uma aterradora expressão de susto.

Marco precipita-se para a montada e ordena que partam a galope.

* * *

Avançam até ao cair da noite sem trocar uma palavra. A equipagem de Doria juntou-se à do seu salvador. O mercador segue ligeiramente atrás do veneziano. Apesar das dores que sente, esforça-se por fazer boa figura. Marco sente nas costas o peso do seu olhar. Depois de partirem, ordenou que fizessem uma paragem para que Doria pudesse trocar por outra a roupa desfeita em tiras, a fim de lhe evitar a humilhação de aparecer naquele estado à frente dos seus homens. É quase noite escura quando montam o acampamento. Como é habitual, o guia hindu afasta-se com o criado particular, a fim de prepararem a refeição e de a tomarem longe dos olhos dos estrangeiros. Quando Doria se dirige para a tenda, Marco interpela-o em latim:

- *Senhor Doria, convido-o a partilhar a minha refeição.*

Doria encara-o sem uma palavra, antes de desabafar, taciturno:

- *Va bene.*

Atrás da tenda, Marco passa muito tempo a lavar-se, como se quisesse apagar da pele toda a sujidade e mesmo o cheiro a fumo. Exige que lhe forneçam roupa lavada, que perfuma com a ajuda de um pedaço de almíscar. Está a pentear a barba quando Pietro lhe anuncia a chegada de Doria. Marco penetra na tenda e senta-se no chão, de pernas cruzadas, em frente de uma mesa baixa.

- Diz-lhe que entre.

Doria retomou as cores. É um belo homem que parece pouco mais velho do que Marco.

- *Entre e sente-se, senhor Doria.*

Marco adopta o latim, língua comum a todos os cristãos.

- *Sirva-se, estes vermes são muito aromáticos* - prossegue ele.

Horrorizado, Doria vê Marco apoderar-se de uma enorme lagarta viva, cortar-lhe delicadamente a cabeça e mastigá-la, deliciado. Doria não disfarça um esgar de repulsa.

- *Faz mal, é excelente para revitalizar a energia* yang.

Doria olha para ele, incrédulo. Em Génova, considerava-se um aventureiro. Enquanto os irmãos abraçavam a marinha de guerra, ele

preferiu a actividade de mercador. Julgava-se endurecido. Frente a este desconhecido de tez crestada por anos de sol, de olhar brilhante como um diamante azul, de estatura de Hércules e estranho sotaque, Doria tem a desagradável sensação de ser um fidalgo vestido de seda que nunca usou a sola dos sapatos para lá do molhe do porto de Génova.

- O *meu escravo preparou-nos um camaleão recheado de curcuma, já provou?* - prossegue Marco, num tom natural.

Doria hesita por momentos, procurando sentar-se. Acaba por imitar Marco, instalando-se com dificuldade à sua frente.

- *Agradeço-lhe por me ter salvo a vida, senhor...*

Marco julgou entender que Doria se lhe dirigira num tom que, sob outros céus, exigiria um duelo.

- *Não falemos mais no caso* - replica o veneziano. - *Se conhecesse a língua persa, teria dispensado a minha ajuda.*

- *Pratico essa língua...!* - apressa-se a exclamar Doria. Bruscamente, cala-se. Pela primeira vez na vida, compreendeu que não bastava conhecer uma língua para se fazer ouvir.

- *Escrevo melhor do que falo* - afirma ele, em jeito de desculpa.

- *Devia ter redigido um relatório.*

O gracejo fere Doria. Marco chama o criado em mongol para que os venha servir. Pietro enche as taças com um líquido esbranquiçado.

- *É a terceira vez que lhe pergunto o seu nome, senhor - insiste* Doria, impaciente. - *Quem é o senhor? Fala a minha língua e fala também a destes... selvagens, estes bárbaros! O senhor tem as feições de um fidalgo dos nossos portos, mas o olhar de pirata do mar alto. Salvame a vida, mas para melhor me infligir um castigo humilhante, e pelas suas próprias mãos!*

Marco pergunta-se qual destas recordações será a mais dolorosa para o genovês.

- O *senhor viaja com uma equipagem digna de um príncipe, mas come sentado no chão. Quem é então o senhor?* - remata Doria.

Marco sorve pequenos goles. Aqui, não há aguardente de arroz, nem vinho. Saboreia com curiosidade o leite de coco que faz parte do quotidiano dos habitantes. Ao ouvir Doria, Marco avalia pela primeira vez a distância que agora o separa das suas origens. Pergunta-se se algum dia será capaz de regressar a Veneza. A cidade deve ter mudado, mas com certeza menos do que ele. Apresentar-se-ia como um estrangeiro, desconhecido do Doge,

quando nestas paragens, ao longo dos anos, foi granjeando os favores do Grão Cão, o maior imperador do mundo. Que mais poderia desejar? No entanto, a presença deste estrangeiro - como é possível considerar estrangeiro um cristão? - deixa-o pouco à vontade. Conhecer um mercador de uma cidade vizinha da sua, aqui, a milhares de léguas de Veneza, mergulha-o numa vaga de nostalgia da qual nunca teria suspeitado.

- *Quem é o senhor?* - repete Doria, agitando-se. - *Eu sou um mercador de Génova, parti de Ormuz há três meses. Acostámos na ilha de Ceilão em busca de rubis, que consta serem famosos. Quis aventurar-me pelo interior das terras, por simples curiosidade. Foi então que assisti àquela preparação da fogueira. Tinham estendido um resguardo entre a mulher e o fogo. Quando os vi retirar o resguardo, compreendi ao que a destinavam. O sangue ferveu-me nas veias. Precipitei-me para os impedir de prosseguir, agindo como qualquer fidalgo.*

Absorto nos seus pensamentos, Marco fixa demoradamente o genovês. De repente, o seu passado acode-lhe à ideia e provoca-lhe um nó na garganta. Sente a boca seca. Pousa a taça do maldito leite de coco. Tanto em Veneza como em Génova, a vida prossegue o seu caminho. Os parentes que deixou na sua terra devem considerá-lo morto. Sem remexer em recordações, pensa em Donatella, a sua paixão da juventude, perguntando-se qual terá sido o seu destino. Pensa no filho Dao Zhiyou, um bastardo. Mas não se terá ele próprio tornado um bastardo? Nem completamente súbdito do império, de modo algum cidadão de Veneza... A sua aspiração é reencontrar o luxo tranquilo do palácio de Khanbalik. Todavia, admite que só se sente bem montado num cavalo, ignorando que tecto o albergará na próxima noite. A essência da sua felicidade consiste em se saber no âmago desta pungente solidão em que o horizonte do possível se alarga até ao infinito. Parece-lhe então que os seus passos alargam os limites. Desconhecido de todos, cada dia é uma nova aurora de um mundo a construir.

- *Então por que saltou ela para a fogueira?* - insiste Doria, subtraindo Marco aos seus pensamentos.

O veneziano passa a mão pela testa.

- O *homem que queimaram era marido dela. Aqui, partilhar o destino do marido é uma honra para a viúva. As que se recusam a fazê-lo são atingidas pelo opróbrio e rejeitadas pela sociedade. Desonram as famílias,*

são repudiadas e não encontram lugar em parte nenhuma. É a sua fidelidade que está em causa. Doria reprime um arrepio.

- *Como pode um cristão permitir tal procedimento?*

- O *meu nome é Marco Polo. Sou embaixador do Grão Cão, súbdito do império.*

- *O senhor, um oficial da corte imperial?* - exclama Doria, estupefacto. - *Mas o senhor não é...*

O genovês tem a impressão de que o homem à sua frente não existe. Só pode tratar-se de uma ilusão.

- *Há quase quinze anos que saí de Veneza, muita água deve ter corrido por debaixo das pontes dos canais. Se o senhor quiser regressar a algum porto na costa, fornecer-lhe-ei uma escolta.*

Marco vê brilhar nos olhos do genovês um lampejo de curiosidade insaciável. Agora, o que mais o preocupa é fugir ao seu próprio passado, bem como ao mal-estar que o invade sempre que é observado como um animal curioso. Acabou por se habituar aos olhares dos chineses e dos mongóis. Descobrir o mesmo brilho nos olhos de um latino causa-lhe uma sensação estranha. Prefere abreviar a entrevista. Levanta-se e despede-se do genovês, que o imita precipitadamente.

- *Deixe-me a sós, senhor Doria. Receio que os acontecimentos do dia me tenham afectado mais do que imaginara.*

- Senhor, não pretendo de modo algum incomodá-lo.

- O *meu escravo servi-lo-á na sua tenda.*

Mal vê desaparecer o genovês, Marco suspira de alívio. Instala-se no abrigo constituído pelo mosquiteiro de linho, mas não consegue conciliar o sono. Dá voltas na cama, debatendo-se contra múltiplas e difusas angústias. O luar ilumina as peças do seu vestuário, cuidadosamente dobradas. Passa o resto da noite a observar o trabalho paciente de uma minúscula aranha que constrói uma teia entre as botas. Não poderá deixar de sentir um profundo pesar quando, horas depois, varrer com as costas da mão aquela obra maravilhosa.

Na tenda, Doria estende-se penosamente de ventre para baixo. Ainda sente a tortura das chicotadas. Censura o veneziano embora saiba que estava em causa a sua vida e porventura também a dele. Arrepiado, recorda as advertências prodigalizadas pelos marinheiros: naquelas paragens, os marajás são adeptos do suplício da empalação ou, então, mandam esfolar

vivos os prisioneiros antes de encher de palha a pele tornada inútil. Pergunta-se se pedirá a Marco Polo que o embarque na sua galera para regressarem ao seu país. Não lhe passa pela ideia que o veneziano possa desejar continuar na terra daqueles bárbaros. Reflecte até adormecer, sem desconfiar de que, de manhã, o veneziano terá partido sem mais uma palavra de despedida, deixando-lhe uma escolta encarregada de o acompanhar até ao porto mais próximo.

* * *

- Senhora Lan, um pedido de audiência de um médico.
- Dá-lhe dinheiro e manda-o embora.

Nua, confortavelmente instalada numa grande almofada de seda, Xiu Lan está a esfregar o corpo com uma gordura especial que suaviza a pele e a impede de engelhar com o tempo. Comprou-a num embalsamador que foi encarregado de esquartejar a baleia que deu à costa dois anos antes, na baía de Hangchou. Debruçada sobre a coxa, é de novo incomodada. A porta abre-se.

- Então, eu disse que não queria...

Cala-se repentinamente. Quem se encontra à sua frente não é o criado. Nunca conseguiu esquecer o rosto terrivelmente desfigurado de Ai Xue, recordação dos cárceres mongóis. Traz nas mãos deformadas a cabaça de médico. Xiu Lan cobre-se imediatamente com uma túnica. Aperta-a contra o corpo, de braços cruzados, olhos baixos. Gostaria de resistir, mas não consegue deixar de se sentir percorrida por um arrepio. Não é um homem que a encara, de pés bem assentes no chão, observando-a da cabeça aos pés, penetrando bem fundo na sua alma, é a encarnação do Lotus Branco. A sociedade secreta apodera-se de todos aqueles em que fixa o olhar. Ingénua e cheia de esperança, sentira-se feliz quando Ai Xue a escolhera, ela que vivia perdida no meio dos altos planaltos, esgotada pelas tarefas domésticas e pelas reprimendas do pai. Ansiava por partir, e fora o que o homem lhe prometera. É verdade que abandonara a sua miserável condição e se vira instalada numa luxuosa casa de chá de Hangchou. Agora, calculava o preço a pagar. Sabia que, fosse qual fosse a sua protecção, mesmo imperial, teria sempre algo a pagar.

- Não me cumprimentas, Xiu Lan?

- Sim, com certeza, Senhor - diz ela, numa voz alquebrada. Lutando contra a repulsa, aproxima-se do homem que acaba de entrar no seu quarto e prosterna-se à frente dele como faria diante de um imperador.

- Sinto-me feliz por voltar a ver-te - prossegue ele. - Levanta-te, deixa-me admirar-te.

Xiu Lan obedece, crispada.

Ai Xue gira em torno dela, examina-a, avalia-a da cabeça aos pés.

- És muito bonita. Entre a idade e o dinheiro não sei o que te assenta melhor. Adivinhei que o teu corpo se tornaria um objecto de luxo logo que te vi, suja e meio coberta de farrapos na miserável cabana da montanha. Desmentiste a palavra do sage que disse: «Uma filha é mercadoria que se vende sem lucro.» Mas continua, não quero interromper-te.

Xiu Lan meneia a cabeça, incapaz de proferir uma palavra.

- Continua! - ordena ele, brusco.

A rapariga sobressalta-se. Instala-se de novo na almofada e pega num pouco de gordura. Escorrem-lhe das pálpebras lágrimas de raiva no momento em que destapa as pernas.

- O teu criado deu-me isto - diz ele, lançando o dinheiro ao chão. - És muito generosa, o que é bom. Mas o que eu quero é outra coisa, sabe-lo, não é verdade?

Cerrando os lábios, Xiu Lan abana a cabeça.

- Consta que partilhaste o leito imperial?

- É verdade, Senhor.

Pela primeira vez, Xiu Lan arrepende-se de o ter feito e gostaria de voltar a ser a camponesa anónima das montanhas.

- Dita a lei que, doravante, sejas intocável. Cumpriste-a?

- Com certeza, Senhor.

- Mesmo em relação a Marco Polo?

- Sim, Senhor.

- Muito bem - aprova ele calmamente.

Ai Xue aproxima-se dela. Ergue a mão deformada pelas torturas, Xiu Lan crispa-se.

- Mas, para mim, essa lei não é válida. Este imperador não é o meu. Nem o teu. O Lotus Branco espera muito de ti. Sabes isso, não é verdade?

Xiu Lan meneia de novo a cabeça, esforçando-se por conter as lágrimas.

- Então, apressa-te a obedecer. Depois, escreveremos a Marco Polo a fim de o tranquilizar quanto ao destino do filho.

A mão disforme que lhe aperta a coxa causa-lhe o efeito de uma queimadura na pele. Num gesto autoritário, Ai Xue agarra-a pelos cabelos e atrai-a contra si. Vencendo a humilhação, Xiu Lan esmera-se, ciente de que o seu futuro depende daquele momento. Sente o peso do olhar frio que a fixa. Conheceu dezenas de homens, mas nunca sofreu tamanha humilhação. Fecha os olhos para tentar esquecer. Como se o pressentisse, Ai Xue entala entre as mãos a cabeça da rapariga e orienta-a, implacável. Xiu Lan começa a tremer.

- Vou instalar-me em tua casa, mas sem o conhecimento de ninguém. Serei o teu médico particular, nada mais. Trouxe-te uma aprendiza perfeita para adquirir os teus ensinamentos. Certificar-me-ei pessoalmente de que se trata de uma boa aluna.

Em seguida, deita-a na almofada. Com uma persistência glacial, aplica-se demoradamente, porventura durante horas, brincando com o corpo da cortesã como o faria com uma boneca. Xiu Lan procura manter-se impassível, mas já se reconhece devastada por um acesso de fúria impotente. A raiva devora-lhe o coração. Que restará dela, depois de tudo isto?

Tendo-se distanciado algumas léguas da capital de Ceilão, Marco Polo encarrega o guia hindu de ir anunciar a sua presença ao marajá. Ao fim do dia, o embaixador do Grão Cão vê aproximar-se um corpo de guarda montando cavalos ajaezados como para uma parada. Marco Polo saúda-os respeitosamente. Apresentam-se, incumbindo-se de escoltar o embaixador até ao palácio. A noite cai bruscamente quando a embaixada alcança finalmente a cidade real. São autorizados a instalar-se nas proximidades do palácio, numa residência digna de um sultão. O pátio é sumptuoso, tal como o edifício, construído em tijolo azul envernizado. O telhado dourado tem a forma de uma cúpula. Um mensageiro adverte Marco de que o marajá o convida para a última audiência antes do jantar. O veneziano apressa-se a lavar-se e a mudar de traje, ajudado por Pietro Tártaro. O calor que reina é tão intenso que o obriga a mudar de roupa frequentemente. Em seguida, dirige-se a pé aos aposentos do monarca.

A vegetação ocupa uma grande parte da cidade, como se o homem fosse simplesmente tolerado neste local dominado pela natureza. Engastado num

estojo de verdura, e se bem que de dimensões mais modestas do que o do Grão Cão, o palácio do marajá é ainda mais fabuloso do que tudo o que Marco possa imaginar. Estátuas artisticamente esculpidas sustentam as múltiplas colunas que formam um friso por cima da ampla fachada. Lá dentro, mosaicos de pedras incrustadas decoram a sala de audiências. A luz do sol penetra através de sacadas de grandes dimensões.

Instalado num trono de espaldar alto, o marajá é um homem na força da vida, talvez de trinta anos de idade. Usa uma simples tanga, mas ostenta um comprido colar de rubis que lhe chega ao umbigo. Encontra-se rodeado por uma numerosa corte. O traje das mulheres, todas muito bonitas, reduz-se a um pedaço de tecido preso em redor da cintura. Sem pudor, Marco aprecia particularmente os seios nus. De pele escura, pendem-lhes do pescoço colares coloridos de rubis, topázios e safiras. Cobrem os braços com pulseiras, dos pulsos aos cotovelos.

Marco junta as mãos por cima da cabeça em jeito de saudação. Na sua qualidade de embaixador do Grão Cão, não pode haver nada mais humilhante. O rei dirige-lhe um rasgado sorriso, visivelmente satisfeito por o ver. Começa a falar com ele numa língua que o veneziano não conhece. Marco responde-lhe em persa. Um homem de turbante na cabeça, o intérprete, sem dúvida, avança em direcção a Marco e curva-se respeitosamente.

- O meu nome é Toqquz - anuncia ele em persa. - Seja bem-vindo ao reino de Ceilão. O nosso marajá sente-se muito honrado por receber um embaixador do Grão Cão.

Uma vez cumpridas as formalidades, Marco vai direito ao assunto, ansioso por cumprir a sua missão.

- Majestade, o Grão Cão ouviu falar das riquezas desta ilha. Consta em Khanbalik que possui pedras de grande beleza.

O rei sorri com um ar tranquilo.

- Eu não possuo nada. As pedras pertencem à terra que as oculta. Exploro-as unicamente para honrar essa mesma terra.

O *que não o impede de vender a preço de ouro rubis destinados aos quatro cantos do império,* pensa o veneziano.

Marco limita-se a dirigir-lhe o seu mais bonito sorriso.

- O imperador pretende criar laços de amizade entre o império e o reino de Ceilão.

O marajá esboça uma expressão de altivez, ciente do sentido que o Grão Cão atribui à amizade. Para um pequeno reino como o seu, significa pagar um tributo para ter o privilégio de ser vassalo do império, aceitar receber tropas mongóis no seu solo. O Grão Cão poderá exigir uma parte dos lucros do comércio de pedrarias, pôr em circulação a sua moeda, cobrar taxas imperiais e causar muitos outros embaraços que não interessam ao marajá.

Apercebendo-se do ar enfadado do soberano, Marco prepara-se para um combate cerrado.

- A viagem deve tê-lo fatigado - sugere o rei através do seu intérprete. - Convido-o a recobrar as forças sem demora.

O veneziano compreende o sentido deste convite, que se assemelha a uma despedida. De acordo com os costumes da terra, terá de comer ao abrigo dos olhares e, portanto, de regressar sozinho ao seu palácio. Gostaria de ter ultrapassado rapidamente esta fase da missão. Decepcionado pela primeira audiência, demasiado breve, Marco saúda humildemente o monarca e retira-se, carregando um estranho pressentimento.

IV

A FLOR DO DESEJO

De regresso ao palácio posto à sua disposição, Marco tem a surpresa de descobrir que foi organizado um banquete em sua honra. As montanhas de frutos e de carne não tardam a abrir-lhe o apetite. Instala-se e, como é seu hábito, começa pelo que não conhece. Pega num bolo frito em manteiga recheado de carne picada. Seduzido por esta iguaria muito aromatizada, saboreia-a demoradamente antes de identificar a preparação à base de amêndoas, nozes, pistácios, cebola e especiarias. Pietro Tártaro serve-lhe leite de coco fermentado numa taça de ouro. Depois dos pedaços de carne assada ensopada num molho grosso de sabor a flor, Marco ataca as guloseimas. No fim da refeição, Pietro serve-lhe água com açúcar cristalizado num copo de prata. A mesa cobre-se de frutas cristalizadas em sal, de gengibre e de cachos de pimenta fresca.

Marco está deliciadamente entretido a chupar uma manga, quando Pietro Tártaro lhe anuncia a visita de um criado do marajá.

- Ele que entre - concede Marco, depois de limpar a boca.

Entra Toqquz. Saúda o embaixador do Grão Cão à maneira indiana, de mãos juntas por cima da cabeça. Mas Marco só tem olhos para a jovem que o acompanha. Com o corpo simplesmente coberto por uma tanga de cores vivas atada à cintura, avança, tímida, pela sala. As finas pulseiras que lhe cingem os tornozelos tilintam a cada passo. Os seios generosos da rapariga, apesar da sua juventude, oscilam ao ritmo do andar. Um adorno de pérolas e pedrarias realça-lhe o peito, sem de modo algum o dissimular. Usa na cabeça uma rede bordada a pedras que lhe descai em cascata pela cabeleira tão farta como a floresta da ilha. Os reflexos dourados de um grande colar realçam a pele, da cor do âmbar. Das orelhas pendem brincos compridos que lhe rasam os ombros. Tão negro quanto os olhos, o cabelo liso acaricia-lhe as coxas ao sabor de cada movimento. Também ela se inclina diante de Marco, juntando as mãos acima do requintado toucado.

- O marajá manda dizer que esta jovem escrava é tua, se te agradar - explica Toqquz. - Chama-se Ishrat Gandhali, o que significa «flor de desejo» na nossa língua. Compreende alguns rudimentos de persa e recebeu os ensinamentos das dançarinas sagradas.

Marco, divertido, compreende que o deslumbramento que sentiu quando viu as mulheres deste país na corte se justificava plenamente.

- Não posso aceitar tal presente - protesta ele, pouco convincente.

- Compreendo a tua hesitação. É verdade que a rapariga não parece muito robusta. Mas o marajá nunca te enviaria uma escrava de constituição fraca. Um presente não se recusa! - declara o intérprete, rindo. - Mas, podes estar tranquilo, as mulheres da sua tribo são sólidas e muito trabalhadoras. E, se porventura não te agradar, poderás vendê-la, antes de abandonares o nosso reino.

- Nesse caso, é com grande prazer que a aceito - aquiesce Marco. - Agradece ao marajá em meu nome e no do Grão Cão.

- Recomendo-te que a vigies de perto. Nestas paragens, há macacos que raptam mulheres para se servirem delas como fêmeas.

Só de pensar nisso, Marco reprime um arrepio, perguntando-se se não se tratará de um gracejo.

O intérprete despede-se do embaixador e retira-se, deixando Ishrat Gandhali sozinha na presença do seu novo amo. Marco pensa que este presente chegou no momento exacto de terminar o festim a preceito.

- Aproxima-te - ordena Marco em persa. - Há uma condição à qual terás de te submeter. Não quero ter filhos. Sei que as mulheres sabem segredos que os homens ignoram. Se não os conheces, aprende-os. Porque, se engravidares, expulsar-te-ei sem hesitar.

A rapariga permanece imóvel. Marco não pode saber se ela compreendeu. Levanta-se para a observar mais de perto. A rapariga é duas ou três cabeças mais baixa do que ele.

- Parece que sabes dançar? - pergunta ele. - Se assim é, dança para mim.

A rapariga ergue os olhos para Marco. Uns olhos imensos, negros como a noite, realçados por um traço de *khôl.* O seu olhar esquivo parece desafiá-lo. O rosto ilumina-se-lhe num sorriso de dentes deslumbrantes nos lábios cor de cereja preta. Encantado, Marco recua e afunda-se nas almofadas bordadas. O corpo da rapariga começa a bambolear-se. Os movimentos

circulares das ancas e dos braços desenham volutas no ar. Com um pé bem assente no chão, requebra as ancas.

As mãos movem-se como vagas por cima da cabeça, imitando o fluxo e o refluxo do oceano. Os guizos das pulseiras que usa nos pulsos e nos tornozelos impõem o ritmo da melodia. Muito diferente dos tocos enfaixados das chinesas, o seu pé descalço dobra-se, sensual e gracioso objecto de desejo. Entre os seios, brilham pérolas de suor. O animal que existe dentro dela liberta a pulsão de vida que a anima através dos movimentos da cintura esbelta. Assim, a dançarina não se apressa. Balançando as ancas, oferece-se para melhor se esquivar. O seu corpo torna-se uma corda, um suspiro, um murmúrio. A pulsação do ventre, a vibração das ancas atingem Marco no mais profundo do seu ser. Com as mãos húmidas, começa a agitar-se involuntariamente. A dançarina continua a construir a teia voluptuosa da tentação. A sua silhueta oscila entre os dois extremos, a fuga e a atracção. O corpo recita um poema de amor. Torna-se pássaro. A cabeça gira, espalhando a cabeleira à sua volta, qual chama negra.

Perturbado por esta dança do êxtase, Marco apodera-se da bailarina e deita-a nas almofadas de seda. Transpira tanto quanto ela. A rapariga retesa-se num arco com tanta energia que ele se pergunta se está a oferecer-se ou a rebelar-se. Sorve-lhe os seios. Ela curva-se, agarrando-o pelos ombros. Marco arranca-lhe a delicada tanga de seda. De joelhos, afasta-lhe as coxas e penetra-a brutalmente. Abafa um grito da rapariga, tapando-lhe a boca com a mão. Depois, lentamente, impõe o ritmo. Ela abandona-se, fixando-o de olhos arregalados. Marco mergulha o seu olhar no dela. Docemente, sente crescer o prazer. Contém-se por um longo momento, antes de se libertar. Depois, deixa-se cair ao lado dela. Pousa o braço na cintura fina da rapariga, apreciando a felicidade simples de saber que Gandhali é propriedade sua. Suavemente, quando Marco se prepara para adormecer, ela desliza da cama, retira um pedaço de seda do baú encostado à parede e tapa os pés de Marco com um desvelo que comove o veneziano.

No dia seguinte de manhã, Gandhali não esconde o orgulho de pertencer ao embaixador do Grão Cão. Exige de Pietro Tártaro que seja ela a ocupar-se inteiramente do amo. Prepara-lhe as refeições, serve-o à mesa, veste-o e despe-o, tapa-lhe os pés para dormir. Cozinha demoradamente surpreendentes acepipes à base de leite de coco *e* de peixe. Estas receitas

conferem ao veneziano um incomparável vigor. Ao fim do dia, Gandhali prodigaliza-lhe longas massagens voluptuosas que mergulham Marco num oceano de bem-estar. Toca música para ele ouvir. A um gesto do amo, começa a dançar, estira o corpo, desdobra-se como uma liana. De noite, presta-se a todos os caprichos de Marco, com doçura e sensualidade. Fala pouco e Marco aprecia que ela conserve a sua parte de mistério. Não chega a considerá-la bonita, mas domina-o um desejo inesgotável. A dançarina de corpo bem aromatizado submerge as noites na sua animalidade.

Depois da primeira audiência e do presente do marajá, Marco permanece no seu palácio semanas a fio. O intérprete anuncia-lhe todos os dias uma nova razão para não ser recebido em audiência pelo rei. Durante vários dias, as estrelas não se mostram favoráveis a encontros. Depois, uma das mulheres do rei dá à luz um filho, o que origina festejos para os quais o estrangeiro não é convidado. Por fim, são as celebrações em homenagem a uma divindade que impede qualquer negociação.

Cansado e exasperado, Marco sente-se impaciente por encerrar este caso e passar ao que mais o preocupa: encontrar o letrado mongol. Decide acelerar o curso dos acontecimentos.

Certa manhã, ordena a Pietro Tártaro que prepare as bagagens. Gandhali entristeceu desde que compreendeu que a partida estava iminente. Ao ar livre, bem à vista, os grandes baús encontram-se alinhados no parque. A reacção do palácio real não se faz esperar. Pietro, que espreitava pela janela, corre a prevenir Marco.

O veneziano prepara-se para vestir o manto no momento em que Toqquz penetra no palácio. O homem vem visivelmente aterrado. Tenta dissimular a agitação por detrás de um sorriso rasgado e de uma amabilidade que vai muito para além das simples convenções.

- Então, senhor, que se passa?

- As conversações não avançam. Talvez eu não agrade ao teu rei. Pouco importa, o Grão Cão enviará outro embaixador. Quanto a mim, vou partir - remata Marco, abrindo muito os braços.

O intérprete solta um profundo suspiro embaraçado.

- Senhor, espera. Ouve, preciso de te falar, de homem para homem - diz ele, baixando a voz.

Em sinal de confiança, fixa os olhos nos de Marco.

- A tua embaixada não foi bem recebida pelo rei - prossegue Toqquz. - Ele ouviu falar das guerras «amigáveis» que o imperador travou contra outros reinos, na Birmânia, em Anão e em mais alguns locais.

- Esta é uma ilha perdida no meio do oceano. Como podes atribuir algum crédito a boatos inventados por viajantes demasiado ansiosos por se mostrarem heróicos?

O intérprete abana a mão.

- Desengana-te, senhor, estamos longe de nos encontrarmos isolados. Pelo contrário, as correntes e os ventos trazem-nos faixas de verdade que, uma vez atadas ao tear da política, adquirem todo o sentido. A nossa ilha vive em bom entendimento com os seus poderosos vizinhos. Somos prósperos. Não desejamos uma invasão mongol. Se partires, sabemos perfeitamente que o imperador nos enviará o seu exército. Vem, o marajá está pronto para te ouvir. E tu, por favor, ouve-o também.

- És sensato, Toqquz. Fico-te grato pela tua honestidade. Vou dar ordens aos meus criados para desfazerem as malas.

O intérprete fecha os olhos, aliviado.

Marco julga a partida ganha, mas não está a contar com o carácter inflexível do rei.

Este recebe o embaixador imperial numerosas vezes. Marco encontra-se então perdido na massa dos cortesãos e vassalos que vêm pedir privilégios ou reclamar justiça junto do soberano. Mas está longe de ter sido finalmente aceite pela comunidade, como imaginara, pois o desenrolar das audiências é sempre o mesmo.

- Estás contente com o conforto do teu palácio? - indaga o rei, cheio de solicitude.

- Sem dúvida, sou tratado como um príncipe.

- A escrava que te ofereci não te satisfaz plenamente?

- Com certeza, não tenho de que me queixar.

- A alimentação faz-te mal?

- Pelo contrário, os seus sabores abrem-me horizontes desconhecidos.

- Nesse caso, corre tudo pelo melhor e desejo que aqui continues por muito tempo, para poderes beneficiar da nossa alegria de viver.

O rei acena ao embaixador, significando que a audiência chegou ao fim.

Marco regressa então ao palácio, onde saboreia um chá com leite bem aromatizado com especiarias. Invariavelmente, recebe a visita de Toqquz.

- Toqquz, que surpresa e que alegria!

O intérprete aceita, sorridente, o chá servido por Gandhali.

- És muito melhor diplomata do que o teu rei, Toqquz.

- Eu estudei para ser intérprete, ele foi escolhido pela vontade divina.

- Ouve, Toqquz, adoro o teu país. Mas o Grão Cão não me enviou unicamente para entregar uma mensagem. Podia ter mandatado um dos seus embaixadores. Escolheu-me a mim por ser um estrangeiro e um mercador. Se tivesse intenções belicosas, teria despachado um general ambicioso.

- Compreendo, mas não queremos submeter-nos ao império.

- Dêem um sinal de boa vontade. A melhor maneira de evitar a invasão da ilha é um presente... imperial.

Marco prolonga o silêncio que se instala entre eles. Adivinha os pensamentos que agitam o espírito de Toqquz.

- Que exiges tu? - acaba por perguntar o intérprete.

Pela primeira vez desde que se conhecem, Toqquz abandonou o timbre expansivo e o sorriso. O tom é seco, incisivo. Marco sabe que precisa de gerir a susceptibilidade do interlocutor, correndo o risco de anular os esforços envidados durante os longos meses que passou na ilha.

- Não faço exigências. Aceito que o teu rei me apresente propostas. Avaliarei se o valor da prenda é digno do Grão Cão.

Toqquz despede-se calorosamente de Marco. Sem mais uma palavra, ambos lamentam que a sua amizade, nascida de obrigações diplomáticas, não possa desenvolver-se mais.

No dia seguinte, o veneziano é recebido em audiência privada pelo marajá. Toqquz readquiriu a boa disposição radiosa.

- A tua visita honrou enormemente o meu reino. Agora que vais regressar, quero confiar-te um presente para o imperador. Este gesto não é um sinal de obediência, mas um voto de que perdure o bom entendimento que nos une.

- É essa a vontade do imperador.

- Vou oferecer-lhe uma mulher, jovem e bonita, que se destinava ao meu harém. Os gostos do imperador são conhecidos - acrescenta Toqquz com um ar conivente.

- Agradeço a Vossa Majestade a atenção - responde Marco delicadamente. - No entanto, embora as mulheres deste país se contem entre

as mais belas do mundo, era o que eu diria, se me fizessem a pergunta, é de toda a conveniência oferecer ao Grão Cão um presente de maior valor.

Toqquz transmite em voz baixa a observação de Marco. O marajá parece vexado. Acaba por dirigir algumas palavras ao intérprete.

- Nesse caso, o soberano oferece-te um elefante criado expressamente para ele. Trata-se de um animal sagrado, de inúmeras virtudes.

Toqquz optara por não voltar a dirigir-se a Marco como se fosse a voz do rei. Marco adopta a mesma estratégia, certo de que, agora, a negociação decorre entre os dois.

- Toqquz, como te disse, o presente tem de estar à altura do imperador. Ora, ele já possui várias centenas de elefantes. A não ser que o teu rei se disponha a ceder o seu elefante branco. É um animal magnífico em parada, ornamentado de pedras preciosas na cabeça e de pérolas nas defesas.

Tal como Marco supusera, Toqquz não transmite o pedido ao rei.

- Infelizmente, esse animal é único no mundo. Poderia não sobreviver à viagem. Estás a imaginar-te, senhor, a chegar à corte do imperador levando como presente unicamente as suas defesas? É verdade que os grandes artistas imperiais poderão esculpir obras de grande beleza, mas...

Marco interrompe-o por meio de um gesto.

- Muito bem. Então, uma pedra. Ouvi dizer que o marajá tem em seu poder o maior rubi jamais visto.

O veneziano teve o cuidado de confirmar esta informação, como se a tivesse recolhido durante o périplo que efectuou. Se o rei viesse a saber que o Grão Cão, do trono em que se encontra sentado, cobiça a pedra, a manobra correria o risco de falhar.

Desta vez, Toqquz não responde. Fala com o soberano a meia voz. Segue-se uma conversa privada que dura vários minutos. Marco julga compreender através da intonação e dos gestos que o soberano toma uma decisão à qual se opõe o intérprete, que dá mostras de agir como conselheiro. Por fim, o rei desce do trono e, sorridente, acena a Marco para que o siga. O veneziano volta para Toqquz um olhar interrogativo, mas o intérprete ignora-o, entretido a ajeitar o turbante. Não é a primeira vez que Marco o vê fazer este gesto mecânico em momentos embaraçosos.

Percorrendo largos corredores desertos, o rei conduz pessoalmente o embaixador imperial a um gabinete mergulhado na penumbra, banhado por uma luz vermelha. São acompanhados por uma escolta bem armada.

Pousada numa almofada de seda bordada, reina a pedra, enorme, reflectindo um brilho intenso. Com muitas circunvoluções, o monarca dá a entender a Marco que aquela pedra não poderia representar um simples presente, mesmo imperial. O veneziano propõe-se comprá-la por um elevado preço. Com naturalidade, o marajá explica a Marco que nunca será capaz de se separar dela. A jóia vem dos antepassados e cada descendente é seu guardião. No dia em que a pedra desaparecer ou abandonar a ilha, a linhagem real chegará ao fim.

Naquele momento, Marco compreende que nunca a obterá e decide aproveitar a recusa do monarca para abordar o cerne da sua missão secreta. O soberano oferece à embaixada imperial um grande carregamento de rubis de dimensões modestas.

Marco tem de reiterar o seu pedido vários dias seguidos até poder mudar de assunto. Recebe Toqquz no seu salão, sentado no chão, em almofadas.

- Toqquz, compreendo as reservas do rei quanto ao rubi. É um assunto de família. Para nós, a família também é sagrada. Restame partir, portanto, e informar o Grão Cão.

Toqquz crispa-se, prestes a ajeitar o turbante.

- Compete-me explicar ao Grão Cão que o vosso povo deseja acima de tudo viver em harmonia com o império. No entanto, antes disso, ouvi dizer que vivia na vossa terra um famoso letrado chamado Tatatonga. Seria uma grande alegria encontrá-lo. Se o fizesse, partiria espiritualmente rico.

Toqquz observa Marco com atenção, quase incrédulo.

- Queres conhecer esse homem?

- Quero, tu conhece-lo?

- Não, mas ouvi falar dele. Esse homem que procuras retirou-se para a montanha, perto da marca do pé, nas proximidades do rochedo do Leão. O teu guia sabe com certeza o caminho.

- Obrigado, Toqquz.

Aliviado e entusiasmado, Marco ordena imediatamente que seja preparada uma pequena expedição. Faz-se acompanhar apenas por Pietro Tártaro. Deixa a jovem escrava sob a vigilância do guia hindu, em quem confia mais do que nos guardas mongóis. Pede ao marajá que ponha à sua disposição um guia para o conduzir acima da mina de pedras preciosas, talhada a céu aberto na rocha. Depois, sem tardar, inicia a ascensão. A

montanha domina a baía. Visto de longe, dos carreiros da montanha, o azul luminoso do mar deslumbra o olhar. A água é tão transparente que os corais parecem aflorar à superfície. As encostas são cobertas por uma floresta de árvores de folhagem persistente. Flores de todas as cores, rosas vermelhas tão grandes com a palma de uma mão matizam a paisagem. Os macacos, numerosos, observam o andamento da expedição alisando os pêlos, como os homens fazem à barba. Por fim, o pequeno grupo detém-se em frente de um templo, onde se pode ver uma estátua de ouro. Os olhos de pedras preciosas brilham como luzes.

Mais acima, recolhem-se peregrinos de todas as confissões diante da gigantesca marca de um pé. A lenda do pé difere conforme as crenças. Para os muçulmanos é o pé de Adao, para os Chineses, o de Buda, para os hinduístas o de Xiva. E, para Marco, é a certeza de que encontrou o rasto de Tatatonga. Organiza uma paragem de uma hora, a fim de se preparar para o encontro. Recobra o fôlego, impregna-se dos odores envolventes. A atmosfera não é tão húmida como na base. A luz cega. O ataque persistente dos mosquitos e das moscas irrita os nervos, a despeito dos esforços de Pietro Tártaro para os afastar. Marco puxa pelo cano das botas, que lhe chegam aos joelhos e o protegem das mordeduras de serpentes ou de aranhas.

- Vamos - decide finalmente Marco, dirigindo-se ao guia.

Este acaba de ajeitar o turbante, leva um braçado de limões no saco e precede Marco no carreiro estreito que penetra pela floresta. O veneziano avança lentamente, sob um calor escaldante. A roupa cola-se-lhe ao corpo. Marco sonha com os banhos de Hangchou, com a frescura dos eucaliptos. Pietro Tártaro maneja com dificuldade a grande folha de palmeira destinada a servir de leque e, sobretudo, a enxotar os insectos que esvoaçam em redor do amo. Flores enormes desabrocham aos olhos dos homens. Momentos depois, a vegetação torna-se tão luxuriante que a passagem desaparece. Mas o guia prossegue o seu caminho, como se o conhecesse perfeitamente. Armado de um machado, corta os caules que vêm esmagar-se aos pés de Marco. Por mais de uma vez, ao afastar os ramos das árvores, o veneziano quase é fustigado pela folhagem. Agora, o caminho começa a descer. Enveredam por um caminho estranhamente lamacento, como se tivesse chovido. O carreiro transforma-se num verdadeiro pântano no qual se enterram até às coxas. São atacados por sanguessugas. Com todo o cuidado,

o guia espreme copiosamente os limões sobre os parasitas. Depois, retira-os delicadamente da pele do veneziano. Marco arrepende-se de ter vestido roupa tão leve. Deixou-se armadilhar pelo calor. Começa a perguntar-se para onde o levará o guia quando, subitamente, se crispa diante do espectáculo que se oferece aos seus olhos.

Um antigo palácio, ou talvez um templo, ergue-se isolado em pleno coração da floresta. As árvores de folhas enormes quase lhe encobrem o telhado. As ruínas surgem em todo o seu esplendor, invadidas pela vegetação silenciosa. O edifício foi cortado ao meio, no sentido da altura, como pelo machado de um gigante. O interior do templo expõe-se ao olhar dos homens. No centro, um Buda encara os visitantes do cimo da sua monumental estatura. À direita, uma escada sobe até aos nimbos, abrindo-se sobre uma porta que não conduz a lado nenhum. Os degraus, desgastados, estão cobertos de musgo. Pacientemente, a natureza recupera os seus direitos, destruindo o sublime trabalho erguido pela mão do homem. O guia dirige um aceno a Marco.

Oculto por detrás de uma densa cortina de lianas, no cimo da montanha, surge um enorme rochedo. Do leão, tem a forma maciça e grosseira, de tal modo que é impossível saber se se trata ou não de uma obra humana. O guia dá a volta até se encontrar de frente para o animal. Uma multidão de peregrinos, carregada de oferendas, encontra-se reunida no cimo.

As patas terminadas em garras esculpidas na rocha enquadram uma escada que conduz ao topo, na sombra da juba. Ao observar estes pormenores, Marco compreende que a forma primitiva deste rochedo monumental foi engrandecida por escultores.

- É ali em cima - diz o guia.

Com o calor, a ascensão dos degraus desgastados torna-se particularmente penosa. Pietro Tártaro já não tem forças para erguer a folha acima do amo. Por fim, atingido o cume do rochedo do Leão, Marco volta-se para a paisagem. O seu olhar vagueia sobre o vale, abarcando todo o horizonte. Ao longe, estende-se o mar azul-escuro, salpicado de minúsculas manchas de espuma branca. Nimbos azulados esbatem-se onde o mar se junta à terra. O calor parece menos opressivo. Há mulheres à espera, sentadas no chão, com filhos nos braços. Estropiados queimam incenso. Um homem reza uma oração saltando ora num pé ora no outro.

Subitamente, enquanto Marco se prepara para penetrar no interior, todos os presentes expressam gestos de irritação.

- Não podem entrar. É ele que chama os eleitos. E só ao pôr-do-sol. Além disso, têm de apresentar oferendas.

Ignorando a advertência, o veneziano avança para a boca negra de uma gruta talhada pela mão do homem. Com um sinal, Marco ordena aos companheiros que permaneçam ali. Percorridos pela mesma vaga de alívio, os homens deixam-se cair no chão, à sombra da juba do leão. O veneziano acende uma lamparina de óleo, desembainha o sabre e penetra sozinho na gruta.

* * *

Dao Zhiyou está sentado de pernas cruzadas debaixo das arcadas do pátio. Ainda mal nascera o sol quando Ai Xue o foi buscar. Foi com alegria que o garoto voltou a ver o homem que o tirara da rua. O médico chinês anunciou-lhe que pretendia finalmente iniciá-lo na arte do *Wu Shu.* Há mais de um ano que o rapaz estudava impacientemente o *Tai Chi,* destinado a estabelecer as bases da sua futura aprendizagem. Ao descer ao pátio, depois de equipado, Dao Zhiyou crispa-se subitamente. Já encontra uma silhueta a treinar-se. A silhueta saúda o Mestre e põe-se em posição de combate. Ai Xue dá uma volta, avaliando o adversário. Dominando a situação, a silhueta evolui ao mesmo ritmo que ele, como se fosse o seu reflexo num espelho. Bruscamente, Ai Xue lança um ataque fulgurante ao qual a silhueta se esquiva, rebolando no chão. Levanta-se imediatamente, aos pés de Dao Zhiyou. Os seus rostos quase se tocam. Reconhecendo-a, Dao Zhiyou emudece de surpresa.

Ai Xue saúda a jovem aluna, que lhe responde da mesma maneira.

- Ah, Dao! Apresento-te Li Wa, que seguirá as minhas lições ao mesmo tempo que tu. Li Wa - acrescenta ele, dirigindo-se à jovem -, é ele que te responderá.

Ai Xue prevenira Dao Zhiyou de que necessitaria dele para treinar um novo discípulo mas não revelara a sua identidade, nem sequer lhe dissera tratar-se de uma rapariga! Li Wa mostra-se tão impassível que Dao Zhiyou

se pergunta se ela terá reconhecido aquele que lhe salvou a vida no dia do macaréu de Hangchou.

Durante os exercícios, revela uma extrema concentração. É com prazer que Dao sente a sua força. Em contacto com ela, adquire segurança.

O treino quotidiano começa com um combate entre Ai Xue e Li Wa. Cheio de admiração, Dao segue com atenção todos os movimentos da jovem. Veste-se como um rapaz, com o cabelo apanhado na nuca. Ai Xue persegue-a, soltando gritos de guerra. Li Wa esquiva-se sem falhar, leve e rápida. De repente, a túnica desvenda-lhe a pele nua. No ventre, brilham-lhe gotas de suor. Li Wa continua a saltar sem se deter, tão hábil de pés como de mãos. A cada momento de defesa, Dao vê que os seus músculos se movem.

Muito ágil, defende-se com elegância. Mas Ai Xue cansa-a. Ela acaba por relaxar a vigilância e cai no chão.

- Tu não respiras! - observa Ai Xue, severo. - Assim, a tua energia permanece concentrada no peito, em vez de descer ao ventre para se libertar e permitir que ataques o adversário. Tornas-te, portanto, o teu próprio inimigo.

O treino da rapariga é determinante para os planos do Lotus Branco. Ai Xue sabe que terá de atingir a perfeição. Ela terá de ser uma arma implacável. Disso depende o futuro do império.

Li Wa meneia a cabeça, atenta às palavras do Mestre.

- Dao tem o problema inverso. Parece um cachorro à solta. Liberta toda a sua força de uma vez, o que desconcerta o adversário. Se tiver pela frente um fraco, então o efeito de surpresa age maravilhosamente bem e ganha o combate. Mas, perante um especialista em *Wu Shu,* será ele o aniquilado. Por exemplo, tu, se conseguires resistir aos seus primeiros assaltos, poderás vencê-lo facilmente.

Li Wa sorri, satisfeita com a perspectiva.

Surge uma criada de Xiu Lan. Curva-se respeitosamente diante de Ai Xue.

- Mestre, a senhora Lan reclama a presença de Li Wa. Ai Xue meneia a cabeça.

- Muito bem. Vai, Li Wa, e segue os conselhos de Xiu Lan. São tão importantes como os que aqui te dou.

A jovem despede-se do mestre e sai da sala. Dao prepara-se para a seguir. Ai Xue detém-no.

- Peço perdão, Mestre - declara Dao, apercebendo-se de que se esquecera de fazer uma vénia.

- Não é disso que se trata. Todos temos de cumprir o nosso *karma.* Talvez ela renasça sob o aspecto de um homem. Não podes segui-la para onde quer que ela vá, Dao. O caminho dela não é o teu.

Com um nó na garganta, Dao segue Li Wa com o olhar, até a ver desaparecer na penumbra do corredor.

* * *

Dentro da gruta, a frescura é tão intensa que Marco se sente percorrido por um arrepio. Avança pela escuridão, levando a lanterna no braço estendido. O corredor estreita-se, tornando-se uma pequena passagem. Marco progride numa atmosfera que arrefece à medida que avança. O declive é agora mais suave. Parece-lhe estar a descer ao fundo do vale. A sua respiração ressoa contra as paredes cobertas de musgo. Subitamente, ouve um barulho. Pára. Ao longe, caem gotas de água. Marco estuga o passo, vai quase a correr. Por fim, alcança uma gruta subterrânea. A luz da lanterna reflecte-se no negrume das pedras. Estalagmites erguem-se até ao tecto, como se sustentassem a parede rochosa. O veneziano julga ter penetrado nas entranhas da terra. Nichos escavados albergam esculturas antigas. No centro da cavidade, um charco subterrâneo alimenta estranhas plantas. À superfície, flutua uma película salobra. Insectos saltam de folha em folha, num zumbido persistente. De repente, no interior de um nicho pouco maior do que os outros, uma estátua começa a mover-se.

- Não tenhas medo, eu sou quem procuras.

O homem exprimiu-se em mongol. Marco precisa de se aproximar para distinguir na penumbra o homem que falou. Está sentado no interior da pequena alcova, numa postura de meditação. O seu rosto, de pele enrugada, apresenta o tom moreno dos antigos Mongóis.

- Como o sabes? - pergunta Marco.

- Desde que chegaste à ilha, só ouço falar de ti. Esperava que partisses como vieste, sozinho. Mas tu és tenaz. Se houvesse alguma ligação com o

teu *karma,* diria que foste uma carraça numa outra vida - acrescenta o homem, esboçando um sorriso.

Empenhado na sua missão, Marco esforça-se por não o cortar ao meio.

- Tens um bom domínio de ti. Surpreendente para alguém da tua raça. Muito bem, muito bem.

E tão enrugado que parece da mesma idade da rocha com a qual se confunde. Desdobra as longas pernas de gafanhoto. Tem os olhos enormes, salientes, como se os tivesse gasto de tanto observar o mundo. O veneziano começa a perguntar-se se o Grão Cão não se terá equivocado. Afinal, o imperador não conhece este homem.

Só ouviu falar dele. Marco dificilmente imagina este velho sentado a uma mesa de escriba cobrindo rolos e rolos de caligrafia.

O velho faz um gesto a Marco para que se aproxime. Este dá a volta ao pequeno charco procurando uma passagem. Em vão.

- Pousa o pé na água e ela te trará até mim. Tem confiança.

Marco hesita. Escruta o rosto malicioso do velho. É bom nadador. Se se tratar de uma cilada, saberá regressar à margem. Prudentemente, avança a biqueira da bota. Equilibrando-se num pé, sustendo a respiração, mergulha na água. Para sua grande surpresa, a profundidade não ultrapassa umas escassas polegadas. O velho solta uma gargalhada.

- A penumbra alimenta a ilusão. Decidido, Marco pega na lanterna.

- Precisas da lanterna para me veres ou para te tranquilizares?

- E tu, é o sol que te assusta ou receias que te veja à luz crua do dia?

O velho meneia a cabeça, parecendo satisfeito com a resposta do visitante. Em poucas passadas, Marco alcança o outro lado. O velho faz-lhe um sinal para que se sente, enquanto ele se dobra e se instala sobre os calcanhares. Imóvel, fixa Marco com um estranho olhar. As gotas que vão caindo no charco impõem o ritmo àquele encontro silencioso.

- Segue-me - ordena o velho.

Obedecendo, Marco oferece a lanterna, mas o velho ignora-a. Num passo decidido, o velho introduz-se numa passagem acanhada. À medida que o carreiro se estreita, Marco sente o coração cada vez mais oprimido. À frente deles, a escuridão é total. Aos pés do veneziano, há qualquer coisa que estala. É-lhe fácil imaginar que se trata de ossadas humanas. Subitamente, alcançam um grande compartimento. Nas paredes, encontram-se esculpidos inúmeros nichos, albergando cada um deles uma estátua dos

deuses da Índia. Pelas aberturas no tecto difunde-se uma luz suave. O cenário parece inspirado num sonho. A sua magnificência, digna de um palácio esquecido, só se anima de vida aos olhos do velho letrado. A um canto, o local parece habitado. Ao longo das paredes, alinham-se mesas cobertas de alimentos. Jóias de elevado preço ornamentam as estátuas. Vasos, ânforas sumptuosamente decoradas, mobiliário de madeira preciosa, ídolos de cores demasiado garridas destoam neste local sagrado. As famosas oferendas...

Frescos de tom pastel relatam a história do local. Embaraçado, Marco admira longamente as pinturas que mostram jovens nuas, enfeitadas unicamente de pedras preciosas, de seios redondos e generosos, dançando diante de cortesãos nobres. A semelhança é tão grande que o veneziano tem a impressão de que Gandhali serviu de modelo.

- Uma beleza, não é verdade? Uma construção do rei Cassiapa que conta novecentos anos. O rei vinha para aqui divertir-se, acompanhado pelos seus cortesãos favoritos.

- As mulheres eram muito bonitas.

- E ainda continuam a ser. Mas é inútil dizê-lo. Estou a falar com um conhecedor.

Marco observa o rosto do velho, que tem a beleza de um pergaminho. Pergunta-se, sem acreditar, se o velho também receberá a oferta de raparigas, como o rei...

- De onde vens, estrangeiro? - pergunta o velho mongol.

O veneziano opta por se mostrar confiante, como se fosse o Grão Cão em pessoa.

- De Khanbalik. Então, é aqui que habitas?

O velho sorri.

- Vens ainda de mais longe, mas não me dizes. Porquê? Marco encolhe os ombros.

- Agora, vivo em Khanbalik. O meu único amo e senhor, depois de Deus, é o imperador.

O velho volta a menear a cabeça. Parece meditar intensamente sobre as palavras de Marco.

- Portanto, se aqui estás, é às suas ordens...

- Assim é.

- Continua.

- Antes disso, preciso de me certificar de que és realmente quem eu procuro.

- Há tanto tempo que me procuras que já o devias saber - diz o velho, rindo.

O silêncio que os envolve cria uma estranha intimidade entre eles. A discussão prossegue durante horas. O velho interroga Marco sobre as suas origens, a viagem que empreendeu, o seu Deus. Por fim, o veneziano apercebe-se de que o velho sabe mais sobre ele do que o inverso.

- Diz a lenda que conheceste Gengiscão. É verdade?

- Não mo deves perguntar a mim, mas a quem divulgou essa história. Conhece-lo? Sabes por que o fez? Talvez para desviar as atenções da sua pessoa? Que interesse teria eu em fazer constar tal coisa? Existem outras lendas sobre mim. Transmito esperança aos pobres.

- Sabes escrever? Assenta o teu nome nesta folha.

Do pincel nascerá a verdade. Marco viu e memorizou em mongol o nome do velho. Retira do saco que trouxe consigo o estojo de escrita, os pincéis, as tintas, um rolo. Depois, fecha a caixa e estende-a ao velho para lhe servir de escrivaninha. Avista um charco de água, água de chuva, com certeza. Pega num pequeno recipiente e prepara-se para recolher um pouco de água quando o velho o retém, num gesto brusco. A sua vivacidade surpreende Marco. Para a idade, ainda tem bons reflexos.

- A água não é boa para fazer tinta - diz o velho, num jeito contrariado.

Marco olha-o, interrogativo.

O velho pega num pedaço de carvão negro, no qual Marco ainda não reparara. Volta-se para a parede e começa a escrever símbolos na própria rocha. Marco aproxima a lanterna e descobre, estupefacto, uma multidão de desenhos que formam um fresco selvagem. É-lhe impossível saber se foram todos traçados pela mesma mão, nodosa como uma árvore seca da estepe, de veias salientes, retorcidas e negras.

O veneziano está tão fascinado que se esquece de olhar para o que o homem escreve. Aproxima-se, tocando na parede gelada. O velho escreve com uma mão aplicada e firme, lentamente. Os símbolos dançam diante dos olhos de Marco. Reconhece sem hesitar o nome mongol que aprendeu a fixar muito tempo antes de partir de Khanbalik. Tatatonga. Resta convencê-lo a regressar à corte. Passada a primeira impressão em que tinha a certeza de que o infeliz o receberia como um santo que o viera libertar da sua

miserável condição, o veneziano apercebe-se de que as riquezas que trouxe talvez não cheguem para o persuadir.

Marco experimenta um imenso sentimento de respeito diante deste homem que conheceu um dos maiores imperadores mongóis. Não se sente exímio em nada. Para se exprimir diante do genovês tinha de procurar as palavras em latim. Não possui a força guerreira dos filhos de Cublai. Não domina os conhecimentos dos monges letrados. Interroga-se sobre as razões que terão levado o velho imperador a confiar-lhe esta missão. É verdade que conhece o imperador. Mas esta experiência parece-lhe subitamente inútil. A quem poderá ela servir? É certo que ninguém viaja tanto como ele. E os que o fazem integram cortejos de embaixadas, seguidos de honras. Perdido nos confins de uma pequena ilha do oceano, em frente de um homem que vive como um animal e leva uma existência de sage, Marco interroga-se sobre o sentido do seu caminho.

* * *

Xiu Lan não consegue pegar nos pauzinhos, tão enregelados estão os seus dedos. Pediu que ateassem o lume, mas de nada serviu. Sente-se percorrida por arrepios, apesar das peliças nas quais se enroscou. Seja como for, tem um nó no estômago. Não lhe interessa alimentar a carne voraz que lhe cobre as ancas e o ventre. Pelo contrário, sente-se feliz por ver despontar os ossos como acontecia na sua infância, inocente quanto à existência que iria atravessar. Depois da irrupção do Lotus Branco na sua nova vida, perdeu o gosto pela felicidade. Por vezes, pensa em regressar a Khanbalik, em pedir protecção ao imperador. Mas já não tem forças. Ai Xue tem razão: Cublai não é o seu amo. O médico chinês apoderou-se dela no primeiro dia e continuará a usá-la até à morte. Qual dos dois será o primeiro a desaparecer?

Morrer é acabar de viver; mas acabar de viver é uma coisa muito diferente de morrer, proferiu Ai Xue. Estas «sábias» palavras ainda ecoam como uma ameaça no espírito de Xiu Lan.

Passa uma boa parte do tempo a imaginar torturas mortais. Cenas estas que lhe proporcionam apenas uma satisfação ilusória. Ao mínimo pretexto, espanca violentamente a criadagem. Xiu Lan pensou que seria uma

felicidade educar jovens raparigas para servir o imperador, na esperança de que Cublai encontrasse uma parcela de si mesma em cada uma das noviças. Mas Ai Xue impôs-lhe uma das suas protegidas. Xiu Lan acusa-a de a espiar. O que dói mais é constatar o domínio que Ai Xue exerce sobre Dao. Nos dias de maior raiva, Xiu Lan pega no pincel para escrever a Marco Polo. Desanimada, não passa da primeira palavra. Todos eles são homens. Mesmo Dao, o bastardo, tem essa sorte. Pergunta-se que erro terá cometido numa outra vida para ter renascido sob a forma de uma mulher. Põe-se então a rezar para que esta sua existência seja breve e a próxima mais feliz.

Todas as raparigas têm a idade de Li Wa. Todas são de grande beleza. De faces redondas e olhos brilhantes, respiram a frescura da Primavera e a promessa do Verão.

Conversam entre si, abafando risos por detrás das mãos graciosas. Uma delas distingue-se pelo aspecto altivo e cioso. Meng-mi tem um porte de rainha. O pai vendeu-a por ela ser a rapariga que estava a mais numa ninhada já de si numerosa. Ostenta arrogância em todas as ocasiões. Conseguiu impor-se no grupo. Li Wa permanece isolada. Sabe-se diferente das outras e ainda não consegue pretender o contrário, embora tenha consciência de que isso decorre da aprendizagem. Encontram-se reunidas na sala da casa de Xiu Lan. O sol ainda mal despontou e ainda tremem de frio por se terem levantado tão cedo. As paredes são revestidas a seda e decoradas com caligrafias. Ao fundo da sala, vê-se uma enorme poltrona. Pelo chão espalham-se tapetes de seda. Ao longo das paredes, dispõem-se arcas a intervalos regulares.

Num roçagar de cetim, soberana, envergando uma túnica azul com amplas mangas em borboleta, Xiu Lan avança pelo meio das discípulas. É seguida por uma dama de companhia. Ao zumbido das conversas, segue-se o silêncio. Todas se prosternam de joelhos em frente da cortesã.

- Perfeito, minhas queridas, é quanto basta para me receberem, mas não para saudar o imperador.

Xiu Lan aproveita para observar a jovem protegida de Ai Xue. De corpo enfezado, apresenta um aspecto quase viril, com as pernas bem assentes no chão. Surpreendida, Xiu Lan apercebe-se de que não tem os pés enfaixados. O seu rosto é feio, de queixo saliente e nariz achatado. Só os olhos, bem desenhados como as asas de um pássaro, conferem encanto e doçura ao seu

semblante. Xiu Lan nunca a teria escolhido. Pergunta-se, angustiada, como poderá convencer o imperador a aceitá-la.

- De que serve ter os pés bem enfaixados? Aquela que arvora lótus de ouro mas caminha como uma garça claudicante perdeu tudo. É preferível ser como Li Wa - declara ela, com uma ponta de desprezo.

Li Wa é, de facto, a única que não tem os pés enfaixados. Aos cinco anos, foi recrutada pelo Lótus Branco, ao qual pertenciam os pais antes de desaparecerem nos cárceres mongóis. Começou imediatamente a aprender *WH Shu* e, assim, escapou à tradição. Li Wa reparou desde o início que Xiu Lan é particularmente exigente para com ela. Apreende a sua hostilidade, mas é possível que, ciente da sua missão, se limite a cumprir as ordens de Ai Xue.

- Vamos, avança - ordena Xiu Lan a Li Wa.

A jovem caminha como lhe ensinaram, dando pequenos passos. Concentra-se para se manter perfeitamente direita, baixando um pouco as pálpebras. De súbito, vê o ponteiro de Xiu Lan pronto a abater-se. Por reflexo, volta-se e, num movimento de torção, força Xiu Lan a largar a arma. A cortesã, surpreendida, levanta-se. O seu olhar é glacial.

- Apanha o ponteiro.

Obedecendo contrariada, Li Wa debruça-se para apanhar o pau.

- Dá-mo.

Devagar, a rapariga entrega o ponteiro a Xiu Lan. A cortesã ergue o braço e, num gesto largo, atinge as pernas da jovem, como se as ceifasse. Li Wa cai de joelhos soltando um grito de dor.

- Como devem ter compreendido, ela fez exactamente o que não se deve fazer - explica Xiu Lan, furiosa. - E ficaram a saber como o imperador pode comportar-se convosco. Devem estar preparadas para ver tudo, ouvir tudo, submeter-se a tudo, suportar e sofrer tudo em silêncio, ou mesmo fingir receber prazer do imperador. Não esqueçam o privilégio com que vos distingue. Estou a ser clara?

Xiu Lan bate as palmas das mãos sem esperar pela resposta.

- Vamos.

* * *

Apesar do clima detestável, Marco passou a noite à entrada da gruta, ao relento, no cimo do rochedo do Leão. De madrugada, é acordado por grandes formigas que lhe trepam pelo corpo formando carreiros. Enxota-as com as costas da mão, praguejando. Sente a roupa húmida. O suor encharca-lhe a túnica nas axilas. Ao mesmo tempo, uma corrente de ar deixa-o gelado. Pietro Tártaro prepara-lhe um chá de canela e gengibre, seguindo uma receita do guia. Este, como a maior parte dos habitantes da ilha, devido às suas crenças, não pode preparar alimentos para um estrangeiro. Marco ingere a beberagem fumegante como se se tratasse de um remédio fundamental, escaldando a língua. Entretanto, Pietro Tártaro enfia-lhe as botas, depois de lhe catar das pernas os insectos que ali se instalaram. Em seguida, Marco decide-se a regressar à gruta. Pelo caminho que já conhece, chega ao palácio onde o velho letrado se alberga.

- Então, voltaste - pergunta-lhe Tatatonga, em guisa de preâmbulo.

- Voltarei todos os dias, até te levar comigo.

O velho fixa em Marco os seus olhos brilhantes.

- Está bem - disse ele, passado um longo momento. - O imperador decidiu conceder-me honras e riquezas?

- Evidentemente.

- E mulheres também?

- As mais bonitas! - respondeu Marco, sorrindo. O velho abana a cabeça.

- Agora mentiste, Marco Polo, as mais bonitas, guarda-as para ele.

- Não, guarda as mais habilidosas. Acredita em mim, sei do que falo.

O velho meneia a cabeça com gravidade.

- Sendo assim, por que precisa de mim? Por que se lembrou subitamente da minha existência?

Desanimado, Marco joga a última cartada.

- Talvez nunca tenhas ouvido falar de um texto sagrado que se chama *História dos Mongóis...*

- .. .que relata a epopeia de Gengiscão.

Marco cala-se, sem dissimular a surpresa.

- Fui um dos escribas do texto - prossegue o velho, orgulhoso. - Leste-o?

- Não, Cublai fechou-o numa biblioteca secreta. E, mesmo que tivesse acesso ao texto, não leio bem mongol. O imperador acalenta o fantástico

projecto de escrever a história do seu reinado. Eu e tu serviríamos apenas de instrumentos.

- Devias ter começado por aí...

* * *

- Entra, Dao.

O rapaz penetra na vasta sala do palácio que Xiu Lan cedeu ao médico chinês. O compartimento é tão austero como o seu ocupante. Uma simples esteira estendida no chão. Um incensório pousado ao lado de uma chaleira e de uma taça. Dao saúda o mestre com o maior respeito. Há dois anos que se treina com Ai Xue. Tal como Li Wa e Xiu Lan, Dao pertence actualmente ao Lotus Branco. Sabe que a seita não se interessa propriamente por ele quantos são os membros capazes de se dedicar a uma causa? - mas pelas suas ligações a Marco Polo. O estrangeiro encontra-se suficientemente perto do trono para ser capaz de o abalar. Dao tem a impressão de que é a pedra fundamental de um edifício cuja arquitectura não compreende.

Ai Xue faz-lhe um sinal para que se sente à sua frente. O médico chinês está sentado no chão. Dao imita-o, de costas bem direitas, olhar sereno. Ai Xue observa-o demoradamente. Admira o domínio que Dao atingiu apenas em dois anos. A raiva e a vergonha do seu sangue mestiço transformaram-se em força e doçura. A sua respiração é tranquila e regular. Aos treze anos, Dao já tem atitudes de homem que se exprimem por ocasião dos combates. É o médico que decide interromper o silêncio. Sabe que o discípulo não o fará. Ai Xue debruça-se para a frente, como quem se lança no vazio.

- Dao, ouve bem. Chegou o momento de regressares a Khanbalik. É possível que te encontres com o teu pai.

O chinês voltou a calar-se, olhando para Dao, que o ouve com grande atenção. O rapaz pestaneja, passa a língua pelos lábios. São os únicos movimentos que traem a sua emoção. Dao esperou tanto por aquele momento que se sente aliviado por finalmente o ver chegar.

- Talvez não seja meu pai, Mestre.

- Ocupou-se de ti como se o fosse e é isso que conta, compreendes? - perguntou serenamente Ai Xue.

- Sim, Mestre - aprova Dao.

- Dao, ouve bem. Vou enviar um dos meus agentes a Khanbalik. Serás encarregado de o escoltar. Depois de te certificares de que chegou a bom porto, abandonarás a cidade e dirigir-te-ás a um local que ele te indicará. Durante toda esta fase da missão, não o interrogarás. Não precisas de saber nada, para tua segurança e pela dele. Alguma pergunta?

Ao espírito do rapaz acodem milhares de perguntas. No entanto, abana a cabeça.

- É tudo - termina Ai Xue. - A partida está prevista para amanhã de madrugada. É um dia favorável.

O rapaz despede-se calorosamente do mestre e retira-se.

Durante toda a noite, procura em vão conciliar o sono, excitado ante a ideia de regressar a Khanbalik. Passaram-se dois anos, desde que abandonou a capital, acompanhado por Xiu Lan. Em contacto com Ai Xue, adquiriu paciência e sentido de observação. Mais tarde, virão a força espiritual e a segurança. Já não receia enfrentar Marco Polo. Se o estrangeiro voltasse a levantar a mão para ele, seria capaz de o prostrar em poucos movimentos. Imagina a cena e as suas variantes com uma confiança tranquila.

Ainda é de noite quando se levanta, já de bagagem preparada. Desce ao pátio. A silhueta já ali se encontra. Sem uma palavra, o agente do Lotus Branco acena-lhe para que o siga. Dao vai atrás dele. Entram na cavalariça, onde Dao sela os cavalos. Aproveitando um raio de luar, Dao vislumbra finalmente o rosto do desconhecido.

- Li Wa, és tu!

Ela sorri, cúmplice.

- Partes em missão, mas que missão?

- Não podes fazer-me perguntas - recorda ela, severa.

- E então? Presumo que não sejas obrigada a responder.

Dao considera-a irresistível quando franze os olhos, a fim de reflectir.

- Conheces Khanbalik?

- Não, nunca lá fui, mas sinto-me muito feliz... Cala-se, desarmada frente ao sorriso de Dao.

- Como vês, respondes às minhas perguntas.

Li Wa volta-se, perguntando-se de fugida se Ai Xue terá feito uma boa escolha quando os associou para esta missão.

Finalmente, no Outono do ano do macaco (1), Marco retoma o caminho de Khanbalik, a bordo de um navio de guerra indiano. Os membros da companhia aumentaram e teve de tomar disposições. Numa primeira fase, Tatatonga exigiu que o veneziano lhe comprasse uma nova indumentária, feita da mais bela seda, a de Ghela. Depois, pediu para ser tratado de forma igual a Marco, no tocante a montadas e honras. O veneziano acomodou-se sem dificuldade a esta exigência. Por fim, o mais difícil foi convencer Gandhali a vestir-se decentemente. Viveu angustiadamente os preparativos da partida, perguntando-se qual seria o seu destino. Desde que Marco lhe transmitiu a decisão de a levar consigo, vota-lhe uma dedicação e um reconhecimento extremos. De que destino a terá ele salvo para despertar tais sentimentos?

Nota 1: 1285.

Curiosamente, rebelou-se contra a ordem de se vestir. O veneziano viu-se obrigado a ameaçá-la de que a deixaria na ilha para que Gandhali aceitasse envergar uma túnica. Ainda assim, sente-se mais mascarada do que vestida e pede licença ao amo para se despir mal se encontram a sós. Durante toda a travessia, usa uma grande profusão de óleos perfumados, como essência de sândalo e, à noite, esfrega o corpo com um pedaço de almíscar. Ela e Marco são os únicos que não enjoam a bordo. O veneziano está habituado a escapar a epidemias. Estranhamente, a robustez da jovem proporciona-lhe uma grande satisfação, para além da boa escolha do marajá, no seu lote de escravas. Nos dias de mau tempo, basta o sorriso de Gandhali para quebrar o torpor da navegação. Certa noite, quando as vagas balançam o junco de tal maneira que ninguém consegue conciliar o sono, Marco arrasta Gandhali para a ponte, unicamente enfeitada de jóias. Sem receio, a rapariga avança para a proa. Por cima deles, miríades de estrelas cintilam na abóbada celeste. Enlaçando-a pela cintura, Marco deixa-a debruçar-se sobre o mastro do traquete, que pende sobre o mar. A espuma branca das vagas vem lambê-la. A sua cabeleira esvoaça, arrastada pelo vento. Quando Marco a estreita de novo nos braços, a jovem está encharcada mas radiosa. Trocam um sorriso cúmplice que vale mil juramentos. Pela primeira vez, Marco dá-lhe um longo beijo nos lábios

frescos. De manhã, Marco recebe, no camarote, a visita do capitão. O veneziano tapa Gandhali com um corte de tecido. A rapariga começa a preparar o chá.

- Senhor Polo, nunca tive tantos marinheiros doentes a bordo.

- Sinto muito, capitão. Pouca sorte a nossa. Espero que não nos atrasemos.

Sente-se, por favor.

O capitão abana a cabeça, lançando um olhar de soslaio à jovem escrava.

- Senhor Polo, os meus homens pensam que o nosso navio foi vítima de mau olhado.

- A sério? - pergunta Marco, que finge não compreender. Pois bem, bastará organizar umas tantas práticas de esconjuro.

- É exactamente o que nos propomos fazer!

Gandhali oferece ao amo uma taça de beberagem fumegante. Marco admira o seu sentido de equilíbrio, vendo-a bambolear-se para lutar contra os balanços do barco. O capitão, como velho lobo do mar que é, apoiou-se contra uma trave vertical, dobrando os joelhos.

- Em que posso ser útil?

- O senhor foi navegador. Portanto, deve saber que os homens não gostam muito de ter... enfim... de pessoas que não o são completamente. Compreende o que quero dizer.

- Não muito bem, não.

O capitão suspira, visivelmente agastado.

- A sua escrava, Senhor Polo!

- Querem lançá-la ao mar? - indaga Marco tranquilamente.

- Sim - reconhece o capitão, sentindo-se mais confiante. - Ou, pelo menos, desembarcá-la.

Dolorosamente, Marco mergulha nas suas recordações. Acabava de abandonar Veneza acompanhado por uma escrava. Tinha dezassete anos. Vira-se obrigado a lutar contra as superstições dos marinheiros para os impedir de se livrarem da jovem Noor-Zade. Mas não conseguira poupá-la à tortura. Ignorava então a que ponto se apegara a ela. Quase vinte anos depois, não é o mesmo homem.

Pega na carteira e retira um maço de notas.

- Capitão, duplico o seu ordenado, bem como o dos seus homens. A minha escrava não sairá do camarote durante toda a travessia, a fim de que a sua presença não interfira na sensibilidade da tripulação. Considero-o responsável pela sua segurança. Aceita a oferta?

Como resposta, o capitão embolsa avidamente as notas, como se receasse ver o estrangeiro mudar de ideias.

- Muito bem. Agora, retire-se - ordena o veneziano.

No momento em que o capitão fecha a porta atrás de si, Marco surpreende-se por ter incluído Gandhali no seu desejo de ficar sozinho. Sentada sobre os calcanhares ali ao seu lado, a rapariga arvora um rosto sorridente e sereno. Marco ignora se terá compreendido a natureza da transacção. Espera que ela leia no seu olhar a segurança que lhe oferece. Num leve movimento do ombro, desfaz-se do pedaço de tecido que a cobre. Sem uma palavra, Marco atrai-a contra ele e estreita-a nos braços.

No início do ano do galo (2), o navio atraca no porto imperial de Zayton. O grupo terá de se hospedar várias semanas num albergue. Tatatonga, no estado em que se encontra, não poderia suportar a viagem, mesmo num palanquim de luxo. Fechado num quarto individual, não toca nas refeições que lhe levam e passa o tempo a meditar. O seu abrigo exala um constante odor a incenso. Marco pede a Ishrat Gandhali que prepare um prato cujo segredo só ela conhece, na esperança de acelerar o restabelecimento do letrado. Lisonjeada com a distinção, a jovem escrava exige os

Nota 2: 1286.

melhores ingredientes para confeccionar a receita. Pede ajuda a todos os criados, atrasando o serviço da noite. Todo o albergue saliva ante os odores que chegam da cozinha. Gandhali atrai a tal ponto todos os olhares que o amo acaba por sentir uma vaidade e uma inveja muito venezianas. Selvagem e ao mesmo tempo requintada, a escrava distingue-se pela graça e a sensualidade. Prudente, Marco encarrega Pietro Tártaro de ir servir Tatatonga no quarto. Passadas algumas horas, o velho manda dizer que se sente um pouco melhor e pede para agradecer pessoalmente a Gandhali. Marco envia uma criada receber a mensagem destinada à escrava. Como já

receava sem acreditar totalmente, o veneziano recebe a visita da criada no dia seguinte de manhã. Confundida e de faces ruborizadas, transmite a Marco o reconhecimento de Tatatonga, que se declara pronto para prosseguir a viagem.

Transformado pelo magnífico remédio de Ishrat Gandhali, o velho mongol aceita acompanhar a equipagem até Khanbalik, pelo Grande Canal. Por fim, surgem ao longe as altas muralhas. Apesar de se aproximar a noite, não esperam pelo dia seguinte para transpor as portas, apressando-se a fazê-lo antes do recolher obrigatório.

Deslumbrado, o letrado entra na capital. Não se cansa de elogiar a nova arquitectura. Quando atravessam a porta da Cidade Imperial, sente-se ainda mais aliviado por ver tendas instaladas por todo o parque. Marco convida Tatatonga para sua casa.

À entrada, Shayabami curva-se numa profunda vénia, lançando aos recém-chegados um olhar intrigado. O palafreneiro encarrega-se dos cavalos. Talvez por causa da idade, o sírio resmunga perante qualquer inovação. Oprime-o a ideia de ter de servir um estrangeiro. Observando mais atentamente o amo, considera-o mudado, envelhecido como um bom vinho, amadurecido. O seu rosto adquiriu o tom e as rugas dos grandes viajantes, como acontecera ao pai. O cabelo adquiriu tons dourados, ou será que embranqueceu?

Marco tem a surpresa de deparar com o pai, Niccolo, e com o tio Matteo, que se instalaram em sua casa durante a sua ausência. Shayabami conseguiu impedi-los de ocupar o quarto de Marco. Recebem Marco com ostentação, quando ele teria preferido tranquilidade e discrição. Diante de Tatatonga, Marco não faz perguntas sobre as razões daquela imprevista visita, embora anseie por saber.

Quando Niccolo descobre Ishrat Gandhali, julga tratar-se de um presente que o filho lhe trouxe. Chamando-o de parte, Marco explica-lhe claramente que é propriedade exclusivamente sua e, por conseguinte, interdita a qualquer outro. Para o consolar, oferece a Niccolo ferraduras com cravos de ouro puro que haviam pertencido ao marajá de Ceilão. Resmungando entre dentes, Niccolo afasta-se, arrastando consigo o irmão, que exige dele todos os pormenores. Pensando bem, Marco julga preferível manter-se vigilante quanto a Gandhali. Espera-o uma montanha de correspondência, muitas cartas de Hangchou, assinadas por Xiu Lan e

dando-lhe notícias do filho, que cresce no respeito pelas tradições que ela própria aprendeu com os pais.

Depois de tomar um banho de ervas perfumadas, Marco enverga um traje de seda. Ao jantar, manda servir uma especialidade persa. Sentado no chão em esteiras de seda, Tatatonga contorce-se como se o conforto o incomodasse. Mal toca na refeição. O veneziano já reparara que o velho não está habituado a encher a barriga como um guerreiro das vastas planícies. Hesita em lhe propor uma companhia feminina para passar a noite. Por fim, opta por lhe proporcionar os serviços de uma instrumentista incumbida de tocar algumas melodias no seu quarto até o adormecer. Tatatonga aceita de boa vontade, com os olhos brilhantes de excitação.

Mal o velho se retira, Marco pode finalmente apreciar a felicidade de estar de regresso. Ouve com um ar distraído o relato da viagem do pai e o seu pedido para que influencie o Grão Cão a fim de que lhe sejam confiados novos cargos. Niccolo pretende ter vindo a casa do filho recompor-se de uma indisposição. Mas Marco considera o seu aspecto tão fresco como habitualmente. Sem uma razão precisa, acode-lhe à ideia a imagem do genovês. Agora, o homem já deve ter regressado a casa, num navio até à Pérsia, para depois atravessar o deserto e alcançar Constantinopla, onde vendeu sem dúvida uma parte da sua mercadoria. Em seguida, deverá ter embarcado numa galera genovesa e navegado pelo Mediterrâneo até ao seu porto natal. A não ser que tenha embarcado em Acre, onde a colónia genovesa é mais importante e onde porventura existe uma feitoria. A esta distância, a querela entre Veneza e Génova parece irrisória.

Marco observa todos os objectos com emoção. A concha trazida da baía da Birmânia testemunha a queda dos Song. O vaso Tang comprado a um antiquário na feira de Hangchou recorda-lhe os longos meses em que procurou Dao, que julgava morto. O incensório de ouro foi comprado num mosteiro tibetano onde Noor-Zade permaneceu em repouso depois do nascimento do filho. A espada, recordação de Jerusalém, foi-lhe oferecida por Guilherme de Rubrouck no momento da partida para Khanbalik. Mas nada de Veneza. Da sua cidade natal, só lhe resta a memória.

Demora-se a tentar recordar o rosto de Donatella, o seu amor de juventude. Nem sequer se consegue lembrar se tinha ou não uma voz doce.

Aqui, no seu palácio, devia sentir-se em casa. Todavia, invade-o um estranho sentimento. Julga-se perdido, como um navio que soltou as

amarras e cujo destino a tripulação ignora. Olha para o pai, que parece passar pela vida sem pensar em nada. Este homem digere cada dia como se fosse o último, sem se dar ao trabalho de se voltar para os anteriores. Já a Lua vai alta no céu quando Marco decide finalmente ir deitar-se. Despede-se de Niccolo e de Matteo, que adormeceu sentado à mesa. Percorre o corredor até ao quarto. Atravessada na cama, no esplendor da sua nudez, de olhos fechados, Ishrat Gandhali oferece a pele da cor do âmbar às carícias do luar. Marco já sabe que vai deixar-se tentar e subtraí-la aos braços de Morfeu.

Subitamente, emerge da ruela, por baixo das janelas, um tumulto de cascos. Decorridos alguns instantes, batem ao ferrolho. Acorrendo, Marco junta-se a Shayabami, que interroga o amo com o olhar. Marco meneia a cabeça. Shayabami entreabre a porta. Um braço agita imediatamente uma tabuinha contendo um mandado do imperador.

- Abram, ordem do Grão Cão!

V

A MISSÃO

Quatro anos depois de abandonar a capital, Dao Zhiyou entra de novo em Khanbalik como se fosse a primeira vez. A pestilência contrasta com a limpeza das ruas de Hangchou. É preciso saltar por cima dos detritos acumulados nas ruelas. Mendigos, cuidadosamente estropiados por redes de cupidez, agarram-se ao vestuário dos transeuntes com as unhas afiadas. Dao afasta-os suave mas firmemente. Decide alugar um verdadeiro palanquim. Quando chegam à Via Imperial, invade-o um desmedido sentimento de orgulho. Tem a impressão de calcar aos pés na qualidade de conquistador a capital da qual fugiu com apenas nove anos de idade. Uma eternidade. Agora, aos treze anos, sente-se quase um homem. Sempre que pensa no pai, é dominado pela raiva. Esforça-se, portanto, por o esquecer.

Não se cansa de olhar para Li Wa. Ao longo da viagem pelo Grande Canal, a amizade entre os dois criou novos laços. Brincando com gatos abandonados, rindo-se das partidas que ele sabia pregar, confiaram-se um ao outro. Ela falou do espírito de vingança que a anima desde a infância e que julga disfarçar habilmente à frente de Ai Xue. Mas recusou-se a falar da missão de que fora incumbida. Dao Zhiyou contou-lhe a sua longa história, desde as primeiras recordações, quando, ainda criança, trabalhava num campo de jasmins, até ao encontro com Marco Polo, o pai. Mais amargo, confessou duvidar das suas origens.

Durante a viagem, Li Wa passou por ser uma mulher, enquanto Dao foi tratado como um garoto. Mas, uma vez chegados a Khanbalik, ela começou a usar uma máscara e Dao pareceu ganhar confiança. Assim protegida do olhar dos outros, Li Wa abre os olhos deslumbrados para as gigantescas avenidas da capital. Surpreende-a a variedade de raças e de povos que circulam livremente pelas ruas. Quando Dao Zhiyou lhe mostra a Cidade Imperial que se ergue ao longe, como um imenso navio onde se decide o destino do povo chinês, Li Wa sente uma brusca tensão estrangular-lhe a garganta. Depois disso, já não consegue gozar o espectáculo da cidade.

Li Wa pede a Dao Zhiyou o favor de a levar ao mausoléu erguido em homenagem a Confúcio. Recolhe-se demoradamente diante do monumento. Vendo-a tão débil e frágil, Dao Zhiyou apercebe-se de que um sentimento de raiva e injustiça começa aos poucos a dominá-lo. Cedida ao imperador, será maltratada antes de ser encarcerada num gineceu dourado. Dao vê desfilar à sua frente cenas de luxúria, inspiradas nas recordações da sua infância nas casas de chá de Hangchou. Imagina Li Wa esmagada pelo ogre Cublai. Furioso, fecha os olhos. Precisa de recorrer a todos os ensinamentos do Mestre para conseguir superar as emoções.

- Vem - ordena ele, numa voz firme.

Leva-a para um albergue muito confortável. Aluga um quarto voltado para um pátio discreto. Apresenta-se como irmão de Li Wa. Está tudo previsto para o caso de circularem pela cidade informadores do Grão Cão. Xiu Lan enviou outras raparigas a Khanbalik. Mas a ordem de partida é tirada à sorte, a fim de que não se conheçam no momento da apresentação ao imperador.

Descalçam-se para não sujar o chão bem limpo. Dao encomenda chá e um jantar servido no quarto. Durante a refeição, Li Wa tenta esconder ao companheiro o nervosismo que a invade. Ao vê-la perder o apetite, Dao Zhiyou recorda-lhe a importância da sua missão. Se emagrecer, arrisca-se a ser eliminada pelas controladoras. Li Wa esforça-se então por ingerir o pato laçado, confeccionado com arte. Dao Zhiyou sabe que, a seguir, ela irá esconder-se para vomitar uma parte do que comeu.

Li Wa regressa, mais branca do que o arroz que lhe enche a taça.

- Porquê tu, Li Wa? E porquê eu?

Ela abana a cabeça.

- Eu sei, nada de perguntas. Mas, entre nós, pensei que fosse apenas nada de respostas - diz ele, sorrindo.

Li Wa continua calada.

- Ouve, não tenho cérebro de bicho-da-seda. Se fosses como as outras, estarias com elas. E se a tua missão dependesse apenas de Xiu Lan, Ai Xue não me teria pedido que continuasse a treinar contigo até ao último momento. Então?

Dao põe-se em guarda. Li Wa levanta-se por sua vez. Dão início a uma partida de luta livre. Li Wa tem dificuldade em concentrar-se, enquanto Dao se mostra preciso e rápido no ataque. Estendendo o pé a preceito, Dao

derruba-a. A rapariga senta-se, sem fôlego. Abre a boca, mais pálida do que nunca, de olhar frio e determinado. Naquele instante, Dao pressente que corre o risco de se arrepender de querer ouvir o que ela lhe vai anunciar com o impacto do raio que fulmina a árvore em período de tempestade.

- Fui incumbida de matar o imperador - confessa ela, numa voz entrecortada.

Incapaz de proferir uma palavra, Dao Zhiyou avança em direcção a ela. Naturalmente, embora tivessem sempre o cuidado de nunca se tocarem, a não ser durante os combates, ele estreita-a nos braços como um irmão faria à irmã. Li Wa abandona-se à ternura do rapaz, permitindo-se chorar em silêncio pela primeira vez depois da morte dos pais. Do chá escaldante elevam-se volutas esbranquiçadas até ao tecto. Lá fora, o sol enevoou-se, espalhando pelo quarto um manto sombrio. Perdidos como dois passarinhos numa tempestade, encostam-se um ao outro, compensando as carências de amor. Educada como um soldado, habituada a dominar as emoções, o encontro com Dao, o pequeno bastardo subtraído às suas origens como se lhe tivessem arrancado a pele, recorda-lhe o que ela se tem esforçado por esquecer. Há quanto tempo não recebe um gesto de afeição? Sozinhos naquele quarto despido, sentem-se como se pertencessem à eternidade. Embora Ai Xue não lho tenha dito, Li Wa sabe que vai morrer. Pelo assassínio do imperador, será condenada e executada. De olhos fechados, deixa-se invadir pela doçura do corpo quente de Dao encostado ao seu. Com uma delicadeza infinita, ele começa a acariciá-la. Aquele afecto já nada tem de fraterno. No seu íntimo, Li Wa sempre sonhou que o primeiro acto de amor se passaria assim. Ela depende da missão que tem a cumprir mas, se tudo decorrer como está previsto, o Grão Cão não pousará a mão sobre ela. Quanto às controladoras, conhece os segredos com que as há-de enganar. Tem a impressão de que se encontram os dois sozinhos no mundo, num lapso de tempo em suspenso. Nada os poderá atingir. Nos olhos dele, ela lê todo o seu horizonte.

Então, decide esquecer Ai Xue, Xiu Lan e o imperador.

* * *

Marco reconhece as insígnias da Guarda Imperial.

Impossibilitado de se subtrair àquela injunção, acena a Shayabami para que os deixe entrar.

Num passo marcial, o chefe transpõe o limiar da porta, enquadrado pelos seus homens armados.

- Senhor Marco Polo? Recebemos ordens de o conduzir imediatamente ao palácio, acompanhado pelo seu convidado.

- Permitam que me vista decentemente.

Sem esperar pela autorização, Marco afasta-se, ordenando a Shayabami que fique ao pé dos soldados.

Enquanto se veste no quarto, acorda Gandhali sem nenhuma consideração.

- *Vai chamar o Senhor Tatatonga* - pede ele em persa. - *Fomos convocados pelo Grão Cão.*

Ao proferir aquele nome, Marco vê brilhar uma luz na pupila da jovem escrava. Envolve o corpo numa túnica ampla e sai descalça para o corredor.

Passados alguns instantes, surge Tatatonga, apertando as largas calças de tecido de algodão e libertando a cada movimento um desagradável cheiro a suor.

- Cublai quer ver-nos imediatamente.

- Então ele nunca dorme? - resmunga Tatatonga.

- Pelo menos de noite, não.

Tal como Marco previra, o capitão não o deixa levar a arma. Sentindo-se despido, monta no cavalo árabe e sai do palácio. Enquadrados pela Guarda Imperial, Tatatonga e Marco atravessam os jardins da Cidade. A noite liberta o aroma das flores e dos pinheiros. Uma sentinela ilumina o caminho com uma lanterna que leva pendurada na extremidade de uma longa vara. Com um gesto, Marco mostra a Tatatonga as tendas redondas montadas em frente do edifício principal. Após alguns minutos a trote, a pequena expedição alcança o recinto do palácio. No pátio, entregam os cavalos aos agentes da guarda. Alguns degraus conduzem-nos ao vasto átrio da entrada. Marco e Tatatonga são revistados. O velho recusa-se a ser apalpado. Numa voz seca e desagradável, o oficial de guarda explica-lhe que não poderá comparecer à convocação do imperador e se arrisca à morte. Intratável, Tatatonga replica com sobranceria que já enfrentou o imperador mais vezes do que o jovem atrevido que ousa falar-lhe assim. O tom sobe e Marco começa a imaginar-se prisioneiro por questões de somenos.

Armando-se de paciência, apazigua a fúria do velho e acaba por convencer o guarda a deixá-lo revistar o velho, sob o seu olhar inquiridor.

Em seguida, são conduzidos por um Samud engalanado através das vastas salas desertas e escuras até à parte do palácio reservada ao imperador. O criado leva na mão uma pequena lamparina de óleo. Tatatonga adivinha na escuridão a opulência do palácio.

- Na estepe, debaixo das tendas, não precisávamos de nada disto! - murmura ele, num tom de desprezo.

Marco surpreende-se com o comentário, pois o velho vivia num antigo palácio destinado aos prazeres terrestres. O veneziano julga já ter efectuado aquele trajecto. Pergunta-se se Cublai os irá receber na biblioteca secreta. De facto, sobem vários lances de degraus, transpondo uma bela porta de madeira esculpida. Ao longe, eclodem risos e exclamações provenientes dos salões em que se jogará durante toda a noite, em troca da entrega de uma parte dos lucros aos cofres do império.

Sobem uma escada tão estreita que Marco tem a certeza de que o imperador nunca por ali passou. Ofegantes, penetram num pequeno gabinete iluminado por várias dezenas de candeeiros. Numerosas escrivaninhas de madeiras preciosas constituem o essencial do mobiliário. Das paredes, pendem caligrafias chinesas e mongóis, em cascatas de papel de seda. Nas prateleiras de cerejeira, empilham-se grandes rolos de papel que mais parecem braços estendidos. Dispostos em placas de pedra, pincéis de todos os tamanhos formam uma densa cabeleira. Tintas pretas, vermelhas brilham na escuridão como olhos de gato. Em biombos de laca pintados à mão inscreve-se o ideograma da Via, num convite ao visitante para encontrar a sua. Um ignorante tomaria aquele caminho por um simples labirinto. A janela coberta de papel engordurado constitui a única abertura para o exterior. Um raio de luar projecta no chão uma nuvem vaporosa. Uma sombra destaca-se de uma parede. Marco sobressalta-se antes de reconhecer o Grão Cão.

- Marco Polo! Era então verdade, regressaste e não te apresentaste! - diz Cublai, contristado.

* * *

- É esta noite, não é? - pergunta Dao.

Li Wa meneia a cabeça, com a garganta demasiado estrangulada para dizer uma palavra.

Passam o dia a meditar um ao lado do outro.

Ao fim do dia, Li Wa prepara aplicadamente a bagagem. Dao Zhiyou observa-a, dilacerado. Também ele enverga trajes de gala. Li Wa dobra cuidadosamente as mais belas sedas, as pérolas mais luminosas, sapatos bordados com os mais requintados pontos. Manda vir uma taça de arroz e chá verde para a última refeição fora do palácio. Descose uma prega da qual retira uma pequena bolsa de bexiga de porco. Depois, volta a fazer a costura. Põe a bolsa no fundo da taça, envolve-a cuidadosamente em arroz e engole tudo com esforço.

- O que é? - pergunta Dao, intrigado.

Li Wa ergue os olhos para ele, como se finalmente o tivesse visto.

- Já obtiveste muitas respostas - respondeu ela, numa voz suave.

Brilham-lhe as lágrimas nos olhos. Dao cala-se, meneando a cabeça.

- Estás preparada? - acaba ele por perguntar.

- Sim, vamos.

Dao desce à rua para mandar parar um palanquim e chama por Li Wa. Resplandecente, dissimulada por detrás de uma máscara de penas, apresenta-se como uma concubina imperial. Compreendendo subitamente que ela nunca o será, Dao vai tomando consciência da extensão da confissão que Li Wa lhe fez. Sobem os dois para o palanquim. A cada solavanco do caminho o rapaz sente uma dor no coração. Subitamente, Li Wa pousa a mão na de Dao. Surpreendido, ele aperta-a até quase a esmagar. Permanecem assim os dois, incapazes de trocar uma palavra ao longo do trajecto que os separa do palácio.

À entrada da Cidade, depois de mostrar o salvo-conduto, são obrigados a apear-se para que o palanquim seja revistado. Chega a vez de Dao. Soberbo, este encara o guarda, que ignora que todo o corpo do rapaz se transformou numa arma, tal como o de Li Wa. Por fim, são autorizados a prosseguir caminho. Sobem para o palanquim e passam por mais dois controlos antes de terem acesso à majestosa entrada do palácio. Li Wa sente o ventre tão crispado que não consegue deleitar-se com o esplendor do espectáculo. O oficial de guarda encaminha-os para outra porta, mais

discreta. Entram, apresentam mais uma vez o salvo-conduto. Um criado precede-os através dos corredores ainda mal retocados.

Por fim, são introduzidos numa antecâmara cujos acabamentos estão em curso. Aguardam longos momentos sem trocarem um olhar. A fim de iludir a impaciência, Dao explora a sala. Escondido atrás de um biombo, um reduto contém pilhas de tecidos, decerto destinados a ser suspensos das paredes. Subitamente, abre-se a porta... *Acabou-se. Nunca mais a verei...*

* * *

O veneziano prosterna-se ao comprido em frente do imperador. Tatatonga imita-o entre resmungos, vergando com dificuldade o corpo enferrujado.

Samud, que os acompanhou, retira-se discretamente, fechando a porta atrás de si com todo o cuidado. Na sala fica apenas uma escrava, ajoelhada ao lado de um tabuleiro no qual assenta uma chaleira dentro de um cestinho que a mantém quente.

Marco e Tatatonga erguem-se e instalam-se no chão, em tapetes de seda, a convite do imperador. Cublai, sentado num estrado domina os convidados.

- Tens os rubis? - pergunta o Grão Cão, num tom seco.

- Infelizmente não, Grão Senhor.

Cublai meneia a cabeça gravemente.

- Eu bem sabia. Devia ter enviado o teu pai. O que foi feito dele?

- Ele não teria trazido Mestre Tatatonga - prossegue Marco sem responder à pergunta de mera cortesia.

Com um ar satisfeito, Cublai pousa as mãos no ventre dilatado. Mas os seus braços tornaram-se demasiado curtos para conseguirem tocar-se.

- Sê bem-vindo, Tatatonga.

- Que a paz e a sabedoria continuem a ser as estrelas que guiam este reinado, Grão Senhor - diz Tatatonga, num tom de cortesão.

A jovem escrava serve-lhes taças de chá fumegante.

- Sei que o meu irmão Mongka te... enviou de visita a outros reinos. Tinha as suas razões. Eu tenho as minhas para te chamar.

- Eu sei, o estrangeiro falou comigo.

Marco sente-se bruscamente excluído da conversa. O termo «estrangeiro» utilizado por Tatatonga choca-o mais do que o resto. Uma espécie de cumplicidade une os dois mongóis. Passado um momento, tem a audácia de interromper a conversa:

- Grão Senhor, cumpri a minha missão, permita que me retire

- sugere ele numa voz forte.

Cublai fita-o, abrindo muito os olhos. Até mesmo a jovem escrava começa a tremer, como se avaliasse a extensão da cólera imperial. Por fim, o Grão Cão começa a rir, produzindo o barulho de uma tempestade.

- Talvez queiras ir dormir? Enganas-te. Doravante, os teus dias e as tuas noites pertencem-me. Fica sabendo que, pela minha parte, só descansarei quando morrer. Quero que se lancem imediatamente ao trabalho. A viagem ao país dos meus antepassados pode surpreender-me a qualquer momento e, antes disso, a minha obra deverá estar terminada! Então... só então, poderão parar e eu também.

* * *

Uma velha, coberta de maquilhagem e envergando um traje todo bordado a pedrarias, entra na antecâmara. É muito baixa mas, mesmo assim, consegue olhá-los de alto. Mal lança um olhar a Dao antes de avançar para Li Wa.

Li Wa curva-se numa profunda reverência.

- Sou Li Wa Si-Yen, venerável senhora.

A velha observa-a dos pés à cabeça. Estende-lhe o manto que traz no braço. Li Wa enfia-o com a ajuda de Dao. Fica logo a parecer uma princesa.

- Muito bem. O teu companheiro pode ir-se embora. A velha dá meia volta e sai, entre um roçagar de sedas.

Mal a porta se fecha, Dao Zhiyou e Li Wa trocam um olhar. Não precisam de falar para se compreenderem. Num instante, todo o seu passado vem ao de cima. O encontro no macaréu de Hangchou. O treino comum com Ai Xue. Os ensinamentos secretos de Xiu Lan.

- Adeus - murmura Li Wa, numa voz estrangulada.

No momento de se retirar, Dao Zhiyou precipita-se sobre Li Wa e aperta-a nos braços. Ela recua, arrastando-o para a penumbra de um

recanto. Na escuridão, adivinha o brilho do olhar de Dao. No interior do palácio, os seus sopros harmonizam-se numa união interdita.

Subitamente, o obscuro reduto ilumina-se. Dao volta-se bruscamente.

- Quem são? Que fazem aqui? - interroga uma voz autoritária.

À frente deles, um homem de cerca de quarenta anos, vestido como um mandarim, assaz corpulento. Dirigiu-lhes a palavra em chinês. Avança um passo.

Dao Zhiyou posta-se diante de Li Wa para a proteger.

- Eu... estávamos de saída... enfim, eu... fui eu...

O desconhecido escruta a escuridão. Aquela voz afigura-se algo familiar a Dao, mas o contraluz impede-o de distinguir os traços do rosto do homem.

- Mas, este manto é... uma futura concubina do imperador!

- exclama o intruso, furioso.

Dao volta-se para Li Wa. Sentem-se ambos desamparados, julgando-se perante um eunuco.

- Como te atreves, patife? Miserável bastardo, vais morrer! exclama o homem.

- Não! - suplica Li Wa.

Dao precipita-se para o desconhecido e tapa-lhe a boca com a mão antes que ele tenha tempo de chamar um guarda. Arrasta-o para o interior.

- Dao, que estás a fazer? Dao, que estás a fazer? - repete Li Wa, em pânico.

Para já, Dao pretende simplesmente impedi-lo de dar o alarme. Está mais preocupado com a sorte de Li Wa do que com a sua. O desconhecido debate-se. Num movimento de *Wu Shu,* Dao torce-lhe violentamente o braço. O homem cai com todo o seu peso no chão, bate com a cabeça numa arca. Dao solta-o. O outro nem se mexe.

A escuridão e o silêncio invadem o corredor estreito. O coração de Dao pulsa intensamente. O medo apodera-se dele. Perdido no meio do palácio imperial, nunca se sentiu tão perto do fim. Tem as mãos húmidas. O suor molha-lhe a nuca. As suas ideias entrelaçam-se em nós tortuosos. A sua respiração é ofegante. Julga ouvir o passo cadenciado dos guardas que se aproximam. Imagina-os à sua frente, com o fio das armas a brilhar à luz do dia. Fecha os olhos, inspira profundamente. Decide deixar de pensar e passar à acção, como lhe ensinou o mestre Ai Xue. Não procura saber se o

homem morreu ou não. Puxa por ele e esconde-o por baixo de uma pilha de tecidos dobrados.

- Dao, que estás a fazer?

O rapaz esforça-se, pois a vítima é muito pesada. Por fim, senta-se sobre os calcanhares, retomando o fôlego, calmamente. Em seguida, enxuga o suor que o poderá trair. Por fim, levanta-se e vai escutar através da porta.

- Fica aqui, vou procurar o meu pai.

- Marco Polo? - pergunta Li Wa, elevando a voz.

- Mais baixo, podem ouvir-te.

Espera que cesse todo o ruído de passos e sai com o ar mais natural possível.

- Espera! - diz ela, em pânico.

Dao já se afastou. Mergulhada na escuridão, Li Wa deixa-se deslizar ao longo da parede. De olhos fixos no inimigo estendido no chão, enrosca-se, apertando os joelhos contra o corpo. Entala a cabeça nas mãos, deixando correr as lágrimas em silêncio.

* * *

- Grão Senhor, receio que esta miserável taça de chá não nos baste - protesta Tatatonga.

Marco encara o velho, espantado. Em Ceilão, era um eremita, partidário de todas as privações. Em Khanbalik revela exigências de cortesão.

- Vai buscar qualquer coisa para comer - ordena Cublai à escrava.

A jovem faz uma vénia e retira-se.

Entretanto, Cublai convida Tatatonga a instalar-se diante de uma das escrivaninhas. O letrado não se apressa. Senta-se, faz menção de escolher, levanta-se, avalia a largura do tampo, examina por cima do ombro a janela que deixa passar um raio de luar.

Levanta-se, massajando os rins.

- Esta talvez me satisfaça. Mas o tampo é incómodo. Cublai sorri, visivelmente divertido.

- Terás almofadas à tua medida. O teu conforto será total. Tatatonga ainda parece insatisfeito. Sem dizer nada, passa e volta a passar diante da janela, suspirando ruidosamente.

- Que mais queres? - pergunta Cublai. Tatatonga esboça um gesto de irritação.

- Nada, procuro simplesmente saber se a luz será suficiente para os meus olhos cansados. Vivi tanto tempo fechado, longe do sol.

- Nesse caso, a escuridão ser-lhe-ia mais conveniente - observa Marco.

O velho ignora a observação do veneziano.

- Podíamos ir para um gabinete com janelas mais amplas.

Cublai levanta-se e acaricia o queixo, reflectindo. Marco raramente o viu tão febril.

- Não, é aqui que se encontra todo o material de escrita. Além disso, esta tarefa deve manter-se secreta. Aqui, estará ao abrigo dos curiosos.

Enquanto o Grão Cão estica os pêlos da barba, Tatatonga apalpa demoradamente os rolos de papel para escolher o que prefere. Experimenta os pincéis, apertando-os nos dedos enrugados.

Marco é dominado por uma súbita angústia. Nem sequer se certificou de que o velho fosse efectivamente capaz de escrever folhas inteiras. Mesmo tendo a intenção de imprimir o livro, Cublai pretende com certeza que o copista tenha uma caligrafia impecável, a fim de facilitar o trabalho da impressão. Marco pergunta-se se a mão do velho não tremerá no momento de pousar o pincel na folha. Como se sentisse o peso do pensamento do veneziano, Tatatonga ergueu bruscamente os olhos para Marco. Este vira a cabeça, disfarçando o embaraço.

O Grão Cão bate as palmas. Samud ocorre imediatamente.

- Diz, Samud, não estamos mesmo por baixo do telhado?

- Assim é, Grão Senhor.

- Então, ordena ao arquitecto imperial que rasgue o tecto e construa uma escada que conduza directamente ao telhado.

O intendente, aterrado, arregala os olhos.

- Mas, Grão Senhor, não há nada lá por cima. Só o telhado, as telhas...

- Pois bem, ele que construa um terraço. Abrigado, mas só em parte! - especifica Cublai.

O Grão Cão, entusiasmado com o projecto, tem os olhos brilhantes como os de um garoto. Avança para Tatatonga, tão contente quanto o imperador. Começam a acertar pormenores quando o intendente, em vez de se retirar, se aproxima directamente de Marco.

- Senhor Polo? Um jovem pede para o ver - murmura ele.

O veneziano debruça-se sobre Samud.

- A esta hora? - surpreende-se ele.

O intendente confirma com um aceno de cabeça.

- Disse como se chama?

- Disse unicamente que é seu filho.

Marco franze o sobrolho. Uma tempestade abala-lhe o coração. Não vê Dao há quatro anos. Respeitou o seu silêncio. E o garoto decide manifestar-se a meio da noite, em plena audiência imperial. A raiva sobe dentro dele.

- Explicaste-lhe que eu estava com o imperador?

- Evidentemente, Senhor, mas ele insistiu.

- Diz-lhe que vá aos meus aposentos. Lá o encontrarei - replica o veneziano secamente.

* * *

Dao vagueia pela parte animada do palácio. Saúda maquinalmente os cortesãos que ali se encontram, procurando um rosto amigo. Não pode deixar de pensar no pai e no maldito criado que deve ter alterado os seus propósitos. Embrenha-se numa passagem que não conhece. Alcança uma enfiada de salas e, sem saber muito bem como, penetra numa grande sala onde se encontram reunidas várias dezenas de cortesãos, jogando às cartas e ao go.

De repente, Dao avista uma silhueta familiar. Prepara-se para abordar o homem quando reconhece o príncipe Temur, filho de Zhenjin. Os seus olhares cravam-se um no outro. O do príncipe mostra-se tão carregado de ódio que gela Dao. Levanta-se ruidosamente e dirige-se ao rapaz, seguido pelo seu séquito.

- Que vens fazer aqui? É proibida a entrada de bastardos! - exclama ele, rindo.

Contrariando a raiva que sente subir dentro de si, Dao Zhiyou saúda o príncipe como a sua categoria exige.

- Eu... procuro a princesa Hayak-Hokedjin, Alteza.

Dao apercebe-se, mas demasiado tarde, de que disse exactamente o que não devia.

- O quê, ainda andas à volta dela? E a esta hora? Não compreendes que pões em perigo a sua honra? - silva Temur numa voz cortante.

Pressentindo que se arrisca a ser incapaz de se dominar, Dao Zhiyou saúda-o de novo e prepara-se para sair quando o príncipe intervém de novo:

- Guardas, prendam-no!

Num ápice, Dao Zhiyou vê-se obrigado a dominar o instinto que o aconselha a dar um salto e fugir. Concentra-se em Li Wa e na maneira de a retirar daquele vespeiro.

- Esperem! Eu conheço-o - declara uma voz.

Toda a gente se volta. No meio da multidão, Dao procura quem terá falado.

O homem avança contra a luz, sem que Dao consiga distinguir as suas feições, que só identifica a alguns passos de distância.

- É meu sobrinho.

Aliviado, Dao saúda respeitosamente o tio, erguendo as mãos ao nível do queixo e inclinando-se.

Sanga volta-se para o príncipe Temur e para a sua guarda pessoal.

- Não passa de uma criança. Levo-o comigo, não voltará a ser importuno, Alteza.

Aproveitando o efeito de surpresa, Sanga arrasta Dao para o exterior.

- Dao, que fazes aqui? - murmura Sanga.

O rapaz cala-se, procurando orientar-se dentro do palácio. Já só pensa em encontrar Li Wa.

- Sinto-me feliz por te ver. Como mudaste! O que se passou com o teu pai desagradou-me profundamente. Tenho igual estima pelos dois.

- Justamente, procuro o meu pai - apressa-se Dao a declarar.

- Partiu para uma missão em Ceilão.

- Não está em Khanbalik?

Dao pergunta-se se Samud lhe terá mentido.

- Ignoro se já terá regressado. Anda, vamos informar-nos.

- Não! - responde Dao com brusquidão. - Eu... não tenho tempo.

Sanga observa-o atentamente, apercebendo-se do seu estado.

- Que se passa, Dao?

Dao encara o tio, avaliando-o.

- Preciso de ajuda, tio.

- Já desconfiava.

- Prometa-me que guarda segredo.

- Podes pedir-me tudo.

- A verdade é que - declara Dao, baixando a voz - lutei com um homem.

- Quem? Onde?

- Aqui e ignoro quem seja.

- Aqui, em Khanbalik?

- No palácio. Creio que é...

Sanga arregala os olhos, assustado.

- Quando?

- Há poucos minutos. Julgo ser capaz de o conduzir ao local.

A passos largos, atravessam de novo os corredores e as antecâmaras. Dao volta atrás por mais de uma vez, febril, perdendo-se nos meandros do palácio. De noite, as salas assemelham-se todas. Como lhe parece longínquo o tempo em que, de olhos fechados, era capaz de ir ao encontro da princesa Hayak-Kokedjin em qualquer recanto da Cidade. Por fim, alcançam a passagem fatal. Entram discretamente, certificando-se de que não são vistos. Li Wa ergue bruscamente a cabeça.

- Quem é? - pergunta Sanga.

Li Wa saúda Sanga respeitosamente.

- Chamo-me Li Wa, Senhor Polo. Estou destinada a ser apresentada ao imperador.

- Não é Marco Polo, é o meu tio - explica Dao.

Li Wa esboça um pedido de desculpa, mas Sanga ignora-o.

- Onde está ele? - pergunta o monge ao sobrinho.

Dao afasta a pilha de tecidos e aponta para o corpo. Sanga faz um movimento de recuo.

- Conhece-o? - pergunta Dao, incrédulo.

Sem responder, Sanga debruça-se sobre o homem que reconheceu imediatamente - Zhenjin, o herdeiro do trono e filho de Cublai. Pousa-lhe a mão no peito. O príncipe ainda respira.

- Está vivo? - pergunta Dao, ansioso.

Sem hesitar, Sanga aplica firmemente a palma da mão no nariz e na boca de Zhenjin. Um derradeiro espasmo agita o corpo do herdeiro.

- Não, está morto - responde Sanga, erguendo-se. - Vem, ajuda-me a retirá-lo daqui.

- E ela? - pergunta Dao, ansioso.

Sanga examina Li Wa da cabeça aos pés.

- Eu próprio a escoltarei até às portas do gineceu. Mas podes crer que a apresentação ao imperador ainda não será feita esta noite... - acrescenta ele, com um sorriso travesso. - Anda, tira-o daqui.

Dao hesita, incrédulo.

- Obedece, não discutas! - ordena Sanga, numa voz imperiosa. - Confia em mim...

Dao obedece e arrasta o corpo para o exterior sob a vigilância de Sanga.

- Deixa-o aí, está bem assim.

Dao vislumbra nos olhos do tio um clarão que nunca dantes imaginara.

- E agora?

- Agora, desaparece. Vai para casa do teu pai. Eu trato de tudo. E dela também.

Li Wa e Dao Zhiyou trocam um último olhar. O rapaz contém-se para não a estreitar nos braços. É ela que se afasta.

Dao, estugando o passo e seguindo as indicações do tio, alcança a majestosa entrada do palácio. No pátio, cruza-se com os guardas que se precipitam para o interior. Ouvem-se os gritos dos cortesãos. Dao abranda o passo para compreender o sentido das conversas. O que ouve crispa-o num grande pavor.

- Morreu o príncipe Zhenjin!

- Consta que sucumbiu a um ataque súbito.

Dao começa a correr pelas vastas alamedas do parque. Quer sair imediatamente daquele palácio maldito, no qual entrou como conquistador e do qual foge como criminoso.

VI

O REFÚGIO

A notícia espalha-se pelo palácio como um rastilho de pólvora. Alguns cortesãos próximos de Zhenjin refugiam-se nos pavilhões, enquanto outros se apressam a apresentar condolências ao imperador.

Cublai, nos primeiros instantes, pediu que o deixassem sozinho. Houve quem dissesse que soltou uivos de lobo ferido. Em seguida, ordenou que prosseguissem os assuntos do Estado. Mas não consegue manter o semblante habitual. Arrasta a voz, abafando constantemente os soluços e as lágrimas que lhe saltam dos olhos. Os cortesãos lamentam-no mas receiam que esqueça as misérias do império, submerso nas suas.

Sanga mostrou-se particularmente deferente. Sugeriu que o corpo do príncipe Zhenjin fosse examinado pelos seus médicos pessoais, que concluíram por uma morte natural. Encarregou-se das audiências de menor importância, a fim de aliviar o soberano. Sugeriu que o imperador decretasse luto nacional.

Depois, encomendou uma grande profusão de vinho de arroz, e boa carne. Aos poucos, Cublai abandonou-se aos prazeres da sua natureza. Xiu Lan abreviou a estada em Hangchou para responder às exigências do imperador, que só a queria a ela junto de si. Durante vários dias, soçobrou numa mórbida luxúria. Por fim, Cublai assinou numerosos decretos, um dos quais nomeava Sanga primeiro-ministro.

Depois do anúncio da morte do príncipe Zhenjin, Marco regressou precipitadamente a casa. Encontra Dao prostrado à entrada. O veneziano entrega o manto a Shayabami. Dao ergue a cabeça para o pai. Onde Marco julgou adivinhar lágrimas, descobriu uma expressão de raiva terrível.

- Onde esteve? - indaga Dao, num tom de censura. Marco inflama-se tão rapidamente quanto o filho.

- Desapareces durante anos e tens a ousadia de vir pedir-me contas!

- Preciso de si!

Marco arqueia uma sobrancelha.

- Agora estou aqui - diz ele afectuosamente. Dao cerra os dentes, visivelmente contrariado.

- Posso... posso dormir aqui esta noite?

- Evidentemente!

Nos meses que se seguem, Dao não sai do palácio do pai. Deixa-se estar no jardim interior horas a fio, contemplando as orquídeas. A pedido de Marco, Shayabami ensina a sua língua a Dao, que revela ser um aluno pouco atento. Desde que o rapaz vive sob o tecto de Marco, este suporta a presença do pai, Niccolo.

Com mais de cinquenta e cinco anos, o antigo mercador veneziano envelhece melhor do que seria de supor. Amante dos prazeres da vida usufrui da posição do filho na corte imperial e dispõe de tudo o que lhe é indispensável: vinho, mulheres e boa mesa. Marco, que cresceu no culto daquele pai ausente, começou por ver naquela situação uma boa ocasião de se aproximarem. Mas, por mais de uma vez, teve de recordar ao pai que era ele o dono da casa e de redefinir as liberdades que o pai se arroga, mesmo em relação às criadas. Por fim, se Marco tolera o pai debaixo do mesmo tecto, é porque, para além do respeito que lhe deve, o seu filho Dao Zhiyou adoptou o avô Niccolo. Marco esforça-se por ensinar ao filho tanto o domínio da natação ou do uso da espada como as sete artes - Gramática, Lógica, Retórica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Mas foi com Niccolo que aprendeu sem dificuldade o latim e o veneziano. Quando estão juntos, o rapaz não se cansa de ouvir os relatos de Niccolo, embora não se deixe enganar quando o avô acrescenta cem bandidos aos dez já conhecidos. Por mais de uma vez, Marco surpreendeu-se, enternecido, a vê-los conversar no pátio do palácio, acariciados pelos reflexos da luz do sol poente. Nesses momentos, sente-se tentado a dar ouvidos ao tio Matteo que lhe repete à saciedade que a família é insubstituível.

Marco vai todos os dias ao palácio imperial encontrar-se com o letrado. Tatatonga pede-lhe que enriqueça os relatos sem atender aos seus comentários. O veneziano teme que o resultado não esteja à altura das suas esperanças. Regressa muitas vezes tarde e não vê o filho. Intuitivamente, sabe que estes meses ficarão como os mais belos da sua vida, embalado pela ilusão de ter reconstruído a família.

Certa noite, vê brilhar no jardim a luz de uma lanterna. Abeira-se de Dao e senta-se ao seu lado no meio dos jasmins que exalam um doce

perfume. Surpreende-o encontrar ali Dao, que não suporta o odor destas flores desde que foi obrigado a colhê-las quando era ainda uma criança, escravo de camponeses sem escrúpulos.

- *Em que pensas?* - pergunta Marco em veneziano.

- Em nada - responde Dao em mongol, decorrido um momento.

- Podes responder em árabe, é melhor. Para que serve Shayabami?

- Qual o interesse, Senhor Polo? Ele em breve morrerá e, depois, com quem falarei essa língua?

- A vida é mais longa do que pensamos na tua idade. Talvez um dia regressemos a Veneza.

- Se partir, não o acompanharei. É longe, e não conheço lá ninguém.

- Era o que eu dizia de Khanbalik.

- E então, não era verdade?

- Era, mas...

Calam-se os dois, perdidos na contemplação de um peixe que desliza pela água do lago, brincando entre as arcadas de uma pequena ponte.

- Estás apaixonado? - acaba por perguntar Marco.

- Não! - exclama Dao, levantando-se.

- Que pretendes? Voltar para a rua?

Dao cala-se, cerrando os punhos.

- Anda, senta-te.

O rapaz obedece. Marco pousa-lhe a mão no ombro, desajeitadamente.

- Gostaria de recuperar o tempo perdido - murmura ele.

Dao solta uma gargalhada.

- Nunca está presente, Senhor Polo!

- É verdade, tenho obrigações para com o imperador.

- Julguei que estivéssemos de luto nacional - disse Dao, amargo.

- Não no que respeita às minhas actividades - responde Marco, misterioso.

Dao olha para o pai, intrigado.

- Não quer falar-me do assunto? Já falou de mais, não é verdade?

O projecto é secreto, mas o que arrisca Marco se o contar ao filho?

- Como nós todos e certamente os grandes ainda mais, Cublai quer deixar marcas na História. É verdade, construiu uma cidade inteira, Khanbalik, consolidou mesmo a Grande Muralha. Concluiu o Grande

Canal. Mas, para um homem quase analfabeto, o melhor testemunho é o da escrita. Trouxe de Ceilão um velho escriba mongol.

- E a tal expedição?

- Um pretexto. É ele que hoje escreve a história do império. Depois, o imperador vai mandar imprimi-la e difundi-la mesmo além fronteiras. A imprensa imperial já está a postos.

- E qual é o seu papel, em tudo isso? - pergunta Dao, céptico.

- Conto tudo o que vi e o Grão Cão ignora.

- Verdadeiramente tudo? Mesmo durante a viagem até aqui?

- Não, porque não acreditariam em mim! - disse Marco, rindo. - Se soubesses tudo o que passei com a tua mãe...

- Fale-me dela, da sua... escrava.

Marco suspira profundamente, com um nó na garganta, antes de dar início à narrativa.

- O meu pai, Niccolo, levou-a com ele na primeira viagem que fez a Khanbalik. Comprara-a a um guia chamado Kunze. Levou-a para Veneza para a vender como escrava. Sentime desde logo seduzido. Nunca vira uma rapariga como ela. O seu mistério fascinava-me. Foi comprada por... uma das minhas amigas, que ma ofereceu. Quando o meu pai partiu para Khanbalik, juntámo-nos os dois à sua caravana. Aprendemos a conhecer-nos. Certa noite, ela foi procurar-me à minha cama.

Marco ergue os olhos azuis para o filho.

- Ignorava então que Kunze a violara nessa mesma noite - acrescenta ele friamente. - Nasceste nove meses depois.

Ante esta recordação, Marco fecha os olhos.

- Encontrávamo-nos os dois sozinhos nas montanhas. Os outros haviam-nos considerado mortos. Eu nunca assistira a um nascimento. Foi horrível. Mas sobreviveste. E agora estás aqui.

Afectuosamente, Marco agarra o filho pelo ombro para disfarçar a emoção que o invade.

- Como é que ela morreu?

- Ainda mal sabias andar. Fomos atacados por bandidos. Ela foi atingida por uma flecha. Kunze raptou-te. Mais tarde, soube que ela te tatuara - acrescenta Marco, apontando para o braço do rapaz, onde ruge uma criatura meio-tigre meio-dragão. - Procurei-te durante tanto tempo.

Dao ergue-se num repente, escondendo a tatuagem por reflexo.

- Então sempre é verdade, o senhor talvez não seja... meu pai!

Marco adivinha a inquietação no olhar do rapaz.

- Agora, pouco importa. És como um filho. Eu gostava dela. És tão parecido com a tua mãe - acrescenta o veneziano, emocionado.

O rapaz afasta-se, conturbado.

Naquele instante, surge Shayabami, anunciando um médico chinês.

- Manda-o entrar! - ordena Marco, entusiasmado, sem se aperceber do efeito da visita no rosto do filho.

Logo de seguida, Ai Xue entra na sala. Vestido sobriamente de preto, saúda Marco de mãos juntas.

O veneziano ergue-o e estreita-o nos braços.

- Ai Xue, meu amigo! Que prazer voltar a ver-te! Senta-te. Come connosco, íamos começar.

- Senhor Polo, não quero incomodar.

Pelo contrário, Marco sente-se mais uma vez aliviado por não se ver confrontado com o filho. Ordena a Shayabami que sirva Niccolo e Matteo no quarto. Enquanto o escravo se afasta a fim de cumprir esta delicada missão, Marco não repara que Dao saúda Ai Xue mais humildemente do que seria de esperar.

- Tenho muita honra em te receber à minha mesa - prossegue o veneziano. - Senta-te.

Cumpridas as habituais formalidades, Ai Xue senta-se à frente de Dao.

- Senhor Polo, consta que esteve nas Índias. Não trouxe nenhuma maravilha que possa mostrar-me?

- Com certeza que sim.

O veneziano bate as palmas. Aparece Ishrat Gandhali, seminua, curvando-se graciosamente diante do amo. Ai Xue ri-se.

- É, de facto, muito bonita.

A rapariga serve-os.

Durante o jantar, Ai Xue procura por diversas vezes afastar Marco para ficar sozinho com Dao. Mas o veneziano é suficientemente organizado para nunca ser obrigado a levantar-se. O jantar termina com uma dança de Ishrat Gandhali. Depois do chá, como Ai Xue já esperava, Dao Zhiyou insiste em acompanhá-lo. Marco aceita, cansado e ansioso por se juntar à sua flor das Índias.

Entre as duas portas da residência, Ai Xue detém Dao.

- Quis ver-te - diz ele, num murmúrio. - Nem Xiu Lan sabia onde estavas.

A morte do príncipe Zhenjin perturbou os planos do Lotus Branco. Todas as esperanças da sociedade secreta assentavam na estratégia de Ai Xue. O afastamento de Li Wa para o gineceu veio alterar grandemente esta posição privilegiada. Em nome do destino do império, é a sua própria posição que o médico chinês defende. Assim, decidiu correr o risco de se introduzir na Cidade Imperial e de se apresentar a Marco Polo.

- Vem trazer-me notícias de Li Wa?

Ai Xue franze o sobrolho.

- Deveria?

Dao meneia a cabeça.

- Aqui, posso sair quando quiser. O meu pai deixa-me em paz, anda muito ocupado com o imperador.

- Com que fim? - pergunta Ai Xue, intrigado e extremamente atento. - Conta-me tudo.

Ai Xue pressente finalmente que os seus esforços serão recompensados.

* * *

Durante os meses que se seguem, estabelecem-se novas alianças no palácio. Os antigos partidários de Zhenjin tendem a simpatizar com Sanga. Correm rumores sobre a sucessão de Cublai. Está lançada a corrida entre os filhos e netos do imperador. O Grão Cão não recebe ninguém para além de Sanga, a quem transmite instruções. O ministro assegura as audiências urgentes, em particular as dos que lhe são próximos. Afasta do Conselho o príncipe Temur, filho de Zhenjin e possível pretendente ao trono. A mãe recorre à cumplicidade dos eunucos para conquistar o apoio imperial.

Entregue à distribuição dos cargos, Sanga vê-se porém obrigado a interromper o trabalho quando lhe anunciam a chegada do embaixador da Pérsia. Este surpreende-se com a magnificência da audiência. Sanga encontra-se sentado numa cadeira alta, decorada como um trono. O ministro veste-se de seda, ornada de pedras preciosas. Está rodeado por uma verdadeira corte.

O embaixador, salientando que se recusa a tratá-lo como imperador, volta-se ligeiramente para falar a Sanga.

- Senhor, o nosso pesar é imenso por não podermos ser recebidos pelo próprio imperador, mas comungamos da sua dor.

- Esteja certo de que os seus sentimentos serão transmitidos - responde Sanga numa voz untuosa. - A que devo a honra desta visita, senhor embaixador?

- O nosso amo Argun pacificou a Pérsia. Tem várias mulheres, como se impõe, mas falta-lhe uma esposa digna do seu sangue. É por isso que solicita ao Grão Cão a honra de receber uma princesa imperial que seja a jóia do seu harém.

Sanga reflecte.

- Parece-me um pedido aceitável. Farei uma proposta digna de satisfazer o nosso primo da Pérsia.

- Pretendemos que o imperador seja informado do nosso pedido - especifica o embaixador.

- Com certeza, senhor embaixador - responde o primeiro-ministro.

Mal o embaixador acaba de sair, Sanga dirige-se aos aposentos de Cublai, onde este se encontra retirado. O Grão Cão participa num permanente festim: carneiro cozido inteiro, peito de cordeiro, ovos, crepes recheados de legumes crus e temperados com açafrão, chá doce, *kumis* e cerveja de milho-miúdo. Prepara-se para atacar o quarto carneiro, quando o primeiro-ministro é anunciado. Sem se preocupar com a presença do seu conselheiro, cospe para o chão, arrota ruidosamente, com a barba salpicada de restos de molho, pedaços de carne e grãos de arroz.

- Meu caro Sanga, tens-me acompanhado desde aquele dia funesto. És o meu mais fiel conselheiro. Pensas mesmo na melhor maneira de me consolar. A cerveja de milho-miúdo que me forneceste é deliciosa.

- E as raparigas escolhidas por Xiu Lan?

- Para dizer a verdade, ainda não as experimentei. Falta-me a coragem. Para já, afogo a minha dor em *kumis*. É excelente para o qi'.

Sanga ignora a ironia do imperador.

- Grão Senhor, os conselheiros pedem uma audiência privada.

- Para já, não posso recebê-los. Encarrego-te de resolver os assuntos correntes. Previne-me apenas do estritamente necessário.

Sanga curva-se profundamente, disfarçando assim o seu sorriso de satisfação.

Na antecâmara, Sanga enfrenta os conselheiros do imperador, entre os quais um jovem de rosto já avinhado, Temur, filho de Zhenjin e neto de Cublai.

- Infelizmente, Alteza, o nosso amo e senhor não se encontra em condições de receber ninguém. A perda do vosso pai e seu filho afectou-o terrivelmente.

- Está a confiscar o poder em seu próprio benefício, senhor Sanga! - exclama o príncipe, furioso.

A raiva de Sanga não se dissipa.

- Infelizmente, a verdade é outra, Alteza. Como sabe, o imperador confiou-me uma carta lacrada conferindo-me plenos poderes.

Limito-me a obedecer às ordens do imperador, como o senhor. - acrescenta ele, pérfido.

* * *

A morte de Zhenjin teve por efeito acelerar a tarefa de Marco. Cublai está persuadido de que o seu fim se aproxima. Marco isola-se na companhia de Tatatonga, servido por um criado que os abastece de alimentos e bebidas.

Confortavelmente instalados no terraço ao ar livre construído a uma velocidade surpreendente, dominam quase por completo a Cidade Imperial e Khanbalik. O seu olhar estende-se por cima dos palácios e das casas. Marco reconhece o bairro dos estrangeiros, com vastos telhados cujas formas se diferenciam das outras. Assistem às manobras da Guarda Imperial que se desenrolam em baixo, três vezes por dia. Operários trabalham na escultura de um grande dragão que trepa ao longo da muralha. Isolados do tumulto do palácio, mergulham numa atmosfera de calma e serenidade propícia ao seu empreendimento. Era, em todo o caso, o que Marco pensava. O carácter de Tatatonga ritma os seus dias de modo diferente. O escriba exige a presença de jovens instrumentistas. Um pequeno grupo de quatro raparigas, cortesãs soberbas, toca continuamente, exibindo nos lábios pintados um fino sorriso. Tatatonga exige que lhe sirvam refeições dignas de um ogre, que ele devora com um apetite

surpreendente. Todavia, permanece tão magro como quando Marco o encontrou na gruta de Ceilão. Depois de ter comido copiosamente, o letrado deixa-se cair nas grandes almofadas de seda em que se relaxa, rodeado de mulheres. Em geral, Marco aproveita para ir ao seu palácio tratar de assuntos pessoais e pôr a correspondência em dia. Encontra-se unicamente com Ishrat Gandhali. Esta passa o tempo a descontrair-se em banhos aromatizados ou a esfregar o corpo com unguentos.

Já completaram uma dezena de rolos. Por causa do luto que o atingiu, Cublai ainda não tomou conhecimento da situação. A despeito das inquietações do escriba, que se pergunta se não seria preferível esperar, a fim de terem a certeza de que o imperador se encontra satisfeito, Marco prefere prosseguir na mesma cadência. Receia que o escriba, entregue à ociosidade, deixe de ter préstimo.

Por mais de uma vez, Tatatonga suspende o pincel no ar enquanto Marco lhe relata as suas viagens.

- Julguei que ias redigir a história do Grão Cão - resmunga ele.

- É verdade, estou aqui para te fazer uma descrição do seu império. Ninguém o conhece como eu. De resto, foi o próprio Cão que...

Interrompe-se, descontente. Por que razão se há-de justificar perante este homem?

- Escreve - ordena.

O escriba obedece de má vontade. Marco debruça-se sobre o texto, incapaz de decifrar mais do que algumas palavras. Sente-se obrigado a confiar nele. Não pode deixar de temer a reacção de Cublai se Tatatonga tomar liberdades inadmissíveis. Deixa-se fascinar pelos caracteres que adquirem formas humanas, um homem que dança, uma mulher agachada, ou ainda figuras fantásticas uma sereia autoritária, um dragão fugidio. Recompõe-se, varrendo da mente aquelas quimeras.

Marco passa horas a ditar a Tatatonga. Este, por vezes, faz uma pergunta, especifica uma ideia. Mas, em geral, é Marco que se entusiasma, se inflama perante um costume interpretado, um povo descoberto, um encontro perturbador. Lança-se em digressões que se afastam do tema de partida. Marco só se detém quando se apercebe de que Tatatonga parou de escrever.

- Será mesmo necessário incluir na história do império pormenores inúteis sobre estes povos? - ironiza Tatatonga.

No gineceu imperial, Li Wa ocupa o seu lugar entre as últimas a chegar. É colocada ao serviço das mais antigas. Com as jovens companheiras, está encarregada de limpar os quartos e as banheiras das outras mulheres. Pensara que a hora de transpor a porta do quarto do imperador chegaria rapidamente. Mas os dias passam, monótonos, e nada nem ninguém vem distrair as recém-chegadas. Li Wa nem se atreve a fazer perguntas, receando levantar suspeitas. As companheiras sentem-se tão intrigadas quanto ela com a calma que reina, mas mostram-se muitíssimo aliviadas. As mulheres mais velhas não têm o direito de tocar nas mais novas. Mas não se coíbem de lhes prodigalizar as piores humilhações. Algumas, invocando a expectativa em que se encontram, garantem-lhes que chegarão ao fim da vida virgens, criadas do gineceu, escravas das outras concubinas que tenham tido filhos. Algumas das jovens acreditam e choram. São então repreendidas pelas matronas encarregadas de as vigiar e de preservar a sua saúde e beleza. Se uma das concubinas não estiver contente com o trabalho de uma das mais novas, está autorizada a fustigá-la com um chicote de correias largas que não deixam marcas. Este castigo entra rapidamente no quotidiano das infelizes. A hierarquia é impiedosa entre as concubinas do imperador, na sua maioria mongóis. Vivem separadas das três esposas, as quais levam uma existência de imperatrizes, cada uma no seu palácio. A primeira concubina é a que deu mais filhos ao imperador. As que só tiveram filhas ou são estéreis tornam-se criadas das outras. Os rapazes crescem no gineceu até aos três anos, idade em que recebem oficialmente um nome. Separam-se então em definitivo da mãe e das irmãs a fim de receberem uma educação imperial. Aprendem as artes marciais, a leitura e a escrita mongol e chinesa, história, geografia, astronomia, pintura, caligrafia, música, teatro, literatura, astrologia, ritos e práticas budistas.

Quanto às raparigas, permanecem no gineceu até ao casamento, que coroa muitas vezes uma aliança com um chefe de guerra ou um senhor local. Assim, depois de terem vivido fechadas durante toda a vida, são bruscamente enviadas para uma região longínqua, da qual não conhecem os costumes nem a língua, confiadas a um marido que nunca viram. Este fecha-as por sua vez no seu harém, onde se vêem obrigadas a conquistar um lugar.

Até agora, Li Wa conseguiu passar despercebida. Conforta-se pensando que escapará ao destino das outras mulheres. Fala tão pouco que muitas a

consideram muda e portanto surda. Assim, as concubinas não hesitam em falar à frente dela. É deste modo que, certo dia, toma conhecimento da morte de Zhenjin, filho do imperador e herdeiro do trono.

Foi imediatamente declarada guerra entre as esposas. Inventam razões preciosas para persuadir o Grão Cão a ceder o trono aos filhos. Mas o imperador, mergulhado numa profunda melancolia, ainda não optou. Menospreza mesmo os prazeres nocturnos, preferindo afundar-se no vinho de arroz ou no *kumis*.

Isolada do mundo exterior, Li Wa pergunta-se se a morte de Zhenjin poderá pôr em causa a sua missão. Reconforta-se convencendo-se de que a seita do Lotus Branco não deixaria de lhe fazer chegar uma mensagem, em caso de necessidade. Mas ninguém sabe predizer quando retomará o imperador o exercício dos seus poderes. Li Wa decide aguardar pacientemente. Gostaria de retomar os treinos marciais de *Wu Shu,* mas não pode correr o risco de ser desmascarada. Aproveita então as longas noites passadas nos dormitórios colectivos, onde pernoitam às centenas, para se entregar a exercícios de meditação.

Passados esses momentos, pensa com emoção em Dao. Ela, que sempre lutou contra qualquer forma de sentimentos e afectos, apercebe-se de que sente a falta dele.

* * *

Perto de Caracórum

Desta vez, foi o príncipe Nayan que solicitou o encontro. A entrevista teve lugar nas proximidades de Caracórum, a antiga capital construída por Gengiscão, um perfeito símbolo. Em baixo, foi montado um acampamento ao longo de um lago. Os animais vagueiam em liberdade. Apesar do frio, há crianças que brincam na água. Nuvens de fumo escapam-se das tendas, que se estendem como borboletas presas à estepe. Agasalhado numa capa de peles que descai até aos flancos do cavalo, Ai Xue desce a encosta até à iurta mais a sul, a do chefe. É imediatamente rodeado pela guarda do príncipe, que não viu chegar. Identifica-se, sempre na defensiva. Sem uma palavra, um dos homens desce da montada e penetra no interior da tenda.

Sai passados alguns instantes. Emitindo uma espécie de grunhido, autoriza Ai Xue a entrar.

O médico transpõe o limiar com prudência. Saúda o príncipe, que se encontra ocupado com uma das esposas. Ai Xue ajoelha-se do lado esquerdo da tenda. Nayan oferece-lhe o tradicional *kumis*. O médico apressa os gestos de cortesia da praxe, impaciente por ser posto ao corrente dos motivos da convocação.

- O senhor atingiu o coração do império, o que está bem começa o príncipe. - Mas ainda não tocou na cabeça.

Portanto, Nayan, como Caidu, imagina provavelmente que o Lotus Branco está na origem da morte de Zhenjin. Ai Xue fez um raciocínio rápido. Esta crença só vem reforçar a posição do Lotus e a sua em particular. Opta por deixar pairar as dúvidas a este respeito.

- Em que ponto estamos? - retoma Nayan.

- Informações fidedignas tendem a provar que o imperador está a criar um vasto projecto de propaganda. Urge detê-lo.

Ai Xue deixa reinar o silêncio a fim de aumentar o seu efeito.

- Um livro que relata o seu reinado, louvando a sua glória e reescrevendo a História - declara ele numa voz solene.

Nayan reflecte por alguns momentos.

- E pretende lançar uma operação por causa de uns miseráveis pedaços de papel que só um punhado de letrados será capaz de ler?

Como é evidente, Ai Xue devia ter desconfiado de que os Mongóis das estepes seriam incapazes de compreender ou de prever o poder dos livros.

- Tranquilize-se, porém, porque não abandonaremos o nosso projecto...

Nayan emite de novo um grunhido.

- Os nossos xamãs não aprovam a aproximação à vossa sociedade. É esta a verdade. Doravante, procederemos como mandam os astros. Vamos atacar.

- Dêem-nos algum tempo - pede Ai Xue.

- Não dispomos de tempo - responde o príncipe, sorrindo. Ai Xue reflecte sobre as fórmulas secretas que terá de inventar para enviar uma mensagem a Dao Zhiyou. Atendendo ao eficaz sistema de estafetas dos Mongóis, pensa ele com cinismo, a ordem de missão chegará ao seu jovem discípulo muito antes de regressar a Khanbalik. É pena, gostaria de ver com

os seus próprios olhos as chamas do auto-de-fé. Gostaria de ser ele próprio a dispersar as cinzas da história de Cublai...

- Então, não esperemos... - remata ele.

* * *

Naquela tarde ensolarada, Marco está a tentar reler o texto, enquanto Tatatonga descasca pevides de melancia. As instrumentistas continuam a tocar. O veneziano não consegue concentrar-se. Embora saiba que vai desagradar a Tatatonga, ordena-lhes que parem. Volta a mergulhar na leitura enquanto o velho se dirige, amuado, para o terraço.

- Olha, há fumo lá em baixo. É com certeza um incêndio.

Marco mal presta atenção ao que ele diz. Ainda concentrado, levanta o nariz do manuscrito.

- Peço perdão, mas creio que compreendeste mal o que te disse a propósito dos elefantes birmaneses. Escreveste...

O velho volta-se, irritado.

- E tu, que compreendes tu do que lês?

Marco suspira. Estas intermináveis querelas prejudicam o andamento do trabalho. O veneziano está tão habituado a fazer tudo sozinho que não consegue confiar no velho mongol. Tanto mais que este, por vezes, olha para Marco como se não o ouvisse. Nestas ocasiões, o veneziano muda bruscamente de tom ou inventa uma peripécia absolutamente fantasista e enfurece-se quando Tatatonga nem sequer parece surpreender-se.

- E por que havia de me surpreender? Pretendes ter visto serpentes com patas e dentes. Por que não homens com cabeça de cão?

Marco suspira, consternado e ao mesmo tempo vencido. De repente, entra um criado aos gritos.

- Um incêndio na imprensa. Ardeu tudo!

Marco precipita-se imediatamente para a beira do terraço. O fumo aumentou de volume. Uma grande nuvem negra desenha-se no céu.

Quem estava ao corrente? pergunta-se Marco. Instintivamente, não aceita imaginar que se trate de um simples acidente.

- É uma catástrofe! - exclama ele.

- Seja como for, ainda não chegámos ao fim - diz Tatatonga, fatalista.

Cublai ouve distraidamente o relatório de Sanga. O ministro acabou por ceder à pressão dos conselheiros e restabeleceu as reuniões, mas num âmbito restrito. Temur obteve o direito de participar, contra a vontade de Sanga. Este, graças a uma rede de informadores, conserva uma posição preponderante junto do imperador. Enumera demoradamente todas as acções da sua incumbência. A construção do Grande Canal que liga Hangchou a Khanbalik ocupa uma considerável mão-de-obra, proporcionando trabalho a muitos chineses. Vendo que o imperador deixa pender a cabeça como se fosse adormecer, Sanga cala-se por um instante. Aproxima-se de Cublai.

- Grão Senhor, os nossos informadores trouxeram-nos notícias da maior importância. Não preciso de o recordar: Caidu invadiu a Manchúria e ocupou Caracórum. E as suas tropas retiraram da Birmânia. Recomeçou o recrutamento.

Ao ouvir falar de Caidu, Cublai abre um olho. Esta traição do primo é um ataque pessoal. Há anos que devia ter ajustado contas com ele de uma vez para sempre, mas as guerras no Japão, como as do Império da Birmânia, ocuparam o essencial do exército imperial.

- O príncipe Nayan aproximou-se de Caidu para unir as suas forças às dele. Supomos que projectam lançar uma vasta ofensiva contra o império. Pior ainda, bloqueiam o abastecimento do país em cavalos.

Cublai endireita-se no assento.

- E só agora é que mo dizes? - exclama o imperador.

- Acabo de ser informado pelo príncipe Temur - desculpa-se Sanga.

- Pois bem, enganas-te. E as tuas informações seriam ainda mais preciosas, Sanga, se fossem mais precisas. Para quando está previsto o ataque?

- É a única informação que nos falta. Mas temos esperança de a obter rapidamente.

O Grão Cão anima-se como após um longo sono.

- Não ficaremos à espera. Temos de ser os primeiros a atacar. Sanga, vamos ordenar o recrutamento e a mobilização de todas as nossas tropas.

Os olhos de Cublai brilham de excitação e de fúria.

- Infelizmente, Grão Senhor - intervém Temur -, o grosso das nossas tropas encontra-se mobilizado no sul do país. A ofensiva que travei com sucesso no Império da Birmânia ocupou muitos dos nossos soldados.

- Julguei que tivesses saído vitorioso, Temur.

- E assim foi, mas os meus homens demorarão alguns meses a chegar ao norte, onde precisamos deles.

O conselheiro budista intervém por sua vez.

- Temur é um dos nossos melhores generais. Chegou o momento oportuno de abordar a questão da sucessão, Grão Senhor.

- É uma questão que não pretendo resolver - decreta Cublai.

- Todavia, Grão Senhor... - insiste o outro.

- Mais uma palavra, conselheiro, e morrerá antes de mim.

O tom do imperador deixa os conselheiros gelados. Um silêncio opressivo abate-se sobre o conselho privado. Cublai reflecte, esticando aplicadamente os pêlos da barba.

- Ordeno a mobilização secreta dos homens disponíveis. A fim de que nada transpire desta acção, só quero ver à minha volta os oficiais mais próximos. Requisitem todos os cavalos que consigam encontrar. Verifiquem o armamento. Preparem catapultas e projécteis. Que os melhores artífices se empenhem no fabrico de bombas à base de pólvora. Quero, e isso é essencial para a nossa vitória, que tudo isso seja organizado sem qualquer menção a Caidu ou Nayan, ou mesmo à Manchúria. Deve passar-se tudo como se se tratasse de operações de rotina. Se houver alguma fuga de informações, meus senhores, considerá-los-ei responsáveis e enviá-los-ei para a linha da frente. Lembrem-se dos erros que cometemos contra o Japão. Vão e voltem em paz. Tenho dito.

VII

O DESPERTAR DO TIGRE

As ordens do Grão Cão são executadas com tanta diligência que, numa dezena de dias, o conselho privado o informa de que foram mobilizados trezentos e sessenta mil cavaleiros e cem mil soldados de infantaria. As tropas foram transportadas por mar, em enormes navios. Cublai consulta astrólogos e xamãs. Depois de queimarem pós e de carbonizarem ossos de carneiro, segundo as crenças mongóis, garantem ao imperador uma vitória honrosa contra o príncipe rebelde Nayan. Sem mais demoras, o Grão Cão ordena a partida. Marco Polo *é* solicitado na sua qualidade de observador do reino. O veneziano hesitou muito antes de fixar Dao Zhiyou em Khanbalik. Gostaria de o ter perto de si, mas sem o expor ao mínimo risco, tanto mais que o filho lhe parece nervoso. As suas ausências inexplicáveis não deixavam de inquietar Marco. Confiou-o aos cuidados de Niccolo.

O imperador também requisitou a presença de Tatatonga. Mas o velho apresentou-se diante do imperador, curvado, caminhando a passos minúsculos. Suplicou ao Grão Cão que o poupasse àquela viagem que lhe poderia ser fatal. Como Cublai insistisse, o velho descontrolou-se, o que bastou para convencer o soberano de que seria melhor deixá-lo em paz. Tatatonga desfez-se em agradecimentos, garantindo ao imperador que se entendia suficientemente bem com o «estrangeiro» para que este lhe fizesse uma descrição pormenorizada da aventura. Marco, lúcido, não pôde deixar de pensar que o velho mongol se oferecia assim algumas semanas de ócio e prazer. Mas não disse nada a Cublai.

Num pequeno pátio ao abrigo das altas muralhas da Cidade, Marco assiste aos últimos preparativos. Um grupo de músicos arruma os instrumentos num grande carro de bagagens. O velho imperador mongol parece rejuvenescido. Enfiou uma armadura à sua medida, o que, semanas antes, seria um feito difícil de imaginar. Agora, sobe por uma escada para montar um enorme cavalo cujos músculos estremecem a cada movimento. Dir-se-ia que o animal foi domado e treinado para suportar aquele peso.

Marco pergunta-se se Cublai não o teria criado em segredo, na previsão desta eventualidade. Entre a multidão, Marco reconhece muitos falcoeiros e monteiros, frequentadores das caçadas imperiais. Um dos elefantes, jovem e poderoso, acompanha os soldados.

As informações do imperador situam a posição das tropas de Caidu e Nayan a trinta dias. Cublai exige que o seu exército a atinja em vinte. Forçando a marcha, apenas com algumas horas de repouso por noite, o exército atravessa o norte do império até alcançar o campo de batalha. A fim de preservar o efeito de surpresa, uma patrulha segue à frente do grosso das tropas. Qualquer homem encontrado pelo caminho é imediatamente preso e amordaçado. Durante toda a viagem, Marco não vê nenhum civil à beira das estradas, nem no interior das aldeias.

Uma vez à vista da planície, Cublai convoca o conselho militar para a sua tenda.

- Vamos sitiá-los esta noite. As catapultas armadas de bombas incendiárias darão o sinal de partida. Os soldados de infantaria iniciarão o ataque por meio de vários lançamentos de flechas. Seguir-se-á a cavalaria. Um ponto essencial: quero Nayan e Caidu vivos.

Cublai volta-se para o veneziano:

- Marco Polo, antes do ataque, confio-te a missão de ires anunciar a nossa chegada a esses traidores. Quero que os vejas com os teus olhos... pela razão que conheces - acrescenta ele em voz baixa.

O veneziano saúda o imperador curvando-se numa profunda vénia, a fim de encobrir o suor que lhe cobre a testa. De observador, passa a batedor. Cublai julgá-lo-á invulnerável? Pouco satisfeito, regressa à tenda e prepara-se para cumprir ordens. Sente raiva contra o imperador que assim dispõe da sua vida. Pergunta-se em que medida Cublai abusa do seu entusiasmo para o manipular em proveito próprio. Anoiteceu. Marco redige um breve testamento, garatujado à pressa com a ajuda de uma pena recentemente aparada. Depois acena à escolta para que o siga.

Sai a galope do acampamento do Grão Cão, iluminado pela lua cheia. O imperador ordenara-lhes que não levassem estandarte. Para sua grande surpresa, ultrapassa sem dificuldade as primeiras linhas inimigas. Abrandam o passo. Segundo a tradição mongol, o acampamento de Nayan forma um círculo. Os carros com as bagagens estão dispostos em volta de uma fogueira quase a extinguir-se. Os homens dormem dentro das tendas.

Os cavalos, reunidos dentro de uma cerca, relincham à sua passagem. Marco dirige-se sem hesitar para a tenda mais a sul, a que, segundo todas as probabilidades, deverá albergar o príncipe mongol. Demasiado seguro de si, o príncipe não cuidou de a guardar. Marco apeia-se. Ordena à escolta que se mantenha a postos. Mas se o príncipe ordenar que sejam executados, como tantas vezes acontece tratando-se de emissários, nada poderão fazer. Desarmado, Marco levanta a cortina e transpõe cautelosamente o limiar da tenda.

Um raio de luar espalha uma luz branca pelo interior da tenda. O príncipe não está sozinho. No meio daquele pálido alvor que penetra na tenda, ergue-se uma mulher. Ao ver a silhueta de um homem recortar-se em contraluz, solta um grito.

O príncipe Nayan volta-se por sua vez, contrariado por ter sido interrompido. Com cerca de trinta anos de idade, Nayan ostenta a rude nobreza das estepes que Marco já viu nos Mongóis da Pérsia.

- Quem está aí?

Marco saúda o príncipe de forma breve, sem ir além do que a sua posição exige, pois, embora descenda de Gengiscão, primo de Cublai, não passa de um traidor ao imperador.

- Senhor, estou na presença do príncipe Nayan?

O príncipe acaba de se levantar, cobre descontraidamente o corpo nu com uma pele de lobo.

- Estás - responde ele, intrigado.

- Chamo-me Marco Polo, sou emissário do Grão Cão Cublai, imperador de todas as terras conhecidas e senhor do mundo. Sou portador de uma mensagem. O Grão Cão espera-te à frente do seu exército para reparar a tua traição e mostrar a todos que um traidor não marcha contra o seu senhor.

A ousadia de Marco é de tal ordem que Nayan não tem outra solução senão levá-lo a sério.

O veneziano não espera pela reacção do príncipe. Saúda-o com o respeito que demonstrara à entrada e sai rapidamente da tenda. Monta a cavalo e faz um sinal de partida aos seus homens. Na noite escura, galopam através das fileiras de Nayan. Ouve-se o toque de alerta de uma trompa. Marco acelera o ritmo. Só quando atinge as primeiras linhas do exército imperial retoma o fôlego.

Durante a noite, um nevão precoce cobriu a estepe com um vasto manto branco. Dividido entre a angústia e a excitação, Marco não consegue adormecer, apesar da autorização do Grão Cão. Mesmo que quisesse dormir, a agitação dos últimos preparativos mantém-no perfeitamente desperto. Lá fora, o barulho produzido pela soldadesca esmaga-se contra um suave torpor. Marco acaba por ingerir uma grande taça de *kumis* a fim de lutar contra o frio e sai da tenda. Os cavalos já se encontram reunidos e arreados. Os soldados começam a montá-los. Marco aproxima-se do dele. Samud interrompe-o:

- Ah, Senhor Polo, o imperador chama-o. Ali! - aponta ele, estendendo o braço.

Samud é obrigado a levantar a voz a fim de se sobrepor ao martelar dos cascos e o surdo entrechocar das espadas. Marco segue a direcção indicada pelo criado. Em redor de um imenso edifício reuniu-se uma multidão. O veneziano acorre a passos largos. No dorso do elefante imperial, alguém montou uma verdadeira torre de madeira. Cublai sobe uma escada para ocupar o seu lugar. A ascensão é perigosa e todos assistem, inquietos, ao espectáculo. Por fim, ajudado pelos criados, o imperador alcança o cimo do paquiderme. Acena a Marco para que se junte a ele. O veneziano faz o mesmo percurso que Cublai e chega ao trono imperial, a uma grande altura do solo, ao lado do imperador e do seu conselho militar restrito. Um vento de Inverno, glacial, assobia-lhe aos ouvidos. Marco agasalha-se mais nas dobras do manto. A torre oscila ao sabor das rajadas de vento. O veneziano agarra-se, em vão, ao assento.

- Ora bem, Marco Polo, alguma vez admiraste semelhante espectáculo? - exclama Cublai, altivo, antes de retomar, logo de seguida, a conversa com os seus generais.

De facto, a vista sobre o campo de batalha é única. Ao longe, na linha do horizonte, atrofiam-se as línguas avermelhadas da aurora que devoram a estepe esbranquiçada. Mesmo por baixo deles, o exército põe-se em movimento. Turbilhões de flocos brancos encobrem em pouco tempo a maré de soldados. A uma ordem de Cublai, o elefante começa por sua vez a avançar.

A primeira passada é tão brutal que Marco, projectado para a frente, cai sobre o velho general Bayan, que o repele com toda a naturalidade. Todos se agarram como podem ao trono imperial. Alguns empalidecem como se

estivessem num navio. Só Cublai, perfeitamente à vontade, parece revigorado pelo ar forte das estepes. O animal avança ao ritmo da retaguarda. Na torre de observação, a conferência militar é interrompida. A um passo cadenciado, juntam-se ao grosso do exército que rodeia os soldados inimigos.

No acampamento de Nayan, reina a agitação própria de um combate. Os homens correm em todos os sentidos, a fim de se equiparem, de se protegerem dentro das armaduras. Bastou a visão do exército do Grão Cão em redor da planície para que os homens gelassem de pavor. Marco referencia a tenda do príncipe Nayan no momento em que o vê sair. Logo atrás dele surge uma mulher. Deve tê-lo chamado, pois Nayan volta-se e estreita-a numa última carícia. Depois, junta-se aos seus homens, dá ordens acompanhadas de muitos gestos. Do alto da sua torre, Cublai aguarda que os soldados de Nayan se preparem para o combate. Como já esperava, adoptaram a tradicional táctica mongol: formar um círculo com os carros de bagagens por detrás dos quais se abrigam. Na estepe escurecida pelas armas, o vento domina o silêncio. As luvas de Marco gelaram. Só os relinchos dos cavalos e os tinidos das espadas atravessam o ar carregado.

Com um gesto, Cublai ordena aos músicos que toquem. Ressoa uma doce e cristalina melodia, que se repercute em coros que mais parecem gritos de guerra. O silêncio, de novo. Ouvem-se rufar os tambores. Um eco surdo acaricia a planície, penetrando no coração dos homens. Cresce progressivamente, expandindo-se e estendendo-se pela estepe. É substituído pelo do campo inimigo, como se procurasse encobrir o primeiro. A cadência acelera-se. Os tambores ganham em força, ressoam cada vez mais alto, até se tornarem ensurdecedores. Sente-se vibrar o chão. O peito de Marco arfa ao mesmo ritmo. Quando o sol nasce - uma bola de fogo no horizonte - acende-se na terra uma luz dramática, como nos espectáculos chineses que Marco tanto apreciou em Hangchou. O horror pode começar.

Cublai lança o sinal de combate. Ouvem-se as trompas, às quais não tardam a responder as do campo adverso.

As catapultas do exército imperial disparam projécteis inflamados entre silvos estridentes. As bombas esmagam-se nas tendas. Os homens fogem na esperança de escapar. Os cavalos, em pânico, galopam em todos os sentidos.

Agarrado à escada, um mensageiro aguarda ordens do imperador. Depois de observar atentamente a cena, Cublai transmite o seguimento da táctica ao comando que permaneceu em terra.

Pouco depois, os soldados de infantaria imperiais tomam posição. Estendem os arcos e, a um sinal, lançam as flechas. Num ápice, o céu escurece, velado por uma nuvem de projécteis. Estes caem, cerrados como uma tempestade de Verão, sobre os homens de Nayan. Há silhuetas que caem por terra, feridas ou mortalmente atingidas.

- Repara bem, Marco Polo, eles não esperavam um ataque como este antes do corpo a corpo. Mas a guerra mudou, desde Gengiscão. Aos meus homens, só lhes resta aplicar-lhes o golpe de misericórdia.

Ofegante, o mensageiro regressa, coberto de neve, com os lábios arroxeados.

- Chegou a hora, Grão Senhor - previne o general Bayan, soprando para as luvas embranquecidas pelo frio.

- Espera um pouco, Bayan. Nada de pressas. É preciso atacar no momento exacto, com a força certa - replica Cublai, sem tirar os olhos do campo de batalha.

Marco nunca o viu em tal estado, calmo e ao mesmo tempo febril. O seu olhar reflecte um brilho que não vem apenas do cristal dos flocos de neve. A tensão nervosa que o anima confere-lhe a vitalidade de um jovem.

- Vamos - ordena ele com a certeza da vitória.

Num ribombar crescente de tempestade, a cavalaria mongol põe-se em marcha. Armados de maças, de lanças, de espadas, de balestras, os cavaleiros de Cublai descem a encosta a galope. Os homens soltam gritos animalescos, inebriados pelo clamor dos cascos. Caem sobre o inimigo como uma nuvem de gafanhotos. O combate trava-se corpo a corpo. No meio da confusão, Marco distingue as maças que se erguem furiosamente acima das cabeças antes de se abaterem, impiedosas. As lanças trespassam os corpos de um lado ao outro. A planície tinge-se de um vermelho brilhante de sangue. A terra gelada encontra-se juncada de cadáveres ou de feridos espezinhados pelos cavalos. Os combatentes que restam são obrigados a passar por cima dos corpos decepados para prosseguirem a batalha. Gritos tão pungentes que nem deixariam ouvir trovões enviados por Deus deixam Marco arrepiado.

Por fim, aos poucos, a meio do dia, os soldados de Nayan começam a render-se. O corpo de elite, enviado pelo Grão Cão para capturar o príncipe abandona o combate a fim de que a presa não lhe escape. De facto, um cavaleiro, solidamente protegido, destaca-se dos restantes e galopa a toda a brida. Os cavalos de Cublai ganham terreno. Os combatentes transportam na garupa arqueiros que abatem friamente a escolta do príncipe. Horrorizado, Nayan vê toda a sua guarda pessoal dizimada em poucos instantes. Esporeia ainda mais intensamente. Mas acaba por se ver cercado. Sem saída, recusa render-se. Debruçando-se do cavalo, o chefe do corpo corta os jarretes do cavalo principesco. O animal cai imediatamente, arrastando o cavaleiro com ele. O príncipe apeia-se penosamente da montada ferida. Desembainha a espada, preparado para a luta.

- Largue a arma, senhor - pede o capitão. - Recebemos ordens de o capturar vivo. Os seus homens renderam-se.

A espada de Nayan descreve um círculo por cima da sua cabeça.

- Batam-se, bando de cobardes - grita ele.

Mas os homens recuam, evitando a arma do príncipe, sem responder a provocações. O príncipe, arquejante, mostra-se enfraquecido.

O capitão, num golpe de lança, arranca a espada das mãos do príncipe. Vencido, Nayan cai de joelhos.

- Por favor, abata o meu cavalo - implora ele, volvendo os olhos para a montada.

O capitão degola o animal. Com a morte na alma, faz-se acompanhar pelo príncipe, a pé, humilhação que gostaria de ter evitado.

Nayan é entregue a Cublai. O Grão Cão desce do elefante. Trepa para o cavalo e avança em direcção ao príncipe. Ao ver o sobrinho, ferido, desfigurado, hirsuto, sente-se feliz, deleitado.

- E Caidu? - pergunta o imperador. Nayan ergue o queixo, arrogante.

- Enviámos-lhe um mensageiro. Regressou às suas terras.

O Grão Cão apeia-se da montada para se aproximar de Nayan.

- Meu sobrinho, entristece-me ver que me traiu - declara ele, sincero.

O príncipe cala-se, visivelmente extenuado pela batalha. O imperador retoma a palavra:

- Apesar dos sentimentos e dos laços que nos unem, não pode haver perdão em casos como este. No entanto, para honra do meu império, o

sangue da minha linhagem não pode ser derramado, nem no céu, nem na terra, nem à luz do sol.

Num gesto, ordena que a sentença de morte seja aplicada imediatamente.

Os homens trazem um tapete de feltro. O príncipe é enrolado. O tapete é muito bem atado. Em seguida, prendem-no a um cavalo selvagem e arrastam-no pela estepe. Quando, esgotado, o garanhão regressa ao acampamento, o carrasco debruça-se sobre o corpo. A neve ainda mole amorteceu os embates.

- Está vivo! - exclama ele, erguendo-se.

Foi preciso soltar um segundo cavalo para aniquilar o príncipe.

VIII

A PRESSÃO DO LOTUS DE FOGO

Hayak, já estás na idade de te casares. Ouvindo esta evocação, a princesa ruborizou-se e desviou a cabeça. A sua silhueta de quinze anos tornou-se a de uma mulher, ainda dissimulada por enfeites de menina pequena. As árvores em flor alegram o parque imperial com um ar primaveril. Hayak e Temur são acompanhados pela corte da princesa que os segue a alguma distância para lhes transmitir a ilusão de intimidade.

- E eu serei um dia imperador... - acrescenta Temur, altivo.

- Mas a partir de agora já posso escolher a minha primeira mulher.

- Não te parece um pouco cedo? - pergunta ela, hesitante. O Grão Cão ainda não te designou oficialmente.

- E quem poderia ele designar no meu lugar? O meu irmão mais velho?

- Fala-se das suas grandes qualidades militares...

- Pois sim, mas falta-lhe uma, e de monta. A minha mãe nunca quis reconhecê-lo como filho. Por que esperar? Bem sabes que o teu temperamento se adequa ao que espero de uma mulher. Foste educada para seres mulher de um príncipe.

- Não necessariamente! - contrariou-o ela, um tanto brusca.

O olhar de Temur ensombrou-se.

- A que te referes, Hayak? Não me digas que estás a pensar naquele... bastardo!

Temur espera um desmentido, mas ela fixa-o sem pestanejar, de olhar feroz. O jovem debruça-se sobre ela e murmura numa voz sibilina:

- Se, antes de terminarem as festas do Grão Cão, me permitires que lhe peça autorização para casar contigo, serás a mais feliz das princesas, de contrário...

* * *

Depois da vitória, o Grão Cão regressou à capital, Khanbalik, sem se esquecer de se exibir perante o povo. Os seus informadores vêm dizer-lhe que Caidu interrompeu os preparativos de guerra contra o imperador. Cublai dispõe-se a montar uma ofensiva e a acabar com ele. Para já, pretende unicamente festejar a vitória alcançada com os seus súbditos. As festividades prolongar-se-ão por vários dias.

Cavalos e elefantes, aos milhares, apresentam-se ornamentados com coberturas ricamente bordadas, dignos de rivalizar com as mais belas cortes dos marajás indianos. Até mesmo os camelos das estepes foram convidados para a festa e enfeitados com sedas preciosas. Todos estes animais sumptuosamente adornados desfilam diante do Grão Cão, no pátio do palácio.

Cublai passa em revista os homens do seu estado-maior. Atribui a cada um deles uma graduação mais elevada, pelo mérito e pela coragem em combate. Oferece baixelas de prata e equipamentos vindos das suas coudelarias pessoais, selas, arcas, arreios. Acrescenta jóias de ouro e prata, pedras preciosas e até cavalos.

O imperador regressa à maior sala do palácio. Um turíbulo de ouro difunde perfumes, oscilando nas mãos de um oficial das festas imperiais. Os comediantes começam a divertir os convivas.

Mas a maior atracção continua a ser o próprio Cublai.

Toda a gente se extasia perante a sua grande forma. Sanga não se esquece de a atribuir à bênção do Céu, de quem Cublai é Filho. O imperador bebe em profusão e todos os convivas seguem o seu exemplo. O fogo-de-artifício que é lançado durante toda a noite ilumina o firmamento como se fosse pleno dia. Dançarinas e acrobatas contorcionistas divertem a assembleia. Todos os embaixadores dos reinos vassalos do império se deslocaram para felicitar o soberano.

No entanto, enquanto todos se deliciam, o mongol, mergulhado num abismo de pensamentos, dissimula as preocupações devorando conscienciosamente um tigre inteiro, assado no espeto. Observou demoradamente o neto Temur, filho de Zhenjin. Como poderia confiar o destino do império a um bêbedo que não sabe moderar-se nem comportar-se à altura? Organizara tudo de modo tão perfeito. O filho Zhenjin fora educado por preceptores chineses. Recebera os ensinamentos dos antepassados mongóis, para nunca se esquecer de que era descendente de

Gengiscão. Ao mesmo tempo, Cublai tivera o cuidado de o integrar na cultura chinesa, a fim de ser adoptado pelos súbditos como ele próprio certamente nunca o seria, a despeito dos esforços envidados. Agora, está tudo por fazer...

Cublai começa a sentir a barriga cheia. Pondo de lado o osso que está a roer, decide parar, jurando fazer dieta até ao próximo Inverno. Quantas vezes já quebrou essa jura? Depois da morte de Zhenjin, nunca mais se permitiu as longas sessões de três noites seguidas consagradas à descoberta de jovens corpos. Esta noite, está decidido a festejar a vitória condignamente e com todo o brilho que lhe conceda o seu *yang* regenerado.

As mulheres deram-lhe mais três filhos e as concubinas vinte e cinco. E talvez ainda outros dos quais não se lembra. Mas compete-lhe a ele assegurar as regras da sucessão. Embora sinta uma grande afeição pelo filho Namo Cão, salvo de Caidu por Marco Polo, não pode confiar-lhe uma responsabilidade tão elevada unicamente por causa destes laços. Tanto mais que, se Namo é um excelente capitão, não é certo que venha a ser um bom imperador. Não foi educado para chefiar um império. Nem sequer sabe chinês.

Quanto tempo resta a Cublai? Ninguém sabe qual o dia e a hora que lhe estão destinados. Urge tomar uma decisão.

Como é evidente, Sanga assegurará a continuidade do governo. Mas depois... Os conselheiros chineses interrogam-no diariamente sobre esta espinhosa questão. Ao mesmo tempo, queixam-se de excessos imputáveis a Sanga. Este teria deixado profanar e pilhar os túmulos dos imperadores Song e teria participado na distribuição do espólio. Cublai não acredita. Sanga é-lhe fiel e não o trairia.

Trata-se com certeza de manobras de conselheiros invejosos. Precisamente os que ousaram lançar uma sombra sobre a festa, acusando o imperador de despender demasiado.

Cublai pergunta-se em que fase se encontrará o manuscrito de Marco Polo. Acena ao veneziano para que se aproxime.

- Permites-te participar nos festejos em vez de te dedicares ao trabalho? - insurge-se o imperador, gracejando.

- Eu bem gostaria, Grão Senhor, mas bem vê...

De facto, deleitado perante os contorcionistas, Tatatonga embriaga-se generosamente.

- Aproveitemos para lançar uma vista de olhos pelo manuscrito.

No momento em que Cublai começa a tentar levantar-se do trono, Samud avança, de ombros vergados.

- Meu amo e senhor, o embaixador da Pérsia deseja saudá-lo pessoalmente.

Cublai acaba de ingerir a taça de vinho de arroz, deixa-se cair sobre o trono e aquiesce.

O embaixador da Pérsia, que se comportou dignamente durante a festa, aproxima-se do imperador. Inclina-se profundamente.

- Grão Senhor, felicito-o pela vitória. Agora, o meu ilcão sentir-se-á ainda mais honrado por escolher como esposa uma princesa desta corte.

Cublai meneia a cabeça, observando o embaixador pelo canto do olho.

- Vejo que se trata de um pedido feito sem rodeios.

O embaixador franze as sobrancelhas finas.

- Suponho que tenha sido informado pelo primeiro-ministro do pedido do ilcão, Grão Senhor.

- Com certeza, mas a memória de um velho tem falhas.

Na realidade, tal não acontece, pois Cublai cuida quotidianamente da memória por meio de práticas xamânicas.

O embaixador esboça um sorriso de compaixão e repete o pedido que já fez a Sanga.

- Nunca perde de vista o objecto da sua missão, não é verdade?

- É o meu papel - replica modestamente o embaixador.

- Pois bem, na euforia da minha vitória - diz o imperador numa voz afectada -, estou disposto a ceder a todos os caprichos da última das concubinas! Concordo, portanto. Advirta o seu amo e senhor e o meu primo Argun de que acedo ao seu pedido. Diga-lhe que ele sela uma verdadeira aliança entre nós. Quero poder contar com ele e com o seu exército.

- Era esse o sentido deste pedido, Grão Senhor - replica o embaixador, melífluo.

- Nesse caso, só me resta escolher entre as jovens princesas.

- O meu amo e senhor gostaria que fosse suficientemente jovem para lhe dar muitos filhos... - esclarece o persa, numa voz untuosa.

- E bonita, julgo eu?

O embaixador esboçou um trejeito de circunstância.

- Começam as exigências, senhor embaixador! Acredito que o meu parente o tenha escolhido com o mesmo cuidado que aplicarei na procura da sua futura esposa. Vá, não se preocupe, enviar-lhe-ei a mulher mais adequada.

Cublai começa a sentir sinais de fadiga. Por nada no mundo gostaria de ensombrar a festa. Bebe mais uma taça de vinho de arroz para recobrar energia. Com um gesto, pede a Marco que se aproxime.

Durante a entrevista, que pouco o interessava, o veneziano mantivera-se concentrado, admirado diante de Dao Zhiyou, que rivalizava em acrobacias com os contorcionistas, sob o olhar deslumbrado da princesa Hayak-Kokedjin. Na sua qualidade de príncipe das ruas, o rapaz integra-se perfeitamente no grupo dos saltimbancos. A despeito dos esforços envidados pelo pai para o elevar acima da sua condição, conserva estigmas que emergem em condições semelhantes. O seu rosto irradia tamanha alegria que Marco não o chama à ordem como exigiria a sua situação.

- Este embaixador conseguiu persuadir-me a dar uma esposa ao seu amo e senhor. Trata-se de uma aliança capital nesta região do império. Não gostaria de que este território descambasse para o campo de Caidu.

- O ilcão da Pérsia é um dos seus primos.

- Mais uma razão! De resto, julgo que o conheceste bem.

Marco aproxima-se de Cublai.

- Com efeito, Grão Senhor, quando Argun ainda era príncipe. Um guerreiro altivo, na verdade. Matava e violava com grande à-vontade.

Cublai fixa Marco, desconcertado. Em seguida, solta uma gargalhada. As taças pousadas nos braços do trono oscilam em consequência dos tremores do seu ventre.

- Melhor assim, é uma indicação para escolher uma das minhas princesas.

- É preciso que seja alguém capaz de se submeter.

- Pelo contrário. Argun só poderá sentir-se reconhecido. Pensará em mim todas as noites... Pelo menos, no início.

Marco sorri, por sua vez.

- Grão Senhor, estamos prestes a iniciar a impressão do manuscrito - diz ele, baixando de tom, precaução inútil ante as ruidosos demonstrações da assembleia. - Deseja vê-lo?

- Agora mesmo. Depois, leva-o pessoalmente ao impressor. Escolheste um novo?

- Em Hangchou. Os seus inimigos nunca imaginarão que o imperador teve a ousadia de o mandar imprimir na antiga capital dos Song.

- Excelente. Viajarás com outra identidade, naturalmente. Partirás de madrugada. Vamos, a festa cansa-me. Anseio por me juntar às minhas jovens flores ainda mal desabrochadas - acrescenta Cublai, com um olhar lúbrico.

No momento em que se levanta, todos os presentes o imitam e o saúdam mais ou menos respeitosamente, em função do estado de embriaguez. Com um gesto, o imperador convida-os a prosseguir a festa.

Temur surge por detrás da princesa Hayak-Kokedjin:

- O imperador vai retirar-se. Tens alguma coisa a dizer-me?

- Alteza - diz ela, numa voz doce. - Não quero casar consigo.

O príncipe fulmina Dao Zhiyou com um olhar carregado de ódio. Em seguida, volta-se para Hayak.

- Nunca lhe pertencerás. Poderias ter sido imperatriz, mulher de um homem civilizado. Mas, agora, reservo-te outro destino.

Entretanto, Cublai conduz Marco através dos corredores do palácio. Impaciente, ofegante como um iaque, trepa os degraus que conduzem ao gabinete de escrita, guardado por um soldado armado. Este prosterna-se diante do imperador.

- Abre-nos a porta - pede Cublai, numa voz arquejante.

O homem obedece.

Cublai convida Marco a passar em primeiro lugar. Subitamente, o veneziano avista uma silhueta espreitando para as primeiras folhas empilhadas em cima da escrivaninha.

- *Per bacco!* Quem é o senhor!

O homem, surpreendido, apodera-se de alguns documentos e foge precipitadamente para o terraço. Marco lança-se em perseguição do intruso. Não pode permitir que lhe roubem o trabalho de tantos meses. Cobre-se de suores frios só de pensar nisso. Alcança-o ao fim de pouco tempo. Desembainha a espada. O desconhecido é um chinês, jovem, determinado. Sentindo-se perseguido, assume uma posição de ataque, brandindo as mãos à frente dele como se fossem punhais. Marco percebe que tem à sua frente um perito em *Wu Shu.* Decide não correr riscos e grita:

- Grão Senhor, chame a guarda!

- Já o fiz - replica o imperador, numa voz calma.

O veneziano mantém o intruso em respeito, apontando-lhe a ponta da espada. O outro quer obrigar Marco a dar meia volta, mas este conserva a mesma posição. Encaram-se demoradamente. Num ápice, o chinês salta por cima do parapeito e lança-se no vazio. Marco precipita-se para o reter. Encontra-o então agarrado ao dragão esculpido ao longo da parede, ainda inacabado. Com agilidade, o desconhecido desce pelas garras do monstro. As escamas constituem um excelente apoio para os fortes dedos do homem. Mas, logo que salta para o chão, é detido pela Guarda Imperial.

Cublai juntou-se a Marco, no terraço.

- Que queria ele? - interroga-se Marco.

- Ele o dirá. Os meus juízes inquisidores são muito convincentes - afirma o Grão Cão, com um sorriso cruel.

O traje das raparigas é constituído por uma simples tanga de linho presa à cintura. Nem lhes tapa os joelhos. Estão de pé, em fila indiana, a maior parte delas cobre o peito com as mãos. Li Wa sente o coração palpitar aceleradamente. As mãos, em cima dos seios, humedecem-se. Observa atentamente o vaivém das controladoras. As raparigas passam para trás de uma cortina, onde permanecem por alguns minutos, e depois saem, muitas vezes com as faces rubras de vergonha. Uma delas reaparece a chorar. Corre à procura da roupa e veste-se à pressa sob o olhar severo de uma das mulheres velhas que revira um pequeno chicote na palma da mão. Aquela não terá a honra de se apresentar diante do imperador. Aproxima-se a vez de Li Wa. Se não tivesse uma missão a cumprir, cederia à furiosa vontade de fugir. Pergunta-se se a receita secreta será suficiente para iludir a vigilância das controladoras. Nem sequer pensa em Dao. Simplesmente nela própria. Nunca viu o Grão Cão, mas o retrato que lhe fizeram dele é suficientemente repugnante para que não sinta vontade de o conhecer. Pelas conversas das concubinas, ficou a saber que o imperador partira em campanha. Todas receiam pela vida do imperador e, sobretudo, pela sua sorte. Sabem perfeitamente que, se o imperador morrer, a sua condição será reduzida ao mínimo. O sucessor no trono será obrigado a subsidiar as suas necessidades vitais. Se algumas concubinas lhe agradarem, poderá conservá-las na sua companhia. Mas também poderá vendê-las a chefes ou a senhores para assegurar uma aliança. Em qualquer dos casos, continuarão

enclausuradas até à morte num palácio de última categoria, sem o conforto imperial de que ainda gozam.

Ao fim do dia, uma grande confusão agitou o gineceu, transformando-o numa verdadeira colmeia. Os eunucos ordenaram às jovens acabadas de recrutar que os seguissem, enquanto as controladoras se certificavam da presença de todas elas. Extremamente excitadas, assediando de perguntas os eunucos que permaneciam tão mudos quanto as paredes, as raparigas prepararam-se. Pegaram apressadamente nos seus haveres, confiscados no compartimento seguinte. Em seguida, um eunuco ordenou-lhes que se despissem. Elas olharam-se, confusas. Apesar de reticentes, obedeceram, antes de serem conduzidas por um corredor escuro onde aguardaram que as examinassem.

- A seguinte! - ordena uma voz forte.

Li Wa levanta a cortina. Encontra-se numa minúscula alcova. Pesados reposteiros escarlates prolongam-se pelo chão em largas dobras. As paredes parecem contornadas por ondulações escuras. Sentada num banco, uma velha de rosto tapado. Vendo entrar a rapariga, limpa os dedos num lenço de seda. Uma profunda sensação de repulsa seca a garganta de Li Wa.

- Afasta as mãos - diz a velha, numa voz firme e suave.

Sem hesitar, Li Wa baixa os braços e cola-os ao longo do corpo, pensa que se impressionaria menos diante do Grão Cão do que diante desta mulher meticulosa. Não consegue desviar o olhar das mãos nodosas da matrona, retorcidas como raízes velhas. As unhas negras ressudam uma seiva antiga.

A controladora pousa as mãos nos seios de Li Wa. Palpa-os como faria a um pêssego. Li Wa cerra os dentes, lutando contra a náusea. Em seguida, a velha aplica uma pequena palmada nas coxas da jovem.

- Afasta as pernas, despacha-te.

Li Wa sustém a respiração. Abre os joelhos sem deixar de fixar a velha. A matrona, com mil cuidados, introduz a mão entre as pernas da chinesa. Li Wa sente-a palpar uma zona que ela própria, antes dos treinos de Xiu Lan, nunca teria tido a audácia de explorar. Fecha os olhos. O exame parece durar horas.

- Muito bem, tens um hímen bem fechado, como o imperador aprecia - acaba por dizer a velha, suspirando. - Podes ir.

Retira a mão com a mesma delicadeza e liberta enfim a rapariga. Embaraçada apesar da preparação, Li Wa apressa-se a sair daquele horrível reduto, sem um olhar para as companheiras.

- As que foram seleccionadas vêm atrás de mim – ordena uma matrona.

As jovens eleitas lançam um olhar de soslaio às infelizes companheiras que serão impiedosamente colocadas como escravas ao serviço das concubinas. Depois, precipitam-se para seguir a matrona. São conduzidas a uma vasta casa de banho onde as esperam outras mulheres, levemente cobertas com uma faixa enrolada no peito e uma tanga apertada à cintura. Reina uma atmosfera muito quente. Mais uma vez, as raparigas aguardam a sua vez.

Servindo-se de uma massa especial, em forma de bola, retiram-lhes os pêlos em excesso susceptíveis de prejudicar a harmonia do corpo, ignorando os gritos estridentes das jovens. Li Wa aproveita para contar quantas faltam. São seis. Reconhece Meng-mi que, como ela, pertencia ao círculo das protegidas de Xiu Lan. Ostenta altivamente uma beleza que, neste palácio, tudo parece destinado a sublimar por uma noite.

Em seguida, todas as jovens são lavadas. Cada parcela do corpo é vigorosamente esfregado com pedras aquecidas. Li Wa acaricia a pele, agora sedosa. Em seguida, são criteriosamente massajadas. As criadas mergulham as mãos experimentadas em óleos aromatizados, de virtudes sensuais. Debruçam-se sobre os corpos e executam mecanicamente cada tarefa, com grande seriedade. Não prestam verdadeiramente atenção às raparigas. Concentram-se no trabalho, fixando o olhar na parte do corpo que as ocupa. Levantam um braço, uma perna que se abandonam frouxamente, remexem os pedaços de carne que modelam para prazer do imperador.

Por fim, as raparigas envergam vestidos sumptuosos tecidos nas mais belas sedas. Todos de cores diferentes, em tons garridos. Depois de enfiar o traje que lhe molda as ancas, Li Wa esconde-se atrás de um biombo, afastando-se do grupo e fingindo alisar as pregas do tecido. Discretamente, ao abrigo dos olhares, Li Wa cospe o pequeno pacote de veneno que guardara no fundo da garganta durante todo o exame. Introdu-lo entre as coxas, na mais profunda intimidade.

As raparigas são penteadas e as cabeleiras armadas em toucados elaborados, com caracóis e fitas em profusão, ouro e prata, pérolas e pedrarias. Li Wa sabe perfeitamente que estes magníficos ornamentos

pertencem ao tesouro imperial e voltarão ao seu lugar uma vez terminada a «cerimónia». Mas, tal como as companheiras, não pode deixar de os admirar e, sobretudo, de se sentir orgulhosa por os usar.

Por último, são empoadas, maquilhadas, perfumadas. Até mesmo a ponta dos seios é contornada a vermelho, realçando a brancura da pele. Delicadamente, a fim de não causar nenhum estrago, atam-lhes uma fita na nuca, que lhes tapa os olhos.

A matrona, acompanhada por várias auxiliares, condu-las através de inúmeros corredores. O grupo desce escadas, abre portas que dão para outros corredores escuros. Cada uma delas é conduzida por uma criada que lhes indica o caminho a seguir e as informa do número de degraus a subir ou a descer. Li Wa, a despeito do treino que tem, é obrigada a admitir que seria incapaz de encontrar o caminho percorrido. De início, conseguiu contar os passos, mas a sua memória foi rapidamente submersa pelas múltiplas circunvoluções. Pergunta-se se a intenção não será precisamente evitar qualquer veleidade de fuga. De repente, é imobilizada pela criada, o que quase a desequilibra.

- Retirem as vendas com todo o cuidado - ordena a matrona. As criadas obedecem, em silêncio. As raparigas encontram-se num minúsculo vestíbulo, iluminado por um fotóforo de porcelana. Li Wa observa de imediato que a cena gravada no aparelho representa precisamente um homem rodeado de várias mulheres nuas absorvidas pelos cuidados que lhe dispensam. Reina um silêncio tão opressivo como se, condenadas à morte, aguardassem a chegada do carrasco.

- Por detrás daquela porta, estarão sozinhas na presença do imperador. Como já sabem, devem-lhe obediência total, embora alguns pedidos pareçam surpreendentes. O nosso Imperador possui uma grande imaginação e não hesitará em a partilhar. Vamos, boa sorte, meninas.

Todas as raparigas saúdam a matrona uma última vez. O eunuco roda o batente da porta para que elas entrem. De peito aberto, Meng-mi é a primeira a transpor o limiar. Li Wa deixa passar todas as companheiras, sem deixar de entender as últimas palavras da matrona como uma advertência pessoal. Uma a uma, as raparigas vão desaparecendo, como tragadas pelo antro obscuro. É ela a última a entrar. O interior é tão sombrio que não distingue nada.

- Aproxima-te, não tenhas medo - diz uma voz vinda da noite.

Com o coração a palpitar, Li Wa dá um passo em frente. Os olhos habituam-se à escuridão. Lá dentro, as companheiras aguardam-na. Encontra-se numa grande sala de paredes lacadas a ouro polido. Rolos pintados pendem ao longo das paredes, represe ntando cenas eróticas perfeitamente explícitas. Sente-se grata a Xiu Lan por a ter iniciado. Algumas das companheiras, ruborizadas pelo embaraço, permanecem de olhos fixos nos pés. O chão encontra-se coberto por tapetes exóticos. Vêem-se várias mesas postas com requinte. Mas Li Wa repara que não há sete talheres. Vasos chineses de dinastias antigas transbordam de estranhas plantas, decerto habituadas a viver na escuridão. De facto, o compartimento parece não ter nenhuma janela ou, então, foram cuidadosamente dissimuladas por detrás dos reposteiros.

Um prolongamento parece conduzir a outra sala. Por instinto, Li Wa sente-se aliviada por não ter visto nada que se assemelhe a uma cama naquele compartimento. Secretamente, espera realizar a missão de que foi incumbida sem ser obrigada a passar pela cerimónia. Logo de seguida, um segundo pensamento provoca-lhe um arrepio de angústia. Onde está o imperador?

Oculto por um biombo habilmente concebido para tal fim, Cublai observa as raparigas sem ser visto. Já referenciou a mais sedutora, uma bonita chinesa, de seios fartos e ancas estreitas. É com certeza uma das que o olham de frente quando for possuída. Regozija-se antecipadamente por lhe dar a conhecer as flutuações do seu corpo. Reservá-la-á para mais tarde, na esperança de não ter de a eliminar obrigatoriamente. Seja como for, poderá alterar as regras do jogo para poder dispor dela.

As duas tímidas são encantadoras. Despertá-las para uma sensualidade insuspeitada fará parte dos momentos privilegiados daquela noite. É óbvio que desejam acima de tudo desaparecer debaixo da terra.

A quarta é do género resignado. Examina com atenção as maravilhas que a rodeiam como se já estivesse a decorar o seu salão de concubina. Possui uma graça distinta que lhe confere um verdadeiro ar altivo.

A quinta é sem dúvida a mais ousada. Ainda mal saiu da infância e já parece muito divertida, decidida a tirar o melhor partido da situação.

A última é a que menos desperta a atenção de Cublai. Não sendo muito bonita, simplesmente jovem, apresenta uma silhueta quadrada, quase masculina, que não atrai sobremaneira o Grão Cão. Alta e magra, tem o

andar rígido de um insecto. Desloca-se com uma leveza susceptível de sugerir que não tem os pés enfaixados. De facto, tem os pés grandes, mas, como os das outras, encontram-se dissimulados por um tecido lavrado a ouro. Em virtude da maquilhagem ou da expressão natural, o seu rosto não apresenta nenhum encanto. De queixo saliente, olhos amendoados, boca grande e de lábios grossos, parece indiferente a tudo. Cublai pergunta-se mesmo o que fará ela ali. Não se esquecerá de falar no caso a Sanga, encarregado de as escolher. Desiste logo de seguida, concluindo que o ministro decerto a terá deixado passar para realçar a beleza das outras.

Vê-as dar voltas pela sala em silêncio. Não se atrevem a falar. Talvez se sintam espiadas. Prosseguindo a sua exploração, a que se assemelha a um grande gafanhoto dirige-se então para o quarto. O Grão Cão decide interrompê-la. Derruba o biombo com um gesto brusco. As duas tímidas soltam um grito de terror. As outras sobressaltam-se. Só o gafanhoto não pareceu assustar-se, embora tenha manifestado uma reacção que surpreende o Grão Cão. Voltou-se bruscamente, numa atitude semelhante às técnicas de defesa dos conhecedores de *Wu Shu.* Intrigado, Cublai esquece rapidamente as suas interrogações quando se rojam todas aos seus pés, prosternando-se diante dele.

Cublai usa uma máscara do teatro chinês. Deste modo, dissimula o rosto, a fim de reforçar a atmosfera de mistério que se diverte a criar. Chegou o momento de lhes transmitir as regras do jogo.

- Meninas, muito me alegra recebê-las aqui. Ergam o rosto, para que vos possa ver.

Todas obedecem, ainda de joelhos. Cublai delicia-se com as suas expressões. Quase ingenuamente, não se cansa do efeito que causa naquelas jovens em flor. Naturalmente, foram advertidas quanto à idade e à corpulência do imperador. Mas o facto de se encontrarem em frente de um velho elefantino é mais surpreendente do que tudo o que lhes possa ter sido dito.

- Sabem por que estão aqui - prossegue Cublai. - Mas... não sabem tudo. Passam-se coisas que ninguém ousa repetir...

Cublai suspende propositadamente a frase. As duas tímidas, coradas, começam a suar de medo. A mais bonita deixa descair levemente a cabeça, aguardando com impaciência. A quarta olha em redor. A mais ousada esboça um sorriso. O gafanhoto ouve atentamente.

- Sou um jogador. Como decerto repararam, não se encontra presente nenhum escravo, já irão compreender porquê. Para escolher a mais merecedora, imagino uma série de provas. Cada exercício elimina a perdedora do jogo. Esta deverá assegurar o papel de criada durante o resto da cerimónia. Não saberão por quanto tempo se poderá prolongar. A luz do dia não penetra neste quarto. Pode acontecer que me ausente. Nesse caso, esperarão docilmente o meu regresso. Espero que sintam tanto prazer quanto eu - termina ele, num sorriso rasgado.

Furtivamente, as raparigas trocam olhares inquietos. Até mesmo a mais atrevida perdeu o sorriso. Cublai gosta de as assustar. Assim, ao longo de todo o encontro, esta parcela de ansiedade condimenta o jogo.

- Comecemos imediatamente. Levantem-se e apresentem-se - ordena ele, numa voz subitamente autoritária.

Como o imperador já esperava, é a mais bonita que inicia a prova. Executa vários passos de dança, cantando numa voz cristalina. Ergue os braços e desdobra as mangas do vestido branco que lhe confere o aspecto de um cisne. Cublai sente-se cada vez mais conquistado. Com um sinal, interrompe-a. Por não o ver, ou para se mostrar zelosa, receando não ser escolhida, a rapariga não obedece. Cublai franze o sobrolho. Seja qual for o caso, marcou um ponto contra ela. Cublai espera para ver como se comportará na prova seguinte. Levanta a voz:

- Basta!

A rapariga pára, pálida como um lírio.

- Como te chamas? - pergunta o imperador.

- Meng-mi - responde ela, ainda trémula.

- Volta para o teu lugar. Aqui, serás «Flor de Orquídea».

Meng-mi prosterna-se para saudar o imperador e vai ajoelhar-se um pouco afastada das companheiras. O imperador vê o seu peito arfar, soltando profundos suspiros.

Mais uma vez, saboreia o espectáculo que as raparigas lhe proporcionam. A segunda, tímida, declama um poema num tom dramático, esboçando mesmo alguns gestos. É comovedora. A terceira recita um conto que provoca um sorriso do imperador. A quarta entrega-se a acrobacias que auguram enlaces inacreditáveis. A mais atrevida representa a cena de uma peça de teatro que o imperador conhece por a ter financiado. A rapariga informou-se bem. Chega finalmente a vez do gafanhoto.

A rapariga avança, hirta como um fuso, prosterna-se diante do Grão Cão e declara, numa voz monótona:

- Grão Senhor, não possuo o talento das minhas companheiras, e não gostaria de ofender Vossa Senhoria com pálidas tentativas para brilhar aos vossos olhos. Portanto, não farei nenhuma exibição.

Esta reacção deixa Cublai surpreendido.

Há tanto tempo que Li Wa repete o seu número que receia fraquejar diante do imperador. Portanto, foi buscar ao fundo de si mesma a energia necessária para o representar o melhor possível. Agora, sente-se aliviada. Dentro de poucos instantes, poderá pensar na segunda parte da missão, a mais essencial.

- Como te chamas?

- Li Wa, Grão Senhor.

- Aqui, serás «Erva dos Prados». Volta para junto das tuas companheiras. Vou anunciar a minha decisão.

Li Wa levanta-se e, curvada, recuando, ajoelha-se ao lado das outras raparigas, visivelmente satisfeitas com o seu mau desempenho.

Cublai reflecte demoradamente, observando-as. Parecem torturadas, com excepção de Li Wa, que ostenta uma expressão surpreendentemente descontraída. Enquanto todas as outras se esforçaram por agradar ao Imperador, ela é a única que, deliberadamente, quase pediu para ser afastada do jogo. Como velho de setenta e três anos que é, que viu e viveu tanto, não pode deixar de se sentir intrigado. A explicação escapa-lhe. Pode acontecer que lhe inspire tamanho receio ou repulsa que considere o papel de concubina secundária preferível ao de concubina imperial, bem mais prestigioso. Não teria de sofrer as pressões do seu amo e senhor. Por outro lado, na sua longa vida, nunca encontrou uma mulher que recusasse uma posição melhor do que a destinada pelo seu nascimento. Neste caso, tratar-se-ia de uma estratégia, de resto tão eficaz que Cublai concentra todas as suas reflexões nela e não nas outras... Este pensamento inspira-lhe um sorriso. Decididamente, nenhuma interpretação lhe parece em absoluto satisfatória. Importa continuar a explorar a alma daquela rapariga.

- Erva dos Prados, a tua modéstia honra-te e, na minha grande magnanimidade, consinto em te proporcionar uma segunda oportunidade.

A notícia provoca o efeito de um trovão entre as raparigas. Olham-se, incrédulas, tão convencidas estavam ainda há poucos instantes de que seria

aquela a primeira eliminada. Ainda mais do que as outras, Li Wa sente-se fulminada por um raio. De repente, começam a escorrer-lhe gotas de suor debaixo dos braços. Estava previsto que fosse eliminada à primeira volta, a fim de finalmente cumprir a sua missão. Ai Xue parecia seguro de si, de tal maneira que esta parte do treino se prolongara apenas por alguns dias. E se Ai Xue estivesse equivocado? E se tivesse sido enganado? Afinal, nunca se encontrara com o imperador e talvez o seu informador não estivesse bem *informado.* Pior que tudo, Li Wa desperta a atenção do imperador.

De facto, Cublai examina o rosto do gafanhoto. Visivelmente, a rapariga, tal como as outras, não contara com esta insistência. Pela primeira vez desde que ali entrou, o seu rosto exprime uma viva emoção. Está muito corada e abre a boca como se quisesse falar. Cublai lamenta que as regras da precedência não lhe permitam fazê-lo. Ninguém está autorizado a exprimir-se diante do imperador sem ter sido instado. Portanto, ela queria ser eliminada à primeira volta. Esta certeza aumenta ainda mais a curiosidade do imperador. A rapariga esconde alguma coisa. Este mistério desperta um desejo surdo no ventre de Cublai. Jura a si mesmo possuí-la, seja qual for o desfecho do rito.

Por provocação, quase sente vontade de afastar a que se mostra tão segura de si, Meng-mi, mas a rapariga é decididamente demasiado bonita. Escolhe a que parece tão indiferente a tudo. Todavia, quando ela começa a chorar, sente uma sincera compaixão.

Para a segunda prova, confortavelmente instalado entre almofadas, mastiga confeitos de especiarias, guloseimas generosamente regadas com vinho de arroz. Li Wa segue com atenção todos os gestos do imperador. Vê os dedos gordos pegar nos cristais brilhantes de açúcar cândi, levá-los aos lábios grossos. Não lhe ocorre nenhuma maneira de se aproximar sem levantar suspeitas.

- Uma de cada vez, avancem e confiem-me um segredo que só eu conheço. Quero que me digam o que julgam que lhes irá acontecer esta noite.

As raparigas trocam olhares desconcertados. Por breves instantes, Cublai tem a impressão de que elas pretendem concertar-se.

- Eu não repetirei nada - diz ele para as tranquilizar.

A primeira decide-se. Cublai adora aquele momento em que ouve as confissões das jovens virgens. Aprendeu a distinguir o verdadeiro do falso,

entre o medo e a esperança. Quando Meng-mi se confia, provocante, Cublai solta uma gargalhada. É sem dificuldade que elimina uma das mais tímidas.

Como terceira prova, ordena-lhes que se dispam mutuamente. A mais virtuosa será a que, pela sensualidade dos gestos, consiga desviar para si própria a atenção concentrada no corpo nu. Sem surpresa, Meng-mi consegue fazê-lo com uma graça infinita. E, como Cublai esperava, Li Wa obedece sem convicção, como quem depena uma galinha. Secretamente, a jovem felicita-se por ter escondido o saquinho de veneno onde ninguém se lembraria de o procurar. Nunca pensara chegar àquela fase do jogo, mas foi o pressentimento que a levou a acautelar-se. Aos poucos, a atmosfera mudou. Alheia à rivalidade, instalou-se uma cumplicidade entre as mulheres.

Cublai prepara-se para transpor um degrau suplementar na próxima etapa.

- Meninas, as vossas infelizes companheiras dirigir-se-ão ao palácio das concubinas secundárias. E, como quero reservar-me para as mais bonitas, partirão tão virgens quanto entraram. Não é uma grande tristeza privá-las das venturas do amor?

As jovens trocam olhares interrogativos.

- Tenho uma ideia - prossegue o imperador, afectado. Passemos para outra sala.

Precede-as na sala contígua, no seu andar claudicante. As raparigas fazem uma paragem à entrada da porta. Tapetes de tigres e de leões cobrem o chão. Estampas vermelhas e pretas revestem as paredes, representando casais enlaçados em posições particularmente obscenas. Ao centro, abre-se uma cama de dimensões imperiais, como uma chaga vermelho-sangue, entre lençóis de cetim escarlate. A diversas alturas da parede, vêem-se ganchos cravados na pedra. Instrumentos misteriosos erguem-se ao longo da parede em frente da cama. Contra o tabique, alinham-se várias arcas.

- Meninas - diz ele, dirigindo-se às perdedoras. - Venham instalar-se no tapete, aqui, à minha frente. Preparem-se para servir as vossas companheiras.

Cublai deixa-se cair com todo o seu peso sobre as almofadas, enquanto as três jovens, visivelmente inquietas, se ajoelham diante dele.

- Para começar, jovens virtuosas, abram a primeira arca. Meng-mi levanta a tampa. Todas elas soltam um grito de surpresa. Cublai ri-se.

- Muito bem, vejo que não são propriamente noviças! Comecem a trabalhar.

Ao ouvirem tal sentença, as perdedoras choram. Uma delas chega mesmo a implorar ao imperador que a poupe. Esta súplica enraivece profundamente o Grão Cão.

- Tu, pela tua parte, terás direito a um suplemento de chicotadas. Flor de Orquídea, entrego-a nas tuas mãos. Não a poupes.

Determinada, Meng-mi pega num chicote curto. Apesar de se mostrar segura, Cublai vê que lhe brilham gotas de suor na testa. A rapariga ajoelha-se atrás da infortunada companheira. Pela primeira vez, parece hesitar. Ergue os olhos para o imperador, audácia suprema. O Grão Cão tranquiliza-a com um olhar sereno, quase paternal.

Meng-mi obedece com lentidão, de início. Estimulada pelos encorajamentos do imperador, aumenta a pressão. Cublai não tira os olhos dela quando a vê morder os lábios.

- Continua a fustigá-la.

Meng-mi, como inebriada, abate as correias sobre os rins e as costas da vítima. Cada vez mais exaltada, deixa rapidamente de precisar dos gritos do imperador para prosseguir a tarefa.

- Basta, pára - ordena ele.

Mais uma vez, Meng-mi tarda a obedecer. O imperador sabe que ela gostaria de continuar, mas quer detê-la. Com um gesto brusco, Cublai apodera-se do chicote e fustiga violentamente Meng-mi nas costas. A rapariga solta um grito de dor.

- Então, não obedeces! - exclama Cublai, rindo. - Não te enviarei para o harém, mas para o bordel!

Por vezes, o Grão Cão gosta de ceder a uma vulgaridade despudorada. O efeito é imediato. Meng-mi prosterna-se diante do imperador, pedindo perdão. A companheira continua enroscada sobre si mesma, sempre a chorar.

- A seguinte - ordena Cublai.

A próxima, aterrada pelo espectáculo a que assistiu, apressa-se a obedecer. Cumpre a tarefa com ordem e método, mas sem paixão. O imperador experimenta um certo prazer, mas aprecia sobretudo o espectáculo de Meng-mi. A rapariga continua ajoelhada, muito rígida. Mas contorce-se imperceptivelmente sob a acção do chicote, que continua a

actuar. Debruçando-se, Cublai distingue claramente um rasto de sangue que sulca as costas da rapariga até à curvatura das ancas.

Por fim, chega a vez de Li Wa. Desde o início que só pensa em ser eliminada. Involuntariamente, revive o treino a que se submeteu, os ensinamentos de Ai Xue, a esperança que representa para todo o seu povo. No entanto, mesmo apoiada por milhares de chineses, nunca se sentiu tão sozinha. Procura compreender por que razão o plano de Ai Xue não funciona na perfeição, desta vez. Onde está a falha? Interiormente, começa a orar com fervor.

- Grão Senhor, recuso entregar-me a essa prática - declara ela, decidida e com grande serenidade.

As companheiras soltam um grito de horror. Perguntam-se como se atreve a desafiar a vontade do imperador. Cublai não se impressiona.

- Vais proporcionar à nossa Flor de Orquídea a ocasião de se extenuar. Foi bem pensado. Assim, esperas que lhe falte o ardor para as provas que se seguem. Na verdade, Erva dos Prados, impressionas-me. Anda, Flor de Orquídea, ocupa-te da última das tuas servas.

Surpreendida, Meng-mi levanta-se, ainda ofegante. Visivelmente excitada e aguerrida pela experiência anterior, esquece as primeiras hesitações.

O imperador decide eliminar a pequena atrevida que perdeu o sorriso e que, decididamente, não o divertirá por muito tempo. Agora, o que o impacienta é descobrir o segredo de Li Wa.

Suspirando, Cublai deixa-se descair para trás.

- Pois bem, estamos a chegar à última prova, que será determinante, minhas queridas Erva dos Prados e Flor de Orquídea.

Meng-mi encara Li Wa com segurança.

- Vejamos em que consiste a prova: desta vez, convido-as a travar um verdadeiro combate. Quero que se batam por mim.

Declararei vitoriosa aquela que aniquilar a outra. Mas atenção Erva dos Prados, compreendi claramente o teu jogo.

Ao ouvir aquele propósito, Li Wa sente que o sangue lhe foge do coração. Julga-se perdida. Ainda assim, mantém a cabeça erguida, preparada para ouvir tudo.

- Não procures deixar-te vencer - prossegue o imperador. Se considerar que não te defendeste com ardor suficiente, decidirei que foste tu a

vencedora.

Meng-mi volve um olhar interrogativo para Li Wa, impassível a despeito da tempestade que lhe agita o espírito.

O imperador, portanto, julga tê-la compreendido. Ai Xue formou-a na arte do combate, mas não na da dissimulação. O Grão Cão desconfia de que ela não é como as outras, mas ignora todas as suas motivações, de contrário já a teria mandado interromper. Este pensamento tranquiliza Li Wa. Até agora, o velho lobo mostrou-se mais astuto do que ela, sem sequer compreender o que está em causa neste jogo cruel. À custa da própria vida, já não duvida de que terá de cumprir a sua missão. É imperioso que perca a luta contra Meng-mi. Sente-se arrependida por não lhe ter confiado o segredo. Meng-mi ter-se-ia sentido deleitada por participar no jogo. Mas as regras do Lotus Branco são estritas. E não pode transgredi-las.

Movida por uma espécie de raiva, Meng-mi ataca Li Wa. Instintivamente, Li Wa dá uma volta sobre si própria para enfrentar de novo a adversária.

- Anda, Flor de Orquídea, puxa-lhe pelo cabelo.

Encorajada pelos gritos do imperador, Meng-mi esboça um gesto para se agarrar ao carrapito de Li Wa. Rápida como um raio, Li Wa detém o braço de Meng-mi, erguendo o outro em posição de ataque. Desta vez, Cublai adquire uma certeza: a rapariga conhece a arte do *Wu Shu.* Como pôde uma virgem destinada a servir o imperador ter seguido uma aprendizagem que exige anos? Sobretudo, com que fim?

Li Wa encontra-se numa situação insustentável. Quanto mais procura ser eliminada, mais o imperador, intrigado, deseja conservá-la até ao fim. Com toda a ingenuidade, como Ai Xue, ela julgara ser facilmente suplantada pelas outras beldades. Mas haviam subestimado Cublai. Imaginando-o grosseiro como o antepassado Gengiscão, nenhum deles desconfiara da sua inteligência sensível. Num furioso sentimento de raiva contra Ai Xue, a rapariga sente-se traída. O desespero começa a apoderar-se dela. Ocorre-lhe a ideia de matar Meng-mi. Não seria crime suficiente para ser imediatamente presa, proporcionando-lhe assim uma ocasião de utilizar o veneno? Não, com certeza, embora se encontrem isoladas, há guardas que devem espreitar por detrás das portas. Ao mínimo grito do imperador, seria imediatamente manietada e impedida de agir. E tudo estaria perdido. E se, afinal, tentasse elevar-se à categoria de concubina imperial. Talvez se lhe

apresentasse outra ocasião. Mas, nesse caso, como comunicar com o Lotus Branco? É, porém, a única solução que lhe resta. Decidida, opta por este raciocínio. Habilmente, desequilibra Meng-mi e senta-se em cima dela, torcendo-lhe um braço nas costas. Meng-mi grita de dor. Li Wa ergue o queixo, altiva, voltando-se para o imperador, como fazia diante de Ai Xue. Surpreende o olhar espantado de Cublai. O imperador levanta a mão. Li Wa liberta Meng-mi.

Arquejantes, as duas jovens encaram-se com uma sincera simpatia.

- Confesso que, por uma vez, ambas deram provas de uma real vontade. Por muito penoso que seja ter de escolher, é o jogo... Erva dos Prados, desde o início que manifestaste uma atitude diferente da das tuas companheiras. Pois bem, vou finalmente ditar a minha vontade. Vem, ajuda-me, Flor de Orquídea.

O imperador aperta os pulsos de Li Wa.

- Escolho-te a ti, Li Wa. E, como és um verdadeiro tigre-fêmea, vou domar-te antes de te possuir.

O Grão Cão chamou-a pelo nome. Sem saber porquê, Li Wa considera que se trata de um presságio funesto. Terminou o jogo. Tem de se isolar, precisa de retirar o saquinho de veneno, porque se não o fizer...

- Um momento - diz ela, aterrada.

Mas o imperador já não está disposto a ouvi-la. Cublai, a despeito da idade, manteve uma força colossal. Arrasta a jovem até à cama, seguida por Meng-mi que ainda não compreendeu o que o Imperador espera dela. A assistência que lhe é exigida faz passar para segundo plano a sua imensa decepção. Em toda a volta, consumiram-se as velas. A escuridão recorta sombras rígidas e inquietantes nos rostos. Para se libertar do contacto com Cublai, Li Wa torce os pulsos, como Ai Xue lhe ensinou a fazer. Precisa de descobrir uma maneira de retirar o veneno antes de ser possuída pelo imperador.

- Um momento, um momento - repete ela.

Mas, apesar dos esforços envidados, não consegue libertar-se dos dedos de Cublai, que a apertam como uma verdadeira tenaz.

- Flor de Orquídea, olha para detrás das cortinas.

A jovem obedece e vê argolas de ferro presas a uma corrente curta.

- Prende-a.

Li Wa debate-se intensamente. Pensa, aterrorizada que, se não tiver as mãos livres, não poderá retirar a tempo o que escondeu entre as pernas. Que acontecerá então? Finca-se, redobrando de energia.

- Nunca vi tal força numa mulher! - exclama Cublai, admirado. - Se tivesse menos trinta anos, não me daria ao trabalho de te imobilizar.

Meng-mi prende as correntes aos pulsos de Li Wa. Mas a jovem não desiste. Lutando furiosamente, estica as pernas a fim de impedir que Cublai se aproxime. O imperador vê-a retesar-se. O suor não tarda a perlar-lhe os seios.

- Podes assistir, Flor de Orquídea, se te der prazer.

A jovem instala-se em almofadas, bem perto, decidida a não perder pitada do que ansiara viver.

Cublai sobe para a cama e, evitando os terríveis saltos de Li Wa, consegue introduzir-se entre as suas coxas. Avança o suficiente para que não lhe reste nenhuma margem de acção. Ofegante, a rapariga ainda tenta aplicar-lhe pontapés. Mas a corpulência do imperador é tal que os seus esforços se reduzem a nada.

- Possuir-te será um verdadeiro prazer - declara Cublai, guloso, numa respiração insistente.

Li Wa sente o membro erecto contra o ventre. Não! É preciso impedi-lo.

- Grão Senhor, um momento, por favor! Não faça isso!

Surdo às súplicas da rapariga, Cublai força a penetração. Li Wa tenta escapar pela última vez. O Grão Cão agarra-a pela cintura, erguendo-a para a manter bem presa. Ergue-se bruscamente e, sem rodeios, força a sua haste de jade contra a flor de lótus. Li Wa soluça à medida que o imperador avança.

- És tão estreita, pergunto-me se não correrei o risco de te dilacerar.

- Não! - suplica ela mais uma vez.

- Será uma surpresa, só te vou fazer bem.

A rapariga solta urros de terror. Sem uma palavra, na escuridão, ele devassa-a demoradamente. O seu membro cobre-se de sangue. A rapariga parece sofrer um martírio. O fluxo escarlate que o imperador julgou resultar da perfuração do hímen continua a correr. Preocupado, Cublai retira-se. Do interior de Li Wa jorra um fluxo abundante, exalando um intenso odor a carne. Mesmo depois de se retirar, ela continua a arfar e a contorcer-se de dores. Cublai expulsa todas as raparigas e manda chamar um médico

urgentemente. Assustado, explica que a violentou com algum exagero e que a rapariga está quase morta.

O médico, um velho chinês meio surdo, demora-se a examinar a rapariga, meio inconsciente, que geme e abana a cabeça. Li Wa tem um espasmo. O médico palpa-a e extirpa um pequeno pedaço de tecido ensanguentado. Observa-o com uma expressão de repulsa. Depois, guarda-o num frasco e limpa as mãos a um pano de linho. Dirige-se ao imperador a fim de o tranquilizar.

- Grão Senhor, salvo todo o respeito que devo à sua virilidade, não reside nela a causa. A rapariga foi envenenada.

Cublai deixa escapar um ronco de pavor.

- Explica-te.

- Necessito de mais algum tempo para me certificar das minhas conclusões, mas julgo que ela trazia veneno dentro do ventre e que a penetração o libertou, se assim se pode dizer. A substância ter-se-á, então, espalhado pelo ventre, provocando uma infecção.

- Vai morrer?

- Sim, provavelmente. Não sei daqui a quanto tempo.

- Quero-a viva. Trata dela! - grita Cublai, furioso.

- Vou administrar-lhe de imediato alguns remédios do meu conhecimento a fim de aniquilar os humores que eventualmente o tenham atingido, Grão Senhor.

- Manda vir o meu xamã. Diz-me, de que veneno se trata?

- Grão Senhor, penso que se trata de um veneno geralmente adicionado aos alimentos ou às bebidas.

- Não quero que a notícia seja divulgada. A rapariga será encarcerada, incomunicável, nas minhas masmorras subterrâneas. É aí que permanecerás com ela, até ao seu restabelecimento. Este caso não deverá chegar ao conhecimento de ninguém. Fui claro? - perguntou o imperador, num tom incisivo.

- Perfeitamente, Grão Senhor. Instale-se, vou aplicar-lhe um bálsamo.

Cublai afunda-se nas almofadas, deixando o médico entregue às suas práticas. Preocupado, reconstitui o desenvolvimento do serão. Na sua cabeça, as peças do *puzzle* começam a encaixar-se a uma velocidade alucinante. A rapariga fez tudo, desde o início, para não realizar a prova seguinte. A sua habilidade no combate despertara a admiração, mas também

as suspeitas do velho imperador. Era uma verdadeira guerreira, treinada nos métodos de combate das sociedades secretas chinesas. Resultara tudo de uma manigância. Estava certa de que seria eliminada e afectada ao serviço da casa. Disporia então de todo o tempo para envenenar os alimentos. Teria executado as companheiras sem piedade, o que significa que estas estão provavelmente inocentes. Ainda assim, Cublai pergunta-se se não deveria mandar executá-las, por precaução. A raiva do imperador intensifica-se quando pensa que Li Wa estava ao corrente de que seriam atribuídas funções de criadas às raparigas. Portanto, beneficiou de cumplicidades no próprio palácio. Cublai passa rapidamente em revista todos os oficiais ao seu serviço que conhecem em pormenor os jogos que inventou. As controladoras não sabem nada, a não ser que as raparigas não saem virgens da cerimónia. Os eunucos estão a par de um desenrolamento de provas mas ignoram a função das perdedoras. Os conselheiros só de longe se interessam pelos prazeres imperiais. Afinal, o único que sabe tudo é... Sanga. É também ele que efectua a última selecção das virgens. Dentro de Cublai cresce um sentimento de raiva. Vêm-lhe à ideia as advertências dos conselheiros, as desconfianças de Bayan, as suspeitas dos oficiais. Tempos antes, Cublai rejeitara as acusações respeitantes a Sanga quanto à profanação e à pilhagem dos túmulos dos imperadores Song. Aceitara condenar o desconhecido que servira de bode expiatório. Mas agora...

Cublai bate as palmas. Samud, o homem de todos os juramentos, aparece imediatamente.

- Previne Sanga de que quero vê-lo imediatamente. E convoca a minha guarda pessoal. Que se prepare para intervir.

* * *

A paisagem da planície do Norte desfila a uma velocidade desesperadamente lenta. A embarcação de Marco Polo, não sendo luxuosa, também não carece de nada. Nos portos de escala, os homens abastecem-se de alimentos e bebidas. Os remadores esforçam-se duramente, incitados pelos gritos do chefe. Dao Zhiyou evita o pai, confraternizando com os marinheiros e os mercadores.

Fechado no camarote, Marco lê e relê o manuscrito, palavra a palavra, ideograma após ideograma. De noite, mistura-se tudo na sua cabeça, formando um exército de insectos carnívoros prestes a devorá-lo. O homem que tentou roubar o manuscrito sucumbiu durante o interrogatório sem ter revelado o segredo. Os inquisidores sabem que só uma organização dispõe de tanto poder sobre os seus adeptos, o Lotus Branco. Desde então, Marco não se sente em segurança, não obstante a guarda que o escolta em todas as suas deslocações. Está ansioso por chegar a Hangchou, a fim de guardar o manuscrito num lugar seguro. Enquanto a viagem durar, receará sempre um atentado.

Por fim, avista ao longe o lago de Hangchou. Os primeiros telhados das casas mais altas cintilam ao sol. Os meandros do rio desenrolam-se até à foz.

É com grande alegria que Marco reencontra Hangchou. Manda descarregar a pretensa mercadoria e dirige-se ao bairro do Leste, onde poderá alugar um quarto num albergue discreto. Com o coração oprimido, Marco acede ao pedido de Dao, que pretende passear sozinho pela cidade a fim de reatar os laços com o passado.

Dao Zhiyou deambula pelas ruas que reconhece com um verdadeiro prazer. Descobre a oficina que esteve quase a contratá-lo. Passeia em frente da casa de chá onde trabalhava Xiu Lan. É a primeira vez que ali entra como simples cliente. Dantes, passava pela entrada das raparigas, esgueirava-se entre as suas esbeltas pernas, gozava da carícia furtiva que a seda dos vestidos lhe fazia no rosto.

É recebido com um convidado. Cortesãs de seios nus servem-lhe aguardente de medronho e chá aromático. Escolhe uma rapariga de ombros largos e peito quase chato. Quando ela se despe, no quarto, Dao apercebe-se de que tem a silhueta de Li Wa. Passa a noite com ela, de olhos fechados enquanto dura a relação sexual. Não consegue deixar de imaginar o encontro de Li Wa com Cublai Cão. É com uma violenta raiva que sente chegar o momento de se aliviar. A despeito da boa vontade da cortesã, permanece-lhe na boca um gosto amargo. Sem olhar para a rapariga, sai do quarto como se fugisse.

Ainda é noite escura quando abandona a casa de chá. Às cegas, dirige-se para o canal. Subitamente, ouve sussurros. Pára, apura o ouvido, sempre alerta. Sabe que teria sido preferível aguardar tranquilamente que

amanhecesse nos braços da cortesã. Continua a avançar, sentindo-se invencível. Bruscamente, uma sombra cresce à sua frente. Instintivamente, Dao estende a perna, que vai embater contra o plexo do desconhecido, deitando-o ao chão. Surgem imediatamente outros homens, com as armas brilhando ao luar. Dao Zhiyou adopta uma posição de combate, levemente apoiado nos joelhos. O primeiro atacante precipita-se sobre ele. Dao esquiva-se, deslizando como uma enguia. O outro cai no chão com todo o seu peso. Dao aproveita um momento de distracção dos adversários para lhes aplicar pontapés nos queixos. Os bandidos vacilam.

- Vamos, é um mestre de *Wu Shu!* - exclama uma voz aterrorizada.

Incrédulo, Dao tem a certeza de que identificou a voz nasalada do homem que falou.

- Xighang? És tu?

A silhueta aproxima-se, prudente.

- Dao Zhiyou? Não é possível, voltaste!

Dao quase não reconhece o companheiro dos piores dias. Estampam-se-lhe no rosto as marcas das punições sofridas. Os bandos são impiedosos. Os seus olhos de animal acossado agitam-se num constante movimento, como se receasse um ataque de surpresa. Não pára quieto no mesmo lugar, recuando sempre que Dao se aproxima. Emagreceu e envelheceu.

- Vem, oferece-nos uma bebida! Como recordação...

Dao acede de boa vontade. É um luxo que Xighang decerto nunca se poderá permitir. Xighang ordena aos acólitos que os escoltem. Os outros aceitam, arrastando os pés. Não faz parte das suas atribuições. Dao sente perfeitamente que Xighang exagera para impressionar o antigo amigo. Trata-se com certeza de um esbirro que goza de pouco respeito, sujeito à autoridade dos chefes.

- Desculpa, julguei que fosses mongol. Assim vestido, não se distingue nada na escuridão.

Pelo tom de Xighang, Dao compreende que, agora, os separa um abismo. Uma ponta de legítima inveja esmorece o tom entusiástico do chinês.

- Porquê, agora só atacam mongóis?

- É verdade, como sempre. Ordem do Lótus.

Dao meneia a cabeça. Portanto, Xighang continua sob a alçada do Lotus Branco. Dao decide calar que se tornou discípulo de Ai Xue. É uma

informação secreta que talvez um dia venha a ter valor.

- Vou prevenir o nosso Mestre de que estás cá, gostará de voltar a ver-te.

- Não! - apressa-se Dao a replicar. - Pelo contrário, não digas nada. Procede como se não nos tivéssemos encontrado.

Dao Zhiyou encara Xighang, perguntando-se se poderá confiar nele. Talvez devesse pô-lo imediatamente fora de combate...

- Então, e a rapariga que encontraste na última vez? Que foi feito dela? Aposto que vivem juntos. Vais casar com ela?

- Não, tornou-se concubina imperial - responde Dao, numa voz neutra.

Xighang emite um assobio admirativo.

- Não estavas à altura dela portanto! Melhor para ela, se agora vive bem.

Xighang exprimiu-se espontaneamente, sem desconfiar nem por um momento de que enterrou no coração de Dao uma lâmina que lhe reaviva a dor e os desgostos.

- É verdade, ela agora vive bem - confirma ele, num sussurro.

* * *

Com a cabeça e as mãos enfiadas numa golilha, completamente nua, Li Wa está presa ao tecto por uma pesada corrente. O inquisidor imperial gira em volta dela há horas, assediando-a com perguntas.

- Quem te enviou? Quem foi o homem que te deu a mão?

Por vezes, o inquisidor sai da cela, abandonando-a por longos momentos. Li Wa perdeu a noção do tempo e seria incapaz de avaliar a duração do seu encarceramento. Depois da terrível cerimónia, acordou numa cela, nua, de mãos e pés metidos em ferros. O ventre doía-lhe atrozmente. Um médico vinha vê-la regularmente, prodigalizando-lhe tratamentos muito eficazes, no meio de uma indiferença glacial. Li Wa tentou falar com ele, perguntar-lhe que sorte lhe estava reservada. Ele limitava-se a interrogá-la sobre o seu estado de saúde sem nunca responder às perguntas feitas. Certo dia, ou porventura certa noite, quando a considerou curada, apresentou-se à sua frente o inquisidor imperial. A longa barba branca aparada de forma a terminar em bico conferia-lhe o ar de um sage. Brilhava-lhe a inteligência nos olhos, simples fendas encimadas por

sobrancelhas grisalhas. Um eterno sorriso iluminava-lhe o rosto cor de cera. Transmitia uma impressão de benevolência que tranquilizara LiWa.

Quando o homem a levou para a sala dos interrogatórios, onde a presença dos instrumentos bastava muitas vezes só por si para soltar as línguas, quebrou-se o encanto. Imobilizada pela golilha, de joelhos, começara o interrogatório. Como se calasse, foi espancada por diversas vezes sem sequer ver o rosto dos agressores. Sempre se perguntou se o inquisidor seria um deles.

pois, prenderam-na ao tecto por uma corrente, mantendo-se com dificuldade nas pontas dos pés.

O inquisidor voltou a aparecer, escoltado pelos esbirros.

De repente, torna-se melífluo, aproxima-se tanto dela que sente o seu hálito requintado de chá de jasmim.

- Ouve, sabemos perfeitamente que tal ideia não pôde vir do cérebro de uma mulher. Portanto, diz-nos o nome dos teus cúmplices e serás poupada.

O homem aguarda alguns instantes e depois faz um sinal. O assistente avança para Li Wa e aplica-lhe uma chicotada nas costas. Extenuada, a rapariga solta um grito de dor.

O inquisidor esboça um gesto em direcção aos seus adjuntos.

- Desçam-na. Sirvam-se dela enquanto ainda estiver apresentável. Volto daqui a pouco.

Mesmo sendo ele o inquisidor, Li Wa gostaria de o reter. É o único que lhe confere um pouco de humanidade. Os executantes são piores do que ele. Desde que se encontra encarcerada nos subterrâneos do palácio, cuja existência é ignorada pela maior parte das pessoas, ninguém lhe dirigiu a palavra. Está incomunicável, o que significa que ninguém lhe fala ou a ouve, com excepção do inquisidor, durante as sessões de interrogatório. Os homens limitam-se a prendê-la e a transportá-la como se fosse um pedaço de carne. Ao ouvir esta nova sentença, Li Wa não tem forças para suplicar que a poupem. Bruscamente, sem saber porquê, acode-lhe ao espírito a imagem de Dao. Sente tanta vergonha e um desgosto tão grande que afasta com firmeza tal recordação. Que pensaria ele se a visse assim? Embora se esforce, não consegue evitar que as lágrimas lhe escorram pelas faces.

Ao cabo de várias horas, já não sente o corpo, transformado numa chaga viva. Os últimos carcereiros saíram da cela. Sente-se tão extenuada que mal se sustém nas pernas e emprega a energia que lhe resta para se manter de

pé. Sempre que se deixa cair, a golilha estrangula-a, mas não o suficiente para a matar. Vê-se obrigada a escolher entre o esgotamento e a dor provocada pelos ferros.

Reaparece o inquisidor, ladeado pelos adjuntos. Por meio de um gesto, ordena que a reanimem. Despejam-lhe um balde de água gelada na cabeça. Li Wa é percorrida por arrepios irreprimíveis.

- O imperador decretou a tua condenação à morte. Desaparecerás sem que ninguém saiba de ti e os teus restos serão lançados aos cães. Todavia, concede-te uma última oportunidade de te resgatares, se não quiseres renascer como um miserável verme. Diz-nos o nome dos teus cúmplices.

Incapaz de falar, Li Wa meneia a cabeça.

- Muito bem. Seja feita a vontade do imperador.

Soltam a corrente que a prende ao tecto. A rapariga cai no chão como um fantoche de trapos.

- Levem-na - ordena o inquisidor.

Ainda imobilizada pela golilha, é erguida pelos adjuntos. O sangue pulsa-lhe nas têmporas como uma tempestade. Sente a cabeça prestes a explodir. Gotas de suor picam-lhe os olhos, toldando-lhe a visão.

- Traíste o imperador. Vieste ao seu palácio para o seduzir, com todos os atributos de uma virgem, que não eras. És perita em *Wu Shu, o* que teria sido impossível com os pés enfaixados. O imperador, contudo, podia ter acreditado em ti, usavas as mesmas chinelas douradas que as tuas companheiras. Recebemos ordens para resolver o caso - acrescenta ele na sua voz melíflua.

Os carrascos arrastam-na para o corredor. O instinto de Li Wa arranca-a brutalmente do seu torpor. Pressente que vai acontecer-lhe algo terrível. Está preparada para morrer. Não esperava outro destino quando aceitou aquela missão. Mas o Mestre não a treinou para tamanho sofrimento. Miseravelmente, tenta resistir. Finca os calcanhares no chão para se recusar a avançar. Em vão. As suas forças diminuíram desde que se encontra detida, em consequência das privações e das torturas.

A rapariga é conduzida através de um comprido corredor escuro, que ressuda uma humidade repugnante, e habitado por ratos e bicharada. Ao fundo, encontra-se um pesado rastrilho encimado por dragões que emana um calor intenso. Ao aproximar-se, a grade ergue-se, num sinistro rangido de cadeias. Ao centro do compartimento, impera uma mesa de madeira

coberta de correntes. Retiraram-lhe a golilha. O alívio é de curta duração. Li Wa é arrastada e deitada em cima da mesa. Em seguida, prendem-lhe os pulsos e as pernas em grossos anéis de ferro que lhe retalham a carne. A rapariga volta a cabeça, com dificuldade, e vê uma forja na qual cintilam estranhos objectos à luz da chama. Encontra-lhes um ar vagamente familiar, mas não consegue identificá-los formalmente.

O inquisidor aproxima-se.

- Tu conheces o lótus de ouro, não é verdade? O nome dado aos pés delicados das mulheres que conseguiram mantê-los em dimensões muito reduzidas. Tu conheces o lótus de ouro! - repete ele bruscamente.

Li Wa surpreende-se tanto com o tom do homem que meneia vivamente a cabeça. Sabe muito bem que se trata de um método clássico de intimidação. Mas está tão fraca que todas as resistências parecem tê-la abandonado. Sente-se terrivelmente sozinha. Invade-a um sentimento de raiva quando pensa em Ai Xue, que a entregou às garras do ogre. Em nome de que causa a manteve na ignorância do destino que a esperava? O Lótus Branco não só não obedece a chefes, como ignora os indivíduos.

- Restame dar-te a conhecer... o lótus de fogo! - prossegue o inquisidor, exaltado. - Não o praticamos muitas vezes.

Li Wa adivinha naquela voz uma excitação funesta. O carrasco mascarado, com a ajuda de uma forte pinça, pega num dos objectos que Li Wa viu brilhar no lume. Quando o objecto se aproxima, reconhece horrorizada a sua forma. Esperava ser marcada a ferros. Mas é muito pior do que isso. Trata-se de escarpins de ferro em brasa, formados por duas metades unidas por uma charneira.

E, cúmulo da crueldade, comportam um sistema que permite reduzi-los a uma dimensão minúscula, quase a dos pés de um recém-nascido.

- Não! Não!

Retesa-se instintivamente, disposta a quebrar as correntes. O carrasco aproxima-se lentamente, enquanto o ajudante pega na perna da vítima. Li Wa debate-se, gesticulando num grande frenesim. É com dificuldade que o adjunto consegue pousar o pé da rapariga no interior de uma metade do escarpim. Li Wa solta um urro de dor capaz de fazer estremecer as paredes da prisão. Espalha-se pelo compartimento um odor a carne queimada. É a sua carne! O carrasco aplica a segunda metade, a fim de fechar o escarpim em volta do tornozelo. Uma nova crepitação eleva-se numa fumaça escura.

A rapariga grita com todas as suas forças antes de desfalecer. Mas é imediatamente reanimada por um balde de água fria que lhe lançam à cara.

- Prossegue a tua tarefa - ordena o inquisidor.

Então, impiedoso, o carrasco, com a ajuda da pinça, procura apertar a charneira, rodando-a. Aterrada de dor, gritando até perder o fôlego, Li Wa ouve aterrorizada os ossos dos pés estalarem como uma noz partida. Insensível aos gritos, o carrasco continua a forçar o instrumento, esmagando definitivamente os pés da rapariga até os reduzir a minúsculos cotos com as terríveis dimensões de «lótus de fogo». Quando desfalece de novo, os adjuntos aspergem-na de água gelada. Espasmos agitam-lhe o corpo. Tremem-lhe os membros com tanta violência que se torna difícil, para o carrasco, aplicar com correcção a última metade dos escarpins. O dedo grande do pé fica de fora e acaba por cair ao chão quando o homem aperta o instrumento. De repente, a rapariga deixa de se mexer. Os homens não conseguem que recobre os sentidos. A sua respiração tornou-se irregular. O rosto, coberto de suor, está branco como cal.

- Ela, agora, não pode morrer! - exclama o inquisidor, furioso mas também preocupado. - Retirem-lhe isso!

Obedientes, os adjuntos tentam desaparafusar os escarpins. Mas recuam, por terem queimado os dedos. O carrasco afastou-se como se aquela tarefa não fosse do seu domínio. Um dos homens pede-lhe a pinça para abrir os escarpins. Apesar de tudo o que já viu, o inquisidor esboça um movimento de repulsa quando descobre o que resta dos pés da vítima.

- Chamem o médico dos prisioneiros. Quero-a viva por mais um tempo.

* * *

- Xiu Lan, folgo muito por te ver! Para dizer a verdade, aguardava-te com impaciência.

A cortesã prosterna-se diante do imperador. O tom do imperador é tão frio quanto as palavras são calorosas. Brilha-lhe no olhar uma raiva surda. O que inquieta ainda mais Xiu Lan é que o imperador a receba em audiência privada. Só o fiel Samud permanece de pé a seu lado. Segura numa corrente o leopardo domesticado do Grão Cão. De boca aberta a escorrer baba das presas, o animal espia a cortesã. O Grão Cão faz estalar

na mão o chicote de cabo curto. Nem Sanga nem os filhos de Cublai assistem à entrevista, como se esta devesse manter-se secreta. Xiu Lan exagera a reverência a fim de atenuar o arrepio que a percorre.

O gesto não escapou a Cublai, que a observa com a acuidade de uma fera. No seu espírito, já a condenou à morte. Anunciar-lhe a decisão não passa de uma formalidade.

- Levanta-te. Aproxima-te. Então, já sabes a novidade?

Xiu Lan volta para o imperador um rosto interrogativo. Pestaneja. De repente, apodera-se dela um pressentimento terrível. Qual foi o rumor do palácio que lhe escapou?

O imperador ergue-se, por sua vez, o que nunca faz durante uma audiência. Xiu Lan surpreende-se tanto que recua, como se receasse ser esmagada pela vaga de carne que se aproxima dela.

- Grão Senhor, ignoro tudo - responde ela, sorrindo.

- Então sou eu que te vou dar a notícia, espero bem! – diz-lhe Cublai, numa voz que não dissimula a fúria. - Uma mulher tentou assassinar-me.

Xiu Lan deixa escapar um grito. Torna-se pálida como a morte. Sem saber como nem porquê, pressente que está de algum modo implicada.

- Foi um bem para todo o império que esses inimigos não tenham alcançado os seus intentos - declarou ela, para ganhar tempo.

- Pouco faltou. A autora do atentado foi castigada como merecia. Hoje de manhã. Foi uma pena teres perdido o espectáculo.

O imperador escruta-a, a fim de descortinar uma expressão que a traia. Com a sua longa experiência de mulher dedicada ao prazer, Xiu Lan exibe uma expressão de indiferença, crispada num sorriso gracioso. O imperador prossegue:

- Os meus médicos não conseguiram reanimá-la quando foi necessário encerrá-la num tonel crivado de piques. Para comprovar o facto, foi arrastada por um cavalo sem que se ouvisse um grito, um gemido. Os meus inquisidores exageraram um pouco durante o interrogatório. O que reduz sempre a satisfação da execução.

- Grão Senhor, e essa pessoa revelou o nome dos cúmplices?

- Interessa-te saber? Julguei que só te interessasses pelo tao (1) e por jóias.

Nota 1: Tao ou dao - Princípio supremo e impessoal de ordem e unidade do cosmos no pensamento chinês.

Xiu Lan baixa os olhos. Sente-se perdida. Retomando o domínio da sua arte, ergue o queixo:

- Agora, pertenço ao imperador e tudo o que o toca atinge-me também - diz ela, numa voz serena.

Resta-lhe agir com subtileza. Cublai podia argumentar que ela confessou. Apercebe-se de que ainda não está preparado para sacrificar Xiu Lan. Ela ainda pode ter algum préstimo.

- Chamava-se Li Wa - declara o imperador, fixando-a nos olhos.

Ao ouvir aquele nome, Xiu Lan empalidece ainda mais, como se fosse possível. Desequilibra-se e cai de joelhos.

- Conhece-la? - prossegue o imperador.

Xiu Lan olha para todos os lados, aterrorizada. Respira de maneira ofegante. Tudo é preferível a ter de se submeter a um interrogatório da polícia imperial. Decide dar tudo por tudo.

- Grão Senhor, é uma das raparigas que tive a honra de apresentar a Vossa Senhoria. Não sabia nada das suas sinistras intenções.

Cublai desvia o olhar. Surpreende-o que ela se exprima com tanta facilidade. Afinal, talvez não esteja ao corrente. Talvez fale verdade.

- Que sabes tu?

- Nada, Grão Senhor. Não faz parte das raparigas que recruto habitualmente. Foi-me imposta.

- Por quem?

Xiu Lan hesita. Se o Lótus Branco tomar conhecimento da sua traição, tem os dias contados. Mas, se mentir ao imperador, será imediatamente executada. Decide preservar a vida presente.

- Suplico a Vossa Senhoria que me proteja. Quando ele souber que disse o seu nome...

Cublai bate com o chicote no chão. Xiu Lan sobressalta-se.

- Não estás em posição de reclamar o que quer que seja.

A cortesã saúda o imperador como faz diante do altar dos antepassados. Sabe que, assim, se coloca sob a sua protecção.

- Um médico chinês chamado Ai Xue. Conheci-o em Hangchou.

Subitamente, Temur irrompe pela sala de audiência. Cublai esboça um trejeito de boa disposição. Com um gesto, intima o neto a aguardar.

- Ficas no palácio até que o teu destino seja decidido - decreta ele. - Vai.

Aliviada por ter salvo a pele, mesmo provisoriamente, Xiu Lan acompanha o guarda do Grão Cão.

Mal a cortesã desaparece, Temur apressa-se a prosternar-se diante do avô. A sua excitação atingiu o auge. Ter-lhe-ia sido impossível esperar mais alguns minutos. Censura o avô por ter privilegiado a audiência a uma cortesã. Disfarçando o despeito, ergue-se e retira um rolo do interior da bota. Estende-o ao imperador.

- Grão Senhor, Sanga falou, aqui está a lista dos nomes que forneceu.

Cublai instala-se de novo no trono.

Sem dar tempo ao imperador de examinar o documento, Temur apresenta-lhe outro.

- A ordem de execução, Grão Senhor.

Cublai mostra-se confuso por alguns momentos, dividido entre a raiva e o orgulho. Afinal, talvez o neto pudesse ser um grande imperador. Se bebesse um pouco menos.

Temur estende ao Grão Cão uma carta orlada de vermelho imperial.

- Deixa-ma aí - responde Cublai, contrariado.

As reticências do avô não escapam a Temur. Quando subir ao trono, procurará não se deixar impressionar pelas amizades.

- Grão Senhor, peço perdão pela minha dureza. Deve ser penoso condenar quem tenha sido conselheiro, por vezes íntimo. Pense que, para além da sua própria sobrevivência, é o futuro da dinastia que está em causa. O bem alicerçado trono dos Yuan não pode vacilar. Mostrou-se inflexível quando se tratou do príncipe Nayan, que é do seu sangue... do meu sangue.

Cublai, muito chocado, arregala os olhos.

- A sucessão tem de ser preparada. Os seus inimigos reclamam a cabeça de Sanga, o que apaziguaria os espíritos. Assine - ordena Temur, numa voz autoritária.

O pai nunca, ousou falar-me neste tom!

Temur aproxima-se com uma escrivaninha que pousa em cima dos joelhos do velho avô.

Cublai pega no pincel e assina a condenação à morte do ministro. Com a mão trémula, aplica pelo próprio punho o sinete cor de sangue.

Temur pega no documento e enrola-o num gesto rápido. Cublai deixa-se descair para trás. Desenrola o papel que contém caligrafias em grandes caracteres a fim de que os possa ler. Escruta atentamente cada nome, murmurando comentários sobre os que conhece.

- Estava longe de imaginar que denunciasse tanta gente - surpreende-se o Grão Cão.

- Conseguiu mantê-lo cego durante muito tempo - observa, lacónico, o príncipe.

- Dao Zhiyou! - exclama subitamente Cublai.

- Mesmo esse, Grão Senhor - acrescenta Temur, ao ouvir aquele nome, odiado entre todos.

- É o filho de Marco Polo... - diz para consigo o imperador.

- Enviem-me imediatamente a minha guarda.

- E para já - concede Temur, obviamente satisfeito.

IX

FILHO POR FILHO

Extenuados pela viagem de regresso a Khanbalik, Dao e Marco apeiam-se dos cavalos para penetrarem no palácio. Marco sente-se aliviado por se ter livrado do manuscrito. O impressor tomou conta do trabalho e enviará uma mensagem logo que esteja terminado. Longos meses de espera pela frente. Os caracteres fabricados pela imprensa imperial arderam no incêndio. A penosa tarefa de os gravar de novo foi confiada a monges altamente qualificados.

Mal acabam de transpor a entrada do palácio, Dao crispa-se de surpresa. A princesa Hayak-Kokedjin está sentada no chão, envergando um manto mais simples do que a sua condição exigiria. Shayabami avança ao encontro de Marco.

- Senhor Polo, ela vem todos os dias esperar por si. Nada a pôde dissuadir - defende-se o velho criado. - Nem os senhores Niccolo e Matteo.

- Onde estão eles?

- No mercado das aves.

Marco, condescendente, dirige um aceno ao escravo. Dao precipita-se para a jovem, enlaçando-a pelos ombros.

- Estás cada vez mais bonita! - declara ele, caloroso.

De facto, ela deixou de ser menina. Agora, é uma planta cheia de vigor e nobreza. Uma orquídea de porte altivo e beleza delicada. A boca vermelha ilumina-lhe o rosto como o centro de uma flor.

Ela própria mal reconhece o antigo companheiro de brincadeiras. Com dezassete anos, Dao é um homem feito. Herdou do pai a estatura imponente e a altura acima da média. Os bonitos olhos negros, fendidos acima das maçãs do rosto cor de bistre, reflectem a profundidade da alma. A princesa gostaria de o apertar contra o peito, como dantes. Mas mudaram os dois e as regras da decência não o permitem. Não quer alimentar esperanças vãs.

- Vai-te embora, Dao, suplico-te. A Guarda Imperial não tardará a vir prender-te.

Marco avança, alarmado.

- Princesa, a sua presença e o estado em que se encontra provam a importância da mensagem que tem a transmitir-nos. Em vez de enviar um criado, decidiu vir pessoalmente, porquê?

A princesa encara Dao, em silêncio.

- Queria voltar a vê-lo, Senhor Polo - confessa ela passado um momento. - Disponho de pouco tempo, a minha equipagem parte dentro de momentos.

- Para onde vais? - inquieta-se Dao.

- Não sabes? Vou juntar-me ao meu futuro marido, o ilcão da Pérsia. O príncipe Temur conseguiu que o imperador me elegesse!

E a princesa desfaz-se em lágrimas, dando largas à tensão durante tanto tempo contida. Dao abraça-a desajeitadamente. Ela abandona-se àquele terno enlace. O choro redobra de intensidade, quando pensa na separação.

Subitamente, ouvem bater à porta. Dao e Marco trocam um olhar.

- Chegou a hora, vêm à minha procura - exclama Dao. Salve-a, Senhor Polo. A Guarda prende todos aqueles que se encontram sob o mesmo tecto do criminoso.

Marco cerra os dentes, contendo a emoção. Para já, não pode fazer nada. A sua impotência oprime-o. Daria a vida pela do filho.

- Não, não - suplica Hayak, banhada em lágrimas. - Não voltarei a ver-te. Amo-te, Dao!

Marco arranca-a dos braços do filho e arrasta-a pelos corredores da casa. Precipita-se para a cozinha. Encontra Pietro Tártaro, entretido a engraxar as botas do amo.

- O forno! - ordena Marco, esboçando um gesto largo.

Incrédulo, o escravo abre o orifício do enorme forno de tijolo que domina a cozinha, suficientemente largo para conter um boi inteiro. O amo faz muitas vezes exigências surpreendentes. Mas a presença de um par de loros na cozinha, ao alcance da mão, bastou para insuflar nele o sensato hábito de as satisfazer sem discutir.

Marco empurra à força a princesa para dentro da cozinha. De início reticente, ela acaba por se decidir a introduzir-se na estreita abertura. Marco segue-a de perto. Na escuridão, o veneziano encosta a jovem contra si, tendo o cuidado de lhe tapar a boca. Os soldados penetram no palácio. O eco das suas vozes chega-lhe deformado aos ouvidos. As botas dos guardas

ressoam por todos os recantos do palácio. Um barulho ensurdecedor que faz vibrar as paredes. Marco sustém a respiração. Imagina o filho maltratado pela Guarda, arrastado, porventura espancado. Por fim, o tinido das armas esmorece, até desaparecer completamente.

- Foram-se embora - murmura Pietro Tártaro, numa voz átona.

Marco tem dificuldade em sair do forno. Ajuda a princesa a fazer o mesmo. Esta tem o rosto coberto de lágrimas. O vestuário está todo manchado por uma mistura de fuligem, cinzas e gordura. Aterrado, Marco apercebe-se da extensão dos estragos. O palácio foi devastado, os móveis destruídos, a louça partida e espalhada pelo chão, os armários esventrados.

- Pietro, vai depressa procurar o meu pai e o meu tio. Diz-lhes que se alojem num quarto da cidade. Não quero que corram o risco de ser presos. Vai, despacha-te.

Ishrat Gandhali, toda ela enroscada, chora em silêncio, escondida atrás de Pietro. Marco volta para junto da princesa.

- Alteza, Ishrat Gandhali vai ajudá-la a lavar-se e a vestir trajes decentes. Em seguida, acompanhá-la-ei pessoalmente a casa, com toda a discrição.

- E Dao? - pergunta ela, numa voz alquebrada.

- Pelo caminho, contar-me-ás tudo o que sabes sobre os pontos de acusação.

* * *

Marco ouviu, estupefacto, a princesa Hayak-Kokedjin. Como pôde deixar-se enganar durante tanto tempo? O filho, assassino do herdeiro do trono! Sanga, cúmplice, foi executado nessa mesma manhã e o corpo lançado aos cães. Em sua casa, foram encontrados tesouros pertencentes aos imperadores Song. Embora fortes suspeitas sugerissem que ali tinham sido postos pelos seus opositores Cublai servira-se destes elementos para inculpar o antigo ministro. Entregando-se de livre vontade ao imperador, Marco não ignora qual a pena que incorre. Mas não pode manter-se passivo perante o destino reservado ao filho.

Separa-se da princesa à entrada dos seus aposentos. Quando se prepara para a abandonar, ela recomeça a chorar: a sua comitiva já partiu uma

primeira vez e foi obrigada a retroceder, pois o Oeste do império está isolado pelas guerras entre clãs. A única via possível continua a ser o mar, mas o embaixador do ilcão não confia nesta estrada, que considera ainda mais perigosa do que a das montanhas. Marco tranquiliza a princesa como pode, evitando relatar-lhe a viagem que fez, receando assustá-la ainda mais.

Num passo estugado, Marco dirige-se para a sala do trono. Já não são horas de audiências, mas ele espera ser recebido, fazendo valer o seu nome. Felizmente, é o próprio Samud que deambula pela antecâmara imperial. Enquanto a princesa mudava de vestuário, Marco aproveitou para vestir um traje de cerimónia, elegante mas sem ostentação. Deliberadamente, baniu todos os acessórios próprios do seu país. Apresenta-se em frente do imperador como homem e pai, e não como cidadão do império ou de Veneza.

- Samud, pretendo falar com o imperador.

Marco apercebe-se de que o eunuco o saúda com menos respeito do que habitualmente.

- É impossível, Senhor Polo. Mas o príncipe Temur talvez se encontre disponível.

De modo nenhum!

- Trata-se de uma questão de vida ou de morte que só o imperador pode resolver.

É inútil tentar corromper o eunuco. Este é muito bem remunerado, justamente para garantir a sua fidelidade. A única maneira de o levar a ceder é a persuasão.

- Samud, não gostaria que o imperador viesse a lamentar ter tomado conhecimento de uma notícia com um dia de atraso, quando posso transmitir-lha imediatamente.

O veneziano acertou no alvo. O eunuco reflecte, Como todos os criados do imperador, e apesar dos privilégios de que goza, não pode permitir-se desagradar ao Grão Cão.

- Siga-me, Senhor Polo - decide por fim o eunuco.

A sala de audiência encontra-se praticamente vazia. Os raios do sol poente estampam nas lajes longas flechas de luz. Entre o imperador e Marco Polo ergue-se uma barreira de cortesãos. O veneziano prosterna-se com a humildade devida à sua posição. Reza à Madona para que Cublai ainda não tenha ordenado a execução. Levá-lo a ceder equivaleria, nesse

caso, a um milagre. Dezasseis anos antes, quando se curvou pela primeira vez diante do maior imperador do mundo, sentia-se à altura de se comparar com o herdeiro de Gengiscão, capaz de derrubar as montanhas mais elevadas. Hoje, aos trinta e sete anos, a experiência da vida encarregou-se de o ensinar a ser comedido. Conhece o preço da coragem. Apruma-se. O seu olhar reflecte uma calma desmentida pelas pulsações surdas do coração. Ao longe, no trono, Cublai conversa em voz baixa com um dos conselheiros.

Sem surpresa, Marco reconhece o príncipe Temur na primeira fila dos próximos do imperador. Mas é o novo camarista, um chinês inimigo de Sanga, que toma a palavra.

- Marco Polo, tu ousas apresentar-te diante do imperador! - exclama ele, com uma arrogância pouco habitual. - Traidor!

Marco não tira os olhos de Cublai, que o ignora.

- Senhor, reconheço o meu atrevimento, mas a causa merece-o. Deixe-me falar com o imperador.

Subitamente, frente à indiferença de Cublai, Marco sente-se desprotegido. O imperador está ali ao seu alcance, mas inacessível. Como cativá-lo?

- Falarás diante dos juízes.

Directo, o camarista ameaça Marco de tortura. É preciso que o infortúnio tenha sido consumado para que o servidor ouse tratá-lo assim! Se o enviarem para junto do filho, não lhe restará nenhum meio de o salvar.

Deliberadamente, Marco avança para o trono. Surpreendidos os cortesãos afastam-se. Aproveitando o efeito de surpresa criado o veneziano, num movimento brusco, abre alas até junto do imperador. Cublai ergue-se, estupefacto. A Guarda Imperial aproximou-se por sua vez, prestes a intervir. Marco sabe bem que dispõe de pouco tempo. Ajoelha-se para não forçar Cublai a erguer os olhos para ele.

- Grão Senhor, é ao teu julgamento que recorro. Mandas prender os executantes, mas os verdadeiros culpados continuam em liberdade. Os que juraram arruinar-te. Condenando o meu filho, limitas-te a cortar-lhes uma mão.

Pela primeira vez, Cublai crava o seu olhar de lobo no fundo dos olhos da cor do oceano do veneziano. Em tempos, considerou este estrangeiro como um dos seus. Foi um logro, como as miragens das estepes das quais

nascem os *djins*. *(1)* Foi sincero, acreditou nele, apesar da diferença de idades, do horizonte que os separava, dos inimigos que procuravam afastá-los um do outro. Hoje, Cublai tem de reconhecer que a razão estava do lado deles. Um imperador não pode governar com o coração.

Nota 1: Espíritos malignos.

- Filho por filho, Marco. Levaram-me o meu coração.

Marco teve dificuldade em engolir em seco. Evidentemente, hoje, como poderia deixar de compreender?

Por uma estranha ironia do destino, vem-lhe à ideia uma máxima de Ai Xue: «Servir um príncipe é como dormir com um tigre; desconfie, Senhor Polo.»

- Grão Senhor, dá ao animal ferido uma oportunidade de se deixar tratar. Em nome dos antigos laços que nos unem.

Cublai emite uma espécie de ronco. Marco, tal como ele, também se deixara iludir pela amizade entre os dois. É em nome desse sonho que pede clemência. Emocionado, Cublai quase sente vontade de ceder.

Adivinhando a hesitação do imperador, Marco prossegue:

- Abandonei o meu país para me tornar um súbdito do teu império. Desde o primeiro dia, considerei-te meu amo e senhor. Coloquei-me sob a tua autoridade. Foste um pai para mim, ainda mais do que o verdadeiro. Os laços de sangue que escolhemos não são mais fortes do que aqueles que o destino nos conferiu?

Ao ouvi-lo, Cublai sabe que Marco também fala por Dao. Numa noite de banquete, Niccolo Polo contou-lhe a sua história. O veneziano confessou não compreender o afecto que Marco dedicava ao bastardo, mas Cublai manteve-se calado. Sabia que Marco necessitara de coragem para adoptar aquela solução. E acreditava que se pudesse sentir afecto por um estrangeiro, como se pode detestar um fruto da própria árvore. Zhenjin criticara-o muitas vezes por isso. E agora? Que lhe restava para o consolar da sua morte?

- Se te trouxer o chefe da rede, restituis-me o meu filho? pergunta o veneziano.

- Se me trouxeres a sua cabeça, consentirei em comutar a sua pena em banimento.

Marco sente o coração explodir-lhe no peito.

Roja-se aos pés do imperador.

- Obrigado, Grão Senhor. O meu reconhecimento será eterno. Todavia, antes de ser homem, Cublai é imperador. Sabe que os laços entre ele e o bárbaro estão definitivamente quebrados.

Marco levanta-se, faz uma reverência, impaciente por abandonar o palácio. Cublai detém-no por meio de um gesto.

- Espera, ainda não acabei. Partirás do império na sua companhia. E o nome de Marco Polo será apagado das minhas tabuinhas, como se nunca aqui tivesse estado, como se nunca tivesse existido! - remata o Grão Cão, numa voz glacial.

Atingido pela sentença, Marco recusa-se a meditar sobre ela. Concentra todo o seu espírito no procedimento que conduzirá à salvação do filho, seja qual for o preço...

* * *

De regresso ao seu palácio, Marco erra pelos salões devastados. Algumas luminárias escaparam ao assalto. Desenham halos de luz branca, como a lua cheia. Esgueirando-se entre as zonas de sombra, os escravos procuram salvar o que podem. O veneziano junta-se a eles, reflectindo sobre a melhor estratégia. Dao Zhiyou está incomunicável, não é possível interrogá-lo. Sanga foi executado.

A princesa Hayak-Kokedjin não sabe provavelmente mais nada do que aquilo que contou. Seria preciso um milagre. Em voz baixa Marco reza à Madona para que lho conceda. De repente, no meio dos restos de uma estátua equestre da dinastia Tang, Marco encontra um pente de marfim e ébano entrelaçados, ornamentado por uma grinalda de pérolas azuladas.

Sente-se alarmado pela sensação de uma presença. Marco volta-se. Sem que a tenha visto aproximar-se, Ishrat Gandhali encontra-se de pé à sua frente. Desliza descalça pelo chão como se caminhasse sobre nuvens. Tem os olhos vermelhos de tanto chorar. A irrupção da Guarda Imperial pelo palácio desfez os seus sonhos de paraíso. Acreditava ter encontrado um

refúgio, um porto de paz ao abrigo dos tormentos do mundo. Pura ilusão. Agora, receia que o infortúnio do seu amo e senhor precipite a sua própria queda. Faz uma vénia diante de Marco e ajoelha-se.

- Meu amo, uma senhora pede para ser recebida. Diz chamar-se senhora Lan.

Um sorriso de satisfação ilumina o rosto de Marco.

- Manda-a entrar para o meu gabinete privado.

Ishrat Gandhali, incapaz de dissimular a inveja diante da elegância da cortesã, introduz Xiu Lan na sala carregada de recordações. A intrusa, que vem de rosto coberto, revela uma imponência que é realçada pelo traje de brocado azul. Quando se encontram sozinhos, retira o véu que lhe tapa as feições. Vê-la naquela casa onde partilharam tantos momentos perturba Marco. Contém-se para não a estreitar nos braços.

- Pareces satisfeita - observa ele, aliviado.

Sem saber muito bem porquê, receara que ela, por sua vez, também sofresse represálias.

- Senhor Marco, os ecos da sua visita ao palácio imperial chegaram ao gineceu.

- Vieste sozinha? - surpreende-se Marco.

- Ninguém deve saber que estou aqui - apressa-se ela a responder.

Naturalmente, a conversa baixa de tom, tomando ares de conspiração.

- Quero ajudá-lo e... ajudar Dao... Ele não fez nada. Está inocente.

A sua emoção é óbvia, apesar do grande domínio que tem de si mesma.

- Eu sei - replica Marco serenamente.

- Tive notícias dele.

- Como? Ele está incomunicável.

- É o seu mestre de *Wu Shu* que está na origem de tudo. O senhor conhece-o bem. Chama-se Ai Xue.

Marco avança em direcção a Xiu Lan e enlaça-a pelos ombros, contrariando a interdição imperial.

- Fala, onde está ele?

- Não sei, Senhor Marco. Se soubesse, dir-lho-ia. Não quero que Dao morra. É um miraculado. A vida ainda lhe deve muito.

- A vida não deve nada a ninguém. Obrigado, Xiu Lan. Pensarei em ti quando rezar.

Mal Xiu Lan abandona o palácio, Marco bate as palmas para reunir a criadagem.

- Pietro Tártaro, sela o meu melhor puro-sangue e prepara-te. Partimos imediatamente.

Determinado, o escravo sai para o pátio a fim de executar as ordens do amo.

Shayabami continua de pé à sua frente. Marco está sentado à escrivaninha e rabisca apressadamente uma missiva, esforçando-se por pesar as palavras. Levanta-se, enrola a mensagem e, estendendo-a a Shayabami, pousa-lhe a mão no ombro, coisa que nunca faz. O sírio compreende que a hora é grave.

- Shayabami, esta carta é para o meu pai. Não quero esconder-te nada. Concedo-lhe todos os poderes para vender o palácio - declara ele, numa voz mais sinistra do que exigiria o significado das palavras proferidas.

- Vamos mudar-nos, senhor?

- Vamos, arruma todos os nossos haveres. Quanto ao dinheiro do palácio, não dês ouvidos ao meu pai, dirige-te a Matteo. Ele saberá que tenho razão. Pede-lhe que compre pedras preciosas e cose-as com as tuas mãos no forro dos nossos mantos mais vulgares. Pede ajuda a Ishrat. Não te preocupes, ela é de confiança. Ah, e depois quero uma indumentária nova, à moda veneziana. Arranja maneira de que esteja tudo pronto quando eu regressar.

- Quando será, senhor?

- Não sei - admite Marco, passado um momento.

Shayabami não se atreve a interrogar Marco Polo e é a jovem escrava trazida das Índias que transgride a discrição habitualmente imposta aos criados.

- Meu amo - pergunta ela numa voz trémula -, serei vendida juntamente com a casa?

Marco, que ainda não olhara para ela, adivinha imediatamente a angústia do seu olhar.

- Ishrat, vou com certeza ausentar-me de Khanbalik para empreender uma longa viagem. Podes ir comigo. Mas não te censurarei se preferires ficar no império. Nesse caso, prometo-te que encontrarei um dono que cuide bem de ti.

- Meu amo, quero acompanhá-lo. Pouco me importa para onde vá. Doravante, é o senhor o meu império.

Afinal, sem ousar reconhecê-lo, Marco sente-se satisfeito com a resposta. Pergunta-se se, no caso contrário, teria aceitado cedê-la a outro. A rapariga faz de tal maneira parte dos raros bens aos quais se apegou, que lhe seria tão difícil separar-se dela como vender a espada.

Dirige-lhe um sorriso e sai sem mais uma palavra.

Ao longe, as nuvens crepusculares desfazem-se num enlace vaporoso. O disco de ouro, escondido por detrás da barreira de nuvens, risca-o com traços de sangue. De repente, quando Marco ultrapassa as muralhas da Cidade, os raios do sol conseguem, através de uma derradeira brecha, fulminar o edifício imperial com flechas de fogo.

Abrindo caminho entre a multidão da cidade, Marco trota tão depressa quanto pode até ao único reduto do Lótus Branco que conhece em Khanbalik. É obrigado a evitar crianças esfarrapadas, barreiras de enfermos, vendedores clandestinos, atraídos pelo seu aspecto aristocrático.

Larga o cavalo numa ruela adjacente, à guarda de Pietro Tártaro, e bate à porta. Quando a pequena lucarna se abre, Marco apresenta o antebraço tatuado com as insígnias do lótus, segundo as ordens de Ai Xue. O batente move-se imediatamente.

Marco não espera que o convidem, precipita-se logo para o interior. Um homem muito alto, de cabeça rapada, ventre proeminente, fixa em Marco um olhar mortiço. Poderia perfeitamente ser um vendedor ambulante, de pevides ou de massas alimentícias.

- *Tenho uma mensagem para Ai Xue* - anuncia o veneziano num chinês aproximado.

Os olhos do gigante franzem-se num traço escuro. Se o estratagema não funcionar, Marco pergunta-se que outra forma de persuasão deverá utilizar. Conhece os adeptos do Lótus Branco e muitos deles prefeririam morrer a trair a sua sociedade.

- Ele está à minha espera - anuncia Marco com segurança, falando de novo em mongol.

O homem inclina-se e precede o visitante no corredor atapetado de folhas secas. Marco sente um prazer infantil fazendo-as estalar debaixo das botas. O gigante serve-lhe chá numa taça engordurada. De má vontade,

impaciente, Marco senta-se no chão. Não diz nada enquanto ingere o chá a escaldar, o que nunca faz. Por fim, decide-se a romper o silêncio.

- Vais preveni-lo?

- Aqui não.

Está tudo perdido. Marco contém-se para não dar um salto e esmurrar o queixo do homem.

- Onde está ele?

O homem não esboça nenhum gesto.

- Entrega a mensagem.

O veneziano abana a cabeça.

- Impossível. Terá de ser entregue pessoalmente.

- Então espera.

- Quanto tempo? - pergunta Marco, incapaz de conter a impaciência.

A expressão do gigante exprime ignorância.

- Ouve, diz respeito... ao imperador - confia-lhe Marco em voz baixa. - Diz-me onde posso encontrá-lo.

O homem meneia vagamente a cabeça.

Marco decide jogar a última cartada. Retira da manga o porta-moedas de pele de leão. Dobra um maço de *tchao* que pousa em cima da mesa. Sabe que aquela quantia representa mais de um ano de rendimentos para um vendedor de massas alimentícias. O gigante não consegue reprimir um imperceptível movimento em direcção às notas. Em seu próprio benefício, Marco dobra a parada.

- Hangchou - declara finalmente o homem, sem tirar os olhos do dinheiro.

O veneziano despede-se, agradecendo-lhe calorosamente e sai a correr, à procura do cavalo. Apesar de todos os esforços do Lótus Branco no sentido de angariar adeptos, a miséria continua a ser a mais cruel das fraquezas.

Marco certifica-se de que é portador de uma tabuinha de ensinamentos do Grão Cão susceptível de lhe abrir passagem e envereda pela estrada que conduz às portas de Khanbalik. Compra um bom cavalo para Pietro Tártaro. O escravo sente-se lisonjeado, mesmo depois de Marco lhe ter explicado friamente que não quer atrasar-se por causa de uma velha pileca. Transpõem as muralhas da cidade quando o sol desaparece no horizonte. Cavalgam durante toda a noite. De manhã, Marco pára numa posta para

mudar de cavalo e recobrar forças. Não se demoram mais de um quarto de hora. Marco paga a um cavaleiro para reconduzir o puro-sangue a Khanbalik.

Xighang junta-se a Ai Xue numa ponte, da qual podem assistir à chegada de um indesejável. Em Hangchou, o tempo já refrescou e as ruas encontram-se menos apinhadas de gente do que no Verão. O médico chinês reencontrou a antiga capital dos Song com uma felicidade real, depois da viagem pelas estepes mongóis. A aliança do Lótus Branco com os príncipes rebeldes saldou-se por uma derrota cruel. Mas, naquele momento, Li Wa já deve ter actuado. Depois da notícia da morte do Grão Cão, bastará lançar as tropas treinadas do Lótus Branco sobre Hangchou e colocar de novo um imperador chinês no trono do Filho do Céu. A sociedade secreta decidiu que era preciso restituir à cidade o seu estatuto de capital imperial.

Mal chegou a Hangchou, Ai Xue passou em revista os informadores. O único que pretendeu saber alguma coisa foi Xighang, o antigo companheiro de infortúnio de Dao Zhiyou.

- Sei onde habitam todos os estrangeiros da cidade, Mestre.

Pela expressão carrancuda de Ai Xue, Xighang adivinha que o Mestre esperava outra resposta. Tem dificuldade em engolir em seco. É inútil fazê-lo esperar. A sua vida não significa muito para o Lótus. Trata-se de não decepcionar.

- O senhor conhece a minha maneira de ser, sou curioso - acrescenta ele, jovial. - Portanto, aquele, segui-o. Vi imediatamente que não se tratava de um simples mercador. Ele foi...

- «Ele»?

- Sim, um estrangeiro de olhos claros... - prossegue o rapaz, esforçando-se por dissimular o alívio.

- Continua - ordena Ai Xue, intrigado.

- Foi à loja de papel de Hei Pao.

- Conheço-a, a imprensa no bairro do Ocaso da Lua... Ai Xue volta-se, deixando o olhar divagar pelo vazio.

- Um estrangeiro de olhos claros... - murmura ele para si próprio.

Só pode tratar-se de Marco Polo... Quando Xighang falou de imprensa, as peças do *puzzle* começaram a encaixar-se naturalmente. Depois do atentado contra a de Khanbalik, Marco Polo e o imperador tiveram de descobrir outra. O Lótus imaginara muitos locais possíveis, mas nunca que

tivessem a audácia de mandar imprimir os livros em Hangchou, no antigo estabelecimento imperial da dinastia dos Song. Desta vez, vai ser preciso dissuadi-los definitivamente...

O trajecto habitual dura quinze dias. Marco redu-lo a dez, apesar da neve que cobre as estradas. O frio é tão intenso que nunca param por muito tempo, receando gelar por causa da transpiração que lhes encharca o vestuário. Por fim, extenuado, de coxas entorpecidas, Marco avista o lago de Hangchou cintilante sob o sol de Inverno. Pela grande extensão de gelo deslizam silhuetas. Ao longe, na foz, adivinha um enorme volume escuro, sem conseguir identificá-lo. Galopa até às portas da cidade, que leva meia hora a transpor, a despeito do salvo-conduto que possui, tão compacta é a multidão.

Na cidade, reina uma estranha atmosfera. Os vendedores de incenso são assediados, astrólogos e cartomantes divulgam as suas predições, disputam-se os víveres destinados aos sacrifícios susceptíveis de apaziguar a cólera dos deuses. Um pânico surdo estampa-se em todos os rostos, em todos os olhares. Famílias inteiras saem de casa. Marco detém uma matrona que transporta frangos vivos nos braços.

- Deu à costa uma baleia, mau presságio! O marido reforça imediatamente:

- No ano da serpente, há apenas dez anos, talvez menos, uma baleia veio morrer assim...

- No mesmo sítio! - exclama a mulher.

- E mais: não era tão grande! Pois bem, a cidade ardeu por completo.

- Isto aconteceu depois dos imperadores terem partido lamenta-se a matrona.

O marido lança-lhe um olhar furioso. Despede-se de Marco e arrasta a mulher, que não compreende nada.

O homem reconheceu que Marco Polo pertencia aos *semuren,* a classe privilegiada dos ocupantes mongóis.

Marco está ao corrente da superstição. Não é a primeira vez que um cetáceo dá à costa em Hangchou. Surgem sempre catástrofes, em particular incêndios. Nesta cidade, onde as casas são tão numerosas e tão altas, o fogo propaga-se rapidamente. Percorrendo em contracorrente o fluxo humano, Marco envereda pela avenida principal.

Impelido pela curiosidade, dirige-se para a foz do rio. Começa a propagar-se um odor a cadáver salgado.

- Onde vamos, Senhor Polo? - pergunta Pietro, numa voz ansiosa.

- Quero ver a baleia. É uma coisa que nunca vi.

Pietro dispensaria de boa vontade tal conhecimento. Aproximando-se demasiado, não correrão o risco de que a desgraça se abata sobre eles? Segue o amo, embora de má vontade. De resto, não sabe muito bem como poderia deixar de o fazer.

Formou-se um ajuntamento em redor dos bancos de areia. A enorme massa de carne ensanguentada parece ter sido ali depositada por um gigante. O dorso negro da baleia brilha como laca. Uma camada de geada constela a pele de minúsculas estrelas brancas. Os flancos estriados de uma brancura mórbida já foram esventrados, exalando um fedor insustentável. Quando Marco se aproxima, há garotos que apoiam escadas contra o corpo do animal. Soltando gritos de alegria, trepam ao ataque do monstro, retalhando grandes pedaços de carne, que depois transportam como uma preciosidade. Dominado por um estranho pressentimento, Marco gostaria de os impedir de continuar, como se a carne estivesse envenenada. Impotente, benze-se e desvia-se, dirigindo-se ao centro da cidade. Não escapou a Pietro Tártaro que o humor do veneziano mudara depois de ver a baleia.

Marco percorre os canais gelados até ao bairro do Ocaso da Lua. Aliviado, vê diante dos seus olhos o edifício da imprensa, intacto. Influenciado pela superstição dos habitantes, receara momentaneamente que tivesse sido perpetrado um novo atentado contra a imprensa. Apeia-se do cavalo e penetra no entreposto. Foram construídos andaimes para alcançar os livros. No chão de madeira, supremo luxo em semelhante local, vêem-se livros empilhados em tapetes. Os exemplares elevam-se em colunas ao longo das paredes, como tijolos. No centro do entreposto, ergue-se uma escada até ao tecto que dá acesso aos andaimes. Através de uma lucarna rasgada no telhado, um raio de sol frio ilumina a cascata de livros. Marco sente-se impressionado, sem saber muito bem porquê. Nunca vira tantos livros juntos, imagina que sejam várias dezenas de milhares. Pega num ao acaso. Não se apercebe de que tem nas mãos o resultado de um longo trabalho. Tanto mais que não compreende todas as palavras. Folheia-o, percorre-o demoradamente, cheira o papel novo, o odor fresco da tinta. A

caligrafia brilha nas páginas levemente coloridas. A encadernação é surpreendente. Aguarda com impaciência a reacção do Grão Cão, quando vir a obra final. Estupefacto, Pietro Tártaro sentou-se no chão. Já vira alguns livros em casa do veneziano, mas nunca supôs que existissem tantos livros no império.

No primeiro nível de um andaime, Marco vê o cofre de ouro no qual se encontra o manuscrito, cuidadosamente conservado.

- Quem está aí?

Marco volta-se, pousando o livro no meio dos outros.

O impressor, anafado e bem-disposto, aproxima-se ainda com os pauzinhos na mão. Pela barba grisalha, espalham-se grãos de arroz.

- Senhor Polo! Quanta honra em o receber! Se soubesse... teria preparado...

- Não se preocupe - tranquiliza-o Marco, saudando-o. - A única coisa que desejo é partilhar a sua refeição. Estou esfomeado. E o meu escravo também.

- Siga-me - respondeu o homem, piscando-lhe um olho num ar conivente. - A minha mulher é uma excelente cozinheira. Com a idade, é preciso compensar...

Dirigem-se para uma pequena cozinha, onde o impressor janta com um empregado, que se levanta imediatamente para saudar Marco e o servir. A lareira aquece suficientemente o compartimento para que o veneziano possa despir o manto.

- Então, quantos são? - pergunta Marco, engolindo almôndegas de carne.

O impressor não se atreve a voltar a ocupar o seu lugar. Permanece de pé, desajeitado, empunhando os pauzinhos.

- Dez mil. Estamos preparados para os enviar para Khanbalik, aguardamos ordens. É a minha maior encomenda. Mesmo no tempo dos Song, nunca trabalhámos tanto. Importa salientar que o imperador gosta que os seus súbditos leiam. Eu também comecei a ler. Enfim, não esta obra, não me teria atrevido...

Aliando os gestos ao discurso, Marco procura interromper a logorreia do impressor:

- Muito bem. Só uma parte regressará à capital, o resto será directamente difundido por todo o império. E alguns exemplares serão

enviados para os principais reinos aliados do Grão Cão. Tenho tudo preparado. Explicar-lhe-ei, mas só depois de comer. Fui ver a baleia. O espectáculo abriu-me o apetite.

- Teve sorte, Senhor Polo. Eu sentime mal. A baleia deu à costa esta noite. De madrugada, começaram a despedaçá-la. Como sabe, as pessoas lamentam-se, mas ficam muito contentes por poder recuperar um pouco da gordura do pobre animal. E toda a gente aprecia a sua carne. Uma delícia. Nunca experimentou? Acredite que o compreendo, eu teria muito medo de digerir mal a cólera dos deuses...

Marco corta-lhe mais uma vez a palavra:

- Não vim apenas por causa dos livros. Preciso de informações sobre um determinado médico chinês...

O impressor debruça-se sobre Marco, pressentindo que se trata de um assunto importante. Talvez seja uma oportunidade de ver prosperar o negócio e de marcar posição no seio do império. Cala-se, finalmente. Ouve-se, então, uma espécie de crepitação. Marco, também em silêncio, procura identificar o ruído, que aumenta gradualmente.

- Que barulho é este? - pergunta Marco, como para si mesmo.

Preocupado, levanta-se. Por uma vez, o impressor parece privado de voz. Marco abre a porta que dá para o entreposto. Uma labareda vinda do inferno vem imediatamente envolvê-lo. Um calor sufocante traga-os num movimento imperceptível. Marco sente dificuldade em voltar a fechar a porta.

- Saia, vá procurar ajuda, depressa! - ordena Marco ao impressor horrorizado.

Em seguida, volta-se para Pietro e para o empregado:

- Venham os dois comigo, tentemos salvar alguns exemplares.

- Mas, vamos queimar-nos... - diz, queixoso, o infeliz rapaz.

Marco abre novamente a porta. Desaparece no meio das chamas. Apodera-se de alguns livros que arremessa ao empregado. Mas a maior parte já ardeu a uma velocidade alucinante.

- O manuscrito!

Marco precipita-se para a escada e sobe os degraus a quatro e quatro. Alcança o nível dos andaimes, mas as tábuas que o sustentam já começaram a ser consumidas. Marco não se arrisca a pisá-las. Equilibrando-se na escada, passa a mão através das chamas para alcançar o códice. A

encadernação metálica escalda. O antebraço é atingido pelas chamas. Retira apressadamente a mão. Em seguida, inspira profundamente e, sem hesitar, aperta o texto entre os dedos. A dor é intolerável. Não larga o manuscrito, que estreita contra o peito. Começa a descer, quando avista subitamente uma sombra nos andaimes, mesmo por cima dele. Não tem a certeza, mas julga reconhecê-la.

- Ai Xue?

A silhueta prossegue a corrida, fugindo em direcção ao telhado. Se deixar escapar Ai Xue, o seu filho será condenado. Sem reflectir, entala o texto no cinto e corre para a escada. Trepa para a tábua com força suficiente para destabilizar Ai Xue. Na outra extremidade, o médico chinês agarra-se a uma coluna de madeira para não cair no vazio.

- Ai Xue! - grita Marco.

O médico chinês volta-se. Naquela luminosidade infernal, os seus olhos negros brilham como espelhos.

- Serviste-te do meu filho!

- Nunca foste um pai para ele - replica o chinês.

Marco avalia a solidez do edifício. Estalidos sinistros ameaçam-no como outras tantas espadas de Dâmocles. O veneziano precipita-se para Ai Xue. Salta tão rapidamente quanto pode, apoiando-se ora numa perna ora na outra. Atrás dele, a madeira abate-se em pedaços inteiros. O chinês tenta passar através da lucarna que conduz ao telhado. Marco agarra-o pelo pescoço. Num gesto rápido, Ai Xue pega no braço do veneziano e torce-o violentamente. Marco solta um uivo de dor e surpresa. Larga a presa. O chinês esboça um gesto para se apoderar do manuscrito que o adversário traz à cinta. Marco repele-o brutalmente. Desequilibrado, o chinês cai para trás. Num reflexo primário, agarra-se à prancha de madeira já carcomida pelo calor. Aperta desesperadamente os dedos, como garras de uma águia. Apoiando-se nos braços, consegue içar-se lentamente. Marco fixa-o, incrédulo. Reza para que ele escorregue. Mas, contra todas as expectativas, ele consegue voltar a apoiar-se na trave. Cautelosamente, equilibra o peso nas duas pernas.

Marco agita o manuscrito:

- Foi por causa dele que fizeste tudo isto! Agora toma, apanha-o!

Arremessa-o violentamente à cara do chinês. Ai Xue tenta apanhá-lo. Basta um movimento de rotação da bacia para que a viga ceda. Inutilmente

agarrado ao texto, o chinês cai no meio das chamas, sem um grito. Marco debruça-se para o ver, em vão. Precipita-se para a escada, mas esta já ardeu. Avista várias pilhas de livros, ainda milagrosamente intactas. Dá um salto e deixa-se escorregar, quando a coluna se desmorona sob o seu peso. No chão, sente dores em todos os membros, mas nenhum lhe parece fracturado. Levanta-se.

Avança de novo para o meio das chamas. Entre duas labaredas, avista a silhueta do chinês. Aproxima-se num passo hesitante. O calor é tão intenso que julga estar a arder sem sequer estar em contacto com o fogo. Protege o rosto com o braço e, tacteando, agarra o tornozelo do médico. Ali perto, adivinha a forma do manuscrito. Debruça-se para lhe pegar, entala-o contra o cotovelo. Retira o corpo de Ai Xue para fora do entreposto.

No exterior, avança pelo meio de um fumo denso quando é recebido por um grito:

- Vejam, o meu amo está vivo!

Marco é imediatamente rodeado por um grupo de homens. Sente dificuldade em respirar, não se sustém nas pernas. Tosse e cai no chão. Dão-lhe de beber. Várias dezenas de soldados esforçam-se por extinguir o incêndio. Em Hangchou, cidade particularmente exposta aos incêndios, devido ao número de casas de madeira e à proximidade entre elas, foi constituído um corpo militar para lutar contra este flagelo. Estes homens receberam um treino militar único em todo o império. Equipados de cordas e baldes, organizaram uma cadeia até ao canal mais próximo. Outra equipa, armada de machados e serras, tenta abater as paredes mais perigosas. Encontram-se protegidos por vestuário fabricado numa seda especial. Foram içadas bandeiras no cimo de todas as guaritas, a fim de assinalar a catástrofe.

Um homem rasga a camisa meio calcinada de Marco para inspeccionar os ferimentos. Estampa-se-lhe no rosto uma expressão de estupefacção ao descobrir a tabuinha de ensinamentos do Grão Cão. Chama o capitão. Este saúda o enviado do imperador.

- Senhor, foi muito corajoso, mas não devia ter arriscado a vida por um simples operário.

Portanto, ninguém conhece a identidade do médico chinês. Quase sem voz, sentindo a garganta a picar, Marco murmura:

- Morreu?

- Não, mas não deverá faltar muito.

O veneziano solta um profundo suspiro.

- Tratem-no o melhor que puderem, tenho de o levar para Khanbalik.

O capitão pousa-lhe a mão no braço, num gesto tranquilizador:

- Meu senhor, vamos conduzi-lo para fora das muralhas, em segurança, com o seu criado.

Marco volta a cabeça, à procura de Pietro Tártaro. O escravo mantém-se à distância, fascinado pelo fogo. Numa voz debilitada, o veneziano chama pelo jovem mongol. Este precipita-se e ajoelha-se aos pés do amo.

- Onde estavas? Salva o manuscrito, é a tua vida que está em jogo. E certifica-te de que os homens tratam bem do ferido.

Impressionado pelo aspecto quase moribundo e a voz rouca do veneziano, Pietro inclina-se antes de se retirar em cumprimento das ordens recebidas. Marco procura soerguer-se. O capitão, firme e sereno, impede-o:

- Não se mexa. Pode ser perigoso, o senhor está queimado.

Em seguida, o capitão volta-se para o soldado:

- Apressem-se a evacuá-lo, o caso é grave. Não vamos conseguir.

Dezenas de milhares de habitantes fogem da cidade para as colinas circundantes. Os mais ricos ficam em casa, protegidos por fossos alimentados pelas águas dos canais. Apesar dos três mil homens destacados para o salvamento fora das muralhas, o fogo devastou durante quatro dias e quatro noites numerosos edifícios administrativos e oficiais, bem como cerca de sessenta mil casas. Quando a água dos baldes extinguiu a última chama, já Marco abandonara a cidade, à cabeça de uma coluna composta por vários médicos.

Quando penetra na sala de audiências imperial, Marco sente dificuldade em esconder que coxeia. Apesar dos tratamentos dispensados por um médico que se faz pagar bem caro, alguns ferimentos ainda são perfeitamente visíveis.

Pela primeira vez, Marco Polo apresenta-se diante do Grão Cão vestido à veneziana. Por cima da casaca nova, exibe um pesado manto de veludo azul-ultramarino debruado a pele, um chapéu de aba larga, botas de couro envernizado.

Cublai está tão surpreendido que não o teria reconhecido, se não tivesse sido anunciado pelo oficial de diligências.

Claudicante, seguido por Pietro Tártaro, Marco Polo avança em direcção ao trono. Toda a corte tem os olhos postos nele. Na imponente lareira arde uma fogueira incandescente que mal chega para aquecer a vasta sala. Avista, de relance, o príncipe Temur, que o fulmina com um olhar hostil. Apesar da enfermidade transitória, Marco ostenta um belo aspecto. Os cortesãos calaram-se. O passo desigual do veneziano ressoa pelo chão.

Cublai afundou-se no reduto escuro do trono como um animal adormecido. Um sopro rouco e sibilino revela que a vida ainda se escapa do seu peito pesado. O ventre enorme descai-lhe sobre as coxas, espalhando-se como lava que escorre de um vulcão em fusão. As suas grandes mãos, como as de uma fera, parecem prestes a formar o salto, pousadas nos joelhos afastados, as pernas bem fincadas no chão. Marco reconhece uma postura tipicamente mongol muitas vezes observada nos chefes de guerra das estepes. Por baixo de um grande gorro de pele, Marco adivinha a vermelhidão do seu rosto, os olhos tapados pelas pálpebras inchadas das noites passadas na expectativa do amanhecer. A barba e o bigode cuidadosamente pintados de negro azeviche assentam-lhe no ventre como correias de um chicote. Brilha-lhe no rosto um suor escarlate, embora ainda não tenha proferido uma palavra.

É com dificuldade que Marco se estira ao comprido, na sua última saudação ao imperador. Nos corredores, tomou conhecimento, com alguma emoção, da morte de Tatatonga, no leito, depois de ter festejado durante vários dias o fim do seu trabalho em prol do Grão Cão.

- Aproxima-te, Marco Polo.

O veneziano ergue-se, apoiando a mão no joelho, e avança para o trono. Ao trocar um olhar com o imperador, redescobre os olhos de lobo que lhe viu ao chegar a Khanbalik. A hostilidade é manifesta. Cublai encara-o como uma possível presa.

- Trouxeste-me o que me prometeste? - pergunta o imperador.

Marco bate as palmas. As portas da sala de audiências abrem-se de novo, deixando passar dois guardas que enquadram um prisioneiro. A multidão dos cortesãos recua, entre murmúrios assustados. O homem está irreconhecível, em carne viva, lutando a cada passo para se manter de pé. O tilintar das correntes encobre os gemidos de dor.

Cublai examina-o, satisfeito. Espera que o prisioneiro ainda seja capaz de falar.

- Chegou o momento de cumprir a minha promessa - declara o imperador.

Bate as palmas.

O escriba aproxima-se, transportando uma escrivaninha.

- Escreve a ordem de libertação de Dão Polo.

Em pinceladas rápidas, o homem traça símbolos numa folha, e depois relê-a, polvilha-a de areia e remete-a ao imperador.

Cublai olha por sua vez para a folha de papel, antes de retirar um selo da manga e de o aplicar firmemente no documento.

Marco sente que um enorme peso lhe sai do coração.

O Grão Cão empunha o papel. Marco ergue o braço para se apoderar dele, mas o imperador interrompe-o.

- Tenho uma última missão a confiar-te, Marco Polo.

No momento em que é banido, o imperador confia-lhe uma nova tarefa... Marco imagina que talvez tenha mudado de ideias. Cublai pode tê-lo manipulado para conhecer o culpado. Ante esta ideia, um sentimento de raiva devora o coração do veneziano. Seja qual for a oferta de Cublai, Marco está determinado a recusá-la e a abandonar o império.

- A princesa Hayak-Kokedjin, prometida ao meu sobrinho, o ilcão da Pérsia, teve de regressar, pois a sua escolta não pôde atravessar as montanhas do Oeste, por causa desse malvado Caidu. É por isso que te confio a missão de a escoltares por via marítima até à Pérsia e de a entregares sã e salva nas mãos de Argun. Vai em paz, tenho dito.

Cublai entrega o papel ao veneziano. O imperador não dá a Marco nenhuma oportunidade de recusar. De resto, esta eventualidade nem o deve ter aflorado. E o veneziano já nem pensa nela. Faz uma reverência profunda e sai, aliviado, da sala de audiências, acompanhado pelos murmúrios dos cortesãos.

Na rua, o frio surpreende-o brutalmente. O ar cortante fustiga-lhe as faces suavemente. As coníferas estão envolvidas numa leve capa de geada. Marco ainda não acabou de descer o lance de degraus que conduz ao parque quando Samud, o intendente pessoal do Grão Cão, o detém.

- Senhor Polo, o imperador deseja falar-lhe em privado. Esta noite, quando a Lua atingir o zénite. Esperá-lo-ei aqui - disse ele, apontando para a estátua de um leão de mármore. - Venha, vou conduzi-lo à prisão.

As atenções de Cublai deixam Marco espantado. Contornam o palácio imperial, seguem o declive suave que ladeia as estrebarias. Atravessam a parte oeste do parque e alcançam finalmente o edifício dos arqueiros. Samud saúda familiarmente os guardas. Penetram no interior, onde o frio é um pouco menos intenso. Marco nem se atreve a imaginar a sorte reservada aos prisioneiros, enfraquecidos pelas torturas.

Um cérbero posta-se à frente deles, zarolho, tão hirto e frio quanto as paredes que o rodeiam.

Num gesto nervoso, Marco desenrola o documento exibindo o sinete do Grão Cão. O carcereiro quer apoderar-se dele, mas Marco opõe-se firmemente.

Descontente, o homem cola os olhos ao documento, lendo em voz alta.

- «Ordem de libertação do prisioneiro chamado Dao Polo.» Fiquem aqui, os meus homens vão buscá-lo.

- Está fora de causa, acompanho-o.

O outro, um tanto surpreendido, mostra-se atrapalhado.

- Ordem do Grão Cão! - exclama Marco, descarado.

Por fim, o carcereiro aprova com um aceno de cabeça, convidando-os a segui-lo. Um esbirro junta-se a eles. Seguem por um longo corredor e descem uma escada estreita. Os dois homens, com a ajuda de um mecanismo complexo, abrem a porta aferrolhada. Aos olhos de Marco, esta mecânica assemelha-se mais a um *puzzle* do que a uma fechadura e a uma chave. No momento em que o batente se move, forçado pelos dois carcereiros, Marco tem a impressão de ver uma montanha abrir-se, dando passagem através das entranhas da terra. Do outro lado, um odor fétido denota uma humidade permanente. As paredes não são feitas de pedras de cantaria, e muito menos caiadas. A rocha emerge, principalmente o sílex, de ameaçadoras arestas. Ao longo das paredes escorrem longos regos, como veias tumefactas. A escuridão é total.

Marco promete a si mesmo varar todos os guardas a fio de espada, se tocarem num cabelo do filho.

O carcereiro acende uma lanterna e penetra na gruta. Uma corrente de ar espevita por momentos a chama.

- Senhor Polo, posso esperá-lo aqui? - indaga Samud.

- Nada te obriga a esperar por mim - responde o veneziano.

- Obrigado, e adeus.

No momento em que Marco penetra no corredor sombrio ouve-se o tilintar de correntes, revelando a presença de seres humanos por detrás de pesadas grades. O tecto das celas é demasiado baixo para uma pessoa se manter de pé. Marco adivinha pernas magras presas em grilhetas. Por vezes, uma mão suja e desesperada agarra-se às grades, soltando um grunhido animalesco. Prisioneiros, de joelhos, suplicam que lhes ponham termo à vida. De coração oprimido, Marco continua a avançar, fixando o olhar na lanterna do carcereiro que vai à sua frente. Por fim, o guarda detém-se em frente de uma cela. Desta vez, pega num molho de chaves e abre uma porta. Um vento de pânico percorre a prisão. Os prisioneiros só saem das celas para serem interrogados ou executados. Nenhum deles se atreve a pensar que possa tratar-se de uma libertação. Mal o guarda abre a cela, o veneziano avança. Curva-se para não bater com a cabeça do tecto. No chão, jaz um homem, terrivelmente magro, sujo, meio nu, envolto em correntes. Marco é incapaz de reconhecer o filho. Aproxima-se dele e fala-lhe na língua natal.

- *Dao, sou eu, o teu pai.*

O prisioneiro não reage. Marco volta-se, apodera-se da lanterna do carcereiro e, num movimento brusco, projecta a luz sobre o rosto do jacente. Os olhos inchados, a boca tumefacta pela sede, as faces encovadas tornam-no irreconhecível.

- É ele? - pergunta o guarda.

Com o coração palpitante, Marco não consegue certificar-se. Subitamente, brilha uma centelha no seu espírito. Desdobra o braço do infeliz e ilumina-o. Então, vê claramente a tatuagem de uma criatura meio-tigre meio-dragão: é com alívio que reconhece o símbolo desde sempre gravado no filho.

- Sim, é ele! É Dao Polo!

* * *

Marco instala Dao no seu próprio quarto. Manda acender uma grande fogueira e confia o filho aos cuidados de Ishrat Gandhali, que se desdobra em desvelos. Dao apresenta-se enfraquecido e esfomeado, mas não foi particularmente maltratado. Depois de ter ingerido um carneiro inteiro, ou quase, o jovem adormece.

No seu gabinete, Marco encontra o tio Matteo e passa o resto do dia a preparar o inventário. Avalia as transacções que lhe confiara. Censura-o rudemente sobre o que ele conseguiu. Marco sabe perfeitamente que não teria feito melhor, mas precisa de se libertar da tensão acumulada nos últimos dias. Ataca o infeliz mercador, que se cala perante a injustiça de que é alvo. Mais uma vez, Marco tem a impressão de que age como o pai. Tem consciência da situação, mas não consegue dominar-se.

Niccolo, por seu lado, numa espécie de frenesim, passeia-se pelas ruas de Khanbalik a fim de se inebriar pela derradeira vez com estas paragens que está convicto de não voltar a ver. Acumula os objectos de valor que lhe proporcionarão recordações preciosas. Dao Zhiyou só acorda depois de anoitecer, banhado em suor. Afasta os lençóis demasiado grossos que o cobrem. A sua constituição robusta permite-lhe estar praticamente recuperado. Mal reconhece o quarto do pai - *do pai.* O único móvel que subsiste é a cama em que se encontra. Todas as tapeçarias, pinturas, caligrafias desapareceram, deixando marcas de pó nas paredes. Mesmo os tapetes foram retirados. Na lareira arde uma grande fogueira. A sua crepitação é suficiente para aquecer a alma de Dao. A sua estada na prisão não passa de um pesadelo remoto. Descobre Gandhali, que adormeceu ao seu lado. Lamenta sentir-se tão fraco e, sobretudo, que o pai revele um temperamento tão ciumento em tudo o que diga respeito à rapariga. Delicadamente, pousa a mão no seu ombro roliço e nu. Continua a fasciná-lo vê-la assim tão despida. Ignorando o pudor, a única coisa que a impele a vestir-se é o frio. Mas ali, no quarto sobreaquecido pela fogueira de brasas crepitantes, deixou-se levar pela natureza. Arregala as pálpebras pintadas. Vendo-o restabelecido, abre-se num sorriso deslumbrante que contrasta com os lábios cor de cereja preta.

Dao interroga a escrava indiana - surpreende-se por experimentar alguma dificuldade em se exprimir:

- Por que está tudo tão vazio?

Ela meneia a cabeça, sem compreender a língua mongol, e corre à procura de Marco Polo.

O veneziano chega atrás dela, momentos depois.

- Dao! - exclama ele. - Meu filho, como te sentes?

- Estou vivo. Foi de propósito que escolheu uma rapariga que não fala mongol nem chinês? Receia que a subtraia aos seus prazeres?

Marco sorri.

- Não disponho de mais ninguém a quem recorrer. Mas, como te sentes? Tens fome, sede?

- Não sei. Por que está a casa deserta?

- Vamos partir.

Dao apoia-se num cotovelo.

Com um gesto, Marco expulsa Gandhali do quarto. Prudente, prefere não correr riscos. Pode perfeitamente ter adquirido alguns conhecimentos, tendo vivido enclausurada neste universo de estrangeiros. Está bem colocado para saber que um espírito ágil é capaz de aprender um dialecto em poucas semanas. Sendo verdade que não se sente capaz de passar uma noite sem a sua presença, trata-se de uma mulher e a confiança que lhe pode conceder é necessariamente limitada.

Marco senta-se na beira da cama de Dao.

- Durante a tua detenção, produziram-se muitos acontecimentos - começa ele.

- O seu tom é grave, pai - observa Dao, numa voz rouca.

- O que vou dizer-te também o é. Já és um homem, não usarei de rodeios. Foste preso em consequência de uma denúncia, depois da morte do príncipe Zhenjin.

Dao senta-se, por sua vez.

- Quem? Li Wa?

Marco franze o sobrolho.

- Quem é Li Wa?

Sem esperar pela resposta, prossegue:

- Sanga confessou tudo. Foi executado. E eu só consegui salvar-te a vida em troca da de Ai Xue. Sem Xiu Lan, nada poderia ter feito. Deves-lhe muito...

Mas Dao já não presta atenção a Marco. Se Sanga falou, também pode ter denunciado Li Wa. Durante a sua detenção, enquanto reflectia sobre as respostas às perguntas que os carcereiros se recusavam a ouvir, nunca deixou de pensar nela. A ideia de voltar a vê-la era a única esperança que mantinha a sua consciência desperta. Se assim não fosse, acorrentado numa cela onde não é possível caminhar nem estar de pé, numa escuridão total, sem referências temporais, alimentado de forma irregular, vivendo no meio das próprias imundícies, num fedor insuportável, teria enlouquecido, como

os outros. De início, tentara falar a fim de conservar um traço de humanidade. Mas, aos poucos, a fome e a sede tinham-se sobreposto às suas resoluções. O silêncio cravara mais um elo na corrente. Por vezes, chamava ou começava a gritar, a fim de suscitar alguma reacção. Acontecera-lhe mesmo clamar pela morte. Mas, exceptuando esses momentos de desespero, pensava em Li Wa, perdidamente.

- *Estás a ouvir-me, Dao?*

A voz de Marco desperta-o do torpor em que caíra. Com esse intuito, serviu-se de algumas palavras chinesas do seu conhecimento.

Dao meneia a cabeça de forma maquinal. Se a rapariga que ama se encontrar a apodrecer numa cela, é imperioso que a retire de lá.

- Amanhã de madrugada. Apanharemos um barco até à Pérsia, e depois Veneza.

- É impossível! - exclama bruscamente Dao Zhiyou.

- Porquê?

Marco apercebe-se do embaraço do filho, mas ignora qual a razão.

- Oh, nunca viajei de barco!

A razão é tão absurda que nem ele próprio parece acreditar nela.

- Andaste numa barcaça, é a mesma coisa. Enfim, Dao, preciso de partir. Repousa, amanhã necessitarás de todas as tuas forças.

Dao detém o pai pelo braço, gesto que ainda algumas semanas antes nunca teria ousado fazer. Mas a prisão alterou tudo.

- Pai!

Surpreendido, Marco interrompe o movimento de saída. É a primeira vez que Dao o trata por pai.

- Onde vai?

- O Grão Cão convocou-me para uma última audiência.

- E depois volta? - pergunta Dao, preocupado.

Marco responde-lhe com um sorriso confiante.

Envolve-se no manto e dirige-se para o seu gabinete privado. Aí, certifica-se de que ninguém o observa e, abrindo um baú, remexe nas túnicas que ali se encontram dobradas. Encontra um grande envelope de cânhamo e aperta-o contra o peito. Prende a espada à cintura e sai do palácio, sozinho.

Num trote ágil, levando uma lanterna na ponta de uma haste penetra na Cidade Imperial. Está uma noite fria. O cavalo expele fortes jactos de vapor

pelas narinas. Cruza-se com a Guarda Imperial, que saúda, arrepiado. A sombria fachada do edifício ergue-se à sua frente, esmagando-o com toda a sua altura. Pela primeira vez desde que chegou à China, Marco daria tudo para não ter de entrar. Tem o terrível pressentimento de que pode nunca mais dali sair. Apertando as coxas contra os flancos da montada, prestes a saltar ao mínimo sinal de alerta, Marco avança para o recanto do parque onde deverá esperá-lo o primeiro intendente do imperador. A alameda está mergulhada na escuridão. A reverberação da geada confere um aspecto irreal aos pinheiros que desdobram os grandes ramos numa majestosa reverência ao céu. O leão de mármore ruge com todos os seus dentes. Marco reconhece imediatamente a silhueta corpulenta de Samud. Acompanha-o um soldado da guarda pessoal de Cublai.

- Senhor Polo - diz Samud, inclinando-se. - Peço-lhe o favor de entregar o cavalo a este homem.

Marco apeia-se da montada e dá as rédeas ao soldado.

- E também a arma - exige o eunuco, numa voz calma. Habitualmente, Marco acede de boa vontade. Naquela noite, tem a impressão de que está a despir-se.

- Querem revistar-me? - pergunta Marco, irritado.

- Não, Senhor Polo - responde Samud, sorrindo. - O Senhor ainda é portador da tabuinha de ensinamentos.

A partir daquele momento, a precariedade da sua situação já não escapa a Marco. Se algum dia foi ingénuo, agora sabe perfeitamente que os seus privilégios cessarão no dia em que cair em desgraça. É tempo de partir.

Marco segue Samud, de braços cruzados sobre o manto, apertando contra o peito o grande envelope. Samud condu-lo por uma porta oculta que abre directamente para os corredores do palácio sem passar pela entrada. Depois de ter atravessado as antecâmaras da sala de audiências, alcançam o gabinete privado do imperador. Marco espera ir encontrar-se com o Grão Cão, mas quando Samud faz rodar o batente, descobre estupefacto que a sala está deserta. O eunuco precede Marco através de intermináveis escadas e corredores estreitos escavados na rocha. Por fim, Marco reconhece a enorme porta pela qual entrou quando uma vez o Grão Cão o recebeu, já há muito tempo. O intendente introduz uma chave na fechadura e os gonzos giram sobre a biblioteca secreta do imperador.

Cublai está sozinho, sentado no chão, ao contrário do que é habitual.

- Entra, Marco Polo.

O veneziano obedece, curvando-se numa profunda vénia. O intendente sai, fecha a porta atrás de si e deixa os dois homens a sós.

- Senta-te.

Sem largar o envelope, Marco instala-se, de pernas cruzadas, em frente de Cublai.

- Não despes o manto?

- Vou fazê-lo, Grão Senhor.

Cublai solta suspiros profundos. A sua respiração é mais ofegante do que nunca. Brilha-lhe na ponta do queixo a raiz branca da barba. As enormes faces descaem-lhe sobre o pescoço de iaque. Incapaz de voltar a cabeça, olha para Marco pelo canto do olho.

- Vens de Hangchou. Que me trazes?

Marco abre o manto e pousa o grande envelope à sua frente.

- O que é? Não vejo nada. Está muito escuro.

As lamparinas estão, porém, acesas. Observando melhor o imperador, Marco apercebe-se do seu olhar velado.

Com mil cuidados, Marco desdobra o pedaço de tecido. Surge o manuscrito, encadernado a couro meio calcinado.

- Salvei-o, arriscando a minha vida.

- Espero bem que sim. A tua morte não me teria servido de nada.

- Tudo o resto ardeu. Não resta nenhum exemplar. O Lótus Branco. Mas trouxe comigo o chefe.

Cublai não responde mas ambos sabem que Ai Xue era apenas um elo da cadeia que um dia estrangulará a dinastia Yuan.

- Deixo-lhe o manuscrito, Grão Senhor. Mande instalar material de impressão dentro do recinto do palácio. Há sempre obras em curso, ninguém se aperceberá. A fase mais demorada, será a recomposição dos caracteres.

Com um gesto, Cublai interrompe o veneziano.

- Não mandarei reimprimir o manuscrito. Encarrego-te a ti de o fazeres.

- Mas... eu vou partir - surpreende-se Marco, sem compreender.

- Justamente, os meus inimigos não te seguirão. Além disso, alegra-me saber que o sucesso da minha obra começará em reinos estrangeiros. Verás que o manuscrito regressará às minhas mãos. Vou mandar murar esta biblioteca. Não confio em Temur. É verdade que me sucederá, mas é um

bêbedo. O seu espírito não alcança os horizontes do império. Quero preservar estes tesouros, a epopeia de Gengiscão e dos nossos antepassados. E Temur mal sabe ler. Receio que não os utilize convenientemente. Um dia, alguém os descobrirá e os divulgará. Desde que não sejam saqueadores. É a ti, Marco Polo, que confio a minha história.

O espírito de Marco parte de imediato através dos mares. Pergunta-se se, depois da sua partida, Veneza terá descoberto a imprensa. Pensa confiar-se a Cublai, mas contém-se. Trata-se de uma questão técnica pela qual o imperador não se interessa.

- Esperava que me visses morrer - confessa Cublai, sorrindo.

- E é o Senhor que me vê partir.

Cublai meneia a cabeça.

- Presta atenção ao teu filho. Precisa de ser domado... Tiveste a sorte de o ter podido escolher.

Com esforço, lentamente, debruça-se para a frente, como uma torre que se desmorona. Milagrosamente, aquele enorme volume detém-se antes de soçobrar. Pega no manuscrito. Folheia-o, observa os caracteres alinhados que a visão deficiente já não lhe permite ler. Por fim, volta a entregá-lo a Marco.

- Adeus... meu filho.

Então, cedendo à emoção, Marco esboça um gesto impensável. Ajoelha-se e estreita o imperador nos braços. Surpreendido, o Grão Cão não reage.

Marco recua, oculta de novo o manuscrito no interior do manto que acabou por não despir. Levanta-se e sai, depois de olhar pela última vez para a imponente silhueta do Grão Cão, chefe do maior império do mundo.

Marco regressa a pé, conduzindo o cavalo pela rédea. Deixa-se invadir por um sentimento de melancolia, respirando pela última vez o ar da noite do parque imperial. Ao chegar a casa, é incapaz de trocar um olhar com Pietro Tártaro, que o espera não obstante o avançado da hora. Matteo e Niccolo dormem, antes da longa viagem. Marco entrega o manto ao escravo, que se exprime com uma volubilidade que ele não lhe conhecia.

- Meu amo, juro que fiz tudo para o impedir, mas não passo de um escravo. Ele não quis dar ouvidos a nada. Quis obrigar-me a calar-me. Mas eu pertenço ao meu amo... Ele até chegou a molestar-me.

- Pára, Pietro, de que estás a falar?

- Do pequeno senhor...

- E então?

- Foi-se embora!

A notícia atinge Marco como um raio. Agarra Pietro pelos ombros e quase o sacode:

- Que se passou? Conta-me tudo pormenorizadamente e com calma.

Marco larga o escravo, que começa a deambular de um lado para o outro. Torcendo as mãos, Pietro passa e repassa em frente do amo sem conseguir quedar-se.

- Pouco depois de o ver partir, levantou-se e vestiu-se. Quis sair. Mas eu ouvi ruídos e fui ver. Perguntei-lhe aonde ia, respondeu-me que não era da minha conta.

- Dissete quando regressa?

O escravo abana a cabeça, desiludido.

Marco procura apaziguar a fúria e concentrar as ideias. O cortejo da princesa formar-se-á de madrugada. Se Dao não estiver presente, é Marco que falta à palavra dada, como se tivesse ludibriado o imperador. Será esfolado vivo ou empalado. E o mesmo acontecerá a Dao logo que o encontrem. E porventura a Niccolo e Matteo. Dao esperou que ele saísse para abandonar o palácio, porque não queria que o pai soubesse aonde ia. Marco tenta recordar-se de um pormenor, seja ele qual for, que lhe dê uma pista. Dao referiu-se a uma coisa pela qual Marco não se interessou. Fazendo um esforço de concentração, relembra a conversa. A detenção, a denúncia, a execução de Sanga, a ajuda de Xiu Lan, a morte de Ai Xue, a partida... A detenção, a denúncia, a execução de Sanga... A detenção, a denúncia, *«quem é Li Wa?»*...

Marco dá um salto.

- Pietro, fica aqui, estarei de volta ao nascer do dia!

Sem mais explicações, Marco sai precipitadamente. Num ápice, salta para o cavalo e parte a galope.

- *Yalla!*

Dirige-se ao palácio imperial. Ao longe, a linha do horizonte começa a iluminar-se. Pouco tempo o separa do nascer do dia. Não o deixarão entrar sem audiência marcada. Mas Marco não se esqueceu da passagem que o Grão Cão, por comodidade, mandou instalar entre o gabinete de escrita e o gineceu. Resta-lhe a esperança de alcançar o terraço. Marco abranda o

andamento e apaga a luz. Conduz a montada por um caminho em que abunda a erva, amortecendo-lhe o passo. Em silêncio, contorna o edifício principal, caminha ao longo das traseiras do palácio e chega ao pé do dragão, que olha para ele, de boca aberta, do alto do telhado que cobre o gabinete de escrita. Marco prende o cavalo a alguma distância, a fim de que a sua presença não levante suspeitas, se alguém por ali passar. Depois, volta atrás e empreende a escalada do dragão. Volta a espada para trás das costas para que não o perturbe. Reencontrando a agilidade que tinha na adolescência, quando em Veneza trepava às varandas voltadas para os canais, agarra-se às escamas, pousa os pés nas patas do animal, finca dedos e braços para se guindar. Escorrega-lhe o pé, quase cai ao chão. Custa-lhe alcançar a aterradora mandíbula do dragão. Mais algumas toesas. Agarra-se a uma presa do monstro. Horror! A pedra cede sob o seu peso. Marco perde o equilíbrio. *In extremis,* volta a suspender-se da crina inflamada. De respiração ofegante, recobra penosamente o fôlego. Guindando-se com a força dos braços, consegue atingir o rebordo do terraço. Reza à Madona para que se encontre deserto. Exige mais um esforço aos ombros extenuados. Não vê ninguém, não ouve um ruído. Iça-se num último sobressalto e deixa-se cair do outro lado, em terra firme. Julgara poder manter-se agachado, à espreita, mas dá consigo a rebolar, incapaz de dominar os músculos. Deitado no chão, aproveita para recobrar forças. Não sente os braços, tem os dedos gelados. Indiferente à urgência da situação, reencontra um prazer real naquele local onde passou tanto tempo a transcrever as suas recordações, em companhia de Tatatonga, o velho louco. Com todo o cuidado, desce as escadas nas pontas dos pés. Com a ajuda da espada, recorta convenientemente a janela de papel engordurado. Afasta delicadamente a superfície pendente e introduz-se no gabinete. Está tudo arrumado, todos os objectos retomaram o seu lugar meticuloso e imperial. As tintas que o escriba misturara de acordo com os seus gostos e cores encontram-se de novo alinhadas nas prateleiras segundo uma ordem perfeita. Os papéis que desenrolara para escolher a textura foram de novo enrolados e apertados. Marco ouve rumores, amortecidos pelas paredes. Levanta os rolos decorativos e apalpa a pedra que se encontra por baixo. Dá três voltas ao gabinete, começa a desesperar. Do terraço, já se avistam os primeiros alvores do dia.

Tem de haver uma passagem, algures!

Subitamente, lembra-se de um pote de pincéis que, enquanto duraram os trabalhos, nunca foi deslocado. Nesse tempo, Marco imaginou que fosse por negligência, agora, conhecendo Tatatonga, sabe que, se não o fez, foi por não poder. Precipita-se. Está colado. Com o coração aos pulos, Marco tacteia-o em toda a volta. Um grande pincel acaba finalmente por se mover dentro do pote, provocando um ligeiro desajustamento. Um rolo de caligrafia em papel de linho, grosso e pesado, estremece como acariciado por uma brisa. Com gestos rápidos e seguros, Marco desliza por detrás, encontrando finalmente a abertura que lhe parece ter procurado durante toda a noite. Introduz-se, sustendo a respiração. Tacteando, avança por um corredor de tecto baixo, mas suficientemente largo para dar passagem ao imperador. Os sussurros parecem intensificar-se. Marco esbarra contra uma grade trabalhada que permite ver sem ser visto. Encontra-se dissimulada por uma ténue cortina feita de contas. Do outro lado, na penumbra de uma vasta sala, adivinha silhuetas estiradas, adormecidas. O gineceu. Imagina o imperador escondido, observando as concubinas sem que elas saibam. Com os dedos, mais uma vez, procura descobrir o mecanismo da porta, que só deve poder ser aberta do lado em que se encontra. Descobre-o aos seus pés. Suavemente, faz deslizar a grade e desliza para o interior do gineceu imperial, onde nenhum verdadeiro homem é admitido, para além do próprio imperador. As mulheres estão deitadas em colchões alinhados no chão. Abandonadas ao sono, enlaçam braços e pernas. Marco não tem nenhuma ideia quanto à direcção a tomar e tenta instintivamente aproximar-se dos sussurros. Nas pontas dos pés, segurando a espada para que não arraste pelo chão, avança rente à parede. Na escuridão do harém, que a luz do dia ainda não ilumina, Marco dá cada passo com mil cuidados, a fim de não pisar involuntariamente nenhuma das mulheres estendidas pelo chão, em grandes almofadas. Esforça-se por não se deixar distrair por aquelas visões furtivas de belas adormecidas, algumas delas em trajes extremamente reduzidos. Calaram-se os murmúrios. Furioso, Marco detém-se, agachado contra a parede. Não se apercebe de que a espada aflora as costas de uma rapariga. Esta ergue-se de um pulo, surpreendida pelo gelo do contacto. Rápido como um raio, Marco tapa-lhe a boca com a mão. A rapariga arregala os olhos, aterrada.

- Cala-te! - murmura ele, num tom conciliador. - Não quero fazer-te mal. Não grites. Não digas nada.

Vendo que não se trata de um eunuco nem do imperador, a rapariga continua aterrorizada. O seu peito arfa como vagas num mar tempestuoso. Marco hesita quanto ao comportamento que deve ter. Correr o risco de lhe destapar a boca? Se ela começar a gritar, é um homem morto. Mas não pode decidir-se a exterminar uma concubina imperial. Se a levar consigo, terá menos mobilidade e a sua presença arrisca-se a revelar-se perigosa.

- *Bu yao! (2)*

Nota 2: «Não» em chinês.

Algures do outro lado do corredor. Um grito abafado. Mas Marco reconhece imediatamente a voz de Dao.

Rezando para que a rapariga compreenda mongol, Marco debruça-se sobre ela e segreda-lhe ao ouvido.

- Leva-me até ao pé de Xiu Lan!

Em seguida, olha para a rapariga. Esta abana resolutamente a cabeça. Então, devagar, Marco alivia a pressão. Ela não grita, antes o devora com os olhos amendoados. A curiosidade venceu o medo. Marco tapou-lhe a boca com tanta força que deixou marcas. Espera que as companheiras não lhe perguntem de que se trata. Concentrando-se de novo em Dao, segue a jovem que avança, descalça, num passo seguro. Pode perfeitamente levá-lo a um eunuco que lhe corte a cabeça antes de lhe perguntar quem é. Mas já não tem por onde escolher. Numa prece muda, implora a protecção da Madona. Descem por uma escada em caracol. A rapariga detém-se diante de uma porta de madeira magnificamente pintada e lacada. Lança um olhar a Marco, que a encoraja em silêncio. A rapariga bate ao ferrolho. Um longo momento. O veneziano atenta no mais leve ruído, perturbado pelas pulsações do coração, que não param de aumentar, embora mal consiga respirar. A rapariga está muito corada, também ela preocupada, receando ser espancada, ou pior ainda, por ter acompanhado um estrangeiro até ali. O batente entreabre-se no espaço do tamanho de um grão de arroz. A rapariga fala chinês. A porta abre-se um pouco mais, sem dúvida para ver o estrangeiro.

- Senhor Polo! - exclama Xiu Lan a meia voz.

Marco força a entrada com o ombro. Arrasta a cúmplice. Xiu Lan fecha rapidamente a porta. A cortesã beneficia de aposentos especiais, decorados com gosto e luxo. Vendo melhor, Marco distinguiria mesmo uma certa ostentação rasando a vulgaridade, como se o seu novo estatuto tivesse revelado um aspecto da sua personalidade que lhe escapara, a não ser que não fosse ela a única responsável pelas escolhas feitas. Se ainda fossem íntimos, tê-la-ia interrogado, inquirido da sua felicidade. Desde que pertencia ao imperador, Xiu Lan deixara de ter lugar na vida de Marco. Era uma recordação entre as outras que guardava carinhosamente no seu gabinete de viagens, tão fugaz como o perfume do jasmim ao entrar em Hangchou ou um fruto seco crivado de cravos-da-Índia.

- Onde está ele? - pergunta Marco, numa voz firme e autoritária.

Xiu Lan aponta para o compartimento contíguo.

Marco precipita-se, deixando as duas mulheres sozinhas. Penetra numa pequena sala, lacada de vermelho, que de algum modo lhe recorda as casas de chá de Hangchou. De joelhos, tapando os olhos com as mãos, Dao está prostrado.

Marco agarra-o pelos ombros e ergue-o, sem que ele resista.

- Estás a arriscar as nossas vidas! - zanga-se Marco, tão feliz por ter encontrado o filho que não consegue disfarçar a raiva.

- Ela morreu - diz Dao, numa voz fraca.

- De quem estás a falar?

Atrás deles, Xiu Lan acaba de entrar na sala. Com a mão na cinta, é ela que responde numa voz neutra:

- Li Wa. Era uma das minhas raparigas. A que atentou contra a vida do imperador. Eles amavam-se.

Marco sente vontade de rir. Mas contém-se. Trairia uma semelhança demasiado grande em relação ao seu próprio pai. Quem esquece os amores da juventude nunca mais se recompõe totalmente. As feridas saram, mas as cicatrizes permanecem.

- Ela não falou na prisão. Morreu antes de o fazer. Executaram-na quase cadáver - remata Xiu Lan, com frieza.

Serenamente, Marco leva o filho, desorientado, para o quarto ao lado. Prepara-se para sair para o corredor do gineceu.

- Senhor Marco, espera - pede Xiu Lan. - Vem.

Hesita por uns instantes. O tempo urge, porém. Quem sabe se já não terá sido dado o alerta? Talvez se trate de uma cilada para os reter. Apesar de intrigado, o veneziano confia Dao à jovem que o conduziu até Xiu Lan. A cortesã recua em direcção à sala onde Marco encontrou Dao.

- E tu, qual é a tua pena? Não participaste na conspiração? - pergunta Marco, com desprezo.

- A minha prisão, estás a ver qual é. Estou condenada a não ser vista por nenhum homem, para além do Grão Cão. Como vês, o imperador sabia como me castigar. Identificou imediatamente a minha fraqueza. Mas o que mais receio é a morte. Portanto, não sei o que será de mim...

- O sage disse: «Encerram-se as mais belas aves em gaiolas e colhem-se as mais belas flores para enfeitar as jarras.» Então, as aves deixam de cantar e as flores perdem o aroma e murcham - recordou Marco, aproximando-se dela.

Inebria-se uma última vez do seu perfume de jasmim, que o submerge até à náusea. Por sua vez, ela levanta a cabeça, beijando-lhe suavemente os lábios com a boca fresca. Marco é percorrido por um arrepio. Volta-se rapidamente e, sem olhar para ela, sai da sala.

X

AS CINZAS DO EXÍLIO

De olhos fechados, Marco impregna-se das últimas imagens da China que transporta consigo. É como se receasse que novas visões apagassem as antigas. Dominado por uma vertigem extática, deixa-se levar pela vaga que inflige ao barco oscilações brutais. O navio avança com a regularidade e a violência do seu próprio coração. Deitado na ponte, as vibrações fazem-no estremecer até à ponta dos cabelos. Encharcado pelos salpicos, inebria-se com o estrondo das vagas que se quebram contra a proa. Os seus lábios cerrados bebem gota a gota a espuma salgada das vagas. Impossível não avaliar o espaço e o tempo percorridos. Chegado aos vinte e um anos à corte de Cublai, no termo de uma viagem que fez dele um homem, Marco Polo não é o mesmo, hoje em dia. Aos trinta e sete anos, conheceu as honras dos maiores cortesãos, o bem-estar proporcionado pela riqueza, a felicidade do amor sempre satisfeito. Parte com uma missão essencial, sem dúvida a mais estimável que o Grão Cão lhe confiou. É-o tanto mais que nem sequer poderá prestar-lhe contas. Sabe perfeitamente que não voltará a estas paragens para lhe remeter o texto impresso. Pretende honrar contra ventos e marés esta missão, a última vontade de um moribundo. Leva o precioso manuscrito cuidadosamente fechado num cofre que guarda no seu camarote. Certifica-se todos os dias da sua presença, como se um *djin* pudesse introduzir-se no barco e levá-lo. Receio que nada justifica, pois ninguém tem conhecimento da sua existência. E o valor deste objecto miserável, meio calcinado, parece ínfimo.

Um passo pesado desperta-o das suas reflexões. Esta maneira de andar, que bem poderia ser sua, só pode vir do pai.

- Niccolo? - pergunta ele.

- Como consegues dormir aqui! - surpreende-se o velho mercador, gritando para compensar o barulho do mar.

- Sinto o espírito em estado de alerta - responde Marco, sem mudar de tom.

- O que te preocupa tanto que te obriga a permanecer de olhos fechados?

Contrariado, Marco descerra as pálpebras. A luminosidade branca da bruma cega-o. Leva a mão à testa.

- Entremos.

Apoiando-se um no outro, pai e filho penetram na cabina principal. Lá dentro, o barulho atenua-se e a atmosfera está mais quente.

- Olha para ti! Estás encharcado! - grita Niccolo.

Ordena a um criado que lhe traga roupa seca. Entretanto, começa a despir Marco, que não se opõe, comportamento que ainda um mês antes jamais teria tolerado. Mas os últimos acontecimentos temperaram-lhe o ardor. Afinal, o pai é quase um velho, tem cinquenta, talvez cinquenta e cinco anos. É provável que morra durante a travessia. Sucumbirá à primeira epidemia ou ao primeiro ataque de piratas. Marco quer preservar as últimas semanas do pai.

- Meu pai - confia-lhe Marco -, julgava-me feliz na corte do Grão Cão. Considerava-me uma personagem importante, estimada, respeitada. Imaginava ter encontrado tudo o que me era querido, o amor, a glória, a riqueza. Enganei-me. Tive dificuldade em me aperceber. Hoje, acima do vazio dos anos passados, repletos de ilusões, paira uma vertigem, enquanto continuo à procura do sentido do meu trajecto.

Niccolo arvora a expressão de quem sabia mas nunca foi escutado.

- Julgas que encontrarás em Veneza o que até agora te faltou? - pergunta ele, cínico.

- Não, Veneza tornou-se um sonho. Parti há tanto tempo que tenho a certeza de que a Veneza das minhas recordações já não existe. Mas, pelo menos, farei parte dela. Pertencer-lhe-ei como ela me pertence.

Na linha do horizonte, o porto de Zayton afasta-se como uma miragem. É com orgulho que Marco abarca com o olhar os catorze juncos que compõem a sua frota. A tripulação é constituída por seiscentos marinheiros. Várias dezenas de damas de companhia e de criadas fazem parte do séquito da princesa Hayak-Kokedjin. O Grão Cão foi generoso na composição da coluna. Também ofereceu aos Polo muitas pedrarias, sedas e objectos preciosos.

Os três enviados de Argun encarregados de escoltar a princesa prometida fecharam-se no camarote, onde jogam ruidosamente aos dados.

O capitão, Ali Zaouali, é um antigo súbdito do califa de Bagdade, antes da sua conquista pelos Mongóis. Desde então, se bem que muito idoso, encontra-se ao serviço do império, alugando o barco e a tripulação. É visivelmente muito sensível ao facto de transportar mercadores cristãos que falam a sua língua.

Tendo vestido roupa seca, Marco, de pé na proa do navio, respira pela última vez os chuviscos do Mar da China. O caminho será longo até Jerusalém, onde quer fazer escala para cumprir uma promessa. Melancólico, acaricia entre os dedos a estrela de seis pontas que continua a usar ao pescoço. Jurou a Michele, o amigo moribundo, que o enterraria no monte das Oliveiras. A doença de Michele prolongara-se por muito tempo. Tiveram de o abandonar para não pôr em perigo toda a caravana. Marco não assistiu aos seus últimos momentos. Pensa muitas vezes que o amigo pode ter sobrevivido. Imagina-o calcorreando as estradas do Himalaia ou da Pérsia. Talvez ainda se cruzem em algum caravançará.

- Vem, Marco, podes adoecer. Segue o exemplo do teu filho - adverte Niccolo.

Marco pergunta-se se Niccolo será ingénuo ou simplesmente indiferente.

Dao Zhiyou e Hayak-Kokedjin não se separam desde que partiram. Depois de anunciada a promessa de casamento com o ilcão da Pérsia, Hayak atravessou mil meandros da alma humana. De início muito excitada, passou noites a imaginar os sumptuosos palácios persas, a vida tranquila na corte do ilcão, a clemência do clima, os poetas e trovadores da península. Em seguida, mudou de atitude em consequência das notícias transmitidas pelas criadas ou pelas primas, que as ouviam em corredores bem informados. A crueldade do ilcão - um velho atrevido de quarenta anos - e o seu desprezo pelas mulheres eram lendários. No império, estava habituada a esta visão. Imaginara, porém, que teria um destino diferente das suas companheiras. Orgulhosa, julgara-se uma excepção. Mas não o seria. A mais velha das concubinas tentara incutir-lhe esperança. Podia domar o marido, usufruir de um verdadeiro domínio sobre ele, tornando deste modo mais agradáveis os dias e as noites. Não disse à jovem princesa que era demasiado tarde para lhe ministrar tais ensinamentos. Hayak começou a temer a longa viagem para um país desconhecido, o desenraizamento total. A ideia de se encontrar entre estrangeiros, dos quais não conhecia a língua

nem os usos e costumes, se bem que mongóis, petrificava-a. Este casamento representava um pacto de aliança entre o ilcão e o Grão Cão, teria de ser dócil e submissa, de se dominar. O pior, sem dúvida, era ser escoltada por Dao Zhiyou, pois a sua presença recordava-lhe de forma cruel a renúncia ao amor. Deixou-se embalar, fascinada e aterrorizada, pelos relatos feitos pelas mulheres do seu séquito sobre a noite de núpcias.

Dao Zhiyou, por seu lado, sente-se dilacerado. Apavorado, sonha com a sorte reservada a Li Wa. Ao longo de toda a aprendizagem junto de Ai Xue, tentara encontrar um sentido para a vida, aprendera a dominá-la. Depois, tudo se alterara. Encarcerado e logo de seguida libertado para ser forçado a abandonar a terra natal, para sempre, o seu sentimento de impotência é extremo. Dao e Hayak partilham o mesmo olhar quando vêem afastar-se a costa da China, envolta em brumas. Doravante, conhecerão o destino do exílio.

No dia seguinte, a melancolia abandonou Dao. Afinal, em Khanbalik, não passava de um bastardo, nem chinês, nem mongol, filho de um estrangeiro. Em Veneza, será reconhecido como herdeiro de uma grande família. Imagina-se rodeado por um séquito de lindas venezianas ávidas de histórias exóticas. De resto, pergunta-se o que será uma veneziana. De soslaio, observa Hayak, curioso por saber o que encontrará de semelhante a ela nessas estrangeiras. De repente, sentindo o peso do olhar de Dao, a princesa volta-se bruscamente. Fitam-se por um longo momento, sem uma palavra, como se receassem interromper a intimidade criada pela promiscuidade.

Ao cabo de alguns dias passados no mar alto, Hayak pede autorização para passear na ponte. Marco persuade o embaixador persa de que o encarceramento não é saudável. Sensível aos efeitos revigorantes do mar, o enviado aceita, como aceitara, em nome dos laços que os uniram na infância, que Dao se encarregue de distrair a princesa, ensinando-lhe jogos proibidos às mulheres, partidas de cartas que muito a divertem.

O embaixador, que conheceu Dao ainda criança, continua a considerá-lo um garoto. Ainda assim, exigiu que nunca se encontrassem a sós, mas sempre acompanhados por pelo menos duas mulheres. Curiosa em relação a tudo, Hayak interroga Marco sobre os peixes que povoam os mares, as tribos que habitam as ilhas. Ouve apaixonadamente os relatos do veneziano, que aproveita ocasionalmente para acrescentar algumas invenções. Por fim,

a princesa atreve-se a interrogá-lo sobre a Pérsia e os Mongóis. Informada de que Marco conheceu Argun na sua juventude, não se cansa de o interrogar a este respeito. Mas Marco passa em silêncio tudo o que se refere às relações do mongol com as mulheres; limita-se a descrever um valoroso guerreiro, corajoso cavaleiro, digno príncipe.

Quanto a Niccolo, mostra-se excitado como um garoto. Vendo-o, Marco tem por vezes a impressão que é a primeira vez que anda de barco. Emociona-o ver um homem de mais de cinquenta anos tão entusiasmado quanto um adolescente e, ao mesmo tempo, exaspera-o o seu carácter tão imaturo. Apesar da experiência que lhe conhece, Marco não lhe confiaria a sua caravana. Pergunta-se mesmo como terá Niccolo sobrevivido a tantas viagens. Niccolo atribui a sua sorte à boa estrela dos audaciosos. Não se cansa de admirar, nos porões do navio, os fardos de seda e as montanhas de sacos de especiarias que venderá a peso de ouro em Veneza. Mil vezes por dia, obriga Matteo a fazer e voltar a fazer elaborados cálculos destinados a inventariar os milhões que embolsará. Matteo, na esperança de escapar à tirania do irmão, permanece fechado no camarote, invocando o enjoo e ingerindo às escondidas o dobro da ração que lhe é devida.

Depois de navegarem durante três meses, destaca-se da bruma a costa de Samatra, luxuriante e verde aos olhos dos viajantes. O capitão decide fazer uma escala para se reabastecer de lenha, água doce e mantimentos. Quando ancoram, o crepúsculo ainda lança sobre as praias uma manta de seda riscada de vermelho e amarelo. O capitão decide deixar passar a noite antes do desembarque, devido à suposta hostilidade das populações.

A maior parte dos passageiros subiu à ponte e debruça-se da amurada, admirando a cor de esmeralda da margem, cintilante ao pôr-do-sol.

Dao vê os olhos de Hayak rasos de lágrimas.

- Por que choras? - pergunta Dao, sinceramente preocupado.

- Esperava poder pisar terra firme. Este barco é uma prisão! - soluça ela, como uma criança.

Dao Zhiyou olha à sua volta, certificando-se de que não despertam as atenções. Arrasta serenamente Hayak para o outro lado da ponte, como se procurassem peixes voadores à superfície das vagas.

A princesa volta-se e ergue para Dao as pupilas negras embaciadas pelas lágrimas.

- Dao, não quero ir, amo-te a ti. Conheço-te desde sempre. Brincámos juntos. Queria casar contigo, lembraste? Porque sabia que não me farias mal, que poderias mesmo proteger-me.

- Eras como uma irmã mais nova.

- E agora?

Dao solta um profundo suspiro.

- És uma princesa, Hayak. Eu serei sempre um bastardo.

- Mas tudo isso só é válido no império! - diz ela, quase num grito.

Dao, apaziguador, pousa a mão no braço de Hayak. Ela recompõe-se.

- Se não estivéssemos sob a autoridade do Grão Cão, poderíamos viver felizes, não é verdade? - pergunta ela, dócil.

Emocionado, Dao estreita-a nos braços, como fazia quando tinham doze anos. Sente no torso a pressão do peito firme da princesa. Por cima deles, a Lua vai subindo no firmamento, cheia e redonda como o ventre de uma mulher.

Ainda é de noite quando Dao se levanta da cama. Sem um ruído, dirige-se ao camarote de Hayak. Em silêncio, abre suavemente a porta e penetra no interior. Olha para ela, enroscada como uma criança, de rosto apaziguado pelo sono. Aproxima-se devagar e tapa-lhe a boca com a mão. A princesa acorda, sobressaltada.

- Cala-te! Sou eu - segreda Dao.

Ela senta-se e abana a cabeça. Dao retira a mão.

- Não deixarei a minha querida irmã entre as patas de um bruto!

Trocam um simples olhar brilhante de esperança. Ambos conhecem os riscos que correm mas estão determinados. Célere, a princesa cobre-se com um manto, reúne alguns objectos e segue Dao para a ponte do navio. O rapaz lança uma baleeira ao mar com todo o cuidado. Ajuda Hayak a instalar-se. Mergulha delicadamente os remos na água e afasta-se do junco. A costa depressa começa a aproximar-se. No céu estrelado, a Lua brilha como um Sol.

- A princesa desapareceu!

Marco ergue-se num pulo. Pietro Tártaro, desgrenhado, repete:

- A princesa desapareceu!

Em camisa, Marco precipita-se para o camarote imperial. Deserto. Tão vazio quanto o seu espírito. Desamparado, volta-se para Tártaro:

- Acorda toda a gente, o meu pai, o meu filho, depressa! Marco começa por inspeccionar as embarcações. Fá-lo duas vezes. Enquanto as conta, Tártaro regressa, seguido de Niccolo.

- Meu amo! É terrível! - exclama o escravo, em pânico.

- O pequeno senhor também desapareceu, não é verdade?

- Como sabes? - intervém Niccolo.

O velho encontra-se completamente vestido, sinal de que passou mais uma noite em claro.

- Partiram numa baleeira - explica Marco, numa voz calma.

- São loucos! - exclama Niccolo, esboçando um gesto largo.

Marco pensa da mesma maneira mas, como habitualmente, não perde a surpreendente faculdade de manter o sangue-frio. Este comportamento, num estrangeiro não iniciado nos segredos do *Wu Shu,* espantou alguns chineses.

O capitão junta-se a eles, obcecado pela ideia de reencontrar o bote. A ponte retoma rapidamente a animação de que é palco durante o dia. Até mesmo os enviados de Argun saíram do camarote, envergando magníficos trajes de dormir. Marco dirige-se para o camarote a passos largos.

- Enfim, temos de os encontrar. Quero todos os homens em acção, só ficam a bordo os vigias. Concorda, capitão? - pergunta Marco, em sinal de cortesia.

Ali Zaouali inclina-se numa vénia respeitadora.

- Cumpro ordens do enviado do Grão Cão.

O embaixador de Argun aproxima-se do veneziano.

- Terei de advertir o imperador, bem como o ilcão.

- Dêem-me uma oportunidade - replica Marco, numa voz firme.

O diplomata não disfarça uma expressão embaraçada.

- Sinto muito, senhor. Podem surgir muitos contratempos em semelhante expedição. Mas eu não posso regressar à Pérsia sem a prometida do ilcão. Há meses que ele a espera. Se vier a saber que esta informação lhe foi escamoteada, perderei a sua confiança.

«E acessoriamente a vida, depois de ter executado os cristãos responsáveis pela protecção da princesa», pensa Marco. Reprimindo um arrepio, lembra-se de que o ilcão da Pérsia adoptou certos costumes locais, como o suplício da estaca.

- Ouça, o senhor precisa de um dia para redigir a mensagem. Digamos que esta só será despachada amanhã de manhã. Espero sinceramente não precisar de mais tempo.

O tom de Marco é tão firme que o embaixador não se atreve a replicar. Se o ilcão repudia a princesa, em fuga como uma vulgar serva, terão de regressar a Khanbalik, esperar por uma nova escolha do imperador, embarcar de novo para uma perigosa viagem. Navegam há vários meses e nenhum dos dois homens deseja voltar atrás. O diplomata conhece os imperativos das suas funções. Aos olhos de todos, não podia ceder perante o veneziano. Mas Marco espera que ele, secretamente, descubra um pretexto para adiar a mensagem. As consequências do incidente não lhe escapam. Admitindo que os encontram sãos e salvos, a princesa terá de se submeter a um exame de virgindade. É mais impensável entregar ao ilcão uma prometida conspurcada do que inventar uma fábula sobre o seu rapto por indígenas das ilhas.

A raiva permite que Marco não esmoreça perante a extensão da tarefa. Despede-se do embaixador e salta para bordo da canoa, onde já se encontram os soldados. O capitão acompanha os seus homens.

- Consta que estas ilhas são habitadas por canibais. Não dou muito pela vida dos dois.

- Estão vivos - afirma o veneziano, confiante.

Os remos movem-se a um ritmo regular. A água tépida salpica-os a cada movimento. Percorrem várias milhas de costa antes de avistarem a baleeira encalhada na areia. Marco ordena que acelerem.

Desembarcam na praia no meio de um silêncio mortal. O veneziano explora o espaço em redor em busca de uma pista. Referenciam rapidamente algumas pegadas. Marco sobe a um rochedo a fim de dominar as tropas.

- Vamos separar-nos em dois grupos. Sempre que o caminho se bifurque, dividir-nos-emos de novo. Nunca se afastem isoladamente. Se encontrarem indígenas, não se mostrem hostis. Façam valer o facto de pertencerem ao glorioso exército do Grão Cão. Sobretudo, não quero derramamento de sangue. Temos de recuperar a princesa e Dao Zhiyou ambos vivos! - insiste Marco, numa voz firme. - Aconteça o que acontecer, reunimo-nos aqui ao fim do dia. Vão e boa sorte a todos.

- Resta-nos rezar para que a glória do Grão Cão tenha atingido estes selvagens - murmura o capitão.

Marco e o seu grupo começam por avançar depressa. Mas, à medida que penetram na floresta, a exploração torna-se mais árdua. Cortam as lianas com a ajuda das pesadas espadas. O veneziano começa a duvidar. É improvável que tenham passado por ali. Teriam deixado marcas. Devia ter procurado encontrar pistas antes de mergulhar neste entrelaçado de vegetação infestada de insectos do tamanho de uma mão e de serpentes que se confundem com os ramos. Hesita em retroceder quando, subitamente, ouve um estalido. Agacha-se instintivamente. Atrás dele, um soluço. Um dos homens cai fulminado. Marco debruça-se sobre ele. Foi atingido por uma minúscula flecha na base do pescoço. Está morto.

- Estamos a ser atacados! - exclama Marco. - Preparem-se para o combate!

Os projécteis não param. Os silvos multiplicam-se como uma invasão de mosquitos, sempre sem nenhum inimigo à vista. Os soldados sempre alerta caem como tordos sem terem ocasião de ripostar. Marco ordena a retirada. Os homens não se fazem rogados e debandam a toda a pressa, na esperança de escapar aos tiros mortíferos. Se Hayak e Dao estiverem mortos, como encontrar os seus corpos? Regressam à praia, sempre a correr. Deixam-se cair na areia, ofegantes, sobrecarregados com o peso das armaduras. Não foram perseguidos. Aparentemente, os indígenas não saem da floresta. Aterrorizado, Marco conta os homens. Faltam cerca de vinte. Troca um olhar assustado com o capitão, que o espera.

- Senhor Marco, não posso permitir que os meus homens desapareçam assim! - exclama ele, furioso. - Que farei se não dispuser de uma tripulação capaz de conduzir o navio?

- Regressemos a bordo, onde estaremos em segurança.

De volta ao navio, Marco não consegue conciliar o sono, preocupado com o filho, o pai, o tio e consigo mesmo. Passa uma parte da noite a rezar à Madona, remetendo-se à sua misericórdia. Angustiado, vê o mensageiro do embaixador, portador do recado fatal, embarcar num dos juncos. O seu primeiro desejo é que o junco não chegue ao destino, mas arrepende-se imediatamente deste pensamento.

Sempre que se aventuram pela floresta densa, perdem numerosos homens. Esforçam-se por recolher os corpos, a fim de lhes proporcionarem

uma sepultura decente, em vez de esperarem que sejam devorados pelos indígenas.

Ao partirem para uma operação, Niccolo pega no braço do filho.

- Ouve, Marco. Se não voltares, se te acontecer uma desgraça...

- Terão de regressar à corte do Grão Cão para que ele escolha outra princesa.

- Estás louco, Marco! Começaria por me esfolar vivo.

- Nesse caso, faça-se corsário, assentar-lhe-ia muito bem - ironiza Marco.

- *Buffone!* - exclama Niccolo, esboçando um esgar.

Secretamente, Marco começa a desesperar. O capitão exorta-o a abandonar a ilha. Por sorte, os ventos sopram desfavoravelmente, mantendo os treze juncos que restam presos à baía.

À noite, no compartimento que lhe serve de gabinete de trabalho, de quarto e de sala de jantar, Niccolo confia ao filho:

- Por vezes, Marco, pergunto-me se procuras a princesa ou

Dao.

- Eles estão juntos.

- Um filho, ainda podes ter mais. Quanto à princesa, tu próprio me disseste que o Grão Cão não é avaro em relação às mulheres.

Marco nem sequer responde, fazendo um gesto e afastando-se do pai.

Certa manhã, após cinco meses passados na ilha, Marco é subitamente acordado por Pietro Tártaro.

- Meu amo! Venha depressa!

Em camisa, Marco precipita-se para a ponte.

O horizonte está coberto de navios. Preocupado, o veneziano aguarda com impaciência até ser capaz de distinguir os pavilhões. Aterrorizado, apercebe-se de que arvoram as cores imperiais. O navio almirante encontra-se ancorado perto dos juncos. Aproxima-se uma pequena canoa. A bordo, vem uma personalidade importante, de cabeça protegida, munida de toda a espécie de armas, o general da frota, com certeza. Atrás dele, Marco reconhece o embaixador da Pérsia.

O veneziano avança ao seu encontro.

O soldado retira o capacete, revelando o rosto sanguíneo do príncipe Esen Temur, herdeiro do trono imperial. O veneziano prosterna-se a todo o comprimento, como faria diante do imperador.

- Por intermédio do embaixador do ilcão, o imperador tomou conhecimento de que a princesa foi raptada por indígenas, bem como o teu filho, que tentou ir em seu auxílio.

Marco troca um olhar com o embaixador. Este responde discretamente com um sorriso cúmplice.

- Uma vez que ainda não conseguiram encontrá-los, o imperador decidiu enviar uma armada, comandada por mim, a fim de aniquilar este reino insolente. Doravante, encabeçarei as operações.

Marco não pode dizer nem fazer nada, nem sequer, a despeito da vontade que sente, abraçar o embaixador.

Os soldados mongóis desembarcam aos milhares na ilha. Marco não passa de um observador. Pede que lhe seja concedido o privilégio de acompanhar o príncipe Temur nas suas manobras. Como numa verdadeira batida, o exército de Temur avança pela selva, destruindo a vegetação que impede a progressão dos soldados. Assustados pela amplitude da invasão, os indígenas escondem-se. Temur diz a Marco que vem incumbido da missão de invadir a ilha de Samatra e arrasar a rebelião do rajá. O veneziano começa a compreender melhor por que enviaram uma frota tão imponente em defesa de uma simples princesa. Esta serviu apenas de pretexto para uma operação de envergadura na região. Após várias horas de marcha, Temur ordena o retorno à praia. Reúne os seus capitães, decidido a não passar mais de um mês na ilha. Interroga Marco sobre a situação das enseadas.

- Ainda não as explorámos. Não são de fácil acesso por causa dos rochedos. Os nossos homens não se encontram equipados para as transpor.

- Então, foi para lá que a levaram. Senão, preveniremos o Grão Cão do seu desaparecimento e levantaremos âncora.

A frase soa como uma sentença de morte.

Temur ordena uma expedição para o dia seguinte.

Marco insiste em acompanhá-los. A ascensão das rochas vulcânicas é difícil. Alguns soldados escorregam e despenham-se no vazio, esmagando-se no sopé das falésias. Avistam, enfim, o cume do montículo. Os primeiros homens transpõem-no para começar a descer a encosta. Marco atinge por sua vez o ponto culminante. Subitamente, ouve-se um grito de mulher. Para baixo, os rochedos descem num declive suave até à areia. Na praia, uma mulher debate-se nos braços de um soldado mongol. O veneziano acelera a

descida, saltando de rochedo em rochedo, correndo o risco de fracturar um tornozelo, sempre com o príncipe Temur atrás dele. Marco mal reconhece a princesa. O seu sumptuoso vestido apresenta diversos rasgões e tem o rosto crestado pelo sol. Com os olhos, Marco procura Dao Zhiyou. Hayak solta um urro. Dao foi manietado por soldados. Um deles prepara-se para o atingir com a espada.

- Parem! - ordena Marco.

Com a energia de um demente, corre para os mongóis. A poucos passos de distância, desembainha o sabre e ameaça os soldados.

- Afastem-se, deixem-no partir - ordena ele, cerrando os dentes.

- Não é um dos... indígenas? – pergunta Temur, num tom de desprezo.

- É meu filho, estava com a princesa quando ela desapareceu.

Ele tentou impedi-los de a sequestrarem.

- Seu filho? - surpreende-se o príncipe. - Está de acordo com a paisagem, contudo.

- É bastardo, mas o sangue que lhe corre nas veias é-me tão caro quanto o meu.

Dao fulmina o veneziano com um olhar feroz. Tem a certeza de que, na ausência do pai, Temur não teria hesitado em o assassinar.

- Larguem-no - ordena Temur.

Marco e Dao suspiram de alívio. O jovem baixa os olhos. O veneziano desvia-se e aproxima-se de Hayak-Kokedjin. Ao reconhecer o príncipe Temur, o coração da princesa encheu-se de alegria e temor.

- Alteza, viemos buscá-la - declara Temur, numa voz fria.

Marco julga ler nos olhos da princesa um alívio sincero.

- Vamos levá-la connosco - acrescenta ele.

- Para a corte? - pergunta ela, feliz.

- Sim, para a corte do ilcão - especifica Temur.

A princesa troca um olhar inquieto com Dao. Julgara que ainda lhe seria possível voltar atrás, vestir a pele da jovem cheia de esperanças que ainda era poucos meses antes. Mas os homens decidiram de outro modo.

O príncipe Temur escolta pessoalmente a princesa até ao forte. Quando se trata de escalar rochedos, não permite que ninguém se aproxime. Sem lhe pedir licença, pega nela e transporta-a para o outro lado. Sem uma palavra, Hayak desvia ostensivamente a cabeça para não ser obrigada a enfrentar o seu olhar. Mas não perde nada do que ele lhe segreda ao ouvido.

- Hayak, quando a mensagem do embaixador da Pérsia chegou à corte, o imperador foi acometido de uma profunda raiva. Manteve a informação secreta. Hesitou quanto ao comportamento a adoptar. Chegou a imaginar-te perdida e a ter de enviar outra princesa. Fui eu que insisti em organizar a expedição destinada a resgatar-te. Foi tanto mais fácil convencer o Grão Cão quanto o marajá de Samatra teve a audácia de se revoltar. Em todo o caso, fica sabendo - concluiu ele, numa voz ameaçadora - que se aquele bastardo pôs as mãos em ti, ambos serão executados pelas minhas próprias mãos.

O grupo regressa à praia. Os homens trocam gracejos, felizes por poderem, enfim, abandonar a ilha. Bruscamente, ouvem-se de novo silvos mortíferos. Alguns homens caem fulminados. Em pânico, os soldados precipitam-se para as canoas, seguidos por Temur. A princesa é transportada para a embarcação mais próxima. Marco certifica-se de que Dao também ainda tem tempo de subir para o bote. O veneziano volta-se para a praia. Surpreendido, vê uma fila de indígenas seminus que emergiram da floresta. Velozes, fazem-se ao mar em meia centena de barcaças de um só remo. Metade dos homens encontra-se armada de balotes inflamados presos à extremidade de uma corda. Aproximando-se, começam a arremessar os projécteis. O navio almirante manobra a fim de facilitar a fuga. De repente, as flechas conseguem atingi-lo. As chamas incendeiam de imediato as velas recolhidas. A tripulação desce aos botes e abandona o navio.

- O manuscrito! - murmura Marco, horrorizado.

Abeira-se do capitão.

- Preciso de regressar ao navio. Tenho de recuperar urgentemente documentos da maior importância.

- Nem pense nisso, senhor Marco!

- É absolutamente necessário! - insiste Marco.

- Peço desculpa, senhor Marco - replica Ali Zaouali, num tom autoritário -, mas quem manda a bordo, depois de Deus, sou eu.

Marco não reflecte por muito tempo. Avalia a distância que o separa do navio e, depois de se libertar da armadura e da espada, mergulha sem hesitar sob os olhares petrificados da tripulação.

Nada tão depressa quanto pode. Os marinheiros que acabam de abandonar o navio estendem-lhe a mão, oferecendo-lhe ajuda. Marco ignora-os. O intenso cheiro a queimado prevalece sobre o do mar. O casco

da embarcação despedaça-se entre verdadeiros gritos de dor. As chamas alcançam os mastros, que ardem como archotes. Um fumo negro ergue-se no céu. Marco avista a corrente da âncora. Agarra-se a ela e dá início à escalada. Mas, no momento em que alcança o filerete, ouve-se um estrondo. Demasiado tarde, o navio vai quebrar-se. Antes de soçobrar por sua vez, Marco tem uma derradeira visão: a figura de proa que se desconjunta e cai ao mar.

Marco recobra os sentidos, debatendo-se contra uma terrível náusea. Mal tem tempo de se debruçar e vomitar a bílis que tem dentro de si. Os estalidos apavoram-no. Ergue-se de um salto. Depressa! Precisa de abandonar o navio, que está a arder!

- Acalma-te, Marco! Está tudo bem.

Niccolo encontra-se à cabeceira do filho, de rosto cansado, mas de olhos brilhantes, iluminados pelas rugas que irradiam das têmporas em forma de estrela.

- Encontraste a bordo do segundo junco.

- E o navio almirante?

- Ardeu tudo e depois afundou-se. Num repente, só pude salvar as pedras preciosas - esclarece Niccolo a fim de o tranquilizar.

Marco deixa-se cair na cama, abatido pela extensão do desastre.

- Quando Dao te viu soçobrar com o navio, mergulhou. Conseguiu encontrar-te no meio dos remoinhos e dos destroços e trouxe-te à superfície. Na verdade, deves-lhe a vida. Ignorava que o rapaz soubesse nadar. Julguei que nunca tivesse visto o mar.

- É verdade - responde Marco maquinalmente. - Onde está ele?

- Com a princesa. O príncipe Temur embarcou por sua vez e aparelhou rumo a Samatra. Deixou-nos a bênção do Grão Cão para levarmos a nossa missão a bom termo. Forneceu-nos armas. Tínhamos algumas, mas ele considerou que nunca seriam de mais. A monção sopra a nosso favor. E o capitão içou as velas para beneficiar

da protecção do exército mongol, pelo menos durante algumas milhas...

Marco já não ouve Niccolo. O sangue ferve-lhe nas veias. Ergue-se num pulo, sem esperar que o pai termine o relato. Sai precipitadamente e avança pelo corredor que conduz aos outros compartimentos.

Abre de par em par a porta do camarote privado da princesa. Os dois jovens estão muito perto um do outro.

- Sai! - grita Marco, dirigindo-se a Dao.

Impressionado, o jovem obedece sem discutir.

Marco ordena que a princesa seja isolada e bem guardada, sem poder contactar com a tripulação. Por única companhia, terá as mulheres que fazem parte do seu séquito. Marco convoca Dao. O jovem está diferente. Depois daqueles meses passados ao sol, tem a pele crestada, tal como a princesa. Marco receia que o ilcão se sinta decepcionado ao receber uma mulher de pele escura. Espera que, efectuando a travessia enclausurada, a tez readquira *o* tom claro.

Dao cala-se mas lança ao pai um olhar carregado de ódio.

- Então, tinhas descoberto o paraíso terrestre? - ataca Marco, irónico. - Tomaste-te por Adao e ela por Eva? E ela trincou a maçã?

- A sua integridade mantém-se, não se preocupe - responde Dao com desprezo. - Vivemos uma felicidade que o senhor decerto nunca conhecerá, Marco Polo.

Marco apruma-se, furioso.

- Nada de insolências, Dao! Podia ter permitido que aqueles bárbaros te executassem!

- E por que não o fez? - lança o jovem em tom de desafio.

Marco suspira, cansado. Dá uma volta e senta-se.

- Pela mesma *razão* que tu mergulhaste para me repescar, Dao. E pela mesma razão que não te deixei apodrecer nas masmorras do império. Porque és filho de Noor-Zade e te considero como meu.

- Não preciso da sua consideração! Desembarque-me num porto qualquer. Serei marinheiro ou seja o que for.

- Não sabes nada da vida de um marinheiro. Ouve, Dao, compreendo a tua raiva e a tua decepção. Mas, agora, fica sabendo que exijo de ti uma obediência, ou condenar-te-ei às grilhetas. Estou a ser claro?

- Perfeitamente claro - responde Dao como se proferisse uma ameaça de morte.

Durante as semanas que se seguem, Marco passa os dias a tomar notas, a tentar alinhar recordações. Mas não é muito letrado e o exercício revela-se particularmente penoso. Reconstituir o manuscrito exige perseverança, mas é o que lhe resta fazer, encerrado naquele navio no meio dos mares do Sul. Ao cabo de algumas horas, esgotado, vai apanhar ar para a ponte. Na proa,

aproxima-se do capitão. Os homens espalharam arcos, balestras e espadas pela ponte.

- Capitão, há algum motivo de alarme?

- Estamos a chegar a Malaca. É uma região infestada de piratas. Todos os meus homens se encontram a postos, nada mais - replica o capitão com naturalidade.

- Talvez possamos passar pelo meio deles. Já escapámos a tantos perigos.

O capitão meneia a cabeça, como homem seguro de si que é.

- Nenhum navio escapa aos piratas de Malaca.

Os juncos avançam lentamente pela estreita passagem. São obrigados a reduzir a velocidade para não embater contra os rochedos que afloram a água. Subitamente, o capitão levanta um braço.

- Olhe! - exclama ele.

A bombordo, uma dezena de pequenos barcos, leves e maleáveis, deslizam pela água. Nem vale a pena procurar o pavilhão. São os piratas! Nos juncos, a agitação característica do combate. Os soldados assediam-nos com flechas, mas, a despeito das perdas sofridas, eles aproximam-se inexoravelmente. Ao fim do dia, chegados à altura dos juncos, lançam-se ao assalto por meio de arpões. Os marinheiros procuram imediatamente cortar os cabos, mas já não vão a tempo. Os bandidos começam a subir para bordo. Assiste-se então a um terrível corpo a corpo. Os piratas treinados neste exercício, não tardam a infligir pesadas perdas. Marco sugere ao capitão que negoceie antes de perder homens de mais. Com a morte na alma, o capitão cede. Cessam os combates em todos os juncos. Acostando o navio almirante, surge o chefe dos piratas. Pelo número de cicatrizes que lhe riscam o corpo seminu, Marco adivinha que o homem não tem nada a perder. Tem um olhar altivo entre o arrogante e o louco, daqueles que não temem a morte. Marco procura falar-lhe em várias línguas, mas o pirata não compreende nenhuma. Resta a linguagem das mãos. De tanto a praticar, o veneziano tornou-se perito.

Os piratas apoderam-se de um junco, aquele que danificaram, de armas, de pedrarias, de alguns fardos de especiarias e sobretudo de quase todas as mulheres do séquito da princesa, preciosa moeda de troca nos mercados de escravos da região. Deixam-lhes apenas algumas.

Durante longas noites, Marco ouve Hayak-Kokedjin chorar a perda das companheiras. Certo dia, apresenta-se à porta do camarote. Ao entrar, surpreende-o ver o estado em que a princesa se encontra. O penteado desfeito, os olhos pisados pelas noites de insónia, os lábios gretados pelos suspiros. O primeiro pensamento de Marco vai para a decepção do ilcão.

- Alteza, por favor, seque as lágrimas. Nada trará de volta as suas companheiras. Sinto-me desolado pela sorte que lhes será reservada mas pelo menos terão a vida salva. Talvez venham a servir algum senhor ou rei local. E então não serão mais infelizes do que Vossa Alteza - diz Marco, desajeitado.

O choro da princesa redobra de intensidade.

- Lembre-se, princesa, de que as marcas do desgosto se podem inscrever no seu rosto. Preserve-se. Não permita que a infelicidade destrua a sua beleza.

A princesa parece sensível a este argumento. Aceita o lenço de seda que o veneziano lhe oferece.

Quando se aproximam das costas de Ceilão, Marco autoriza Ishrat Gandhali a sair, envolta num manto de linho. No seu andar gracioso, a rapariga salta por cima das cordas e das correntes que atravancam a ponte. Ao pirata que viu nela uma boa presa, Marco ofereceu um fardo de pimenta, para grande desgosto de Niccolo. Sem nostalgia, debruçada da amurada, procura a sua aldeia com o olhar, como se pudesse distingui-la entre a bruma que cobre as árvores milenárias.

Após uma escala para abastecimento, a frota retoma o caminho da Pérsia. À saída do porto, o barco começa a balouçar, transportado por enormes vagas. O capitão previne a tripulação de que se avizinha uma tempestade mais perigosa do que as precedentes. O tom da sua voz impressiona mais os passageiros do que as palavras proferidas. Recolhem as velas. A tripulação reúne-se na ponte. Os passageiros são convidados a refugiar-se nos camarotes. As aberturas são obstruídas por meio de tábuas pregadas. O calor penetra rapidamente no interior do barco. Por causa da tempestade, fecham a cozinha e a refeição é composta por pedaços de peixe seco e fruta. Os criados conseguem fazer chá de especiarias, considerado o melhor remédio contra o enjoo. Desta vez, Matteo não precisa de fingir para se refugiar na cama mal começa a forte ondulação. Retira-se da mesa comum antes de todos os outros. Os enviados de Argun seguem-no de

perto. Os que correram o risco de comer lamentam-se amargamente, comprimindo o ventre. Devido ao calor, as portas dos camarotes que dao para a sala comum permanecem abertas, tapadas por uma simples cortina de contas de madeira. Niccolo, Marco e Dao avistam intermitentemente os corpos fustigados pelas vagas, num gemido incessante. Mesmo os marinheiros mais aguerridos têm dificuldade em dissimular a angústia. Niccolo pede ajuda a Dao para o acompanhar até ao camarote. Como dois ébrios, levantam-se e agarram-se às cadeiras presas ao chão. Marco tenta beber uma chávena de chá, mas a chaleira suspensa oscila com tanta energia que não consegue segurá-la. Há muito que o criado se deitou no chão, a gemer. O navio oscila violentamente. Marco decide recolher ao camarote. Amparando-se contra as paredes, consegue alcançar a cama. Gandhali já está deitada, encolhida, de olhos franzidos, boca retorcida. A sua tez da cor da pimenta tornou-se acinzentada. Marco conserva uma lanterna acesa e pendura-a como pode por cima da vigia tapada. Lá fora deve ter escurecido. É nesse momento que cresce a tempestade. As vagas embatem violentamente contra o casco. As fortes pancadas empurram o navio, obrigando-o a rolar como uma casca de noz. Marco lamenta não ter ficado na ponte, onde, apesar do risco de poder ser arrastado por uma onda, os efeitos da tempestade são menos penosos de suportar. Fixa os olhos na chaleira. Esta oscila vertiginosamente. Por mais de uma vez, o barco ergue-se verticalmente, num silêncio aparente.

Marco sustém a respiração. Em seguida, sente-se abater com todo o seu peso no estrondo do abismo de espuma. O junco estala por todos os lados. Marco examina as junturas do casco, como se a todo o instante fosse abrir-se uma brecha. As contas de madeira da cortina entrechocam-se numa dança furiosa. Do outro lado da cortina, entornou-se a beberagem da chaleira. Subitamente, Ishrat dá um salto e grita. Dezenas de ratos atravessam o camarote numa corrida. Marco supõe que fogem dos porões inundados. Depois, é a vez dos insectos. Tão compridos como a palma de uma mão, surgem às centenas, verdadeiras colónias rastejando pelo chão, trepando pela cama, pelas paredes. Cada espécie tem o seu ritmo de andamento. As tábuas parecem ter adquirido vida. Arregalando os olhos assustados, Ishrat agarra-se a Marco. Cerra os dentes, os lábios, reprime os gritos. O veneziano está cheio de medo. Arremessados ao sabor das ondas, agarrados um ao outro, oscilam de um lado para o outro do camarote,

esmagando contra a roupa que vestem longas carreiras negras de insectos. Simples berlindes num jogo cruel, entre a náusea e o pavor, já não conseguem repelir os indesejáveis que sobem pelos seus corpos. Abalados pelas sucessivas pancadas contra o casco do barco, atordoados pelo estrondo da ondulação que atinge o navio, soçobram num estado de entorpecimento próximo da agonia. Se Marco estivesse perfeitamente lúcido, teria preferido mil vezes a morte. Mas a verdade é que, mesmo que o junco se tivesse afundado, não estava suficientemente consciente para se aperceber. O suplício dura dois dias e duas noites. Só à terceira aurora o navio retoma a posição horizontal. Alucinado, Marco começa por observar que os ratos e os insectos desapareceram. Únicas testemunhas, alguns cadáveres flutuam no meio de charcos de água. Deitados no chão, Marco e Ishrat mantiveram-se milagrosamente presos um ao outro durante toda aquela provação. Semiconsciente, a jovem escrava está coberta de dejectos. Marco ergue-se, combalido. Arrasta a companheira até à ponte. Sobe os degraus de joelhos, em vez de os escalar com a compostura exigida pela sua categoria. Piscando os olhos, finalmente ao ar livre, parece respirar pela primeira vez. Deixa escapar um suspiro de alívio. Conduz Ishrat até à ponte. Está a instalá-la no meio do cordame quando avista o capitão Ali Zaouali. Chama por ele, mas não lhe sai da boca nenhum som. É ele que se precipita para o veneziano.

- Como está? Folgo muito em o ver! Já olhou para este tempo? Magnífico, não é verdade?

A desenvoltura do marinheiro exaspera Marco, demasiado fraco para reagir.

- Deve ter fome, ou talvez sede?

Estende ao passageiro um cesto que levava na mão, cheio de frutos secos.

- Beber... - consegue articular Marco.

O capitão ordena imediatamente a um dos seus homens que lhe traga uma garrafa de vinho. O veneziano bebe-a quase até ao fim. Guarda uns goles para a escrava. Cola o gargalo à boca seca da rapariga. O líquido escorre-lhe pelo pescoço. Preocupado, Marco aplica-lhe várias bofetadas. Ela ergue levemente o braço para se proteger. Marco repete a tentativa, falando-lhe com serenidade. Depois de ingerir um gole, a escrava tosse

durante alguns instantes, antes de entreabrir as pálpebras. Falando-lhe ao ouvido, Marco aconselha-a a ir lavar-se mal recobre os sentidos.

- Abastecemo-nos de água doce! - exclama, jovial, uma voz que o veneziano conhece bem.

Volta-se e vê o pai, Niccolo, fresco como uma alface, revigorado pelo ar marítimo. É precisamente o que Marco adora e detesta neste homem: a faculdade de viver numa permanente alegria, o talento de se regozijar seja qual for a situação.

Apesar da escala destinada a permitir que os homens retomem coragem, a tempestade abalou profundamente os marinheiros. Muitos deles foram arrebatados pelas vagas mais altas ou ficaram feridos.

Passado menos de um mês, a tripulação é dizimada por uma terrível epidemia. A frota está de quarentena. O médico de bordo é uma das primeiras vítimas. A lista alonga-se tanto mais rapidamente quanto os doentes não recebem nenhum tratamento. Dois dos três enviados de Argun sucumbem. Todas as manhãs se lançam mortalhas ao mar, levando os corpos que renderam a alma durante a noite. Em breve deixa de haver marinheiros para todos os juncos. Com a morte na alma, o capitão decide-se a abandonar alguns navios. Vende-os a bandos de corsários, a baixo preço, pois gozam da fama de causar infelicidade e serão desmantelados.

A princesa Hayak-Kokedjin perde uma a uma todas as damas de companhia e todas as criadas, restando-lhe apenas uma. Certa manhã, o velho Shayabami acorda febril. Sabe que contraiu a doença, mas esforça-se por ocultar o seu estado diante dos amos. Só Dao se apercebe de que o escravo tarda em cumprir as ordens recebidas. Em poucos dias, Shayabami soçobra num profundo torpor. Deixa de se alimentar, apesar dos cuidados atentos dos Polo. Niccolo, Marco e Dao revezam-se à sua cabeceira, como fariam tratando-se de um membro da família. Quando a sorte do sírio se revela desesperada, Niccolo insiste em o velar sozinho. Passa as últimas noites a rezar. Chora a amizade que os uniu. Doravante, já não poderá evocar as recordações da juventude, as primeiras viagens ao mar Negro. Só Shayabami sabia exactamente como preparar o chá de Niccolo. Conhecia a dosagem das especiarias e das folhas. A tal ponto que o mercador preferia passar sem chá a consumir outro qualquer. Shayabami leva consigo segredos de Niccolo que só ele conhece. Numa só noite, o manto da solidão cobre os ombros do velho veneziano.

Todos os Polo choram amargamente sobre o seu corpo. Dao, talvez por muito ter velado o escravo sírio, também adoeceu, mas sobreviveu milagrosamente. Receando o contágio, Marco proibiu a princesa de visitar Dao. Assim, passam as últimas semanas separados. O seu sofrimento é tanto mais intolerável quanto sabem que em breve a separação será definitiva.

Por fim, num dia de muito sol, pouco antes do meio-dia, o navio sobrevivente avista a costa do reino da Pérsia. Dos seiscentos passageiros presentes à saída de Zayton, restam apenas oito. Depois destes dezoito meses no mar que se seguiram à passagem por Samatra, toda a gente se encontra extenuada. Dao, enfraquecido, consegue subir à ponte. Depois da doença do rapaz, Marco reforçou as suas interdições. Vendo as devastações que a epidemia fizera a bordo, rezava com fervor para que a epidemia não lhe arrebatasse a princesa. Niccolo também foi atacado, se bem que em menor grau, de tal modo que Marco, durante algumas semanas, receou perder o pai e o filho. Matteo surpreendia-se todas as manhãs por ter sido poupado e deitava-se todas as noites persuadido de que iria sentir os primeiros sintomas.

Marco esperava que os passeios pela ponte acelerassem a cura de Dao. Este parece mais enfraquecido, agora que todos se mostram mais aliviados. O jovem mergulha numa profunda melancolia, enquanto a princesa se esforça por se mostrar na melhor das formas.

O único sobrevivente dos embaixadores de Argun também acaba por ser atingido. Quando chegam ao porto de Ormuz, ainda se sente demasiado fraco para desembarcar debaixo daquele calor sufocante. Decidem deixá-lo a bordo até à noite.

Mal termina a manobra de acostagem, toda a gente se comprime para descer ao porto e abandonar aquele maldito navio. Para cúmulo da infelicidade, acostaram ao meio-dia. Espera-os uma sumptuosa equipagem que os conduzirá ao palácio do ilcão. O soberano foi prevenido mal se avistou a frota. Debaixo da canícula, o trajecto é esgotante. Acompanhada pelo único elemento que lhe resta do seu séquito, a princesa sobe para um carro resguardado por taipais que não a deixam ser vista. É seguida pelos Polo. O capitão da guarda do ilcão colocou à sua disposição magníficos puros-sangues. Atravessam uma cidade deserta. Todos os habitantes se refugiaram em casa devido à canícula. O cortejo apressa a chegada ao

palácio para fugir do sol. A cidade é um imenso labirinto coberto por um véu de poeira. De cor branca, as esquinas dos edifícios encontram-se envoltas numa luminosidade ténue que acentua a impressão de irrealidade. Por fim, escorrendo suor, penetram no pátio do edifício esplendidamente decorado. Mosaicos multicores revestem as paredes. Frescos persas reflectem a vida do soberano e das diversas mulheres em jardins feéricos. O pátio quadrado é rodeado por arcadas mouriscas. Ao centro, uma fonte em forma de leão canta uma melodia de chuva. A atmosfera liberta uma impressão de serenidade, quase um paraíso naquela cidade esmagada pelo calor. Secretamente, Dao tenta persuadir-se de que Hayak será feliz.

São convidados a penetrar no edifício. Mal transpõem o limiar, sentem-se percorridos por um arrepio. O interior parece glacial. O chão é coberto por grandes lajes. Tapetes de seda de dimensões modestas guiam os visitantes. Aos poucos, habituam-se à penumbra e à frescura. Um criado condu-los imediatamente à sala de audiências.

A princesa protesta, alegando que deseja mudar de indumentária. A resposta enigmática do criado deixa-os perplexos:

- Alteza, não é necessário.

A embaixada dos Polo acompanha-o à sala de audiências. Encontra-se quase deserta. Pessoas que se assemelham mais a guerreiros do que a cortesãos atravessam-na como se fosse uma simples sala dos passos perdidos. O ilcão trava com os conselheiros uma conversa animada. Estão todos sentados no chão, em frente do trono. Marco não identifica o ilcão, instalado no assento real. Conheceu Argun quando tinham ambos vinte anos. Depois, o ilcão engordou. Até as feições do rosto parecem diferentes. Passou muito tempo; é possível que a memória de Marco o atraiçoe. No entanto, adverte-o um pressentimento de que a situação não é habitual.

O criado anuncia os Polo ao ilcão. Este interrompe a conversa, contrariado, e volta-se para os recém-chegados. Naquele momento, Marco certifica-se de que não se encontra na presença de Argun. O rosto de Hayak-Kokedjin reflecte a decepção perante o acolhimento que lhe é reservado. Todos saúdam o ilcão fazendo uma profunda referência.

- Sinto-me feliz por uma rota favorável os ter trazido a bom porto - declara o ilcão sem convicção. - Qual é o objecto da visita? Sejam breves, disponho de pouco tempo.

Os Polo trocam olhares incrédulos. Hayak quase desfalece, apoiada na companheira. Marco finge encontrar-se diante do homem que conheceu vinte anos antes.

- Senhor Argun, tal como pediste ao Grão Cão, trazemos-te a tua prometida, a princesa Hayak-Kokedjin, de pura linhagem.

O ilcão meneia a cabeça, como se estivesse a recordar-se de alguma coisa.

- Com efeito. Mas fiquem sabendo o seguinte: Argun morreu há mais de dois anos. O seu corpo foi enterrado na montanha e o local mantido em segredo. Eu sou Gaikhatu, o irmão, e ocupo o trono na ausência de Ghazan, filho de Argun.

Hayak leva as mãos ao rosto, em pânico. Volta-se para Polo.

- Sendo assim, resta-nos a solução de a levar connosco para Veneza - segreda Dao ao ouvido do pai.

- Fico muito grato ao Grão Cão pelo precioso presente - prossegue Gaikhatu, examinando a princesa. - Porém, o meu harém já inclui um número suficiente de mulheres bonitas capazes de me satisfazer. Por conseguinte, vou oferecê-la ao meu sobrinho Ghazan. É chegado o momento de pensar em se abastecer de mulheres de qualidade. Actualmente, encontra-se acampado em Mashhad, nos confins dos desertos da Pérsia oriental. Vou ordenar que organizem uma caravana.

Ao ouvir esta sentença, a princesa desfalece. O ilcão atribui este mal-estar aos contratempos da viagem. Hayak é imediatamente transportada pelas criadas do ilcão, sem sequer se despedir dos Polo.

* * *

Os Polo permanecem nove meses na corte de Gaikhatu. Durante a longa estada, nunca são autorizados a ver a princesa. Tendo-se tornado oficialmente propriedade de um príncipe mongol, não deve voltar a estabelecer contactos com o mundo exterior, sobretudo com homens. Todos os argumentos invocados por Marco no intuito de convencer o ilcão a autorizá-los a visitá-la uma última vez são recusados. Quando Marco alega que, após mais de três anos de viagem, se criaram laços de estima, Gaikhatu replica que, justamente, chegou a altura de lhes pôr termo. Marco

argumenta que a princesa deve querer exprimir-lhes o seu reconhecimento pela protecção que a rodeou durante o périplo, mas o ilcão assegura-o de que serão largamente recompensados, à medida dos serviços prestados. Gaikhatu impõe-lhes o uso de um diadema, presente da princesa para lhes agradecer a escolta. Dao declara-se pronto a fazer tudo para poder vê-la uma última vez. Mas Marco prova-lhe que todos os seus actos e gestos são vigiados. Por fim, o jovem põe termo aos seus sonhos, admitindo que os respectivos percursos sempre os destinaram a viver separados.

A partir daquele momento, o único desejo de Dao consiste em abandonar a Pérsia o mais cedo possível.

A situação vai proporcionar-lhes essa ocasião. A rebelião cresce na Pérsia. Ghazan considera um insulto que o tio Gaikhatu lhe ofereça de presente a princesa Hayak-Kokedjin. Pretende recuperar o direito ao trono outrora ocupado pelo pai. Mais perto deles, um primo de Gaikhatu, considerando-se mais competente para governar, arma homens capazes de tomar o poder. Receando serem feitos reféns, os Polo decidem empreender a derradeira etapa: Veneza. Carregam a caravana com as preciosidades que lhes restam do império do Grão Cão e com as oferecidas por Gaikhatu. Vários camelos transportam grandes defesas de elefantes, o que lhes confere uma silhueta de animais fantásticos.

Tendo imaginado embarcar em Acre, vêem desfeitas as suas esperanças certa noite num caravançará da antiga Babilónia. Mercadores arménios previnem-nos de que Jerusalém foi reconquistada pelos muçulmanos e de que Acre caiu, por sua vez. Toda a colónia genovesa abandonou a cidade. Resiste apenas um punhado de cavaleiros templários. O sultão ordenou que a cidade fosse arrasada. Os homens que se renderam foram impiedosamente executados. As mulheres foram violadas antes de serem dispersas pelos mercados de escravos. Conta-se que eram em tão grande número que uma escrava cristã não custava mais de um dracma no mercado de Damasco. O reino de além-mar desapareceu por completo.

A notícia deixa Marco despedaçado. Não poderá cumprir a promessa feita a Michele de voltar ao monte das Oliveiras. É a sua honra que está em jogo. Já perdeu o precioso manuscrito de Cublai nos mares do Sul. Agora, é o pedido de um moribundo que não será atendido. Marco faz a si próprio a promessa solene de reescrever o livro do Grão Cão e de lho enviar, mesmo escrito à mão.

A caravana regressa pelo caminho que percorreu à ida, quase vinte anos antes, passando pela Grande Arménia e Erzurum. Mas, em vez de descer em direcção à costa, a caravana prossegue caminho até Constantinopla. Aí, embarcarão num navio que os levará até Veneza. Antes do fim do ano da graça de 1295, estarão *em casa.*

Aproximam-se de Trebizonda, no mar Negro, onde prevêem fazer etapa e reabastecer-se. A cidade grega é aliada dos Genoveses e, mal se identificam como Venezianos, são convocados pelo governador grego que nem lhes dá tempo de se instalarem num albergue.

Conduzidos quase sob ameaça à sala de audiências, os venezianos saúdam o monarca grego. O homem ostenta um ricto de desprezo que os Polo ignoram.

- São cidadãos de Veneza - diz ele.

- Com efeito, Excelência - confirma Marco, muito calmo. Todavia, estivemos ausentes da nossa cidade durante muito tempo.

- É por essa razão - interrompe o governador - que ignoram que teria sido preferível evitar Trebizonda... Assinámos um tratado de aliança com Génova. Teremos de honrá-lo se quisermos evitar provocar a fúria dos nossos aliados.

Marco sustém a respiração.

- Os direitos de passagem custam quatro mil besantes - declara o soberano como se disparasse uma salva de flechas.

- É uma fortuna! - exclama Niccolo, sufocado.

- E também teremos de confiscar as sedas e as porcelanas que transportam.

- É impossível! - desabafa Niccolo no auge da raiva. - Não imagina o que sofremos! Não foi para sermos despojados por...

Matteo tenta apaziguar o irmão. Marco retoma a palavra.

- Excelência, estivemos ausentes durante tanto tempo que ignoramos todos esses novos edictos.

- É possível, mas a lei é estrita e não admite excepções. E dêem-se por satisfeitos por não terem sido presos. É o que acontecerá se ainda aqui se encontrarem amanhã de manhã.

Visivelmente, o soberano sente-se muito feliz com a captura efectuada.

- Protestamos energicamente contra tais práticas, Excelência - prossegue Marco, levantando a voz.

- Ouçam, meus senhores, aceito que tenham vindo de boa-fé. Por isso, confiar-lhes-ei um recibo das mercadorias que guardarmos connosco. Depois, serão livres de o apresentar às autoridades de Génova.

Saem do palácio num tal estado de fúria e despeito que nenhum deles profere uma palavra. Quando regressam à caravana, já todas as mercadorias foram confiscadas. Restam-lhes dois cavalos de sela. Até mesmo os animais de carga desapareceram. Pietro Tártaro chora lágrimas amargas, amaldiçoando-se por não ter sido capaz de interferir. Marco consola-o como pode, mal conseguindo dominar a raiva. Só têm de seu a roupa que vestem e alguns objectos considerados sem valor pelos Gregos. Contra todas as expectativas, o único que mantém a calma é Matteo. Recorda ao irmão e ao sobrinho que as pedras mais preciosas continuam cosidas no forro dos mantos. Marco sente-se aliviado, mas entra em pânico quando se apercebe, aterrado, de que Ishrat Gandhali foi levada com o resto.

A rapariga tornara-se um talismã para ele. Regressa ao palácio, apesar dos protestos de Niccolo. Desta vez, o acolhimento é muito menos formal. Os guardas mostram-se claramente ameaçadores Quando Marco lhe transmite o seu pedido, o monarca mostra-se muito surpreendido. O veneziano acaba por conseguir a libertação da escrava contra um rubi de Ceilão. A despeito das provações por que passou, a rapariga continua resplandecente. Refugia-se nos braços do seu amo e senhor. Basta o simples contacto daquele corpo contra o seu para apaziguar Marco.

Deixam Trebizonda para trás sem terem podido repousar. Atravessam a Grande Arménia em marcha forçada. Só a magia e o esplendor de Constantinopla acabam por conseguir distraí-los. O crepúsculo no Bósforo é um espectáculo que os leva a esquecer momentaneamente as contrariedades. São recebidos por uma prima afastada chamada Mabilia Polo, que vive no bairro veneziano da cidade. É uma mulher de cerca de cinquenta anos, cheia de vida. No Oriente, cedeu à tendência para abusar de doçarias. O seu excesso de peso seduziu um mercador bizantino que se desfaz em delicadezas para receber os parentes da mulher. Com a maior das naturalidades, relega Dao para os aposentos dos criados. Marco apressa-se a protestar, mas Dao acena-lhe para que não insista, como se procurasse, assim, evitar perguntas e outras intromissões. Niccolo e Matteo experimentam um grande prazer no contacto com aquela mulher velha que

visivelmente conheceram com intimidade. A prima tem um rancho de netos que se comprimem para ver os viajantes.

Marco passeia-se demoradamente pelas ruas de Constantinopla, deixando-se arrastar pelo simples prazer da descoberta. Encanta-se diante da basílica de Santa Sofia, cuja cúpula desenha uma curva perfeita. A despeito do entusiasmo da prima Mabilia, os Polo decidem não prolongar a estada por mais de umas semanas. Sabendo-se tão perto da cidade natal, sentem-se impacientes por a voltar a ver. É em Constantinopla que adquirem os primeiros ducados, a nova moeda veneziana cunhada pela primeira vez dez anos antes, em 1285. Marco examina longamente as moedas, tomando por essa ocasião conhecimento do perfil do novo doge. Adquire uma bolsa em voga para guardar o dinheiro. Ao guardar a carteira de pele de leão, sente a estranha impressão de que lhe será difícil esquecer as notas imperiais e a comodidade do seu uso. Os ducados mais recentes brilham como se fossem falsos. Surpreende-se a converter em *tchao* o preço da travessia a fim de melhor estimar o seu valor.

O navio atravessa o mar Egeu, onde fazem escala em Negrononto, verdadeira colónia veneziana. Ali já se fala mais veneziano do que grego. Marco tem oportunidade de ouvir expressões novas que não existiam quando partiu. É considerado estrangeiro. É verdade que procura muitas vezes a palavra mais adequada e que fala a língua materna com sotaque oriental. Por prazer, Marco e Dao tomam banho nas águas azul-turquesa agitadas pelas marés do estreito.

Prosseguem o périplo através das ilhas gregas, ultrapassando as Cíclades, que se erguem acima das vagas como miragens. Do barco, avistam as colunas do templo de Poseidon, na ilha de Kea. Marco gostaria de se demorar a admirar os vestígios antigos, mas a hostilidade dos Gregos em relação aos Venezianos e as desventuras em Trebizonda dissuadem-no de tentar a sorte.

O capitão anuncia-lhes que deverão chegar a Veneza no dia seguinte.

Marco passa a noite a escrutar o horizonte. A aurora começa a despontar. A bruma tingida de cor-de-rosa pérola dissimula aos olhares a terra que, no entanto, se adivinha próxima. Em volta do navio esvoaçam gaivotas, aguardando que este se desfaça dos seus detritos. Subitamente, no meio dos gritos das aves, Marco julga distinguir um ruído muito particular que ressoa no mais profundo da sua memória. Trepa à proa, como se,

aproximando-se algumas polegadas, pudesse ouvi-lo melhor, entre o assobio do vento e o canto das gaivotas. Desta vez, não tem dúvidas, sabe bem do que se trata. Marco sente-se submergido por uma imensa vaga de emoções. Invisíveis na bruma, os sinos dos campanários tocam como para melhor o receber. Fecha os olhos, saciando-se da intensidade daquele momento. Quando os abre de novo, adivinha ao longe a fachada rosa-chá *do palazzo Ducale.* Todo o seu ser se sente preparado para abraçar Veneza.

XI

ESTRANGEIRO NA PRÓPRIA TERRA

Em casa, a surpresa é total. Fiordalisa, a criada que Niccolo engravidou antes de partir, desfalece ao vê-lo. Os meios-irmãos de Marco, Stefano e Giovanni, já com cerca de vinte anos de idade, ficam a conhecer, de um momento para o outro, um pai, um tio e um irmão.

A casa foi inteiramente remodelada e os viajantes, engrandecidos pelo simples facto de terem sobrevivido, ocupam os quartos mais confortáveis. Niccolo e Matteo dormem no mesmo quarto. Por vezes, Niccolo manda chamar a nova criada, mais jovem do que Fiordalisa. Matteo queixa-se todas as manhãs de não ter podido dormir. Mas recusa-se a instalar-se na cozinha, como muito amavelmente lhe propôs Niccolo.

Marco partilha o quarto com Ishrat Gandhali e Dao. O rapaz desperta uma grande curiosidade. Ninguém compreende que Marco não o trate como escravo.

Ao longo de muitos serões, o tio Il Vecchio, que ficou em Veneza, faz-lhes o relato da história da região desde que partiram, vinte e cinco anos antes. O Doge criou uma nova moeda, o ducado, válido no estrangeiro e em Veneza, a fim de facilitar o comércio. A rivalidade com Génova exacerbou-se depois dos desentendimentos no reino de além-mar. Cada uma das potências ataca perigosamente a rival. Presentemente, tendo sido ambas expulsas, reencontram-se no mesmo campo. As galeras são muitas vezes atacadas. Uma simples escaramuça ameaça degenerar em conflito declarado. Génova alimenta a ambição de instalar o seu poderio em todo o Oriente, e mesmo mais além.

- Veneza e Génova não passam de mosquitos à vista do Grão Cão - ironiza Marco.

Il Vecchio franze as sobrancelhas fartas.

- Marco, evita esse tipo de comentários. O Doge já mandou prender muita gente por muito menos. Veneza está cheia de espiões.

- A soldo do Doge?

- Do Doge, de Génova, do Papa! Desconfia de toda a gente.

- Não me esquecerei.

- Ainda assim, teremos de ir a Génova - observa Matteo, esvaziando o copo.

- Antes disso, procuremos aproximar-nos do Doge - sugere Niccolo. - Com tudo o que sabemos sobre o Oriente, estou certo de que seremos admitidos sem dificuldade no Conselho Superior. Que te parece, Marco?

- Nada. Seguirei as tuas sugestões.

Subitamente, são interrompidos por um ruído surdo. Marco é o primeiro a precipitar-se, de espada em punho. Surpreende Stefano e Dao prestes a chegar a vias de facto.

- Que se passa? - pergunta ele, alarmado.

- Não se preocupe, meu irmão - responde Stefano. - O caso resolver-se-á rapidamente. Receio ter de ensinar este bárbaro a ocupar o seu lugar.

Stefano lança-se sobre Dao. Mas o rapaz esquiva-se com um movimento do corpo. Stefano cai no chão. Marco volta-se, permitindo que Dao aplique um correctivo ao insolente. Não o matará mas saberá mostrar-se dissuasivo. Na verdade, depois de ter obrigado Stefano a rodopiar até ao esgotamento, Dao deixa o adversário estendido no chão com uns tantos pontapés. Não aplicou toda a sua força para não o deixar muito contundido.

Mas o efeito produzido é o contrário do que Marco esperava. Decorridos alguns dias, é Giovanni quem pede uma audiência ao irmão mais velho.

- Marco, tenciona reconhecer Dao?

- Que queres dizer com isso?

Giovanni dá voltas em redor do mapa-múndi, perguntando-se o que será aquilo. Os Gregos desprezaram este presente do Grão Cão pela mesma razão.

- Como filho, quero eu dizer.

- Dao é meu filho.

- Sim, com certeza, mas...

- Tem o mesmo nome que eu. Vive debaixo do mesmo tecto. Não é o bastante?

- É por sua causa que falo do caso, Marco. As pessoas criticam - acrescenta ele, desdobrando o braço num gesto largo.

Marco aproxima-se do irmão.

- Serão mesmo *as pessoas?* - pergunta Marco, imitando o gesto de Giovanni. - Ou é a família?

Giovanni cala-se, sustentando o olhar de Marco.

- É a herança que te assusta, não é verdade? E também a Stefano? Nesse caso, tranquilizem-se, não há nada para herdar. Ou muito pouco. Vão pedir contas aos Gregos, não a mim.

Mal Giovanni sai, Marco desaparece no pátio. Aproxima-se do pai, sentado no chão, debaixo da figueira. Niccolo tem as pálpebras cerradas, como se estivesse a dormir.

- Meu pai, vou sair de casa, a atmosfera tornou-se demasiado sufocante - suspira Marco.

Niccolo abre os olhos cansados. O cabelo embranqueceu imenso desde que chegou. As rugas acentuaram-se, as faces encovaram-se.

- Já reparaste que, daqui, distingue-se claramente o ninho do pássaro que vive no cimo do campanário?

Marco ergue a cabeça na direcção indicada por Niccolo. De facto, avista-se um grande ninho, como uma cabeleira hirsuta. Vem a descer uma sombra, planando. O animal leva alimentos aos filhos.

- Creio que sinto a falta das águias. Não podíamos lá ter ficado. Foi pena.

- Quem sabe? - lamenta-se Marco por sua vez.

- Toma, lê - diz Niccolo, retirando uma carta do gibão. Compreenderás.

Percorre rapidamente a missiva. Atarantado com o que leu, Marco deixa-se escorregar para o chão. A mensagem provém do embaixador da Pérsia em Veneza, que se tornara amigo de Niccolo.

"Meu caro amigo,

Apresso-me a informá-lo da notícia, pois sei que a receberá com grande interesse. É o seguinte o seu conteúdo: Cublai Cão extinguiu-se no dia 18 de Fevereiro do ano da graça de 1294 com a idade de setenta e nove anos. Os ritos dos xamãs não conseguiram curá-lo, a despeito dos tratamentos aplicados nas mãos e nos pés. Puseram-se em cima do seu ventre, mas só *conseguiram que ele se risse. Sucedeu-lhe no trono Temur Oldjaitu, seu neto e filho de Zhenjin. Transportado para o norte do deserto, o seu corpo*

foi enterrado na floresta em que repousam os antepassados, segundo os ritos mongóis, sem que nada indique o sítio do túmulo."

Perturbado, Marco tenta dissimular a emoção. Uma parte da sua vida desaparece com o Grão Cão. Secretamente, esperava voltar a Khanbalik para lhe mostrar o manuscrito. Mas agora, de que servirá honrar a sua promessa e cumprir a sua missão? Quem se interessará pela história de Cublai Cão? As recordações afluem-lhe à ideia em catadupas, deixando-o submerso, quase cego.

Marco sente um arrepio quando pensa que o imperador já tinha falecido no momento em que ele pisou o solo de Veneza, após vinte e cinco anos de ausência.

- Disseste que pretendes abandonar o palácio? - pergunta Niccolo.

Marco regressa subitamente à realidade.

- É verdade, mais tarde voltaremos a falar do caso - diz Marco, levantando-se.

- Não, prefiro falar agora.

- Os Polo de Veneza não toleram Dao. E eu não estou disposto a sujeitar-me às suas mesquinharias.

- Penso precisamente como tu. Não gosto deste sítio. Preciso de um ambiente diferente, de me sentir em casa. Sabes que Il Vecchio se recusou a pendurar na parede a única pele de tigre que me resta por lhe parecer de mau gosto?

- Ele diz isso porque nunca viu um tigre vivo - observa Marco.

No dia seguinte, Marco sai do palácio, sozinho, e deambula pela cidade o dia inteiro. Embarca numa gôndola que o leva à ilha do Lido, em frente da Dogana da Mar. Passa horas a observar as manobras dos navios que estão de partida.

- Pai!

Nem sequer se volta ao ouvir esta palavra proferida em mongol.

Sente uma mão firme e pesada pousar-lhe no ombro.

- Pai! Há horas que o procuro!

Vê Dao à sua frente, suado, de olhos brilhantes de excitação.

- Só agora é que te lembraste do porto?

- Não, desde o início, mas nem queria acreditar. Estive com Niccolo. Encarregou-me de lhe transmitir um recado. Descobriu uma casa e comprou-a.

- Está louco! - exclama Marco.

- Pois está - confirma Dao com um sorriso que lhe põe a descoberto os dentes brancos.

- Já sabes que morreu o Grão Cão?

- Já, dissemo Niccolo. Melhor assim. Por mim, sinto-me aliviado. Viveu demasiado tempo. Fez muito mal à sua volta, aquele velho ogre impotente.

Marco encara o filho, sorrindo. Afinal, a vida dá muitas voltas.

- O livro... o que o senhor devia...

- Estavas ao corrente da sua existência?

- Ser bastardo não me impede de reflectir e de relacionar os acontecimentos. Ai Xue também não me dizia nada e eu sabia tudo. Esqueça o Grão Cão e escreva o livro para os seus filhos. Teremos a curiosidade de saber tudo o que lhe aconteceu.

- Tu já sabes.

- Mas os outros não.

- Quais? - pergunta Marco, surpreendido. - Não tive outros filhos. E, agora, sou demasiado velho para fundar uma família.

- E Gandhali está impedida de procriar?

Marco tem mais de quarenta anos mas a jovem indiana ainda está na flor da idade. Agora que renunciou às viagens, chegou o momento de se interrogar. Para já, a sua única preocupação é o livro do Grão Cão.

- Que línguas sabe escrever? - pergunta Marco.

Avalia num golpe de vista o homem que se apresenta à sua frente, franzino e amedrontado. A primeira impressão não é encorajadora.

Decidido a levar a bom termo a redacção do manuscrito, Marco dirige-se a escritores públicos profissionais. Sente-se incapaz de redigir um texto de tamanha amplidão. Instalou provisoriamente o seu gabinete de escrita no do tio Il Vecchio. Este só acedeu por saber que o sobrinho abandonará aquela casa brevemente.

- O véneto e o latim - responde o homem.

- Muito bem. Está preparado para me fazer o favor de escrever o que eu lhe ditar?

O homem aquiesceu. Demorou um tempo interminável a afiar a pena. Quando, por fim, deu a preparação por terminada, Marco estava exasperado. O viajante deu início ao relato, auxiliado pelos seus apontamentos. Mas o escriba não consegue manter o mesmo ritmo. Marco acaba por despedir o homem, com um gesto.

- Vá-se embora, vá-se embora, sinto muito, mas não me satisfaz.

Outro homem pretende saber latim quando só sabe véneto.

Por fim, Marco julga ter descoberto o homem que lhe convém. Este é arrogante mas rápido. Quando Marco descreve o périplo que efectuou, o escritor não consegue evitar um sorriso, ou mesmo uma gargalhada de troça.

- Peço perdão, mas essas fábulas são tão incríveis que se tornam divertidas.

- Ouça, não consigo trabalhar nessas condições. A sua atitude distrai-me. Preciso de calma para me concentrar nas minhas recordações.

Marco resigna-se a contratar um monge copista que tem a vantagem de dominar a caligrafia. Vê-se obrigado a censurar-se, em particular no que diz respeito aos costumes de certos povos que conheceu. Sempre que menciona uma tribo que vive nua, o monge dá um salto no assento, explicando que não pode escrever tal coisa.

- Marco? Conheces alguma Marta Polo?

Marco cala-se. O pai chama-o, das escadas. Pede desculpa ao monge e dirige-se ao encontro do pai, passando pela cozinha. O pai está a observar o cozinheiro, que enche a caldeira, na chaminé.

- Qual Marta Polo?

- Isso gostaria eu de saber! - exclama Niccolo. - Anda, Pietro, repete-lhe o que me disseste.

- Senhor Marco, está uma senhora à entrada do palácio. Pretende chamar-se Marta Polo.

Marco abana a cabeça.

- Não, esse nome não me diz nada. Recebamo-la e veremos do que se trata.

- Diz ser a mulher do *signore* Matteo Polo - acrescenta Pietro, baixando a voz.

- E por que é que só agora o dizes, animal? - grita-lhe Niccolo.

- Senhor Polo, pareceu-me tão incrível que julguei inútil transmitir tal facto.

- Para a próxima vez, deixas que sejamos nós a avaliar o que é útil ou não. Se a situação voltar a reproduzir-se, juro-te que depressa serás dispensado de nos servir.

- Vai procurar Matteo - ordena Marco.

Pietro apressa-se, satisfeito por sair da cozinha, onde a atmosfera se torna irrespirável.

Niccolo e Marco olham-se, o filho divertido, o pai incrédulo.

Momentos depois surge Matteo, com o ar culpado de um garoto apanhado em flagrante delito de gatunagem.

Niccolo olha para o irmão, surpreendido.

Matteo volta a cabeça, visivelmente embaraçado.

- Então, meu tio, quem é essa Marta, conhece-a?

- Vagamente... - responde Matteo.

- Manda-a entrar - ordena Niccolo, impaciente. - É preciso esclarecer o assunto.

- Esperem! Eu explico-te, Niccolo. Enfim, como dizer, na verdade... Casámo-nos.

As sobrancelhas de Niccolo parecem eriçar-se por cima dos olhos arregalados como duas rodelas.

- Que dizes tu? Nunca na vida te vi com uma mulher.

- O que não significa que não as frequentasse - replica Matteo com um ar atrevido.

Marco assiste, deliciado, ao diálogo entre os dois irmãos.

- Como é possível! - ruge Niccolo.

- Mas, Niccolo, eu tenho sessenta anos! Posso perfeitamente casar-me. Queremos mesmo ter filhos.

- Sem o meu conhecimento! Que idade tem ela?

- Quarenta anos - responde timidamente Matteo.

- Já não poderá ter filhos - observa Niccolo, aliviado.

- Adoptaremos alguns. Ela pertence a uma excelente família.

Marco afasta-se, deixando os dois irmãos a acertar contas. Prepara-se para regressar ao seu gabinete, quando uma voz o interpela.

- Marco, espera!

Niccolo corre atrás dele. Detém-se, ofegante, encostando-se à parede.

- Marco, meu filho. Também devias pensar em casar. Sei que gostas muito de Dao. Mas sabes tão bem como eu que ele nunca poderá tomar conta da nossa casa. Os teus irmãos Stefano e Giovanni ainda são jovens e inexperientes. É a ti que gostaria de confiar as rédeas do futuro quando morrer.

- Esse momento ainda vem longe, senhor meu pai.

Niccolo esfrega os olhos, preocupado.

- Nem tanto. Já tenho sessenta anos. Com a minha idade, já muitos homens estão mortos. Quando regressei a Veneza, encontrei poucos amigos da juventude. E, depois de percorrer tantos *lis,* estou mais desgastado do que os outros.

- Pelo contrário!

- Deixa-te de brincadeiras, Marco. Bem vejo que não esqueceste Khanbalik. Mas Khanbalik ficou para trás e o imperador também. É aqui, em Veneza, que deves instalar-te, fundar uma família, ter um filho que não te envergonhe.

- Foi lá que eu cresci.

- Ouve, lembraste de Bonnetti? Falou-me de algumas raparigas. Vou pedir-lhe que tas apresente.

- Meu pai, está a enfastiar-me! - exclama Marco, exasperado.

Niccolo resmunga com os seus botões.

- Pelo menos, recebemos um convite para *o palazzo* Bonnetti. Vai à festa, em nome da família.

Com um gesto desinteressado, Marco acaba por abanar a cabeça.

Com um gesto Por uma espécie de provocação, Marco decidiu vestir-se de certo modo como um mongol. Usa o manto de seda e peles, mas ostenta um chapéu veneziano de veludo vermelho. Calçou as grandes botas das estepes por cima das bragas venezianas. O seu ar destoa e a notícia precedeu-o. Assim, quando entra na sala do palácio, todos os olhares convergem para ele. Mal o seu nome é anunciado, o duque, anfitrião da festa, caminha ao seu encontro para o cumprimentar.

- Senhor Polo, é uma honra recebê-lo. A sua presença ilumina todos os locais que frequenta.

- Obrigado, *signore* - responde Marco, sóbrio.

Em pouco tempo, Marco é assediado por curiosos que lhe fazem inúmeras perguntas sobre as suas viagens.

- É verdade que encontrou canibais?... Consta que as chinesas têm os pés minúsculos... Ouvi dizer que escapou a homens com cabeça de cão...

Marco fornece pormenores, esforçando-se por satisfazer a curiosidade de todos. Mas sente perfeitamente que não acreditam no que diz. As pessoas riem-se, quase troçam dele. Esta representação fatiga-o.

Momentos depois, afasta-se, sai para a varanda. A temperatura está fresca. Mas, depois do frio das estepes mongóis e das montanhas do Himalaia, o Inverno de Veneza é suave como uma carícia. Para sua grande surpresa e decepção, avista uma sombra no terraço. Ignora-a e dirige-se para o outro lado, deixando o olhar vogar ao longo do Grande Canal. Acendem-se algumas luzes. Uma gôndola desliza pela água, transportando um caixão.

- Senhor Polo?

Marco volta-se. Pelo meio da escuridão, aproximou-se dele uma silhueta feminina. Distingue uma cascata de caracóis louros que se escapam do toucado de uma jovem.

- Ouvi-o narrar a sua viagem... - diz ela. - Foi apaixonante. E, se os convivas não acreditaram em si, temos de os compreender. Os seus relatos são simplesmente incríveis.

- Tem por costume abordar assim pessoas desconhecidas?

Desconcertada, a jovem recua, abespinhada. Encara atentamente o rosto acobreado do homem, sulcado por profundas rugas. As mesmas que caracterizam os marinheiros e os viajantes que olharam o Sol de frente. Iluminam-lhe o olhar como o de um animal selvagem. As rugas em feitio de estrela realçam-lhe o brilho dos olhos azuis. Tem a barba salpicada de fios prateados aparada em bico, como nunca se viu em Veneza. A jovem hesita por uns momentos antes de replicar:

- Mas o senhor não é um desconhecido, é Marco Polo. Talvez apenas um estrangeiro...

Marco sorri.

- Falar para aquele público de surdos secou-me a garganta. Por favor, vá buscar-me alguma coisa que se beba, um vinho bem forte.

- Que descaramento! É assim que o senhor trata as mulheres? - exclama ela, vexada.

- É assim que procedo há vinte anos e nunca nenhuma se queixou. Mas nem todas eram senhoras...

Mesmo na escuridão, Marco tem quase a certeza de que a viu corar. Divertido, decide ignorar as regras do bom comportamento:

- Na China, diz-se que «quando a sorte nos sorri, encontramos amigos e, quando ela está contra nós, encontramos uma mulher bonita».

Dando meia volta, a rapariga afasta-se sem mais uma palavra. Passa por baixo de um candelabro que lhe ilumina o rosto, de pele lisa e quase infantil. É mais bonita do que Marco imaginara. Dezasseis anos, quando muito. Até mesmo a sua silhueta, longilínea e magricela, parece inacabada.

Finalmente sozinho. Arrepende-se de ter acedido ao pedido de Niccolo. O pai tem com certeza razão. É preferível procurar um partido interessante e efectuar um pedido oficial. Tudo menos estas fantasias. Marco volta-se para a laguna. A jovem trouxe-lhe recordações. Vê Xiu Lan quando lhe servia chá depois das sessões de amor. Os seus dedos graciosos tinham a leveza de uma pomba. Lamenta não ter podido trazê-la. Mas, teria suportado vê-la rebaixar-se?

- O jantar está na mesa - anuncia uma voz irónica.

Marco volta-se. Para sua grande surpresa, a jovem voltou e apresenta-lhe uma taça de ouro, fazendo uma encantadora reverência. Marco pega na taça.

- Obrigado - agradece ele, sorrindo.

Bebe ruidosamente uns goles, e depois arrota sem pudor, à maneira dos mongóis.

- O vinho não é famoso, mas a sua presença confere-lhe um agradável condimento.

A rapariga sustenta o olhar de Marco, num desafio. Levanta-se vento. Ela arrepia-se, mas permanece imóvel.

- Tem medo?

- É do frio - responde ela, passando as mãos pelos braços. Galante, Marco despe o manto e cobre os ombros da jovem.

- Não receia estar sozinha na minha companhia?

- Com catorze anos, considero-me demasiado nova para ter alguma coisa a recear de si, senhor Polo.

- É verdade, nessa idade, o perigo vem de si. Agora, peço perdão, mas faz-se tarde e tenho alguém à minha espera.

Marco despede-se e começa a afastar-se.

- Uma chinesa? - pergunta a rapariga.

Marco interrompe a marcha e volta-se para ela.

- É uma chinesa que o espera? - insiste ela, provocadora.

- Não, é uma indiana. Tem a pele muito escura, seios magníficos e o cabelo até à cintura.

A jovem esforça-se por não reagir, mas não pode deixar de ruborescer mais uma vez. Marco despede-se de novo.

- Espere! O senhor não quer saber o meu nome?

- Não tenho a certeza de o fixar - responde ele delicadamente.

- Em todo o caso, o senhor faz o possível para que não o esqueçam - replica ela, com uma pontinha de irritação. - Pois bem, eu também. Saiba que me chamo Donata Badoer. Trate de não se esquecer.

Olha para trás a fim de se certificar de que não estão a ser observados. E, sem o prevenir, ergue-se nas pontas dos pés, e pousa os lábios na boca de Marco. Depois foge, levantando a bainha da saia acima dos tornozelos.

«Donata Badoer, uma verdadeira peste», pensa Marco ao sair do palácio. Divertido, lembra-se de que Niccolo ficaria furioso se soubesse que Marco tratou com rudeza a filha de um grande de Veneza.

XII

O LIVRO DAS MARAVILHAS

Decorrido um mês, Marco já nem se lembra do rosto da jovem. Encerrado na prisão, recorda constantemente o rosto do homem com quem se cruzou à chegada a Génova. Dono de uma excelente memória, tem a certeza de que já o vira. É verdade que era mais novo e não usava a barba aparada da mesma maneira, mas é o mesmo homem. Marco rebusca nas suas recordações. Tê-lo-á conhecido em Veneza? Parece algo bem mais antigo. Talvez se trate de algum mercador com quem se cruzou num caravançará. Se Niccolo estivesse ali, poderia interrogá-lo...

Quando foi declarada a guerra contra Génova, Marco apresentou-se imediatamente como voluntário. Aceitou entusiasmado a proposta de assegurar o comando de uma galera de combate. O tio Matteo bem tentou dissuadi-lo, lembrando-lhe que nunca desempenhara tais funções. Mas Marco estava persuadido de que o sentimento de injustiça que experimentava em relação aos Genoveses bastaria para lhe conferir a energia necessária a desbaratar as suas tropas. Foi de algum modo o que aconteceu. No auge da batalha naval, conseguiu afundar um navio adverso. Mas as perdas foram enormes e o seu navio de guerra não resistiu por muito tempo aos ataques dos inimigos. Suprema humilhação, uma vez assegurado o domínio da galera, os Genoveses cercaram e capturaram os seus homens. Foi ao descer do barco que o olhar de Marco se cruzou com o do homem. Este também o reconhecera. Marco tinha a certeza.

Mas o outro voltara a cara, como se o encontro pudesse ser embaraçoso. A visão furtiva permanecera gravada no espírito de Marco. Intuitivamente, sentia que aquele encontro iria alterar o decurso da sua vida.

- Acredite, senhor, que Marco Polo é um prisioneiro precioso.

- Senhor Doria, trata-se apenas de um capitão - replica o conselheiro.

A reunião realiza-se nas caves do palácio. O general encontra-se presente, bem como os ministros mais influentes e o director da prisão. Só o nome de Doria levou estas eminentes personagens a deslocar-se. Agora,

Giovanni Doria sente suores frios, perguntando-se se conseguirá convencê-los. O compartimento encontra-se pouco iluminado por uma única janela de colunetas coberta de papel engordurado. A atmosfera está tão húmida que o conselheiro sente-se atacado pelo reumatismo. Tem pressa de ver terminada a sessão.

- Os Venezianos não o tomam a sério porque não o conhecem. Por mim, juro que ele só dirá a verdade.

- Senhor Doria, acredito totalmente no que me diz. Mas diga-me, por favor, em que circunstâncias o conheceu? - pergunta o general, desconfiado.

Doria desvia os olhos, embaraçado.

- Trata-se de um segredo entre nós que não posso desvendar - confessa ele, num tom de voz firme. - Viajei durante quatro anos pelas rotas das Índias e sei que esse homem possui informações preciosas. Poderemos multiplicar por dez o nosso poderio na terra e no mar.

O tom de segurança em que se exprime surpreende os presentes, sobretudo o seu irmão mais velho, que foi um dos vencedores da batalha contra os Venezianos. Os homens trocam olhares.

- Muito bem, senhor Doria - acaba por dizer o conselheiro.

- Não está em causa a reputação da sua família. Embora conservemos algumas dúvidas, depositamos a nossa fé em si. Despachemos imediatamente o nosso executor e vejamos o que ele diz.

- Não, o senhor compreendeu mal. Os segredos que Marco Polo detém só podem ser obtidos por meio de astúcia. Ele sabe demasiado. Morreria sem ter revelado metade dos seus conhecimentos.

O director da prisão está cada vez mais irritado com os contornos da conversa. Começa a escapar-lhe o domínio que exerce sobre um prisioneiro, sentimento insuportável.

- Nesse caso, vá vê-lo e tranquilize-o - sugere o conselheiro.

- Impossível, sou um Genovês. Terá de ser encontrada outra solução.

O director da prisão decide intervir.

- Tenho uma ideia...

- Instale-se, Rusticello.

Receoso, enfermiço, Rusticello senta-se no rebordo do tamborete que lhe apresentam. Obedecendo a um gesto de Doria, o guarda retira os ferros ao prisioneiro, estupefacto. Doria acompanhou o director da prisão até ao gabinete. Este compartimento não fica a dever nada a uma cela. Austeras, as

paredes de pedra nem sequer se encontram caiadas. Uma simples mesa e dois bancos constituem o único mobiliário. Num espigão, vê-se pendurado um molho de chaves. A janela gradeada situa-se muito acima da altura de um homem. A luz do dia penetra no compartimento com dificuldade.

O director permanece de pé, fincando os pés no chão, e cede o assento a Doria. Rusticello enfraqueceu ainda mais desde que o director o viu. Tem sobrevivido, porém, ao cativeiro. Uma espécie de fatalidade mantém-no num estado que o director não compreende.

- Rusticello, creio que está prestes a sair daqui, em liberdade - começa Doria.

Rusticello, desconfiado, cala-se, aguardando o que possa seguir-se. Desde que foi preso, é a primeira vez que ouve uma alusão a uma eventual libertação. Pergunta-se se a família terá finalmente acedido a pagar o resgate, ou se foi o governo de Pisa que conseguiu negociar uma libertação geral.

- Temos uma missão a confiar-lhe.

Rusticello não consegue evitar um sorriso. Reprime uma gargalhada. Encarcerado há anos, ignorado por todos, desprezado pelos seus, considera que o genovês tem uma maneira muito singular de lhe apresentar uma nova tarefa a realizar. Não são precisos tantos rodeios.

- Temos um prisioneiro nos nossos calabouços. Ele detém um certo número de informações que pretendemos obter.

Rusticello começa a prestar atenção a este cortesão que não se digna pousar o braço em cima da mesa com medo de se sujar.

- E em que posso ajudar? A minha posição não parece favorável a obrigar alguém a confessar o que quer que seja.

Não pôde deixar de responder num tom irónico. O que já por mais de uma vez lhe valeu ser punido. Mas nunca conseguiram vergá-lo. *Malditos Genoveses*.

- Pelo contrário, Rusticello, sei que é escritor. Tem a prosa fácil, já li algumas páginas escritas por si.

Doria dirige-se a ele como faria num jantar do palácio, manifestando um interesse cortês por um dos convivas.

- Que me diz? - pergunta Rusticello, incrédulo.

Desde o início que protesta contra a sua prisão argumentando que não era soldado, mas observador. Ignoraram-no, consideraram-no louco,

denegriram-no, advertiram-no de que, na prisão, não poderia observar mais nada contra o interesse de Génova.

Rusticello cede de novo ao desânimo, os ombros descaem-lhe ainda um pouco mais. Incansavelmente, escreveu à família, aos amigos, aos protectores, na esperança de que a sua causa fosse um dia ouvida. Mas, ao cabo de tanto tempo, chegarão as suas cartas às mãos dos destinatários? Talvez o julguem morto...

- Se fizer o que lhe vou dizer, será libertado em breve. E, até lá, será bem tratado. Está a ouvir-me?

Rusticello sente despontar uma luz de esperança no tom do genovês.

- Sim, senhor - responde com gravidade.

- Vou dizer-lhe o que se passa. O prisioneiro efectuou uma longa viagem. Nós queremos saber os pormenores. Proponha-lhe escrever o relato dessa aventura. Em seguida, remete-nos o manuscrito. Depois, será libertado.

- Entrego o manuscrito e sou libertado?

- Exactamente.

- Mas que informações pretendem, mais precisamente? Sobre que acontecimentos deverei levá-lo a falar?

- Conquiste a confiança desse homem, ele acabará por se confiar. Queremos saber tudo sobre as suas viagens, sobre o que ele viu.

- E se o manuscrito que eu entregar não contiver o que pretendem... Preciso de saber mais alguma coisa...

- É preciso levá-lo a falar o mais possível. Depois, as páginas do manuscrito ser-me-ão entregues regularmente. Passarei uma vista de olhos por elas e dir-lhe-ei se está no bom caminho.

O prisioneiro deve ser uma personagem muito importante para que os Genoveses o rodeiem de tantos cuidados.

- Então quem é esse homem, senhor?

- É um mercador veneziano que viajou muito.

- O senhor já pensou que nunca saí da minha aldeia natal e que, se me encontro em Génova, é por ter sido preso. Não tenho nada em comum com esse homem. Nem conheço a sua língua.

- Justamente, ele também nunca conheceu um escritor. Além disso, se já esteve na corte de França, se já foi capaz de captar as atenções dos reis, então as de um mercador...

- E que garantia me oferece o senhor de que serei libertado?

O fidalgo genovês levanta-se, irado.

- Dou-lhe a palavra de um Doria!

- Sem pretender ofender, preferia um documento oficial.

Doria aproxima-se de Rusticello. As negociações já duraram o suficiente.

- Parece-me, caro Rusticello, que não tem por onde escolher...

* * *

Caminhando de um lado para o outro, Marco observa o novo companheiro de cela. Não tem o aspecto de um homem que acaba de ser preso. Alto e magro, tem a barba mal cuidada e mal aparada. Olha de soslaio para Marco, como alguém habituado a ter de baixar os olhos.

- Chamo-me Rusticello, e o senhor? - pergunta ele em latim.

- Marco Polo - responde Marco na mesma língua.

- Quer saber por que estou aqui? Foi há catorze anos. Agosto de 1284. Lembro-me como se fosse hoje. Embarcara para escrever a epopeia heróica (supostamente!) do nosso exército de Pisa. Resultado: uma catástrofe, uma rotunda derrota. Catorze anos - repete ele com um nó na garganta. - E Pisa desinteressa-se do nosso destino. Não imagina quantos homens morreram nestas malditas masmorras. Não há nada pior do que apodrecer aqui dentro. Houve quem conseguisse ser libertado contra o pagamento de um resgate.

- Mas sobreviveu perfeitamente! Qual foi o seu segredo?

- Parece-lhe? O senhor é muito lisonjeiro. Aparento mais vinte anos do que os que conto. Enfim, é uma suposição, há cinco anos que só vejo a minha cara reflectida na malga de água salobra. Peço desculpa do meu traje, é assim que me barbeio - explica ele, apontando para o corte desajeitado. - E, no entanto, não sou soldado. Esforcei-me por o gritar aos quatro ventos, em todas as línguas, pois falo muitas, em virtude do meu ofício. Nada a fazer. Apodreço aqui. Sobrevivo às ratazanas.

- É intérprete?

- Não, porquê?

- Falou do seu «ofício», que o leva a falar várias línguas - explica Marco, esboçando um gesto.

- Sou escritor, um trovador - orgulha-se Rusticello, enfático.

Marco interrompe o seu interminável vaivém. Até agora, só alimentara a conversa para poder passar o tempo.

- Ah sim? - pergunta ele, interessado. - E o que escreve?

- Romances de cavalaria. E em francês, para que saiba - diz ele, altivo. - Vivi muito tempo na corte de Inglaterra e fui companheiro do príncipe Eduardo. Repare que até cheguei a acompanhá-lo no périplo a Jerusalém.

Esta evocação atinge bruscamente Marco. Presta mais atenção ao relato do pisano. Este prossegue:

- Todos os dias agradeço a Deus e à Madona por me terem concedido a graça, a vontade, a força e a memória, o tempo e o local para escrever.

- Refere-se à prisão? - pergunta Marco, irónico.

Irado, Rusticello cala-se.

- Prossiga, a sua história distrai-me.

O pisano não se faz rogado:

- Fique sabendo, senhor Polo, que tem diante de si um autor apreciado e reputado nas mais importantes cortes dos príncipes de Inglaterra. Sou autor de «Gyron, o Cortês, com a Divisa das Armas de Todos os Cavaleiros da Távola Redonda» ou ainda de «Meliadus de Leonnoys, e Outras Nobres Proezas de Cavaleiros Armados Pelo Rei Artur, Palamedes e Galliot du Pré». Decerto terá ouvido falar.

- Não - responde Marco, sorrindo. - Mas não é de estranhar, viajei durante vinte e cinco anos.

- Ah sim? - pergunta Rusticello, por sua vez intrigado. - E por onde andou?

- Pois bem, posso afirmar sem exagero que devo ter percorrido, por mar ou por terra, quase todos os caminhos do mundo conhecido.

- O senhor está a brincar, é impossível.

- Não é, visto que o fiz. Demorei vinte e cinco anos.

- E voltou?

- Voltei, voltei de muitas aventuras...

- Pelo sotaque, tenho a impressão de que é de Veneza?

- É verdade.

- Então, quando partiu de Veneza, era seu intento efectuar uma epopeia digna de Ulisses?

Marco ri-se.

- Não, de modo nenhum. Quando parti de Veneza, tinha dezassete anos e nem sequer tinha a certeza de chegar inteiro a Acre.

- Conte-me tudo isso. Não, espere.

Rusticello reflecte por uns momentos antes de prosseguir:

- Ouça, ignoramos por quanto tempo estaremos aqui, não é verdade? Entretanto, os carcereiros fornecem-me tinta, penas e papel à minha vontade. Se me contar a sua viagem, autoriza-me a escrevê-la?

Marco troca um olhar cintilante com Rusticello.

- Ia fazer-lhe a proposta! - exclama Marco, entusiasmado.

Rusticello ajoelha-se na enxerga e pega em todo o material de escrita.

- Veja, já tenho o necessário para começar. É só instalar-me e sou todo ouvidos.

Marco, sempre a deambular pela cela, começa a contar a sua história desde que partiu de Veneza. Imagina-se no gabinete de escrita do Grão Cão, em companhia de Tatatonga. Reencontra o mesmo desejo, apesar das paredes que lhe obstruem a visão, mas não a imaginação. Rusticello interrompe-o quando não compreende o desenrolar dos acontecimentos.

- Um momento, o senhor começou por me dizer que partiu com o seu pai. Mas, agora, acabou de dizer que o seu pai não o queria levar...

- Deixe-me continuar.

- Peço desculpa.

Rusticello está muito habituado a escrever, mas experimenta uma certa dificuldade em absorver o fluxo de palavras do interlocutor. Interrompe-o várias vezes:

- Importa-se de repetir a descrição: animais com escamas de serpente, grandes como bois, patas enormes, uma grande mandíbula com dentes ferozes e uma longa cauda, é isso?

- Sim, sim, perfeitamente.

- São dragões, então?

Marco hesita por momentos.

- Não os vi cuspir fogo.

- Mas talvez o fizessem? Não é verdade? É admissível.

- Talvez. Naquelas paragens, os habitantes chamavam-lhes *crocodilos.*

- *É* uma palavra muito erudita. Seria preferível uma imagem que as pessoas daqui conheçam.

O entusiasmo que se apoderou dos dois prisioneiros é tal que, mesmo à luz da vela, continuam a trabalhar pela noite adiante.

- Então recomeço: um animal maior do que um boi com uma pele tão grossa e sólida como um rochedo, patas enormes e um corno na testa. É um licorne?

- Não me lembro do nome.

Rusticello suspira, agastado.

- Peço desculpa, mas sou um homem de letras e o senhor é um homem de acção. Preciso de palavras para descrever as coisas.

- Pois bem, já lhe forneci a descrição.

- Os meus leitores não se darão por satisfeitos. Preciso de dar um nome a esses animais. Sou eu o culpado das suas falhas de memória?

Marco enfurece-se, agarra Rusticello pelo pescoço e empurra-o contra a parede.

- Atenção, não se encontra em situação de me insultar. A minha paciência tem limites. Embora estejamos numa prisão, não hesitarei em exigir uma reparação se me considerar ofendido.

Pela primeira vez desde que se iniciou aquela coabitação forçada, Rusticello compreende que o companheiro pode revelar-se perigoso. E também compreende que isso lhe deve ter salvo a vida por mais de uma vez.

- Não vai ser preciso - declara Rusticello, numa voz trémula. - Apresento-lhe sinceras desculpas.

Marco larga o trovador. Reflecte.

- Escreva «unicórnio».

Rusticello reinstala-se a trabalhar e arranha a folha com a mão tremendo-lhe ligeiramente.

Um estrondo brutal acorda-o em sobressalto. Marco ergue-se na cama, procurando instintivamente a arma. A porta da cela abriu-se de par em par. Repara imediatamente que Rusticello desapareceu. Há quase um ano que partilham as mesmas contrariedades, já se habituara à presença do pisano. Acontecera mesmo obrigá-lo a partilhar as suas insónias para continuar a escrever.

O guarda mete a cabeça pela porta e declama:

- Senhor Marco Polo, considere-se livre!

Incrédulo, Marco apressa-se a sair para o corredor escuro da prisão.

- E o meu companheiro? Rusticello?

. O guarda abana a cabeça e encolhe os ombros.

Marco volta precipitadamente para a cela, levanta o colchão do pisano, onde este esconde o manuscrito. Nada! Dirige-se ao carcereiro.

- Quero falar com o director da prisão.

- Mas o senhor foi libertado - responde o outro, sem compreender o zelo deste prisioneiro que pretende prolongar a sua detenção.

- Preciso de lhe falar! - declara ele, levantando a voz.

Impressionado, o guarda conclui que talvez seja preferível obedecer. A determinação do veneziano é tão ameaçadora que receia represálias inesperadas se viesse a contrariá-lo. Mas, ao mesmo tempo, não quer correr o risco de ser sancionado.

- Acompanhe-me - concede ele.

Precede Marco através de intermináveis corredores, escadas e pátios estreitos. Por fim, desembocam numa galeria onde se encontram reunidos os guardas da prisão. O carcereiro dirige-se ao homem que deve ser o seu superior, fala-lhe ao ouvido apontando para Marco. O sargento, tão largo quanto alto, parece talhado à medida das portas do estabelecimento. O veneziano mostra-se impaciente.

O sargento avança, visivelmente embaraçado.

- O senhor foi libertado, permita-me que o acompanhe à porta da prisão.

Mas Marco não se mexe, de tacões fincados no chão.

- Não sairei daqui sem o meu manuscrito!

O sargento despede-se do estrangeiro e afasta-se. Marco vê-o falar com outro homem. Depois, desaparecem os dois. Marco receia por instantes que o obriguem a esperar até se cansar. Ainda não recuperou a espada. Ao cabo de uma hora insuportável, o sargento regressa, desta vez acompanhado por um dignitário, exibindo as armas de uma casa genovesa.

- É o senhor Marco Polo? - pergunta ele, numa voz átona.

- Sou.

- Siga-me.

A passos largos, o homem conduz Marco para um gabinete decorado com bom gosto. O gabinete do director da prisão, sem dúvida. Lá dentro, Marco tem a surpresa de ver o homem com quem se cruzou no dia em que foi preso. É um homem bonito, vestido com a elegância requintada da

nobreza genovense. Com um gesto, despede o dignitário. Ficam os dois sozinhos.

- Sente-se, por favor - convida o homem, numa voz fraca.

- Agradeço muito, mas há um ano que estou sempre sentado - replica Marco, num tom mordaz.

O outro tosse para não ter de reagir.

- Não me reconhece? - pergunta o homem, contrariado.

Marco abana a cabeça, interrogativo.

- Então veja - diz ele, sentando-se.

Descalça a bota e mostra a barriga da perna. Uma cicatriz branca, meio oculta pelos pêlos, muito nítida, risca-lhe a perna.

- Tenho outras como esta, nas costas.

- Doria! - exclama Marco, que acaba de reconhecer o genovês a quem salvou a vida em Ceilão.

- Exactamente, Giovanni Doria. Nunca me atrevi a contar a verdade aos meus familiares. Disselhes que fui capturado por indianos que me infligiram este castigo por ter querido salvar uma mulher da fogueira. Não me queira mal por esta deturpação da história. Sempre é mais glorioso do que confessar ter sido fustigado até escorrer sangue por um cristão meio selvagem! Sempre que olhava para estas cicatrizes, pensava que teria sido preferível morrer naquelas paragens. Considerei-o culpado durante muito tempo. Até àquele dia do ano passado em que o reconheci entre os nossos prisioneiros.

Os olhos de Doria lançam faíscas.

- Nesse dia, senti que podia obter reparação para a humilhação sofrida.

Marco sustém a respiração.

- Estou a ver, senhor Doria, que nunca compreendeu os costumes daqueles povos.

- Pelo contrário! São bárbaros e o senhor também o é! É o seu manuscrito que reclama? Aqui o tem.

De um cofre de madeira pousado na sacada, Doria retira uma grande resma de folhas que atira para cima da mesa, num gesto de desprezo.

- Seria uma coincidência extraordinária, não é verdade, encontrar-se na cela precisamente com um homem capaz de transcrever as suas recordações?

Marco cala-se, começando a vislumbrar a amplitude da traição. Apodera-se do manuscrito e abre-o ao acaso. O papel é áspero, os símbolos traçados com o esmero de um monge.

- Não é o original! - exclama ele.

- Não, de facto, mas é uma boa réplica, perfeitamente aceitável - remata Doria, num tom incisivo.

O veneziano senta-se e pousa o documento. Começa a decifrá-lo penosamente. Após duas páginas de leitura laboriosa, Marco vê-se obrigado a admitir o impensável.

- O texto não está completo! Onde está Rusticello?

- Pensámos que Veneza não precisa de saber o que, de qualquer modo, não lhe interessa. Recolhi informações. O senhor regressou há quatro anos e o Doge ainda não se dignou recebê-lo.

- Não solicitei nenhuma audiência.

- Pois não. Contudo, interessa-lhe ser conhecido, senhor Polo. E, para responder à sua última pergunta, suponho que, à hora a que estamos a falar, Rusticello deve ter regressado à bonita cidade de Pisa.

Marco contém-se para não ceder ao acesso de fúria que o domina, pouco digno de um homem do seu estatuto.

- Onde está o original? - pergunta ele, suspirando.

- O manuscrito encontra-se em lugar seguro.

- Onde? - enerva-se Marco.

- *Em lugar seguro* - repete Doria invariavelmente.

É de mais. Marco perde o sangue-frio. Agarra Doria pela gola e encosta-o à parede.

- Eu mato-te, Doria!

- Como queira. Mas não ficará a saber mais nada.

Marco larga Doria. Aplica um violento murro no genovês, apodera-se do manuscrito e sai, furioso.

* * *

Pelo caminho que o conduz a Veneza, Marco toma conhecimento de que, a 25 de Maio do ano da graça de 1299, foi assinada a paz entre Veneza e Génova, ordenando a restituição dos prisioneiros. Marco pensa partir para

Pisa antes de alcançar Veneza, mas desiste rapidamente do projecto. Rusticello negociou a sua liberdade contra o manuscrito original. Marco não o censura por esta fraqueza humana, após tantos anos de sofrimentos e privações. Matá-lo não lhe devolveria o manuscrito.

Os prisioneiros libertos são homenageados em Veneza como vencedores, recebidos por uma multidão rejubilante. Marco não se demora e dirige-se para a casa de Il Vecchio. Está um dia quente. Os canais exalam miasmas. O perfume das acácias tenta refrescar os odores das ruas. Nas paredes caiadas, estampam-se raios de sol. Marco procura a luz, apreciando o calor que lhe incide na pele. Por fim, avista a figueira que encima o pátio. Chega-lhe aos ouvidos um rumor de vozes. Vê os criados que transportam arcas para um barco que as espera no canal, já carregado com um amontoado de móveis. No meio dos homens, Niccolo dá ordens, impaciente. Dao, sentado nos degraus, contempla o espectáculo.

- Pai! - exclama o jovem, avistando Marco.

Estreita-o nos braços, sem cerimónia. Marco responde ao abraço com o mesmo calor. Um pouco afastado, Niccolo assiste à cena, comovido.

- Alegra-nos muito vê-lo de boa saúde.

- A mim, parece-me mais magro - avalia Niccolo. - Os malandros dos Genoveses alimentaram-te mal, Marco.

- Não aprecio aquelas mistelas.

- Venha, temos uma surpresa para si.

- Espera, Dao, preciso de recolher a penates.

Mas Dao insiste, pegando no pai pelo braço. Niccolo e Dao trocam um olhar cúmplice. Arrastam o viajante para uma ruela por detrás do canal. Deparam com cavalos selados, à sua espera. Seguindo os guias pelas ruas de Veneza, Marco atravessa San Bortolomio, passa pelo Rialto, percorre as *Mercerie.* Por fim, chegam ao bairro San Giovanni Crisóstomo. Dao e Niccolo apeiam-se em frente de uma casa grande e bonita, ornamentada de arcos bizantinos. Marco imita-os. Sem uma palavra, Dao bate ao ferrolho. A porta abre-se e surge Pietro Tártaro, todo sorrisos.

- Está em sua casa - anuncia Dao Zhiyou. - Niccolo e Matteo compraram-na durante o seu cativeiro. Entrem.

Impaciente, Niccolo precede Marco. Atravessam um pátio realçado por arcadas mouriscas. Ao centro, uma grande fonte coberta de mosaicos

coloridos canta uma melodia apaziguadora. O conjunto apresenta um certo ar de caravançará.

- Estamos muito perto da Praça San Marco e a dois passos do Rialto. E aqui estão os teus aposentos - diz Niccolo, abrindo uma porta decorada ao gosto bizantino. - Dao para o canal, de um lado, e para o pátio, do outro. Por enquanto, ainda só instalámos o mobiliário, aguardamos as tuas ordens para arrumar tudo a teu contento.

- Seria a primeira vez, pai.

- Senti a tua faka, Marco.

Marco pousa o manuscrito em cima de uma mesa de pés torcidos e abre-o ao acaso.

- O que é isso?

- Na prisão, escrevi a minha história, a do Grão Cão. Eles roubaram-ma. Esta é uma pálida cópia.

- Quem ta roubou?

- Os patifes dos Genoveses. Os Mongóis não eram piores do que eles. Pelo menos, não eram tão hipócritas!

- Deixa de pensar no manuscrito. Que pretendes tu, afinal?

- Quero honrar o meu juramento, nada mais.

- Quanto vale a palavra dada a um Mongol, mesmo imperador?

Marco cala-se, embaraçado. Niccolo prossegue:

- Faz como eu, aproveita os dias de vida que te restam. Somos sobreviventes, eu e tu. Atravessámos as chamas do inferno e ainda estamos de pé. É a única verdade importante. Em Veneza, é preferível não dar nas vistas. Vivemos muito tempo longe desta corte de meandros pantanosos. Possuímos dinheiro suficiente para vivermos felizes. Tu tens Gandhali e as recordações que nos deixaram os Gregos para relembrar os bons momentos. Não queiras desperdiçar os últimos anos em combates inúteis.

- Mas se lhe chamarem mentiroso quando lhes falar de papel-moeda...

- Rio-me com quem me denegrir e até sou capaz de lhes contar que, em certos caravançarás dos mais remotos desertos, é possível passar uma noite entre camelos, homens e mercadorias em troca de uma história, desde que seja contada com arte.

Niccolo e Marco trocam um olhar carregado de nostalgia.

- Nós os dois sabemos que é verdade. Mas aqui, nas cortes cristãs, recusam-se a ouvir o que é inimaginável. Preferem queimar-nos numa

fogueira. Deixa-os acreditar que o teu manuscrito é um livro de fábulas. Serás então mais do que um aventureiro, serás aquele que os faz sonhar.

Marco fecha o texto com uma pancada seca.

- Tens quarenta e seis anos, Marco - prossegue Niccolo. Chegou a altura de te estabeleceres. Descobri uma jovem de excelente família com quem poderás casar.

- Vejo-o muito solícito em tudo o que me diz respeito - observa Marco, irónico.

- Não renegarás a minha escolha. Procedi de modo a ganhar tempo. A rapariga tem dezoito anos. Apreciará o teu sotaque estrangeiro quando falares a nossa língua natal. Deleitar-se-á quando lhe contares os teus feitos e as tuas aventuras. Aceitará a tua maneira de te ausentares em todas as circunstâncias. Não exigirá que te separes de Gandhali.

- Com Gandhali é diferente. Faço-lhe coisas que nunca poderei fazer à mulher com quem me casar.

- Verás que a tua mulher aprenderá mesmo a apreciá-la e a conhecê-la se for esse o teu desejo.

E como se chama essa pérola?

- Donata Badoer. Já dei início às negociações. Só te falta conhecer os pais.

* * *

Algumas semanas depois do regresso de Marco Polo ao mundo dos vivos, Pietro Tártaro penetra no seu gabinete. O veneziano encontra-se ocupado a redigir uma memória para tentar recuperar a mercadoria confiscada pelos Gregos. Termina a palavra e pousa a pena. Aquele trabalho irrita-o e, ao mesmo tempo, fá-lo perder tempo, mas não quer renunciar às riquezas que trouxe das suas viagens. Cada interrupção na concentração exigida custa-lhe meio dia de labor suplementar. Espera que esta seja importante.

- Senhor Polo, um pedido de audiência de uma senhora.

- Como se chama?

- Senhora Badoer.

Pietro conhece Donata. Foi por isso que proferiu o nome com solenidade, baixando a voz. Devido ao sotaque mongol do criado, Marco precisou de uns instantes para compreender o nome. Pousa a pena.

- Manda-a entrar.

Marco levanta-se para receber a mãe de Donata. Surpreende-o vê-la deslocar-se, quando está prevista uma entrevista oficial com o pai da rapariga para o dia seguinte.

A senhora entra no gabinete, hirta no vestido comprido, de veludo, dissimulando o rosto sob um chapéu de abas largas do qual descai um véu que lhe tapa o duplo queixo. Um amplo manto mal consegue disfarçar a cintura grossa e os ombros roliços e robustos. Marco observa que ela usa uma indumentária demasiado quente para a estação. A senhora faz uma profunda reverência, como se fosse ajoelhar-se.

Marco avança ao seu encontro e responde à vénia feita.

- Minha senhora, conhecê-la é uma alegria que há muito esperava. Depois de tanto admirar o sol que é a sua filha, compreendo de onde lhe vem tanto brilho.

- O senhor trouxe da China um sentido da poesia... quase exótico - declara ela com uma ponta de ironia que surpreende Marco.

- E não só - replica ele de imediato.

Graciosamente, ela começa a dar uma volta pela sala, admirando os objectos expostos como se quisesse adquiri-los.

- O senhor não casará com a minha filha! Há quatro anos que o meu marido espera por si. Apesar das minhas tentativas para lhe apresentar melhores partidos, ele desdenha-os. O seu pai soube mostrar-se convincente. Além disso, o *signore* Badoer considera que não seria um casamento desigual.

Marco surpreende-se com o atrevimento da senhora. A um homem, teria exigido imediatamente uma reparação por tais propósitos. Subitamente, o casamento com Donata adquire contornos de que não suspeitara.

- Minha senhora, não posso deixar de louvar a sua clarividência. Conheci tantas jovens casadas contra a sua vontade que não posso ignorar a infelicidade que as atingiu por toda uma vida.

A senhora Badoer volta-se bruscamente, numa grande irritação.

- O senhor é muito presunçoso para assim julgar conhecer a alma feminina.

Marco ignora a provocação. Tem a certeza de que as mulheres não possuem alma. Mas conviveu com um número suficiente de mulheres, de todas as confissões, para saber que têm coração.

- Antes de capitular, vim certificar-me pessoalmente, contactar o homem a quem ia entregar a minha filha.

- A minha reputação antecipou-se, minha senhora, e compreendo as suas dúvidas. Mas sou um homem experiente. E Donata não terá à sua frente o jovem que eu era quando parti de Veneza...

As últimas palavras de Marco foram proferidas num murmúrio.

Lentamente, a senhora Badoer levanta o véu. Aproxima-se da janela a fim de expor o rosto aos olhares de Marco.

- O *Dio!* Donatella! És tu?

- Sim, Marco - confirma ela, voltando a tapar pudicamente com o véu o rosto cheio de rugas e tumefacto que as devastações do tempo não pouparam. Mesmo os olhos claros parecem desbotados.

- És a mãe de...

- De Donata Badoer. Julguei-te morto, Marco.

Marco está sem voz, estupefacto. Acodem-lhe ao espírito mil recordações. Na sua memória, Donatella continua jovem e bonita. Acarinhava aquele primeiro amor da juventude por lhe parecer para sempre enterrado no passado.

- Tu esqueceste-me, mas o teu coração não. Ele recordou-se quando viste a minha filha. Não tinhas adivinhado? – interroga ela, amarga.

Marco meneia a cabeça.

- Julguei que fosse uma vingança - prossegue ela. - Quando me lembro do teu olhar apaixonado... A minha própria filha...

Donatella deixa a frase em suspenso, terminando com um profundo suspiro. Aproxima-se do antigo amante, baixando a voz, como para lhe confiar um segredo. Por detrás do véu, tem os olhos rasos de lágrimas. Uma emoção antiga tece a ligação entre os dois.

- Ouve, Marco, vim ver-te como amiga. Não cases com Donata. É assim que pensas abolir o tempo? Olha para ti, Marco, os anos marcaram-te, como a mim, muito mais, sem dúvida, do que os caminhos percorridos. Eu própria fui obrigada a casar-me com um amigo do meu pai. Um pesadelo que continua a acompanhar-me. Poupa-a. Suplico-te que tenhas piedade.

Amanhã, Badoer virá visitar-te para te autorizar a fazeres o pedido oficial. Bastará que lhe digas que conheceste outra pessoa.

Sem uma palavra, Marco observa demoradamente Donatella, uma sombra do antigo esplendor. Embora devesse sentir-se satisfeito por voltar a vê-la, como uma antiga amizade com quem partilhar recordações, o que sente dentro de si é uma raiva surda.

- Diga-me, senhora Badoer, é por si ou por ela que não quer o casamento?

Donatella empertiga-se.

- Viveu tanto tempo entre aqueles bárbaros... Quem poderá afiançar que não o corromperam? Não falo contra si, Marco. Por vezes, acontecem coisas sem que nos apercebamos. Ouça, Donata falou-me do seu... bastardo. Confessou-me que lhe pareceu muito bem constituído. Por favor, mantenha-o a uma respeitável distância da minha filha.

Donatella proferiu esta última frase como se falasse de um animal selvagem.

Marco pega-lhe no pulso e aperta-o gradualmente.

- Minha senhora, deve a sua salvação ao sexo a que pertence. Proíbo-a de insultar a minha família.

- O senhor está a magoar-me! - exclama Donatella, debatendo-se.

- E fique sabendo, minha senhora, já que estamos em maré de recordações, que o meu filho também é filho de Noor-Zade, a rapariga que a senhora me ofereceu no momento da minha partida. Esse filho é o meu maior orgulho. Adeus, minha senhora, voltaremos com certeza a ver-nos por ocasião da cerimónia nupcial.

Marco liberta Donatella. Esta recua, apertando o pulso com a outra mão. Marco bate as palmas. Pietro surge de imediato.

- *Acompanha esta... criatura* - ordena Marco em mongol.

Como Donatella anunciara, no dia seguinte Marco recebe a visita oficial do *signore* Badoer. Vem acompanhado por um notário, um secretário, um tesoureiro e dois homens de confiança. Marco recebe-os no salão chinês.

O veneziano decorou a casa com as escassas recordações que os Gregos lhe pouparam. Criou um salão mongol ornamentado com uma pele de iaque, com o comprimento de três palmos e fina como seda. Numa das paredes, encontram-se penduradas a cabeça e as patas de um animal produtor de almíscar, o *moschus moschiferus,* cortes de seda onde se vêem

pintados animais desconhecidos em Veneza, girafas, rinocerontes, tigres. Ao lado de uma porta estão penduradas renas mongóis. Tecidos raros, com incrustações de ouro, coabitam com um rosário muçulmano, da Pérsia. Em cima de um móvel chinês, impera uma coroa mongol ornada de pedras preciosas e de pérolas, oferecida pela princesa Hayak-Kokedjin como agradecimento da protecção que lhe foi dispensada. Mas a principal atracção continua a ser a tabuinha de ouro dos ensinamentos. Os visitantes não se cansam de a admirar demoradamente, sonhando com os privilégios a que dá direito. Como os outros, os hóspedes de Marco encantam-se com a riqueza dos reinos que o seu compatriota atravessou.

Ao abrigo dos olhares, conserva um espaço secreto onde vive Ishrat Gandhali, à vontade, retirada do mundo. É aí que Marco acumula tesouros vindos dos mercados de todo o litoral. A escrava nunca sai, feliz naquele reduto dourado onde aguarda as visitas do seu amo e senhor. Uma criada muda ocupa-se dela e serve-lhe as refeições. Por vezes, ressoam pelo palácio notas de uma música executada por ela, sem que ninguém, para além de Marco, conheça a sua proveniência.

- Senhor Polo, é uma honra para mim aceitar o seu pedido de casamento - começa por dizer Vidal Badoer, quando entram no motivo da visita. - Encontro-me aqui, bem como o meu irmão e os meus conselheiros, para regularizar os últimos pormenores referentes a esta união. Os nossos homens de leis já procederam às primeiras trocas de contratos. Embora a sua família não possua uma grande ascendência na nobreza, o seu nome está a tornar-se ilustre. Desde que regressou de Génova, concedeu à nossa melhor sociedade a honra de consultar o seu manuscrito. Eu próprio tive a sorte de assistir a uma leitura e fiquei elucidado. O senhor possui uma imaginação excepcional.

- É tudo verídico, pode ter a certeza!

- Acredito sem quaisquer dúvidas - responde Badoer num ar entendido. - Retomando a sua fortuna, sabemos que os Gregos confiscaram uma grande parte dos seus bens.

- Com efeito, senhor Badoer, em Trebizonda. Encontramo-nos actualmente em negociações, a fim de fazermos valer os nossos direitos e de os recuperar. Tenho esperanças de que o caso esteja encerrado antes da celebração do casamento.

- Perfeito, perfeito! - confirma Badoer, volvendo os olhos para o irmão. - Admitamos que tudo correrá bem. Pela nossa parte, a família Badoer não carece de apresentações. Como decerto não ignora, pertencemos aos doze grandes de Veneza e a nossa família deu vários doges à República.

- Eu sei - confirma Marco. - É para mim uma honra casar com a sua filha.

- No que respeita ao dote de Donata, aqui estão os pormenores - explica Badoer, estendendo um papel a Marco. - Ela contribui com edifícios no bairro de San Salvador, perto da sua casa, e também com terrenos no Bottenighi. Como é evidente, o enxoval comportará arcas de madeira pintada contendo baixela de cobre, ouro e prata, bem como roupa de casa do mais belo algodão, de seda e de cetim, colchões, edredões, mantas, peças de tecido destinadas à confecção de vestidos dignos da sua categoria.

O irmão de Badoer toma pela primeira vez a palavra:

- Senhor Polo, está combinado que assumiremos o montante da multa.

Marco encara-os, surpreendido.

- Ignoro o que estão a dizer.

- Ah, pois com certeza, as autoridades decidiram limitar os presentes de casamento e o esplendor das festas nupciais, sob pena de multa. No entanto, atendendo à categoria da nossa família, é inconcebível que nos conformemos com essa lei.

- Perfeito - aprova Marco.

- Imagine que o número de convidados foi limitado a oitenta! - exclama Badoer, vexado.

- Com efeito - admite Marco, sorrindo.

- Quanto à data, propomos que a cerimónia se realize entre a Epifania e a Septuagésima do ano 1300 de Nosso Senhor, pois é a melhor época para o bom sucesso de uma união.

Marco sente-se tranquilo por observar que também aqui se consultam xamãs e astrólogos, chamem-lhe como lhe chamarem. Os bárbaros não diferem muito entre si.

De facto, o casamento de Donata Badoer e de Marco Polo desprezou os edictos das autoridades de Veneza. Oitocentos convidados, criteriosamente seleccionados, comprimiram-se em casa de Marco Polo. Cada conviva recebeu de presente bolsas e grinaldas. Donata envergava o vestido mais bonito que Marco jamais vira desde que partira da China e um toucado de

pérolas de valor incalculável sobre longas tranças armadas de forma encantadora no alto da cabeça. O manto orlado a peles apertava com botões de ouro e âmbar. A cauda nupcial era tão comprida como a de uma princesa.

Marco, por seu lado, optara por um traje de gala que, corno era seu hábito, misturava com gosto e requinte as modas veneziana, chinesa e mongol. Vestia tecidos preciosos, uma túnica de veludo escarlate, um manto de zibelina que lhe conferia um ar imperial.

Vidal Badoer era o mais orgulhoso dos pais. Quando depôs solenemente a mão da filha na de Marco Polo, impava de vaidade, com os olhos humedecidos pela emoção. O padre deslocou-se propositadamente para assegurar a bênção do casal. No momento da troca das alianças, Marco experimentou uma imensa felicidade, como há muito tempo não sentia. A alegria que Donata ostentava bastava só por si para o encher de felicidade.

Durante a festa, o pai de Donata ofereceu-se por várias vezes para manobrar no sentido de Marco vir a ser admitido no Conselho Superior. Mas Marco recusou-se a participar nesse tráfico de influências para ter assento num círculo de homens com os quais sente muito poucas afinidades. Teria de lhes oferecer presentes, de os receber, de os felicitar, de os cortejar e de se desdobrar em muitas outras atenções para poder certificar-se da sua concordância. Depois de ter passado dezassete anos ao serviço do Grão Cão, estas honrarias parecem-lhe irrisórias. Donata aceitou a opção do marido, embora não a compreendesse.

O banquete durou toda a noite. Marco quis recheá-lo de pratos chineses, mas a família Badoer opôs-se firmemente, recusando-se a comer como bárbaros. Os Badoer aceitaram a presença de Dao Zhiyou. O jovem obteve um grande sucesso, sobretudo quando começou a contar histórias do seu país de origem. Matteo esteve doente todo o dia seguinte, pois reforçara a dose de carne de caça em geleia com molho de pimenta, iguaria preparada à base de pão, de tutano e de pimenta, excesso que quisera acompanhar com vinho de malvasia.

Depois do banquete, em obediência aos costumes, Marco transporta a noiva para o quarto nupcial. Depois de se encontrarem a sós, pousa-a no chão. Grandes candelabros projectam nas paredes uma luminosidade íntima de poeira dourada. Na penumbra do quarto decorado com arte, Marco despe-se sem cerimónia sob o olhar espantado da jovem. Esta observa de

soslaio o corpo musculoso e rijo, coberto de cicatrizes, do marido. Tem a pele bronzeada, e é muito peludo. Donata conserva pudicamente o vestido de noiva.

- Devias despi-lo, Donata, podes rasgá-lo.

- Quando? Agora? - pergunta ela, num riso nervoso.

- Quando havia de ser? No Ano Novo?

De olhos baixos, desajeitada, Donata começa a despir-se. Fica com o braço preso na manga. Marco observa-a, brincalhão e enternecido.

- Queres que chame a tua aia? - pergunta ele, levantando-se no traje em que veio ao mundo.

- Não! - grita ela, erguendo o braço.

- Espera, vou ajudar-te. Sozinha, não conseguirás, pois não desapertaste o corpete.

Com os gestos seguros de quem conhece a prática, Marco desata os laços nas costas da jovem, que bem gostaria de desaparecer debaixo da terra. Por fim, Marco solta o vestido, que cai aos pés de Donata. Esta tapa o corpo com as mãos.

Marco volta-se na cama.

- Vens?

Ansiosa, a jovem abana a cabeça. Num passo hesitante, com os braços e as mãos apertadas contra o peito, aproxima-se do marido. Este espera que ela entre na cama. Donata deita-se de costas, fixa os olhos no tecto, espera. Marco observa-a demoradamente, antes de a estreitar ternamente nos braços.

- Ouve - segreda-lhe ele ao ouvido -, depois do banquete e do festim em que bebemos e comemos tanto, sinto-me extenuado. Não gostaria que a nossa noite de núpcias se esgote num abrir e fechar de olhos. Proponho, portanto, que aguardemos até amanhã. De manhã, Donata é delicadamente acordada por uma série de beijos no pescoço e nos seios. Ergue-se sobressaltada. Marco tapa-lhe a boca com a mão e imobiliza-a serena mas firmemente. Então, Marco age devagar, como Xiu Lan lhe ensinou. Prepara a noiva sem pressa, usando de sábias carícias que começam por a fazer corar, antes de gemer. Por fim, quando a sente pronta, quando o desejo dela chama por ele, ao ritmo do *tao,* inicia-a na arte de amar e ser amada.

* * *

Numa manhã de Inverno de 1307, Marco encontra-se ocupado a estudar a proposta de um negócio que o irmão lhe trouxe. Vê tão mal que precisa de se manter de pé para poder ler. Nunca se dispôs a encomendar uns óculos. A geada espalha pelos vidros coloridos das janelas pequenas estrelas brancas. Marco volta-se para a fogueira que arde na lareira para lhe aquecer as costas.

Pietro Tártaro penetra na sala.

- Senhor Polo, um estrangeiro pede uma audiência. Diz que vem do reino de França. Chama-se cavaleiro de Cépoy.

Marco levanta os olhos da obra que está a ler, esfregando as pálpebras.

Um homem na força da idade entra na sala a passos largos. Veste uma sobrecasaca azul e bragas verde-esmeralda. Ostenta as cores da corte de França. Avança em direcção a Marco, que se levanta e se inclina diante do visitante.

- A que devo a honra desta visita? Posso oferecer-lhe cama e mesa?

O cavaleiro declina a oferta por meio de um gesto.

- Muito agradecido. Instalei-me num albergue de excelente serviço. Permita que me apresente, chamo-me Thibaut de Cépoy, cavaleiro ao serviço de Sua Alteza Charles de Valois, irmão do rei de França. O meu amo tem ouvido falar insistentemente das viagens que o senhor efectuou e sobretudo do relato que fez.

- Na verdade? - surpreende-se Marco. - Então o eco das minhas aventuras já chegou às portas de Paris?

- Demonstramos sempre uma grande curiosidade por tudo o que vem de Veneza. Em nome do duque de Valois, peço-lhe a honra de me confiar a cópia do seu manuscrito. O meu amo alimenta o grande projecto de o mandar iluminar pelos nossos melhores artistas. A sua biblioteca é uma das mais grandiosas da cristandade. Já conta com várias dezenas de manuscritos ilustrados por este processo.

Marco sorri, entusiasmado como uma criança.

- É uma grande honra, senhor. Seria para mim uma grande felicidade ver tal obra realizada. Através do meu livro, seria uma parte de mim mesmo

que viajaria até à corte de França. É um país que não conheço, embora já tenha ido à China.

- Estou certo de que poderá vir a receber um convite oficial.

- Na minha idade, já não sinto disposição para viajar. Prefiro estar em família.

Marco dirige-se para um grande cofre perto da lareira. Retira uma chave da manga, abre a fechadura. Introduz o braço no interior do cofre e pega num manuscrito poeirento, cuidadosamente envolvido em papel de seda. Apresenta-o ao cavaleiro num gesto cerimonioso. Este recebe-o com a mesma cortesia.

- Esteja certo, senhor Polo, de que será manuseado com o maior cuidado.

Depois das habituais trocas de cumprimentos, o cavaleiro de Cépoy retira-se, deixando Marco a sós com as suas recordações. Volta a sentar-se à mesa, embalado pelas imagens que lhe afluem à memória.

- Pai?

Marco levanta a cabeça. Dao Zhiyou avança num passo decidido.

- Acaba de chegar da Pérsia um mercador que traz notícias.

Há anos que Marco não ouve falar da Pérsia. A visita do cavaleiro francês e a irrupção do filho concorrem estranhamente para o levar a retroceder vinte anos atrás.

- Hayak-Kokedjin enviuvou há três anos. Conhece com certeza o destino reservado às mulheres dos imperadores defuntos. Permanecem enclausuradas até ao fim dos seus dias.

Dez anos antes, Dao deixara a princesa na Pérsia. Marco não se surpreende por Dao conservar uma nítida recordação daquela terna amizade. Cresceram juntos. Apesar dos esforços do pai, Dao nunca se sentiu realmente instalado em Veneza. A sua diferente aparência física sempre constituiu um obstáculo capital. Manteve-se calado por muito tempo, guardando bem dentro de si o sofrimento e a esperança.

- Quero partir para tentar subtraí-la a essa condição, talvez a resgate, ou a rapte, não sei. Mas sei que chegou o momento de agir.

Marco abana lentamente a cabeça.

Através de Dao, é Noor-Zade que lhe escapa mais uma vez.

- Prepara tudo aquilo de que precisas para a viagem. Não quero que te falte nada. As estradas são perigosas.

- Assim farei.

Marco aproxima-se dele e aperta o filho nos braços com a certeza de nunca mais o ver.

- Confio em ti - diz Marco. - Confio em ti.

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO VOLUME

NOTA DA AUTORA

Todos os pormenores da vida quotidiana, da arquitectura, dos costumes, das paisagens da China no tempo do Império Mongol, de Veneza, das Índias e de Ceilão são autênticos. Restam poucas informações sobre a estada, durante dezassete anos, de Marco Polo na China. Inspirei-me, pois, em indícios colhidos no decurso das minhas investigações para esclarecer essas zonas de sombra.

Em complemento desta nota, convido os leitores a visitar o meu *site* na Internet regularmente actualizado:

http://www.muriel-romana.com

Marco Polo morreu na cama, aos setenta anos, em Janeiro de

1324. Nunca recuperou as mercadorias apreendidas pelos Gregos. Do seu casamento com Donata Badoer nasceram três filhas, Fantina, Bellela e Moretta. Estas três filhas disputaram violentamente a herança. Conhecemos traços do testamento de Marco Polo. Nem sequer incluía um exemplar do *Livro das Maravilhas*.

A glória póstuma de Marco Polo deve-se essencialmente à existência deste famoso testemunho. Mas o sucesso da obra não foi imediato.

Em 1307, Marco Polo oferece um exemplar do *Livro das Maravilhas* ao cavaleiro Thibaut de Cépoy, a pedido do seu amo, Charles de Valois, irmão do rei de França. Charles de Valois publicá-lo-á num luxuoso manuscrito iluminado. Este exemplar sempre foi o mais conhecido e encontra-se actualmente na Biblioteca Nacional de França. Foi ilustrado por monges especialistas da iluminura, mas não da Ásia com toda a certeza. Na verdade, as imagens são muitas vezes fantasistas. Em particular, o Grão Cão e todos os mongóis encontram-se representados com feições ocidentais, vestidos à moda europeia. No entanto, esta primeira «edição de luxo» contribuiu largamente para divulgar o texto de Marco Polo nas cortes europeias.

Em 1310, o frade dominicano Francesco Pipino visita Marco Polo. O capítulo geral da sua ordem, ordem erudita por excelência, encarregou-o de traduzir a obra para latim (o texto original foi escrito em francês antigo), pois a ordem esperava que pudesse ser útil à propagação da fé. Marco Polo

sentiu-se lisonjeado, pois o latim era a língua universal do mundo instruído na Europa. Por conseguinte, a obra iria conhecer uma grande difusão, ultrapassando o âmbito das cortes e da alta sociedade. Marco oferece-lhe um exemplar em língua lombarda, isto é, em italiano comum. Durante muito tempo, pensou-se que este texto latino era o texto original, quando já era o produto de uma tradução, com todos os possíveis

erros de interpretação.

A versão latina do frade Pipino assegurou o êxito do *Livro das Maravilhas* ou *Descrição do Mundo.* Não nos resta nenhum manuscrito escrito pela pena de Marco Polo, nem sequer o manuscrito original escrito por Rusticello. Mas Carlos V possuirá três cópias do texto magnificamente encadernadas.

A outra versão do texto foi assegurada pelos cartógrafos e geógrafos que se interessaram pelas descrições precisas dos itinerários e dos países atravessados por Marco Polo.

Em 1553, Ramusio, homem de Estado e geógrafo veneziano, escreve um livro de história das viagens, *Delle Navigazioni e Viaggi,* que exalta os grandes feitos da Cidade das Lagunas e dos seus heróis. Integrando-o numa obra «científica», Ramusio reabilita a memória de Marco Polo, cujos relatos eram muitas vezes considerados fantasistas.

Em 1348, a peste negra abate-se sobre a Europa e sobre Veneza e mata três quartos da população da Cidade das Lagunas. É nessa mesma época que se desagrega o império de Gengiscão. O Lótus Branco derruba o último Cão, Toghan Temur, décimo sucessor de Cublai, e instala no trono o primeiro Ming, um camponês de Anhui, proclamado imperador com o nome de Hongwu. A China fecha-se aos estrangeiros. O fluxo comercial abranda fortemente.

A biblioteca secreta de Cublai Cão, emparedada por ordens suas, foi redescoberta séculos mais tarde. Foi então encontrada *A História Secreta dos Mongóis* que relata a epopeia lendária de Gengiscão.

Marco Polo foi enterrado junto do pai e do tio no túmulo familiar da capela San Sebastiano. O túmulo foi destruído por Napoleão entre 1806 e 1813. A casa de Marco Polo ardeu em 1526 por ocasião de um dos frequentes incêndios da época. Para além do seu testamento, não nos resta nada de Marco Polo, nem sequer um retrato. Todos os que foram executados posteriormente, em particular por Ticiano, são imaginários.

Em 1426, foram levados para Lisboa dois exemplares do *Livro das Maravilhas* pelo infante Dom Pedro de Bragança. Terão estado na origem das primeiras expedições portuguesas destinadas a contornar a África.

Em 1453, Constantinopla foi conquistada pelos Turcos. Estava cortada a rota do Oriente. Dois exemplares da *Descrição do Mundo* chegaram às mãos de um genovês que teve a ideia e a esperança de alcançar «o Oriente pelo Ocidente». Insistindo nas passagens que descrevem palácios de telhados de ouro, Cristóvão Colombo consegue convencer os seus protectores espanhóis a armar três caravelas para partir à conquista das Índias em 1492...

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao fim desta aventura, guiada por Marco Polo, quero exprimir os meus agradecimentos

a Alain,

a Françoise Roth,

a René Guitton e à sua equipa,

e

a Valérie-Andréa Dorléans,

e Marine Deljarrie

por me terem acompanhado ao longo desta saga romanesca.

A CARAVANA DE VENEZA

1271. Marco Polo tem apenas dezassete anos quando deixa Veneza, na companhia do pai e do tio, a caminho da corte de Cublai, neto de Gengiscão e herdeiro do imenso Império Mongol, que se estende da Rússia ao Oceano Pacífico. Numa época em que é preciso quase um ano para atravessar a Ásia, a Rota da Seda é o caminho de todos os perigos. Quinze mil quilómetros separam a poderosa cidade dos Doges da misteriosa Pequim. Quinze mil quilómetros de desertos ardentes ou gelados, através das gargantas vertiginosas dos Himalaias. Para sobreviver, Marco Polo está pronto a afrontar o furor dos elementos. Emissário do Papa Gregório X, mensageiro secreto do ilcão Abaga, ele deverá evitar as armadilhas dos homens - bandidos, guerreiros ou espiões - para prosseguir o seu sonho. Nos braços de uma escrava de olhos amendoados, descobre o amor. E quando a caravana de Veneza chega diante do Grão Cão, o adolescente fogoso e descuidado tornou-se um homem - e, sem saber, o mais célebre dos aventureiros.

ALÉM DA GRANDE MURALHA

1278. Em Pequim há já três anos, o jovem Marco Polo tornou-se muito íntimo de Cublai. Fascinado pelo imperador mongol, cujas terras se estendem por metade do mundo, o veneziano compreende que encontrou o seu mestre.

Começa então para ele um destino fabuloso que o leva até ao Japão. Nas suas viagens, enquanto Xiu Lan o inicia na arte delicada do erotismo, ele apaixona-se pela medicina chinesa, aprende que a Terra é redonda, descobre o papel-moeda e a tipografia. Mas para cumprir o seu destino, resta-lhe concretizar uma promessa sagrada: reencontrar, para lá da Grande Muralha, um filho perdido, do qual praticamente nada sabe...

Depois de *A Caravana de Veneza,* Muriel Romana prossegue a sua apaixonante evocação da China do século XIII através do destino excepcional de um personagem lendário.

O TIGRE DOS MARES

Na China do século XIII, Marco Polo está no auge da sua glória quando o Grão Cão lhe confia uma missão secreta: redigir a história do império. Porém, as actividades criminosas da seita do Lótus Branco vão contrariar os planos de ambos. Um misterioso incêndio destrói todos os exemplares do livro e a morte inexplicada do herdeiro do trono cobre a corte de luto.

Após a descoberta de que o filho de Marco Polo está implicado num complot contra o imperador, o viajante perde todas as suas ilusões e compreende por fim que será sempre um estrangeiro indesejável no país que tanto ama. É pois com o coração partido que abandona a China, juntamente com a sua família.

Marco está agora de regresso a Veneza, onde ninguém acredita nos seus relatos. Mas será na prisão, após uma guerra contra Génova, que honrará a promessa feita ao Grão Cão. O "Livro das Maravilhas" ficará como o último testemunho da sua aventura fabulosa.

De 1282 a 1324,último episódio da vida de um homem que se tornou um mito e serviu de inspiração a grandes viajantes como Cristóvão Colombo ou Fernão de Magalhães.

Muriel Romana divide o seu tempo entre a literatura e o cinema, tendo colaborado na produção de grandes filmes, como O Último Imperador, Cristóvão Colombo ou Vatel.

Este livro foi composto por Maria da Graça Samagaio, Porto,
e impresso e acabado por GRAFIASA,
Rua D. Afonso Henriques, 742 - 4435-006 Rio Tinto PORTUGAL